INDICE

DOS

ARTIGOS CONTIDOS N'ESTE VOLUME.

N. 9. — *Janeiro.*

HISTORIA. — Constituição democratica de Veneza. . Pag. 3

ECONOMIA POLITICA.—Duas palavras ácerca das communicações, por B. - - - - - - - - „ 29

ADMINISTRAÇÃO. — Da necessidade e meios de emprehenderem-se trabalhos publicos sem se augmentar os onus dos contribuintes. - - - - - - - „ 37

POESIA. — A Gloria. - - - - - - - - „ 74

N. 10. — *Fevereiro.*

PHILOSOPHIA. — Epochas de critica, e epochas de creação. - - - - - - - - - - „ 81

ECONOMIA POLITICA. — CONTOS DE MADAME MARCET — IV. A população ou o antigo mundo. - - - „ 102

BIBLIOGRAPHIA. — D. Sebastião o Encoberto, por *** „ 109

POESIA. — Ode á proclamação da constituição portugueza em 24 de agosto de 1820, por M. A. B. - - „ 121

VARIEDADE. — DIARIO D'UM MEDICO. — IV. Agonia de um Sabio. - - - - - - - - - - „ 132

MISCELLANEA. — Noticias scientificas, conhecimentos uteis, curiosidades, &c. - - - - - - - - „ 154

N. 11. — *Março.*

LITTERATURA. — Reforma da Litteratura na Allemanha durante o decimo sexto seculo. - - - - „ 161

PHILOSOPHIA. — Civilisação comparada dos antigos e modernos. - - - - - - - - - - Pag. 179
BIBLIOGRAPHIA — Memorias do Bussaco por ***. - „ 196
VIAGENS. — O Punjaub, ou as cinco fontes. - - „ 202
VARIEDADE. — DIARIO D'UM MEDICO. — V. O Falsario. „ 218
MISCELLANEA. — Sciencias naturaes, — Estatistica, Litteratura. - - - - - - - - - „ 232

N. 12. — *Abril.*

ARCHEOLOGIA. — ARCHITETURA. — Da Instituição da Franc-maçoneria. - - - - - - - - „ 241
ECONOMIA POLITICA. — Machinas. - - - - „ 255
AUTO-BIOGRAPHIA. — Minhas campanhas parlamentares. - - - - - - - - - - „ 263
POESIA. — Ode a Napoleão. - - - - - - „ 295
VARIEDADE. — Os ultimos momentos do principe de Talleyrand. - - - - - - - - - „ 303
MISCELLANEA. — Legislação, — Viagens. - - - „ 313

1840. — RIO DE JANEIRO. — TYP. DE J. E. S. CABRAL.

Rua do Hospicio N. 66.

REVISTA

NACIONAL E ESTRANGEIRA,

ESCOLHA

D'ARTIGOS ORIGINAES E TRADUZIDOS POR PEDRO DE ALCANTARA BELLEGARDE, JOÃO MANUEL PEREIRA DA SILVA, SOB A DIRECÇÃO DE JOSINO DO NASCIMENTO SILVA.

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

Tomo 3.º

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

Rio de Janeiro.

1840.

REVISTA

NACIONAL E ESTRANGEIRA.

HISTORIA.

CONSTITUIÇÃO DEMOCRATICA DE VENEZA.

A liberdade é antiga, o despotismo é que é novo, disse M.me de Stael nas suas *Considerações sobre a Revolução Franceza*. Materiaes historicos, desconhecidos até o presente, e de tal maneira desconhecidos que escaparam ás infatigaveis investigações do Sr. Daru, o mais laborioso e um dos melhores historiadores de nossa época, tornam pasmosa a applicação d'esta verdade á republica de Veneza. Esses materiaes foram publicados em 1795 pelo abbade João Gallicioli, antigo professor de grego n'essa cidade. Este sabio modesto tinha consagrado longos annos em colligil-os e coordenal-os. Alheio de toda seita philosophica, livre de todas as paixões politicas que n'essa época fermentavam na Italia, elle não escreveu para servir um partido, sinão para render homenagem á verdade. Seu espirito exacto e minucioso se comprazia na indagação de todos os factos capazes de lançar algumas luzes sobre os usos, costumes, monumentos, legislação civil de Veneza, durante os primeiros tempos que seguiram a fundação d'esta antiga metropoli. Seu grande merecimento con-

siste em ter elle ousado entranhar-se nas trevas que cobrem sua historia por espaço de dez séculos, e ter tido a constancia de desenredar este cáhos.

Os mais antigos annaes da republica veneziana não se remontam sinão ao fim do decimo terceiro ou ao principio do decimo quarto século; porêm alguns documentos de data anterior que Gallicioli deu á luz, e a ordem em que os apresenta, podem guiar-nos, assim como, durante a noite, algumas luzes vacillantes, dispostas de distancia em distancia, indicam ao viandante a estrada que tem de trilhar. Assim, descrevendo as magnificas exequias de um simples cidadão, o Sr. Gallicioli nos dá uma idéa da magnificencia de Veneza n'esses tempos remotos; retraçando as ceremonias de um casamento e qualquer outra funcção, pinta os habitos domesticos e os costumes nacionaes; transcrevendo extractos dos livros dos negociantes venezianos, faz vivamente sobresahir a natureza da linguagem n'uma das mais antigas cidades de Italia, a extensão de seu commercio, e o character de seus cidadãos quando eram ao mesmo tempo mercadores e soldados, viajantes e conquistadores. Com o auxilio de materiaes d'este genero, o leitor judicioso vê surgir das lagôas de Veneza uma *democracia* a principio fortemente constituida, que, a través das modificaçōes progressivas e de sanguinolentas vicissitudes, subsistiu perto de mil annos; e Gallicioli prova, quasi sem querer, que esta aristocracia veneziana, á qual se suppõe tão antiga existencia, não estabeleceu pelo contrario sua dominação sinão na épocha em que o poder das outras aristocracias da Europa começava a declinar.

Lancemos uma rapida vista de olhos sobre esta singular instituição, desde a sua origem, no princ pio do quarto século, até o momento em que a aristocracia a derribou, no decimo quarto século. O leitor não ha-de acompanhar sem interesse a exposição das circumstancias que viram nascer estas memoraveis instituiçōes, e das alteraçōes successivas que tiveram de soffrer, si considerar que ellas nasceram antes da queda do imperio romano, que sobreviveram ás irrupçōes dos barbaros do Norte, e que não desappareceram sinão em nossos dias, de tal sorte que sua historia forma o unico vinculo que existe entre a historia dos Romanos, a da meia idade e a dos tempos modernos.

Veneza, fundada por um punhado de refugiados no meio dos rochedos e tremedaes do Adriatico, elevando-se com prodigiosa rapidez a um poder politco e a uma prosperidade commer-

cial desconhecidas aos mais formidaveis estados da antiguidade, mantendo seu esplendor sem interrupção durante mil e cem annos, e não podendo imputar sua decadencia e queda nem aos vicios de sua constituição, nem aos accidentes sobrevindos em seu seio, sinão sómente á influencia inevitavel dos acontecimentos do exterior; Veneza, conservando sua independencia por espaço de quatro séculos, offerece n'este phenomeno de longevidade, sem exemplo entre todas as outras nações, o assumpto mais digno de fixar as meditações do philosopho e do homem de estado. Para se arrancar a esta republica toda a sua preeminencia politica, nada menos foi mister que o irresistivel concurso de acontecimentos tão formidaveis como a invasão de suas possessões e de suas colonias no Oriente pelo poder ainda virgem dos Ottomanos, as expedições maritimas dos Portuguezes e a perda do monopolio do commercio da India que d'ellas resultou, o descobrimento do Novo Mundo, o prodigioso incremento da força militar dos potentados da Europa, e a occupação de quasi toda a Italia pelas potencias que, durante tres séculos, disputaram seus destroços com as armas na mão.

Posto que a acção imprevista e quasi simultanea d'estes acontecimentos tendesse inevitavelmente a enfraquecer o poder de Veneza e abreviar-lhe a duração, ella não era incompativel com a independencia d'esta republica; porêm coincidiu com a destruição successiva de suas instituições populares, que eram a fonte commum de sua prosperidade interna e de seu predominio na Europa. Entretanto, depois de as ter perdido, ainda Veneza conservava sua magnificencia; sua nova constituição não soffreu, por tres séculos, nenhuma alteração, e os sessenta ultimos annos de sua existencia politica se escoaram em profunda paz.

Este estado de cousas se teria prolongado ainda muito tempo, si as terriveis commoções da revolucão franceza não houvessem tocado as praias do Adriatico: arrancada de seus carcomidos alicerces pelo turbilhão que tragára tantos thronos, a republica veneziana succumbiu sem resistencia sob a mão de Napoleão, e sua queda foi apenas notada na tormenta geral.

Nunca se ha explicado de uma maneira completamente satisfactoria a organisação especial d'este povo e d'este governo, que mantiveram sua independencia e prosperidade muito álêm do termo assignado á vida ordinaria dos estados pequenos. Sua historia foi escripta em nossos dias com uma fidelidade e um talento insignes; porêm os documentos mais essenciaes ficaram

longo tempo sepultados nos mysteriosos archivos da Inquisiçao de Estado.

Era tão difficil ter d'elles um conhecimento exacto, que o cardeal Bembo, nobre Veneziano, o mais distincto escriptor do seu tempo, zeloso em extremo da gloria de sua patria, e nomeado seu historiographo, não pôde, ainda assim, obter accesso em seus archivos; tanta era a desconfiança que ao Concelho dos Dez inspiravam as relaçõcs d'este prelado com a curia de Roma * ! Por isso não compoz elle sinão uma farragem pomposamente árida, onde o empolamento do estylo não cede ao vazio das idéas, e cuja leitura é impossivel supportar.

Os archivos do governo veneziano, cuja porta foi forçada pelos exercitos francezes em 1797, offereceram ao incançavel zelo do Snr. Daru um immenso cáhos que desenredar. Todavia, a historia, tão recommendavel por tantos titulos, apresenta lacunas que tentaremos encher. O Snr. Daru não nos parece ter sufficientemente observado que a Inquisição de Estado se insinuou insensivelmente nas veias de uma constituição democratica, fundada sobre o duplice odio do governo de um só e de toda alliança com as outras naçõcs. Este sentimento de independencia, que formou o principio do governo de Veneza desde o seu berço, presidiu ao desenvolvimento de suas instituiçõcs, e lhe assegurou essa consistencia que por tanto tempo a tornou inabalavel entre as procellas internas e as commoçõcs do exterior. Submettendo-se á necessidade de marchar aos combates debaixo de um unico chefe, e de reconhecer um magistrado supremo por guarda de suas leis, protector de seu culto, presidente de seus tribunaes, nunca os Venezianos haviam renunciado ao direito de conferir estes poderes por eleição: nenhum meio, pelo contrario, lhes parecia illegal para cassarem os magistrados que abusavam; applicaram-se continuamente a reduzir-lhes a autoridade, e foi com este fito que a subjeitaram á vigilancia

---

* Este facto nos vem de uma autoridade não suspeita, o doge Foscarini, que publicou a historia da litteratura veneziana: " Talvez se desejasse na historia de Bembo, diz este autor, liv. 3, menos sequidão e um conhecimento mais profundado dos planos secretos do governo; porêm bom é sabor-se que, sendo Bembo ecclesiastico, e excluido, por isso mesmo, de toda participação ao poder, foram-lhe fechados os archivos publicos, o que o forçou a procurar nas Memorias privadas os documentos que lhe falleciam. Elle se queixa vivamente d'isto n'uma carta a João Baptista Rennasio, secretario do Concelho dos Dez. "

de uma aristocracia que tirava seus direitos á representação nacional da influencia de suas riquezas e da antiguidade de sua origem. Para que semelhante aristocracia assumisse sobre sua cabeça todas as realidades do poderio, bastava que seus membros obrassem de accordo. Infelizmente devia este accordo transformar-se n'uma conspiração permanente e habilmente organisada. Os nobres venezianos, conservando com desvelo as fórmas republicanas, a independencia nacional e o odio da monarchia, continuaram a augmentar seu poder, sem despertarem suspeitas; e, com o intuito de fazerem que a seu interesse exclusivo servissem as leis primitivas de sua patria, lançaram mão de todas as occasiões de multiplicar os expedientes arbitrarios que, nos primeiros tempos, não tinham sido postos de reserva sinão para as mais graves circumstancias. Assim foram paulatinamente crescendo a autoridade e numero d'estes *precedentes* inconstitucionaes, até que emfim os consideraram como leis organicas da constituição. Taes foram os elementos accidentaes da Inquisição de Estado.

É á demonstração d'esta verdade que consagraremos este artigo. Submetteremos ao leitor uma serie de factos extrahidos dos dez primeiros séculos da historia de Veneza, os quaes mostrarão de que modo a democracia se foi gradualmente fundindo em uma aristocracia hereditaria, que se converteu em inquieta e mysteriosa oligarchia.

Os refugiados que, fugindo ante as irrupções dos barbaros, haviam buscado sua salvação nos paúes do mar Adriatico, foram primeiramente governados por magistrados de Padua. D'este numero eram Antonio Calvo, Alberto Faliero, Thomaso Candiano, Albino Moro, Hugo Fosco, Cesare Dando: estas personagens formaram os troncos das familias patricias dos Calvinis, dos Candianis, dos Moros, dos Falieris (que ainda existiam no tempo da queda da republica), dos Foscolos, dos Foscaris e dos Dandolos.

N'estas lagôas navegaveis durante as enchentes, mas que a vasante deixava em secco, os refugiados encontraram, entre os rochedos e ilhotas, alguns terrenos susceptiveis de cultura. Viviam dos productos da pescaria, e seu unico commercio consistia em peixe salgado; seu trabalho ordinario era construirem, para seus visinhos, barcos de que elles eram patrões. Foi assim que se familiarisaram com um elemento que mais tarde deviam sulcar seus intrepidos navegantes e suas esquadras victoriosas,

carregadas dos thesouros de todas as partes do mundo conhecido. Suas ilhas eram, pela maior parte, pantanos incultos; no centro d'ellas se achava a mais vasta e a mais elevada ácima do nivel das aguas, chamada o Rialto. Estas ilhas foram successivamente ligadas uma á outra por meio de pontes, e formaram a cidade de Veneza.

Quando os barbaros devastaram Padua, em 460, suas pequenas colonias se subtrahiram á sua tutela e defenderam por si mesmas sua independencia. Desde esse momento, cada ilha escolheu um tribuno, e a reunião d'estes magistrados compoz o Concelho nacional; mas dentro de pouco tempo a necessidade de se conservarem constantemente armados contra seus visinhos forçou os Venezianos a investirem um dos tribunos do poder executivo, que não estava então separado do poder legislativo e judiciario. Posto que a autoridade d'este funccionario eleito pelo povo fôsse limitada, em certos pontos, pelas deliberações e decretos dos outros tribunos, era comtudo muito extensa para ser olhada sem receio e sem ciume. Com o andar do tempo, ella foi repartida entre dez tribunos, cujo numero, levado a doze, foi depois reduzido a sete. Procedia-se annualmente á sua eleição; deviam elles governar de accordo com uma assembléa popular e com a assistencia de um concelho de quarenta cidadãos que preenchiam as funcções judiciarias: a assembléa e o concelho eram igualmente elegidos pelo povo.

Este estado de democracia pura durou perto de tres séculos. Insensivelmente o accrescimo da população e o da fortuna publica deram, nas eleições, uma influencia preponderante aos grandes proprietarios, e os abusos do poder se tornaram mais faceis. D'ahi as rivalidades, as cabalas entre os principaes cidadãos, a corrupção semeada na massa do povo; d'ahi emfim todos os symptomas precursores das guerras civís, no momento em que uma lutta encarniçada com os inimigos do exterior exigia o mais imperiosamente a concordia de todas as vontades. Foi n'estas graves circumstancias que teve logar a primeira eleição de um magistrado supremo vitalicio, com o titulo de *doge*. Esta qualificação, que não é sinão uma corrupção da palavra latina *dux* (chefe), excluindo toda idéa de realeza, indicava sómente uma graduação militar equivalente á de general. Todavia, esta dignidade se tornou o objecto constante do ciume e da inquieta vigilancia dos magistrados civís, e sobretudo do Concelho dos Quarenta, germen ainda imperceptivel, porém

já fecundado, da Inquisição de Estado. Assim, a nação, vendo-se provida de um defensor contra os inimigos externos, e possuindo no interior um governo firme, combinado com as garantias asseguradas aos direitos populares, persistiu, com mais energia que nunca, na sua resolução de não soffrer a menor lesão em sua independencia politica.

N'essa épocha, todos os thronos da Europa dependiam dos imperadores do Oriente e Occidente; alguns até rendiam ao mesmo tempo preito e homenagem aos dous monarchas. Veneza, pelo contrario, considerou as concesões que d'elles possuia como a recompensa de sua cooperação em suas expedições commerciaes ou maritimas, mas nunca se subjeitou a seu senhorio.

Carlos Magno fingiu entretanto tratar os Venezianos como vassallos; porêm, fôsse que tivesse precisão de seu auxilio, fôsse que julgasse impossivel submettêl-os, é incontestavel que reconheceu sua independencia. Elle devia com effeito lembrar-se que Pepino, vencedor dos reis lombardos, accusando os Venezianos de desobediencia ou ingratidao, tinha de balde tentado submettêl-os, á frente de todas as suas forças, e que elles haviam repellido sua esquadra e destroçado seus exercitos.

Quanto ás pretenções dos papas sobre Veneza, escutemos o mais antigo dos historiadores da republica, o doge André Dandolo.

« Os doges foram, diz este autor, investidos do poder de convocar as assembléas do povo, concluir os tratados, commandar os exercitos, nomear os tribunos e juizes militares, pronunciar em ultima instancia sobre as appellações dos tribunaes inferiores, convocar os cidadãos em suas ilhas e bairros para a eleição dos curas e bispos, julgar todos os processos tanto civeis como criminaes ácerca do temporal do clero, não deixando ao papa sinão o direito de pronunciar sobre o espiritual. Os doges, finalmente, tinham a seu cargo infligir as penas ecclesiasticas, dar a investidura aos bispos e enthronisal-os. O exercicio d'estes ultimos direitos deu logar a vivas contestações entre a republica e os papas; porêm, ainda que esta lutta haja varias vezes posto Veneza em imminente perigo, n'uma épocha em que todos os monarchas se dobravam alternativamente sob as pretenções dos soberanos pontifices, ella não permittiu em tempo algum que a curia de Roma se ingerisse no geverno de sua igreja. »

Não parece que o primeiro doge tenha abusado do vasto poder de que estava revestido; elle augmentou a gloria e prospe-

ridade do estado, e morreu respeitado dos cidadãos. O segundo quasi nada fez, nem pelos interesses, nem em detrimento da republica. O terceiro, a rogo do papa, que implorava sua assistencia contra os barbaros, declarou a guerra aos Lombardos, sitiou-os em Ravenna, e, senhor d'esta cidade, restituiu-a aos imperadores do Oriente. O premio d'estas façanhas foi, para Veneza, a cessão do littoral do Adriatico até o Adiga. Quanto ao doge, seus triumphos contra um inimigo até então reputado invencivel, e a magnificencia que affectou de volta de sua expedição, despertaram o ciume e os sustos de seus compatriotas; estes adivinharam um dictador em seu general victorioso. A gentalha o assassinou em seu palacio, e foi abolida a dignidade de doge. Substituiram-a por um chefe supremo com o nome de *mestre da milicia*, cujas funcções electivas só deviam durar um anno. O quinto d'estes magistrados foi destituido pelo povo, que, para se vingar de sua impericia, lhe vasou os olhos e lhe fez soffrer prisão perpetua.

A instituição dos doges foi outra vez posta em vigor. De quarenta e tres de entre elles que por tres séculos governaram a republica, a metade, pelo menos, terminou socegadamente sua carreira. Cinco foram coagidos a abdicar, tres cahiram sob o punhal dos conspiradores, um soffreu a pena ultima, nove se viram depostos por sentença e condemnados a perder a vista, ou á deportação. A varios de entre elles foram infligidos estes tres castigos ao memo tempo. Outros não se subtrahiram ao supplicio que os aguardava sinão succumbindo no campo da batalha; e no emtanto não ha talvez um que attrahisse grandes desgraças sobre a republica, e varios haviam dilatado seu dominio e sua gloria, alargando seu territorio nas margens do Adriatico, ou então creando algumas d'essas colonias do Archipelago que, pelo tempo adiante, facilitaram suas conquistas no Oriente e contribuiram para os gigantescos progressos de seu commercio. Estas perseguições, estes supplicios, que, promptos como o raio, cahiam sobre todos os doges no momento em que elles procuravam tornar hereditario o throno ducal, provam com evidencia que o horror dos Venezianos pelo poderio de um monarcha se manteve constantemente durante os sete primeiros séculos da republica. O Concelho dos Quarenta era na realidade o depositario de todos os poderes. Como os éphoros de Lacedemonia, não participavam directamente sinão de um pequeno numero de actos do poder executivo, porêm reinavam sobre seus soberanos.

Exerciam a autoridade suprema nos interregnos e substituiam muitas vezes, no throno ou á frente dos exercitos, o doge cuja cabeça acabavam de fazer rolar ao pé da grande escada de S. Marcos.

N'essa épocha existia em Veneza um corpo de magistrados cujas funcções, analogas ás dos tribunos do povo em Roma, differiam totalmente das dos *Quarenta*. Chamavam-os *avogadori del comun* (advogados da republica). Eram em numero de tres, mas o *veto* de um só bastava para suspender a execução das sentenças dos tribunaes de justiça, dos decretos do doge e das deliberações do Concelho dos Quarenta ou das assembléas populares. O *avogadore* estava dispensado de motivar seu *veto*, durante um mez e um dia; podia mesmo dobrar este prazo: tinha depois o privilegio de se dirigir, á sua escolha, ao doge ou aos Quarenta, a qualquer outro corpo de magistrados, ou emfim á assembléa do povo, para contituil-os juizes do merecimento de seus motivos.

Os *avogadori* deviam ter irresistivel preponderancia, pois que tão facil lhes era escolher para juiz de seu *veto* uma autoridade ciosa d'aquella que havia creado a lei ou decreto contra que se elles elevavam. Oppunham-se assim á concentração do poder n'uma só mão. Mas este direito constitucional, que podia oppôr insuperavel obstaculo á usurpação do throno, aos excessos da aristocracia, á licença popular, ainda que inalienavel em principio, foi absorvido pela Inquisição de Estado.

Assim, a autoridade do doge, a dos Quarenta, a dos *avogadori* se contrapesavam mutuamente: é provavel que estes contrapesos foram antes os resultados successivos da necessidade das circumstancias ou da paixão da independencia, innata nos Venezianos, do que a organisação de um systema politico, nascido do cérebro de um legislador ou copiado da constituição das republicas da Grecia e de Roma. Esses tempos barbaros não eram o século das theorias.

Todavia, a influencia da riqueza triumpha tarde ou cedo das mais sabias precauções politicas: consagrada pelo tempo, não ha obstaculo que ella não derribe. As familias que, por espaço de séculos, haviam occupado os cargos civis e militares do estado, ou a quem o commercio havia enriquecido, de geração em geração, transmittiam a seus descendentes uma influencia sempre crescente. A aristocracia que tira a sua origem da propriedade, e que não é fundada por leis positivas, torna-se mais

respeitavel por sua antiguidade; não deve sinão a si mesma sua existencia e duração. Incapazes de creal-a, em balde o principe e o povo tentariam destruil-a. Assim, a aristocracia que existia em Veneza, na épocha de que fallamos, não formava um corpo separado nem possuia privilegios; e, si compunha a classe dominante, é porque o povo, tendo o direito de escolher seus chefes, preferia eleger os homens que possuiam mais influencia como individuos. Foi assim que o povo romano, que tão longas contendas tivera com o senado relativamente ao direito de nomear seus consules nas classes plebéas, não fez uso d'esse direito depois de o haver conquistado, e preferiu dar seus votos a patricios.

Entretanto, a população de Veneza augmentava de anno a anno: seu territorio, até então encerrado nos seus pantanos da Italia, se estendia n'outras direcções em consequencia de suas conquistas no Mediterraneo; estas conquistas preparavam novas conquistas, offerecendo-lhe, com um commercio mais vasto, recursos para sustentar mais longas guerras: os principaes cidadãos eram a um tempo guerreiros e mercadores, commandavam suas esquadras, seus exercitos, e exerciam conjunctamente severa inspecção sobre seus chefes. Assim, ricos d'oiro e de gloria, velavam sobre a liberdade publica. A autoridade do doge, sempre arriscada e precaria, já não excitava ciume; mas tambem, quando acontecia que os magistrados pertencentes á mesma classe que este o mettiam em julgamento, a dignidade do tribunal, a legalidade de seus processos judiciarios, o cuidado que tomava em submetter a sentença á sancção das assembléas populares, para se descarregar de uma funesta responsabilidade, tudo arredava d'elle as suspeitas de corrupção ou animosidade, e o povo confirmava sempre seus arestos.

Nenhum monumento judiciario faz constar que jámais se haja punido os motins em que o povo se constituia juiz ou algoz de seus doges. É possivel que algumas d'estas sublevações recebessem o castigo que lhes era devido; mas é tambem provavel que o numero dos culpados lhes assegurou a impunidade, e sobretudo que entre seus juizes elles tinham poderosos complices.

Em qualquer grau que a animosidade de seus inimigos tenha contribuido a precipitar do throno tantos doges, cuja catastrophe ensanguenta os annaes venezianos, a multiplicidade d'estas violencias prova que ellas não desagradavam á aristocracia, que

estava armada do poder de atalhal-as e reprimil-as; e si mister fôsse procurar motivos de sua connivencia, achar-se-hiam assaz plausiveis no partido que tomára de pretextar estas scenas sanguinolentas para abolir as eleições populares. Muitas vezes, com effeito, o povo destituia um doge que havia elegido por acclamação alguns mezes antes. Seu successor era por seu turno deposto ou assassinado, e o doge banido era de novo chamado ao throno, para succumbir alguns annos depois sob os punhaes da multidão, como o attesta o tragico fim de Pedro Candiano. Tão monstruosa anarchia devia espantar sobretudo a essa classe media tão numerosa em Veneza, que possuia a natureza de riquezas a mais propria ao commercio, porêm igualmente a mais exposta á pilhagem. Os nobres encontravam n'ella alliados interessados em reprimir os excessos da multidão, mas não recorriam á sua cooperação sinão em extrema necessidade. Seu fito, solapando surdamente as bases da constituição democratica, era excluir de todas as funcções e privar de todos os direitos politicos as classes intermedias, assim como tambem as classes inferiores. Alêm d'isso, elles tinham tomado suas medidas para assegurarem ao Concelho dos Quarenta, depositario da autoridade suprema durante o interregno, o direito de nomear um doge em caso de urgencia; o que acontecia, por exemplo, quando as divisões entre os partidistas de varios condidatos ameaçavam prolongar indefinidamente a vacancia da magistratura suprema. Mas a assembléa popular devia confirmar sua nomeação, ou proceder ella mesma a uma eleição. A occasião de erigir este *precedente* em lei do estado se apresentou depois do assassinato do ultimo dos quarenta e tres doges de que acabamos de fallar; sua morte foi um signal de anarchia. Uma commissão de onze membros, tirada do seio dos Quarenta, procedeu á eleição, debaixo da condição que sanccionaria um projecto de decreto cujas disposições principaes eram estas:

O povo devia ter o direito de confirmar ou annullar a eleição do doge, *mas não o poder de elegêl-o.*

O doge não devia mais escolher seus conselheiros. Estes eram substituidos por seis individuos eleitos pelo Concelho: subjeitos á simples inspecção do doge, com elle participavam da autoridade suprema, e nenhum decreto era válido sem ter por elles sido adoptado. Este Concelho, de que depois fizeram parte os ministros e os chefes da magistratura, recebeu o nome de *la Signoria.*

Todas as vezes que o doge carecesse de maior numero de conselheiros, não podia para o futuro escolhêl-os a seu grado, porêm era obrigado a consultar o Concelho dos Quarenta, cujo numero foi pelo decreto levado a cem. Esta assembléa foi depois designada pelo nome de *Senado*; suas reuniões conservaram o de *Pregadi* que lhes fôra antigamente dado, conforme o uso adoptado em sua convocação, e que consistia em rogar *(pregare)* aos cidadãos de virem deliberar ácerca dos negocios do estado.

O povo era despojado do direito de formar assembléas; devia delegar o exercicio de todos os seus direitos a um corpo composto de quatro centos e setenta cidadãos, com a denominação de *Grande Concelho.*

Os membros do Grande Concelho podiam ser destituidos pelo povo, mas a escolha d'elles estava reservada a doze eleitores tomados exclusivamente de entre os habitantes da cidade. D'estes eleitores emanavam virtualmente todos os poderes e todas as dignidades; e como a grande maioria d'elles pertencia á classe mais influente por sua fortuna, por suas funcções ou pela antiguidade de sua nobreza, impossivel era que o interesse da aristocracia não dictàsse a escolha dos quatrocentos e setenta representantes da nação. É para notar que estes representantes deviam ser escolhidos na capital, e que os habitantes das ilhas visinhas, que até então haviam formado uma parte integrante da republica e sido participantes de todas as assembléas populares, se achavam excluidos de todo direito plitico. Esta circumstancia tornou a nova contituição menos odiosa aos Venezianos do que com effeito devia sêl-o; porêm, felicitando-se de ver reduzidos á condição de seus escravos aquelles que ainda ha pouco participavam de sua soberania, não devisavam que elles mesmos tinham perdido todos os direitos politicos que lhes haviam transmittido seus antepassados.

O primeiro doge que foi eleito em virtude d'esta constituição refusou entrar em funcções: foi facilmente substituido. O novo magistrado correu toda a cidade, levado sobre seu throno, no meio de um cortejo magnifico. Elle introduziu o uso, que depois foi seguido, de se lançar dinheiro á gentalha. Esta liberalidade inesperada excitou universaes acclamações; tão facil é venderem os povos sua liberdade e admirarem como um acto de munificencia o miseravel salario de sua corrupção que lhes permittem contender no lodo! Comtudo, a aristocracia, por haver agrilhoado o povo, não tinha ainda consolidado sua autoridade.

N'esta épocha, a prosperidade da republica e sua gloria militar haviam tomado prodigioso incremento. Os estofos de seda, a purpura de Tyro, productos do luxo do Oriente, que, segundo os relatorios do historiador Eginhard, secretario de Carlos Magno *(Annales Francorum)*, eram importados pelos Venezianos dos portos da Syria e das margens do Mar Negro, e depois exportados por elles das praias do Adriatico para todos os paizes da Europa, tornavam o continente tributario da nação que suppria aos misteres de seu luxo. A industria manufactureira de Veneza se dilatava com seu commercio e conquistas, apezar das rivalidades dos outros estados de Italia. Seus mercadores, zelosos de augmentarem o esplendor de sua patria, traziam, de suas expedições na Grecia, fragmentos da antiga architectura, que, grosseiramente imitados a principio, serviram mais tarde de modelo aos magnificos monumentos com que o genio das artes adornou esta cidade.

Por espaço de século e meio que duraram as cruzadas, Veneza forneceu, mediante um preço muito subido, quasi todos os navios necessarios para transportarem á Terra Santa as povoações armadas que se precipitavam sobre a Asia. Os immensos lucros que lhe grangearam estas operações, dobrando suas riquezas, augmentaram na mesma proporção sua influencia sobre os maiores imperios. Ella tinha começado por mostrar-se auxiliar zelosa dos imperadores do Oriente em suas guerras de Italia, em breve foi sua mais poderosa alliada, acabou mesmo por dispôr do throno de Bysancio e por apropriar-se seus despojos. O doge Henrique Dandolo era o mais poderoso dos tres principes que se apoderaram de Constantinopla, no principio do decimo terceiro século. Attribuem á sua magnanimidade a repulsa que dera da corôa imperial; não se deve fazer honra d'isso sinão á sua prudencia. É por sem duvida que, si elle a houvesse collocado sobre sua cabeça, o alfange de seus generaes têl-a-hia feito rolar a seus pés. Dandolo tirou partido de sua preponderancia na confederação, assegurando á sua patria todas as possessões do imperio no Archipelago (anno de 1204). Por esta épocha, os papas fulminaram bullas que prohibiam, sob pena de excommunhão, todo commercio entre christãos e infiéis. É verdade que, a este respeito, concederam á republica indulgencia plenaria, mediante a quantia annual de nove a dez mil ducados para o cofre apostolico.

Depois de terem tranquillisado sua consciencia com a paga de tão enorme tributo, os Venezianos fizeram com os califas um tratado de commercio, e estabeleceram feitorias na India e na Arabia. Este primeiro successo lhes inspirou o designio de se senhorearem do Delta e abrirem um canal de communicação entre o Nilo e o Mar Vermelho. Si tivesse sido executado este projecto, nunca talvez o commercio das Indias orientaes teria passado a outras mãos.

N'esses tempos barbaros, os principios da legislação maritima eram mui pouco conhecidos, e ainda assim não havia escrupulo de infringil-os, quando era possivel fazêl-o utilmente e com impunidade. Os mercadores e marinheiros de Veneza deram juramento, na igreja de Santa Sophia, em Constantinopla, de observar certos estatutos compilados por ordem de um rei de Aragão, com o titulo de Consulado do mar *(Consolato del mare)*. As novas leis que a experiencia e discussões entre os estados maritimos fizeram necessarias emanaram do senado de Veneza, e foram reunidas em um codigo no fim do decimo terceiro século. Tal é a origem d'este novo direito publico, desconhecido dos Gregos e dos Romanos, assim como toda a legislação que regula as relações respectivas das nações: os Venezianos o aperfeiçoaram e a elle se conformaram religiosamente nos curtos intervallos de paz durante os quaes faziam novos preparativos para recomeçarem a encarniçada guerra que sustentavam contra os Pisanos, Sicilianos, Genovezes, e cujo premio devia ser o imperio do Mediterraneo. O do Adriatico lhes pertencia desde tres séculos: nenhum dos estados situados n'este golfo, entrando o patrimonio de S. Pedro, podia ahi navegar ou mesmo pescar sem pagar enorme tributo á republica. « Este mar nos pertence, » respondiam os magistrados venezianos ao papa que lhes perguntava com que direito pretendiam n'elle dominar.

As prolongadas contendas do imperio e do sacerdocio, no duodecimo século, converteram a dominação do Adriatico, usurpada pelos Venezianos, n'uma posse consagrada pelo chefe da Igreja. O papa Alexandre III, forçado a evadir-se de Roma, achou em sua cidade um refugio contra as armas de Frederico Barba-roxa, até o momento em que este principe, fulminado de excommunhão, veio prostrar-se a seus pés. Para testemunhar sua gratidão á republica, o papa, em uma festa solemne celebrada na metropoli de Veneza,

offereceu ao doge um annel : « Recebe , lhe disse elle , este penhor de teu imperio sobre o mar ; todos os annos , em igual dia , contrahirás matrimonio com elle , para que a posteridade saiba que elle te pertence por direito de conquista , e que eu consagro teu poderio sobre elle , como o de um marido sobre sua esposa. » A validade d'esta doação , ainda que feita por um papa , não deixou de ser vivamente disputada por varios séculos ; porêm estas questões são d'aquellas que se não resolvem sinão pelo direito do mais forte. Desde esta época , o doge celebrava, todos os annos , a ceremonia de seu matrimonio com o Adriatico ; e este uso , que nos parece ridiculo , produzia a mais forte impressão sobre um povo de marinheiros, cuja intrepidez se consagrava e perpetuava assim.

Os Venezianos não tomaram parte nas guerras do imperio contra a igreja, sinão para infundirem respeito áquella das duas potencias de quem tinham que temer a preponderancia. Em 1240 , o filho do doge Tiepolo veio, como voluntario, offerecer seus soccorros aos Milanezes contra os exercitos de Frederico II : feito prisioneiro , foi enviado ao imperador, o qual lhe mandou cortar a cabeça ; mas a republica não protestou contra este acto de crueldade , nem procurou vingar o ultraje feito a seu magistrado supremo , porque exigia seu interesse que um principe da casa de França não occupasse o throno de Napoles , e que a casa de Suevia , que se tinha tornado a menos temivel das duas, continuasse a reinar. Por issso mandou uma esquadra contra Carlos de Anjou , emquanto o papa excommungava o seu competidor Conrado.

Os Venezianos não possuiam , n'essa época , uma polegada de terreno no continente da Italia (a Terra Firme). Sua primeira conquista d'este genero foi a de Arvia na Romana , que os mesmos imperadores consideravam como do dominio da igreja ; apoderaram-se d'ella todavia , ou antes , para me servir de uma expressão banal do vocabulario dos usurpadores , tomaram-a debaixo de sua particular protecção. Os capitães generaes das tropas do papa eram dignitarios da igreja ; mas os Venezianos não davam quartel aos padres armados. Tendo feito , nas margens do Agirileja , alguns prisioneiros , distinguiram um que trazia no escudo de armas os attributos do episcopado : condemnaram-o a dar a volta do

arraial sobre uma mula, com as costas voltadas para a cauda, em que segurava á maneira de redea; um rei d'armas o precedia, gritando: « Eis-aqui o padre impio que abjurou o seu Deus, e acaba de ser surprehendido na iniquidade! » (1274.)

Pelo fim do decimo terceiro século, as guerras dos Guelfos e dos Gibelinos, que desolaram a Italia, se estenderam até Veneza, e offereceram á sua aristocracia a occasião de se assenhorear das redeas do estado. Esta revolução não offereceu nenhum dos characteres das catastrophes politicas que têm mudado a face de tantos imperios, mas insinuou-se imperceptivelmente no tronco da constituição veneziana e lhe corrompeu os fructos, sem que a arvore mesma haja parecido mudar de natureza. A illusão foi tanto mais facil, sobretudo aos olhos do estrangeiro, por isso que quasi todos os escriptores venezianos, a começar pelo doge André Dandolo, asseveraram, ou ao menos deixaram crer, que as mudanças de que fallamos se effeituaram em conformidade com os desejos do povo, que a aristocracia não empregou para operal-as nem força nem astucia, e que as facções dos Guelfos e dos Gibelinos erão apenas conhecidas de nome nas lagôas do Adriatico.

Demoremo-nos um instante a considerar as causas e os progressos d'esta nova crise politica, que nunca foram bem observados. E' tanto mais importante este estudo, quanto nos introduz elle n'uma nova era que se prolongou até a dissolução da republica. As fórmas democraticas de que eram os Guelfos zelosos partidarios recordavam ao povo de Veneza a lembrança de seus antigos direitos: os Guelfos não pertenciam ás ultimas classes do povo; eram, em geral, cidadãos das classes medianas, desejosos de participar do governo e derribar as familias aristocraticas que consideravam o poder como patrimonio seu. Foi entre estas duas classes que se travou a lutta em Veneza, bem como em Genova e Florença. A massa do povo não era mais que cego instrumento dos dous partidos. O character industrioso e emprehendedor dos Italianos tendia a augmentar com rapidez a commodidade das classes intermedias. Esta disposição dos espiritos era poderosamente alentada pelas instituições de Veneza, cujo fito commum era fazer que prosperassem as manufacturas, a navegação e o commercio. Ajuntemos que, quando as antigas familias sol-

licitaram a acquisição de vastos dominios nas colonias que a republica possuia na Grecia, ellas desdenharam o commercio como uma especulação sordida. Insensivelmente seu orgulho abriu a estrada da fortuna a seus modestos concidadãos. A' medida que estes ultimos se tornavam mais poderosos, aspiravam a dirigir o espirito democratico, derramado, n'essa época, por toda a Italia, e a restituir ao povo seu antigo direito de eleição e suas assembléas. O povo forçado a supportar as enormes taxas que acarretava a guerra da republica contra Genova que lhe disputava o imperio do Mediterraneo, murmurava abertamente. Os Guelfos se aproveitaram do descontentamento e penuria das classes inferiores.

O leitor não esquecerá que todas as opiniões, e sobretudo as opiniões politicas, quando têm sua origem nos misteres physicos das massas, se tornam paixões ardentes. N'esta situação dos espiritos, as animosidades pessoaes de alguns individuos surgem ao menor symptoma de agitação popular, e buscam um ponto de apoio nos rigores do governo ou nos excessos da multidão. Assim é que as desavenças particulares tomam as côres e participam do encarniçamento das guerras civis. Os estados de Italia, e sobretudo a republica de Florença, offerecem numerosos exemplos d'esta afflictiva verdade, e póde ser que, si nos remontarmos ao estabelecimento da republica romana, achemos que ella deve sua origem á louca vaidade de Collatino, que, louvando os encantos de Lucrecia, aguilhoou a brutal lubricidade de Tarquinio.

A historia nos dá a conhecer as sanguinolentas desavenças de Jacques Tiepolo e João Dandolo, ambos célebres por suas façanhas, revestidos das primeiras dignidades do estado e contando varios doges entre seus avoengosc Tiepolo se declarou campeão da aristocracia; Dandolo se ostentou advogado das liberdades publicas e da admissibilidade de todos os cidadãos, sem distincção, aos encargos do estado. Esta rivalidade collocou a classe dominante n'uma posição extremamente difficil: ella tinha que temer, de um lado, o restabelecimento das antigas instituições democraticas; do outro, a necessidade de confiar a defensa de seus privilegios a um chefe que a victoria podia investir dos meios de se fazer soberano absoluto.

O Concelho dos Quarenta, contemporaneo da fundação de

Veneza, investido de todos os poderes nos interregnos, tinha frequentemente exercido o de modificar as leis cujos vicios assignalava a experiencia; mas suas pretendidas modificaçōes alteravam-lhes a essencia: sirva de testemunho o decreto, ou antes a nova constituição relativa á eleição dos doges. Esta lei em suas mãos era uma arma de que se elle servia com extrema precaução, afim de não investir da suprema magistratura sinão personagens que o partido popular não considerasse como a salvaguarda da constituição, e a quem podesse a aristocracia commetter o cuidado de assegurar seu triumpho, sem ter que temer seu despotismo nem sua traição. Para maior segurança, este Concelho imaginou um novo modo de proceder-se á eleição do chefe do governo. Este modo, que subsistiu sem alteração até a queda da republica, era tão complicado, que não é possivel explical-o com alguns pormenores sinão com o auxilio de um plano habilmente traçado pelo novo historiador de Veneza. Limitar-nos-hemos a offerecer aqui a analyse d'este singular processo.

Dissemos que o Concelho dos Quarenta tinha sido elevado a cem membros. O presidente da assembléa tirava á sorte quarenta nomes escolhidos em seu seio, e renovava o sorteio até que cada um d'estes quarenta nomes houvese sahido cinco vezes da urna. Depois eram individualmente submettidos a um quintuplo escrutinio, que devia por força excluir do catalogo varios de entre elles. Estes ultimos eram substituidos por via da sorte, e aquellas pessôas a quem favorecia o sorteio tinham ainda de passar cinco vezes pela experiencia do escrutinio. Emfim, estes eleitores eram o objecto do mais rigido exame; tinha este exame por fim garantir que elles possuiam todas as qualidades que as circumstancias e intuitos do partido dominante exigiam do magistrado supremo que tinham de eleger.

Estas fórmas extravagantes eram admiravelmente combinadas para fascinarem o povo, e fazer-lhe crer que os decretos da sorte baldavam as combinaçōes da intriga, e que judiciosas apurações corrigiam depois os caprichos da sorte.

Ao mesmo tempo, para tolher que no futuro o doge e qualquer outro funccionario tivessem a menor relação de interesse ou de subordinação com os estados visinhos, democraticos ou despoticos, o Concelho promulgou, em 1275, tres novas leis. Pelos termos da primeira, o doge não se podia casar sinão com uma Veneziana: esta lei foi sempre observada. A segunda ve-

dava a todo Veneziano servir um principe estrangeiro, quer em paz, quer em guerra. Até os ultimos tempos da republica, esta disposição foi rigorosamente executada a respeito dos patricios, e sua infracção foi sempre punida com severidade. Si um nobre deixava sem licença o territorio veneziano, era punido com desterro perpetuo; e nunca elle pedia esta autorisação sem excitar graves suspeitas.

A lei de que fallamos cahiu em desuso a respeito dos cidadãos de condição inferior, que não eram revestidos de funcções publicas. O essencial era impedir que os filhos das familias nobres fossem tomar ordens sacras em Roma, onde teriam podido acceitar do papa dignidades ecclesiasticas. Antes da promulgação d'esta lei, nenhum membro da aristocracia podia contrahir alliança com o estrangeiro: eis-aqui um exemplo notavel. O rei de Hungria tinha pedido em casamento uma rapariga da familia Morosoni. Antes de permittir ao pae de acceitar esta proposição, o governo obrigou-o a abdicar todos os seus direitos em sua filha, depois adoptou a esta como filha da republica, e foi só como tal que a entregou aos braços de seu real esposo.

A terceira lei emanada do Concelho prohibia a todo Veneziano possuir terras no continente da Italia. Com effeito, os immensos dominios das antigas familias eram todos situados nas colonias da Grecia; quando, porêm, a republica as houve perdido e estendeu suas conquistas na Italia, admittiu em sua aristocracia os principaes cidadãos das cidades que conquistára: portanto, esta disposição foi tacitamente abolida.

O novo systema que acabamos de analysar se executou sem murmuração, porque tinha por base o odio profundo dos cidadãos contra a tyrannia de um só e contra o jugo estrangeiro. Os legisladores venezianos, longe de dissimularem a intenção de abafar no interior as facções que dilaceravam a Italia, confessaram-o formalmente para recuperarem sua popularidade. Facil era com effeito sustentar que os Guelfos eram por toda a parte os instrumentos dos papas, que estes fomentavam as insurreições contra os imperadores e excitavam os insurgentes a se constituirem em democracias para os dominarem com mais segurança, e para depois entregarem suas ephemeras republicas aos principes estrangeiros alliados da igreja, em recompensa do zelo com que estes ultimos houvessem por ella combatido.

Entretanto, o partido popular em Veneza, composto de

grande numero de familias novamente enriquecidas que estavam em contacto com a massa do povo, tomava de dia em dia maior consistencia sob a bandeira de João Dandolo. Fôsse que as opiniões d'este partido tivessem penetrado na aristocracia que ainda não era hereditaria, e que entrevia o perfido trama com que uma oligarchia devorada de ambição ia enlaçal-a; fôsse que o acaso houvesse frustrado, como tantas vezes faz, as mais habeis precauções, Dandolo foi elevado, em 1280, ao throno ducal, conforme o novo systema de eleição.

Os oligarchas, sem ficarem atalhados por esta eleição, procuraram paralysar-lhe o effeito; e, depois de terem sondado a opinião publica, decretaram que para o futuro o Grande Concelho (simulacro irrisorio de representação nacional) seria exclusivamente composto de seus antigos membros, ou d'aquelles que provassem que seus progenitores, até o terceiro grau inclusivamente, tinham d'elle feito parte. Dandolo se oppoz com tanto fogo a este projecto de lei, que o Grande Concelho, posto que interessado em sua adopção, o rejeitou com grande maioria. Não se devisa bem distinctamente si a intenção do doge era fazer sómente parar o progresso da usurpação aristocratica, ou restituir ao povo suas antigas liberdades. No entanto, foram taes os embaraços de sua posição, depois de uma guerra de nove annos contra a igreja, que tinha ardentes partidistas no seio da republica; que se viu reduzido a pedir a assistencia da aristocracia.

O papa Martinho IV, tendo julgado conveniente conceder o reino de Napoles a Carlos de Anjou, havia prégado uma cruzada contra o legitimo herdeiro da corôa. O governo de Veneza não tinha consentido que seus subditos tomassem parte n'esta inconsiderada empresa, e que abrissem assim a Italia á invasão dos Francezes. O papa, para castigar esta resistencia, excommungou a republica e impediu o exercicio do culto em toda a extensão de seu territorio: durante tres annos as igrejas foram desertas e os altares abandonados. O successor de Martinho IV revocou o interdicto, em 1286, mas com condição que a Santa Inquisição, á introducção da qual sempre se oppozera Veneza, seria ahi estabelecida. Os papas consideraram muito tempo esta instituição, fundada ostentivamente para a conservação da fé, como um instrumento favoravel aos intuitos de sua politica sobre a Italia. Os Venezianos, pelo contrario, ao mesmo tempo que velavam na punição dos hereges e na conservação da pureza

da fé, tinham sempre usado conservar os ecclesiasticos debaixo da dependencia do governo, e excluil-os de todo o poder temporal. Depois de uma negociação que se prolongou durante o reinado de dez papas, a republica e a Santa Sé concluiram, no pontificado de Honorato IV, uma pragmatica, cujos principaes artigos são os seguintes:

Tres juizes ecclesiasticos deviam tomar conhecimento dos crimes de heresia em toda a extensão do territorio veneziano, porêm debaixo da inspecção de magistrados escolhidos no Grande Concelho. Estes tres juizes eram o arcebispo de Veneza, um frade dominico e o nuncio apostolico. Este tribunal não podia se reunir sem a autorisação do doge; sua jurisdicção não devia estender-se, pelos termos do tratado, sinão sobre os hereges, e debaixo d'esta qualificação não eram comprehendidos nem os Judeus, nem os Musulmanos, como não tendo jámais pertencido á religião de Jesus-Christo; nem os christãos gregos, visto que, estando ainda indecisas as contestações entre a Igreja do Oriente e a Igreja Romana, seria o Santo Officio a seu respeito juiz e parte; nem os bigamos, visto que, sendo essencialmente nullo o segundo matrimonio, sua offensa não poderia ser considerada como violação de um sacramento, sinão unicamente como infracção de uma obrigação civil; nem os blasphemos, pois não eram culpados nem de scisma, nem de falsas doutrinas, e sim sómente de discursos irreverentes contra a religião; nem os usurarios, porquanto, si haviam violado os preceitos do Evangelho, não contestavam seus dogmas: finalmente, na classe dos hereges não eram comprehendidos os feiticeiros, a menos que não tivessem profanado os sacramentos no exercicio de sua infernal profissão.

Tal é o primeiro tratado concluido entre Veneza e a Santa Sé, então omnipotente. Qual não devia ser a aversão de seu governo contra toda influencia estrangeira, pois que elle mostrava tanta resistencia ao poder pontificio, quando o rei de Inglaterra se declarava seu vassallo, e quando um principe ia, por ordens suas, expôr a uma morte certa a flôr de sua nobreza, nas arêas da Syria! n'uma épocha em que a Santa Sé sanccionava o assassinato judiciario do legitimo herdeiro da corôa de Napoles, em que mandava seus bispos exhumar e lançar ao vento as cinzas do filho de Frederico II, etc.! Si compararmos as opiniões esclarecidas que hoje reinam, em materia de tolerancia religiosa, com as excepções motivadas

que os Venezianos estipularam em seu tratado a favor dos Judeus e dos Gregos scismaticos, convencer-nos-hemos que elles valiam muito mais do que o seu século, e que algum vislumbre de sabedoria havia penetrado até elles atravéz das profundas trevas da barbaria. Estava apenas assignado este tratado, quando Dandolo cessou de existir. Os esforços que fez para terminar suas desavenças com Jacques Tiepolo e desligal-o da facção aristocratica de que era campeão, assegurando-lhe os votos de seus partidarios para a suprema magistratura, provam que nunca elle havia abandonado a causa do povo. Dandolo tinha tomado tão bem suas medidas, que, immediatamente depois de seus funeraes, uma multidão immensa, guiada pelos principaes cidadãos da classe media e por alguns nobres, percorreu a cidade, vomitando as mais terriveis imprecações contra os oligarchas, cujos nomes votou á execração publica, e saudou com universaes acclamações Tiepolo pelo titulo de doge.

A oligarchia, n'este perigo extremo, dissimulou habilmente sua inquietação: não resistiu abertamente; mas, sem confirmar ou annullar a escolha do povo, sem mesmo dar mostra de ter d'ella conhecimento, procedeu tranquillamente á eleição, segundo o modo que havia estabelecido. Não omittiu nenhuma de suas numerosas formalidades, afim de occultar mais tempo o nome da personagem cuja escolha estava de antemão resolvida. Tiepolo, mais assustado talvez da calma e grave attitude que tomava o senado, em tão perigosa conjunctura, do que das difficuldades de sua posição, evadiu-se durante a noite, e, abandonando um throno que seus maiores haviam tanto tempo occupado, se condemnou a perpetuo exilio. Aquelles de nossos leitores cuja imaginação exaltam as alternativas de uma empresa revolucionaria accusal-o-hão de pusillanimidade. Louvar-se-ha, pelo contrario, sua magnanimidade, si se reflectir que não ha sacrificio a que se não deva determinar uma alma generosa para poupar a seu paiz o flagello das guerras civis.

A facção aristocratica, triumphante do desapontamento do povo, renunciou por esta vez a seu habito de não escolher os doges sinão entre os anciões; nomeou Pedro Gradenigo, que a todo o vigor da mocidade, a um character inflexivel, unia uma alta reputação militar e um nascimento illustre. Estava commandando uma esquadra nas paragens da

Istria, quando recebeu a nova de sua nomeação. Os nobres lhe prepararam uma entrada triumphal. Immediatamente depois de sua eleição, um dos senadores se chegou a uma das janellas de palacio e dirigiu estas palavras á multidão reunida na praça: « O doge está eleito, si o approvaes; » e se retirou, sem esperar resposta.

Gradenigo subiu ao throno ducal com a resolução de fundar uma aristocracia hereditaria ou de perecer. Seu successo foi tão completo quanto podia permittil-o a prudencia de uma oligarchia que receava, de um lado, que elle não aspirasse á dictadura, e, do outro, que muito fogo o não perdesse. Ella começou primeiro por fazer adoptar a lei que fôra sem successo submettida a Dandolo, relativamente á composição do Grande Concelho. Esta lei foi depois modificada, e o privilegio de fazer parte da representação dita nacional foi restringido aos cidadãos que tinham sido membros do Grande Concelho durante quatro annos.

Pouco tempo depois, uma nova lei excluiu d'elle todos aquelles cuja opulencia era de recente data, e que foram designados pelo nome de homens novos *(huomini nuovi)*.

Os historiadores dos outros estados da Italia, supprindo o silencio dos escriptores venezianos, nos instruem que estas novas leis não foram promulgadas sem effusão de sangue. É provavel com effeito que o assenso do povo a estas medidas despoticas foi antes o effeito do terror do que da indifferença: duas conspirações com dous dias de interrvallo assignalaram a apparição de uma nova lei promulgada por Gradenigo, em 1309, decretando que para o futuro ninguem faria parte do Grande Concelho sinão seus actuaes membros e seus descendentes; que este privilegio seria hereditario em sua familia perpetuamente, que esta assembléa concentraria em si todos os poderes, e que todos os magistrados seriam tirados de seu seio. O Grande Concelho compunha-se então de seiscentos membros.

É d'esta épocha que data o segundo periodo da historia da republica: já se distingue que immensos passos havia dado a tyrannia oligarchica. Si considerarmos que esta revolução foi o resultado de uma longa serie de alterações quasi imperceptiveis soffridas pela constituição veneziana no decurso de varios séculos, convencer-nos-hemos que a nação não podia notal-o sinão quando era já muito tarde para re-

parar o mal. A nova revolução, da qual havemos seguido as phases todas, foi conduzida com uma perseverança e perfidia sem exemplo; o espirito oligarchico se disfarçou sob a mascara da igualdade republicana, a iniquidade sob as fórmas da justiça, e a ambição a mais desenfreada sob o manto de hypocrita moderação que cegou o povo sobre seus perigos. Entretanto, no momento funesto em que a aristocracia se constituiu de posse permanente de todos os poderes, quando o véo se rasgou, arrebentaram conspirações; mas só serviram para augmentar lhe a força e pôr em suas mãos a arma do terror. A primeira, dirigida contra a pessôa de Gradenigo, foi obra de uma porção do povo, guiada por sua coragem e opulencia. Descobrir a conjuração, prender os conjurados, condemnal-os e entregar suas cabeças ao cutelo do algoz, foi negocio de algumas horas. Outra conspiração, com elementos mais formidaveis e mais secretamente dirigida, foi formada logo depois por um corpo de antigas milicias sob as ordens de antigos patricios, á testa dos quaes estava Bayamonte Tiepolo. O doge, surprehendido pelos insurgentes, reuniu precipitadamente as poucas tropas de que podia dispôr: com forças inferiores, tinha a vantagem de não estarem suas fileiras embaraçadas por uma multidão indisciplinada. Esta, que muito se apressára a tomar parte na conspiração, levou a desordem e confusão ás fileiras dos conjurados. As tropas de Tiepolo, julgando-se trahidas, abandonaram seu chefe, que morreu de uma pedrada que de uma janella lhe atirára uma velha. Os conspiradores foram todos presos, infamados com o nome de traidores, e executados.

Algum tempo depois d'este acontecimento, Gradenigo foi ferido de morte subitanea, na flôr da idade: julga-se que elle pereceu envenenado, e o perigo com que sua ambição e character emprehendedor ameaçavam o partido aristocratico parece justificar estas desconfianças. Seus esforços para recuperar o favor do povo bastam para revelar seus secretos designios. Cedendo ao voto da nação, não tinha estendido as conquistas da republica além do continente da Italia.

Em 1310, principiou o reinado do Concelho dos Dez. Em sua origem, não passava elle de uma commissão do Concelho dos Quarenta, que devia ser renovada de dous em dous mezes, e que estava encarregada de instruir o processo dos autores e complices da conjuração de Bayamonte Tiepolo,

e de indagar suas secretas ramificações. Seus poderes foram-se successivamente estendendo a um, cinco e dez annos; em fim, elle tornou-se perpetuo e foi investido de todas as attribuições de um tribunal supremo, com a faculdade de crear, modificar e revogar suas proprias leis. Arrogou-se esta omnipotencia, na época da famosa conspiração do doge Faliero. A aristocracia o havia collocado no throno ducal na idade de oitenta annos, com a mira de reinar sob seu nome; tinha-se até mesmo applicado a aviltar suas cãas com insultos de tal natureza, que não podiam ser lavados sinão no sangue dos offensores. Depois da sua execução, o presidente do Concelho dos Dez appareceu á janella do palacio ducal, tendo n'uma mão um alfange ensanguentado e na outra a cabeça do miserando ancião, e exclamou, para a multidão reunida, que elle acabava de soffrer o justo castigo de seu crime. Desde este momento, os patricios marcharam de accordo sobre as ruinas das publicas liberdades, sem repararem que um pequeno numero de entre elles invadia o poder dos outros. A lei que vedava aos doges casarem com outras mulheres que não fôssem Venezianas foi extensiva a seus filhos. Estes foram declarados incapazes de preencher funcções publicas; e, em compensação d'este ilotismo politico, concedeu-se-lhe o vão titulo de *Cavalleiros do doge:* durante a vida d'este magistrado, a bandeira de sua familia era despregada sobre o palacio ducal, e não o era sobre sua casa, como a dos outros patricios. Quando alguem se dirigia a elle, era prohibido e dar-lhe outra qualificação que a de *messer doge*. Todas as pessôas empregadas junto d'elle, fôsse qual fôsse a sua cathegoria, se tornavam, só por este facto, incapazes de preencher as mais modestas funcções publicas. Estas humilhantes precauções, por mais severas que pareçam, não bastavam á aristocracia: posto não estivessem mais á disposição do doge as forças de terra e mar, seu nome ficava unido a todas as guerras que ella emprehendia. Esta honra perfida tinha por objecto chamar sobre sua cabeça a indignação do povo, no caso de desastre. E nem se pense, lançando-se os olhos sobre o quadro d'estas extorsões legaes, que este miseravel throno não era sollicitado por cegas vaidades: não se podia, sob pena de morte, nem refusar sobir a elle, nem descer voluntariamente. Outra mudança acompanhou esta degradação da autoridade ducal. Vimos que, na eleição de Pedro Gradenigo,

se havia ao menos conservado esta formula da sancção popular: « O doge está eleito, si o approvaes. » Em 1423, tiveram a franqueza de supprimil-a. A eleição de Francisco Foscari foi annunciada ao povo n'estes termos, cuja concisão revelava uma revolução acabada: « O doge está eleito. »

A usurpação da oligarchia não parou aqui: o despotismo de Foscari fez necessaria a instituição da Inquisição de Estado, nas mãos da qual o poder oligarchico se achou definitivamente concentrado.

Eis-nos chegado ao termo dos dous primeiros séculos da historia veneziana, e ao começo d'esta nova instituição, que, graças ao impenetravel segredo que encobre a politica e os actos de seus membros, preservou, por espaço de mais de quatro séculos, a republica de toda commoção violenta, e não acabou sinão com ella. O exame da organisação e principios da Inquisição de Estado levar-nos-hia muito longe. Talvez, em proximo artigo, examinemos o systema de um corpo politico que, ainda que zeloso da prosperidade interna do estado, o salvou da ruina de que estava ameaçado no exterior, dissimulou habilmente os progressos de sua decrepitude, e, até a hora de sua agonia, disfarçou sua fraqueza sob uma apparencia de força e dignidade.

(Edinburgh Review.)

ECONOMIA POLITICA.

DUAS PALAVRAS ACERCA DAS COMMUNICAÇÕES.

Todos sabem e dizem que é conveniente a facilidade das communicaçoes. Os economistas, entre a incomprehensivel variedade de suas opinioes, concordam na vantagem de um systema regular e extenso de vias de transporte, e a questão se agita sómente a respeito da preferencia do methodo: uns querem que as estradas sejam preferiveis, outros dao a primazia aos canaes; e modernamente opiniões respeitaveis, e mesmo uma especie de moda, acclamam a victoria dos caminhos de ferro: nós, que somos difficeis de contentar, queremos todos os tres methodos; mas, antes de entrarmos na questão de preferencia ou conveniencia especial, diremos alguma cousa em geral.

Ninguem duvida da vantagem da existencia de vias commodas de transporte, mas é necessario que o grau d'esta conveniencia seja bem conhecido, que a sua urgencia seja bem pesada, para que, quando se tratar das despesas publicas, se saiba qual a quota dos dinheiros nacionaes ou provinciaes que se deve dedicar a este objecto.

Administração de justiça, força nacional para manter a tranquillidade e a independencia do Estado, desenvolvimento da instrucção e moralidade publica, augmento da industria e riqueza nacional, são as bases em que se funda a ventura e civilisação de um paiz; e todas estas bases dependem essencialmente, para serem satisfeitas com economia e efficacia, da facilidade das communcaçoes. Os povos civilisados se distinguem dos barbaros pela frequencia e intimidade de suas relaçoes mutuas, e estas relaçoes não podem ser bem cultivadas sem um bom systema de communicaçoes.

Si rapidamente podermos levar a pontos distantes do Imperio as nossas tropas para suffocar uma rebellião, ou para protegermos a nossa fronteira, os nossos desastres não serão tão grandes e funestos, e bastará a metade da força publica para fazermos mais do que hoje com a que temos; talvez 6,000 homens de tropa regular bem movel nos bastem, como aos Estados-Unidos. Si as communicações forem faceis, rapidas e commodas entre as differentes partes de uma provincia, um menor numero de magistrados poderá administrar melhor a justiça, os jurados poderão mais facilmente comparecer ás sessões, as autoridades saberão mais cêdo do occorrido e poderão melhor e mais rapidamente accudir ás necessidades publicas. Si as diversas povoações e estabelecimentos não forem de tão difficil communicação, um maior numero de alumnos frequentarão as aulas; um menor numero de professores, que então poderão ser mais habeis, bastará para mais completa instrucção de maior numero de discipulos; e a instrucção publica, pela mutua relação, tenderá a tomar aquelle character de uniformidade que faz com que todos se entendam uns aos outros, e que tão necessaria nos é. Assim si nós tivessemos, já não digo um systema completo de communicações, como tem outros mais velhos ou mais felizes, mas uma estrada de sege de capital a capital, e caminhos de carro entre as diversas povoações contiguas importantes, haveria de certo uma economia de um terço nas despesas publicas para aquelles encargos a que é o governo mais obrigado. Agora digamos alguma cousa, e exemplificando, sobre a mais immediata consequencia da facilidade das communicações, que vem a ser o augmento do commercio e da riqueza publica.

Tempo e trabalho são as duas cousas que o homem mais deseja poupar, e o primeiro ainda é mais precioso do que o segundo, porque perdido não torna, e este póde ser compensado com maiores lucros futuros. Quem não se assusta ao pensar em uma viagem a Matto-Grosso, em que deve gastar, de ida e volta, um anno, a travéz de arduos trabalhos? No estado actual de caminho bruto, uma arroba de qualquer genero vindo d'ahi deve talvez custar de transporte 20$000 réis; e qual é o genero, a não serem metaes preciosos ou joias, que dará para tanto? Si houvesse uma estrada boa de carro, a despesa com o transporte ficaria reduzida a 2$000 réis, ou menos,

e já muitas drogas e outros objectos poderiam vir com vantagem. Si houvesse um canal ou um caminho de ferro, o frete desceria abaixo de 400 réis por arroba, e poder-se-hia fabricar assucar e colher café n'essa longinqua provincia, e concorreriam estes generos em o nosso mercado com os das provincias maritimas. Aquelles terrenos ferteis e virgens plantados dariam colheitas espantosas; e como a população vae e corre para onde pode bem viver, veriamos augmentar a riqueza do nosso interior, o nosso mercado mais abastecido, a nossa alfandega mais frequentada, as nossas terras com maior valor, a nossa população mais compacta e unida. O calculo é facil: supponhamos que aos actuaes transportes de cangalha se substituem os de bons carros em estradas proprias, como a despesa d'este transporte é a sexta parte da primeira, cada logar ficará seis vezes mais proximo do mercado, do que era; o valor das terras augmentará em proporção, e todo o Brasil será seis e mais vezes mais rico do que é, os rendimentos serão seis vezes maiores, a producção seis vezes maior, e a despesa feita com esta obra sextuplicará a renda publica e trará de rendimento directo ao Estado 80:000 contos annuaes.

Agora vamos a ver quanto deve custar, não digo o systema completo, esse vem depois e é consequencia immediata, mas o systema das estradas geraes de capital a capital, tendendo sempre aos emporios de commercio, este não terá de desenvolvimento mais de 6,000 leguas, que custarão apenas o dobro d'aquella quantia; de sorte que, applicando os meios e adiantando-se sómente a despesa do primeiro anno, em menos de 20 annos teriamos taes estradas feitas, e, logo no seguite anno áquelle em que se começasse tal obra, o augmento dos rendimentos do Estado daria de sobejo para a manutenção da mesma obra, até o seu complemento. Este calculo é grosseiro e susceptivel, em suas cifras, de contestação; mas a conclusão está muito abaixo da mais cautelosa maneira por que elle se faça. Hoje convêm plantar e colher o café até a distancia de 40 leguas do porto de embarque: si existir tal systema de estradas de carro, convirá igualmente applicar ao mesmo genero de cultura terrenos a 240 leguas de distancia do embarque; a superficie que então poderá fornecer o mesmo genero será 36 vezes maior, e de certo que a producção será tambem muitas vezes maior. É incalculavel o augmento de riquezas que d'aqui provirá; mas

póde-se affirmar que será maior do que aquelle que supozemos, porque, aperfeiçoando-se as machinas pelo estimulo do ganho e pela necessidade de compensar a nossa pouca população, não teremos rivaes em producção nem nas maiores naçōes. A imaginação como que se perde no calculo de tantas vantagens; vamos a ver os meios de as obter.

Sempre que vemos chegar um Ministro da corôa ás camaras e pedir-lhes hum credito para acudir ás despesas do Estado, estremecemos, porque vemos que assim se está esfalfando o credito publico, e que nada se faz que vá augmentar a riquesa nacional; queriamos que o Ministro dissesse.

« Sr.s, a renda do Estado não chega para as despesas e empenhos que temos; é portanto necessario que, sem vexarmos o povo, colhâmos mais rendimentos; e como este povo, quanto mais rico e productor vier a ser, tanto mais pagará, mesmo com os actuaes impostos, he necessario dar mais terras ao lavrador, mais materia prima ao fabricante: dai-nos pois, 8, 10, 20 mil contos, para que fazendo uma estrada, falicitemos a conducção dos generos; para que se fabra um canal, por onde venham por baixo preço as madeiras e outras materias primas; um caminho de ferro por onde transitem rapidamente os viandantes e suas mercadorias. Não carecemos de fundos especiaes para amortisação desta divida, porque a riquesa publica refluirá aos cofres nacionaes: não imporemos mais tributos sobre essas communicaçōes do que os necessarios para a sua manutenção, porque cada uma dellas indirectamente dará não somente para pagar a sua despesa, como para construirmos outras. » etc.

Exemplifiquemos com o que diariamente se passa com os nossos fazendeiros, a quem o bom senso tem mais valido, do que especulativas theorias a alguns homens de estado. Um fazendeiro acha-se empenhado, com boas terras, mas sem poder, por falta de braços e de maquinas, explorar a riquesa que possue. Vai elle entregar aos credores o que tem? Vai pedir dinheiro a premio para pagar a quem deve? Não; por que sabe que no primeiro caso fica sem nada, e que no segundo empega-se em mar insondavel. Pede emprestado, mas não é para immediatamente pagar a quem deve, he para obter braços, comprar maquinas, e costear a sua fazenda, e em breves annos paga as dividas velhas, novas e seus juros, e fica prospero e rico: esta é a historia dos tres quar-

tos, ou mais, dos nosssos lavradores de café, e dos fabricantes de assucar de Campos e da Bahia, etc. Para que havemos, não cuidosos do futuro, ir seccando as fontes da nossa riquesa, e explorando desapiedadamente a boa fé do povo, e até entorpecendo a marcha natural da industria?

Temos ouvido dizer a alguem, que o Brasil não precisa de que o empurrem para diante, basta que o não obriguem a desandar; mas não vemos em que seja bom este indiferentismo, nem mesmo como se possa elle sustentar. Porque vem uma necessidade de dinheiro ao governo, e uma de duas, ou se hade impor mais a população, ou se hade fazer mais rica para que venha a pagar mais; não vemos a maneira de sahir deste dilemma com os principios do *laissez aller* dos mandrioes politicos. E já que fallamos destes mandrioes politicos, diremos que esta seita tem sido a causa dos nossos malles, porque ou nada fazem, ou, quando lhes dá o achaque ou necessidade de proporem alguma medida, propõe a que lhe dá menos que fazer, que se conclua mais depressa, para, quanto antes, tomarem o antigo ocio; não ha homens mais apressados do que os preguiçosos. E de facto nada há mais commodo do que engodar (permitta-se-nos a expressão) os legisladores influentes com futuros lisongeiros, ou metter-lhes mêdo com o presente carrancudo, e depois vem um emprestimo, uma emissão, que he trabalho que acha muitos zelosos patriotas que se queiram encarregar delle, capitalistas que queiram especular; e assim de degrau em degrau vai tudo por agua abaixo.

Em Portugal é uso mattarem-se porcos, só em certo tempo do anno, e um legado ali residente, que era regalão, e gostava muito de chouriços de sangue frescos, depois de longa meditação sobre a privação em que se achava do quotidiano goso de tão bello manjar, assentou de comprar um bom porco e de fazel-o sangrar em todos os dias de gordo: o caso foi que em poucos dias foi-se o porco exangue, e acabou-se a especulação. *Aplico el cuento.*

Dir-nos-hão que para combatermos uma doutrina economica não se deve empregar o ridiculo; mas responderemos com um dos nossos deputados que é necessario atirar á fera, cada um com as armas de que pode dispor; e como talvez essa theoria seja como aquelles revoltosos escravos dos Romanos, que arrostavam as espadas dos senhores, e fugiram vergonhosamente

quando os viram armados de açoutes, vamos fazendo a experiencia.

Outro deputado nosso, tratando-se dos meios de suffocar a revolta do Pará, lembrou que se mandassem mantimentos aos revoltosos, e houve quem redicularisasse a ideia, porque a não entendeu como nós; tradusiremos esta proposta deste modo: — Mandemos para o Pará 4 barcas de vapor para navegarem pelos seus rios, sejam franqueadas aos commerciantes, e estes trocarão pão e fazendas, pelas drogas e outros productos que tem os povos d'aquelles sertões; em breve esses povos trabalharão para obter certos gosos que hoje não tem, civilisar-se-hão, e sendo ricos e illustrados nenhum quererá entrar em novas desordens. —

Nas estradas ordinarias ha duas despesas, que vem a ser o corte das terras, atterros etc., e o calçamento: suppondo uma estrada de 40 palmos de largura, que é bastante quasi sempre, e ás vezes de mais para o nosso transito, o preparo da terra e atterros são muito variaveis com os logares etc.; mas orçaremos o seu termo medio em 6$000 r.^{s} para cada braça de comprimento da estrada. Quanto ao calçamento, umas vezes elle é dispensado absolutamente, outras consiste em um tempero de terras diversas, barrentas e arenosas, para se obter superficie enxuta no tempo das chuvas, e não muito pó no de secca; algum cascalho natural ou de pedreira, é ainda melhor; e acima disto está o empedramento de Mac-Adam, que consiste em huma camada de pedra quebrada a martello e reduzida á grandeza de hum limão azêdo ou de huma tangerina; este methado tem huma bem merecida preferencia (para estradas) ao nosso systema de calçamento: alem disto a braça de comprimento da estrada de 40 palmos que suppozemos, pode ser empedrada, não estando a pedra muito longe por 14$000; ao passo que o calçamento ordinario consumiria 40$000 r.^{s}; e observe-se que o empedramento é apropriado ao concerto, e que as calçadas ordinarias arruinam-se de modo que é necessario desmanchal-as e refazel-as. A braça de comprimento de estrada empedrada de 40 palmos de largura, vem pois a importar em 20$000 r.^{s} termo medio, e prescindindo das pontes, e outras obras consideraveis. O que fica dito é somente uma base de comparação.

Um canal de pequena secção, isto é dos mesmos 40 palmos, pode-se calcular que importa em 50$000 por braça

de comprimento, afóra a despesa das pontes, etc. que são ordinariamente maiores do que as correspondentes nas estradas, de modo que se pode elevar a despesa do canal a mais de 3 vezes a despesa da estrada.

Quanto aos caminhos de ferro, a sua despesa é a somma da despesa de uma estrada ordinaria com a dos carris ou barras de ferro em que laboram as ródas; quando os caminhos de ferro são para maquinas de vapor ha mais alguma economia no preparo da estrada; attendendo ao preço do ferro e de mão d'obra entre nós, parece que a despesa de um caminho de ferro não ficará muito abaixo da do canal.

Suppondo que os motores do transporte são cavallos, ou bestas a passo, a velocidade será de 2,000 braças por hora, trabalhando 10 horas por dia, perfazendo quasi 7 legoas por dia: observando mais que o estado das nossas estradas não permitte em algumas caminhos diarios de mais de 4 legoas, nem cargas tão fortes, combinando estes dados com experiencias feitas por muitos Engenheiros, appresentamos a seguinte tabella comparativa, em que os numeros representam o producto das arrobas transportadas pelo numero de legoas andadas; vem a ser portanto a unidade de taes productos o peso de uma arroba transportado a uma legoa; a seguinte columna mostra o effeito comparado partindo das nossas más estradas.

Besta de carga	em	caminho	ordinario.	28 — 1
« —	«	— dito	bom.	56 — 2
« puxando carro	—	dito	dito.	336 — 12
« «	«	— dito	de ferro.	2016 — 72
« «	barco	por canal	de navegação. . . .	5000 — 178

Este effeito comparado não dá exactamente a rasão inversa da despeza, porque ha a metter em conta os conductores, maquinas, etc., porêm mostra sufficientemenie a enorme differença que existe entre o simples caminho de pé posto, e o canal ou o caminho de ferro, e mesmo a boa estrada de carro.

Tem-se empenhado a discussão de preferencia entre os canaes e os caminhos de ferro, e a questão não póde ser resolvida sinão para cada logar em que se tenha em vista estabelecer uma communicação; diremos comtudo alguma cousa em geral.

Em a velocidade do passo do cavallo, que consideramos, os canaes tem a vantagem sobre os caminhos de ferro; mas ha a observar, que, si nós quizessemos o dobro da velocidade no transporte em um canal, a força necessaria seria quatro vezes

maior, isto é na rasão composta, ou dos quadrados, ao passo que nos caminhos de ferro segue a razão simples; disto se conclue que quando se poderem empregar outros motores mais velozes, o caminho de ferro terá a vantagem, tanto mais quanto as grandes velocidades nos canaes os estragam. Acontece mais, que para se fazerem os canaes é necessario que hajam aguas sufficientes em quantidade, e em localidades proprias, exigencia que não tem logar para os caminhos de ferro.

Uma observação ha porêm a fazer a favor dos canaes, e vem a ser a franqueza do transito em barcos de diversos tamanhos como convém aos diversos proprietarios; o que não é assim nos caminhos de ferro, em que para o seu bom regimen é necessario que os transportes pertençam ao proprietario ou etc. do caminho. Por isso se tem observado que terrenos atravessados por canaes, tem em pouco tempo adquirido um valor 10 vezes maior do que tinham anteriormente, o que não tem acontecido com os caminhos de ferro. Do exposto tiraremos as seguintes indicações.

1.° Quando houverem aguas sufficientes, e a communicação for mais destinada a generos do que a passageiros, preferir-se-ha o canal.

2.° Quando houver falta de aguas, e a obra do canal se tornar difficil, preferir-se-ha o caminho de ferro, mesmo para cavallos ou bestas.

3.° Quando o caminho for destinado mais a passageiros e mercadorias finas, do que a grossos generos ou materia prima, e que além disso houver abundancia de combustivel, preferir-se-hão os caminhos de ferro, transitados por carros de vapor.

N. B. Esta circumstancia tem mais ordinariamente logar quando se querem communicar um centro productor com um consideravel interposto de commercio maritimo; taes são os caminhos de ferro de Manchester a Liverpool, e de Bruxellas a Antuerpia; ahi as velocidades para os carros de passageiros são até 10 vezes maiores do que a do cavallo a passo.

Os caminhos de ferro entre nós, carecem de industria extranha, será por tanto a sua introducção morosa: os nossos portos tem grande numero de ramificaçoes navegaveis, e o melhoramento e accrescentamento dessa navegação, deve-nos trazer em breve grande numero de canaes, accrescendo mais a vantagem destes de não carecerem de artifices habeis para a sua material construcção. Será difficil que progrida por estes annos uma em-

preza particular de caminhos de ferro; por isso, um ensaio feito gelo governo seria de summa vantagem, e contribuiria para pôr a população ao facto do verdadeiro valor desta especie de transportes. A direcção da corte á baixada da serra de Itaguahy parece reclamar a preferencia para este primeiro ensaio.

Depois voltaremos a este interessante assumpto. *B.*

ADMINISTRAÇÃO.

DA NECESSIDADE E MEIOS DE EMPREHENDEREM-SE TRABALHOS PUBLICOS SEM SE AUGMENTAR OS ONUS AOS CONTRIBUINTES.

UMA situação particular nos permittiu que reconhecessemos e observassemos de perto a extensão e natureza dos males que affligem a sociedade em França, e particularmente em Pariz. Fazendo estas observações, suppozemos tambem descobrir-lhes os remedios. Indical-os-hemos depois de havermos exposto os males que elles devem sanear.

Em um precedente N.º *, haviamos tentado provar o prejuizo ou o que chamavamos custo das sedições, cuja perpetua reproducção consome a seve do governo, compromette todos os interesses materiaes das classes opulentas da sociedade e entretem a penuria das classes laboriosas; penuria que, por seu turno, produz a sedição, pois a penuria e a sedição se encadeiam como em um circulo vicioso. Depois, procurámos tirar proveito de nossa curta passagem por uma

---

* *Vide* REVISTA N.º 1 do Tomo 2.º

administração municipal de Pariz, e nos convencêmos de que a estimativa por nós feita da extensão do prejuizo causado pela sedição estava antes áquem do que álêm da verdade. Demasiado longo seria collocarmos ante os olhos de nossos leitores todos os factos que a tal respeito colligimos. Bastará que se veja a acção que ella teve sobre o algarismo da população de Pariz em geral, e em particular sobre o da população das casas de aluguel mobilhadas. Nós imos em primeiro logar, com o auxilio de documentos positivos, determinar a influencia que tem tido a sedição sobre as partidas. A elevação do algarismo das partidas, em 1830 e 1831, comparado com o de 1829, é tanto mais digno de reparo, quanto, em ultimo logar, a população de Pariz era menos consideravel que em 1829.

MAPPA

comparativo do numero de pessôas que deixaram Pariz nas diversas épochas do anno de 1829, *correspondente com as partidas que tiveram logar por occasião das sedições de* 1830 *e* 1831

EPOCHAS DAS SEDIÇÕES.	NUMERO DE INDIVIDUOS QUE PARTIRAM EM 1829.		NUMERO DE INDIVIDUOS QUE PARTIRAM EM 1830 E 1831.		DIFFERENÇA IMPUTAVEL A'S SEDIÇÕES.
	Nac.	*Estr.*	*Nac.*	*Estr.*	
Nov. e dez. de 1830.	11,000	2,315	16,914	3,100	6,699
Fevereiro de 1831..	3,775	1,165	5,394	1,382	1,836
Julho de 1831.....	7,200	1,323	7,861	1,425	563
Agosto e 20 primeiros dias de set. de 1831.	11,313	4,223	14,905	3,572	2,949
Total...	33,288	9,026	45,074	9,479	12,047

É portanto com toda a razão que ás sedições se póde imputar a partida de 12,047 pessôas ácima indicadas; algarismo este que não comprehende aquellas que, retirando-se para um raio pouco extenso, não tinham precisão de recorrer á administração. Mas a população não diminuia sómente do numero de pessôas que fazia partir o terror produzido pela sedição: a esse numero cumpre tambem ajuntar

todas aquellas que teriam vindo, e que o mesmo terror impedia que chegassem. Não são menos concludentes os algarismos do mappa soguinte:

MAPPA COMPARATIVO

da população das locandas mobilhadas e do numero de licenças de residencia e de passaportes dados nas diversas épochas em que em Pariz tiveram logar as sediçōes.

EPOCHAS DAS SEDIÇÕES.		FRANCEZES.			ESTRANGEIROS NAÕ NACIONALISADOS.		
		1829.	1830.	1831.	1829.	1830.	1831.
POPULAÇAÕ das locandas mobilhadas	Nov. e dezem.	,,	,,	,,	2,675	2,252	,,
	Fevereiro . . .	,,	,,	,,	925	826	779
	Julho	,,	,,	,,	2,311	1,994	1,638
	Agosto e 20 dias de setemb.	,,	,,	,,	4,211	3,591	3,483
NUMERO de licenças de residencias dadas em.	Nov. e dezem.	3,030	2,424	,,	1,376	1,299	,,
	Fevereiro. . . .	1,260	1,037	961	590	491	417
	Julho	1,463	1,366	617	731	595	395
	Agosto e 20 dias de s temb.	2,466	2,209	1,108	1,434	1,016	809
PASSAPORTES dados para o interior . . .	Nov. e dezem.	5,156	8,524	,,	58	151	,,
	Fevereiro . . .	1,764	1,528	2,579	45	29	34
	Julho	3,277	2,907	3,710	80	74	51
	Agosto e 20 dias de setemb.	5,361	8,566	7,486	120	173	186
PASSAPORTES vistos para partidas. . . .	Nov. e dezem.	5,425	7,863	,,	2,257	2,949	,,
	Fevereiro. . . .	1,761	1,783	2,557	1,120	984	1,348
	Julho	3,419	3,057	3,211	2,443	2,565	1,930
	Agosto e 20 dias de setemb.	5,128	8,009	6,636	4,103	6,074	3,386
PASSAPORTES dados para o exterior . . .	Nov. e dezem.	419	527	,,	,,	,,	,,
	Fevereiro. . . .	250	242	238	,,	,,	,,
	Julho	504	482	374	,,	,,	,,
	Agosto e 20 dias de setemb.	824	1,086	783	,,	,,	,,

O algarismo approximado dos estrangeiros alojados em casas mobilhadas, em 20 de setembro, póde ser de 4,600 a 4,800.

O ultimo extracto que foi feito, na data do 1.° de julho, deu 4,739 estrangeiros não nacionalisados.

Inutil é observar que não é sómente aos donos de locandas mobilhadas que é prejudicial o abatimento do algarismo da população de Pariz. É evidente que d'ahi resulta uma diminuição correspondente na actividade do commercio e da industria local. Esta diminuição é infelizmente attestada por mais de 1,900 lojas, actualmente sem alugadores. Calculando-se o arrendamento d'etas lojas, uma por outra, com os alojamentos que lhes são annexos, em 1,000 fr., vê-se que de tal estado de cousas deve resultar uma perda annual de 1,900,000 fr., para os proprietarios de casas, e por consequencia uma reducção proporcional em seus consumos. Alêm d'isso, é claro que o mesmo sentimento que affasta de Pariz deve tambem diminuir as despesas dos que continuam a habital-o.

Mas seria pouco o fazer constar o estrago produzido pelas sedições, si ao mesmo tempo se não indicassem os meios de prevenir-lhes a volta. Graças ao céo, julgamos que é tão facil tomar-se esses meios, quanto devem elles ser efficazes. Resta-nos expôl-os.

São antes medidas politicas que convêm empregar do que medidas de policia. Um anno inteiro de agitações febris e espasmodicas fez ver a insufficiencia da policia. E na verdade, que poderia ella fazer? Vigiada pelas desconfianças da liberdade da imprensa, desarmada por nossas leis ácerca da liberdade individual, de que lhe serviria surprehender algumas conversações clandestinas que, de certo, não são mais significativas do que as publicações quotidianas dos differentes partidos?

Cumpre portanto recorrer a outros expedientes. Não se trata mais de conter a sedição quando se ella produz na praça publica, e sim de prevenil-a por uma serie de medidas diversas, posto que todas dirigidas para o mesmo fim.

E em primeiro logar, releva examinar os principaes elementos que a constituem. Veremos depois de que maneira se póde conseguir neutralisal-os, isolando-os uns dos outros. Esses elementos são:

1.° Um pequeno numero de refugiados politicos da Europa continental;

2.° Descontentes que combateram em julho;

3.° Um certo numero de estudantes arrastrados pelo ardor e pelas illusões de sua idade;

4.° Malfeitores sem paixões politicas, mas que desejam a desordem como seu elemento natural, como é aquelle em que podem com mais vantagem exercer sua criminosa industria;

5.° Os operarios desempregados.

As medidas a tomar-se devem necessariamente variar segundo a posição d'aquelles a quem são applicaveis.

A primeira cathegoria, a dos refugiados politicos, era muito menos consideravel, em Pariz, do que commummente se suppõe. Na occasião da ultima sedição, ella não alcançava o algarismo de 500, que se dividia, pouco mais ou menos, do seguinte modo:

NAÇÕES A QUE PERTENCEM OS REFUGIADOS POLITICOS.	NUMERO DE REFUGIADOS.		TOTAL.
	Recebendo subsidios.	*Não recebendo subsidios.*	
Italianos	146	60	206
Hespanhoes	140	,,	140
Portuguezes	114	,,	114
Polacos	15	,,	15
TOTAL GERAL .	415	60	475

Estes homens, pela mór parte victimas de revoluções generosas em seu principio, mas talvez prematuras, deviam ver com pezar a marcha pacifica de nosso governo; marcha a que elles attribuiam a prolongação de seu exilio. Dominados por este sentimento, varios poderam ver com alegria as ultimas desordens, e até tomar parte n'ellas; porêm um maior numero goza em paz dos beneficios de uma hospitalidade magnanima. Demais, o governo, aproveitando-se da legislação ainda existente, proveu aos meios de reduzir, em Pariz, o numero dos refugiados politicos.

Passemos agora aos combatentes de julho. Um pequeno numero de entre elles são accusados de fazerem ao governo ardente opposição, e até de tomarem parte activa nas sedições e de serem algumas vezes os instigadores d'ellas. Deve-se confiar rigorosamente n'estes ultimos? Não o pensamos. De um lado, foi a seus golpes que succumbiu um rei perjuro, e é esse um immenso serviço que deve cobrir muitas faltas; de

outro lado, é possivel que o governo, absorvido pelas altas preoccupações que não cessam de assaltal-o, se não tenha suficientemente occupado de seus interesses particulares. Sem duvida os empregos não pertencem sinão áquelles que são capazes de os exercer. Um serviço, por grande que seja, não póde constituir um titulo a funcções para que não somos aptos; mas tambem, cumpre convir, com iguaes direitos., o homem que se apresenta com o habito ou medalha de julho ao peito deve ter a preferencia. Em alguns d'elles, a intrepidez de que deram provas é acompanhada de talentos mui reaes que permittem empregal-os com vantagem, mesmo em posições elevadas. Alêm d'isso, ha meio de accommodar as mais humildes capacidades nas fileiras subalternas da administração dos direitos reunidos, e sobretudo no exercito das alfandegas. A este respeito, talvez os chefes da administração tenham algumas resistencias que vencer em suas proprias repartições. Mais longe indicaremos outros meios ainda mais faceis e mais extensos de se acharem occupações numerosas e apropriadas ás faculdades de cada um d'elles. O numero dos combatentes de julho sem emprego em Pariz, e que desejariam ter, póde ser avaliado em 2,500 ou 3,000.

O dos estudantes das duas Faculdades é de 4,000, pouco mais ou menos É muito, si n'este numero ha 400 ou 500 que tomem uma parte qualquer nas sedições. A mór parte, absorvidos por gostos e estudos pacificos, lhes ficam absolutamente estranhos. É com estatutos mui paternaes, e não com medidas de policia, que devem os primeiros ser contidos, para seu proprio interesse, para o socego publico e para o de suas familias. Repressões severas, e sobretudo repressões sanguinolentas contra rapazes, cujos desvarios passageiros têm muitas vezes origem em illusões generosas, seriam odiosas e não são indispensaveis. Ha outros sem duvida que não são movidos sinão por impaciente ambição. No fogo de sua idade, não cuidam sinão nas grandes existencias fundadas pela primeira revolução e guerras que se lhe seguiram, e esquecem que, para se fazer um marechal do imperio, foi mister que nos campos de batalha perecessem milhares de soldados. O engodo d'essas indeterminadas grandezas os impelle aos magotes da sedição. Varios sem duvida se illudem ácerca da natureza dos sentimentos que os dominam; julgam-se desinteressados quando não são sinão ambiciosos e egoistas, por-

quanto as mais das vezes começamos por nos enganar a nós mesmos antes de enganarmos os outros. N'este sentido, como tambem por causa de sua mocidade, elles têm direito, sem duvida, a muitas attenções.

Uma classe que não merece outras attenções que as que reclama a simples humanidade, é a d'essa turba de miseraveis que entulham a capital e que são vindos de todos os pontos da França, d'esses já punidos pela justiça, *reclusionarios* e vagabundos, e muitos outros malfeitores que não são melhores, posto não tenham soffrido as severidades dos tribunaes. Esses homens, que só vivem de furtos, de gatunices ou do producto das mais vergonhosas devassidões, devem ser divididos em duas grandes classes.

1.° Os que não têm soffrido condemnações e que são em numero de 5,500, pouco mais ou menos;

2.° Os que, em consequencia de sentenças que os hão condemnado, estão sob a vigilancia da policia, e que, por conseguinte, o governo tem o direito de mandar sahir de Pariz. Eis-aqui a especificação d'estes ultimos:

Forçados libertados	120
Reclusionarios	500
Libertados correccionaes	180
Vagabundos	750
TOTAL	1,550

Assim pois, estas duas classes reunidas formam um total de 7,050 individuos. Que fazer d'estes homens, quer estejam ou não subjeitos á vigilancia da policia? Admittil-os a funcções publicas é seguramente cousa impraticavel. O melhor meio de os determinar a que deixem Pariz seria propôr-lhes que entrem em batalhões semi-agricolas e semi-militares, que se mandariam para as nossas possessões da Africa. N'esses batalhões seriam encorporados aquelles que ainda não foram infamados por sentenças, e os vagabundos declarados taes pelos tribunaes, porêm que o novo projecto de lei sobre o recrutamento não exclue das fileiras do exercito. Como estas praças seriam voluntarias, mister seria, para determinal-os, annunciar que, no fim de alguns annos de serviço, os homens alistados, si tivessem sido bem comportados, teriam direito a certo numero de geiras de terra. Quanto aos já punidos pela justiça, forçados libertados e to-

dos esses homens aviltados por penas infamantes, posto que em rigor se tenha o direito de os mandar sahir de Pariz, seria muito util fazer que partam com as mesmas condições; mas, para se não offenderem honrosos e justos melindres, preciso seria, ao passo que se lhes désse uma organisação militar, não comprehendêl-os nas fileiras do exercito. Aquelles d'esses homens que, na Africa, mostrassem gosto e aptidão para a agricultura, receberiam terras em propriedade, antes das épochas prefixas. A organisação a dar-se a esses estabelecimentos poderia ser modelada sobre a das colonias militares da Russia ou das possessões esclavonias da Austria, onde o mosquete repousa no sulco que traçou o arado. D'esta maneira Argel viria a ser o Botany-Bay da França, o equivalente da nova Galles do Sul, onde a Inglaterra purifica as escorias de sua população sob os ardores do sol australico. Esta soberba possessão, que por sua extensão iguala o terço da França e que a excede por sua fecundidade, pois que, termo medio, o grão do trigo dá 18 grãos por um, emquanto que em França não dá sinão 11, teria até uma grandissima vantagem sobre a Nova Galles, isto é, sua proximidade. Não haveria de mister, como para se aportar em Botany-Bay, traçar immenso sulco sobre os mares do globo. As mesmas ondas que banham nossas costas banham tambem as de Argel. Entretanto que a passagem para nossas possessões da Africa só custa 75 fr., a Gran-Bretanha não paga menos de 400 por cada condemnado que manda para a Australia.

Os forçados libertados seriam provavelmente aquelles de quem mais teriamos de congratular-nos, entre os homens infamados que o engodo da propriedade e desejo de fugir a uma desconsideração que os opprime determinariam a se submetter na Africa a uma expatriação voluntaria. Os forçados libertados, em geral, têm contrahido nas calcetas habitos laboriosos que conservam. Entre os que a policia governa, em Pariz, com uma legislação algum tanto arbitraria, são elles os que menos perturbam a ordem publica. Nenhum d'elles até hoje ainda foi surprehendido nas sedições. Tem-se calculado que a formação de batalhões coloniaes faria ao menos sahir de Pariz 3 a 4,000 individuos, que ahi não vivem sinão exercendo industrias criminosas, por falta muitas vezes de poderem exercer outras. N'este projecto, a consideração

da colonisação do nosso territorio da Africa, por importante que seja, não é ainda sinão uma consideração secundaria. Sua maior vantagem seria subjeitar ao freio da disciplina militar homens turbulentos que contra a sociedade dirigem perpetuamente a liberdade que ella lhes deixa.

Mas nossas possessões da Africa receberiam ainda uma destinação muito mais nobre, si d'ellas se fizesse o asylo dos homens de julho que não tivessem podido ser estabelecidos no interior. Esses homens temiveis, que fizeram estalar um throno com algumas bombas, têm, em geral, um espirito aventuroso. Muitos d'elles adquiriram de alguma sorte a precisão de excitações violentas. Esses campos que fecundar, esses Beduinos que submetter e perseguir nas profundidades do Atlante, toda essa vida agricola e guerreira não lhes desagradaria. Alêm d'isso, quem poderia ter mais direitos que elles á posse d'essas terras cuja conquista elles acabariam? Trezentos homens submetteram outr'ora um mundo a Hespanha. Os combatentes de julho são muito mais numerosos e não são menos intrepidos. Por que razão não submetteriam elles uma porção das costas africanas, seguramente bem pequena si a compararmos á extensão da America hespanhola?

Resta-nos fallar de uma ultima classe de individuos; ella é sem duvida nenhuma a mais digna de interesse, pois é a mais numerosa e a que mais padece: são os operarios desempregados que queremos designar. Existem actualmente em Pariz mais de 38,000. D'este numero, 7 a 8,000 são estranhos a esta cidade. Elles têm vivido até agora, empenhando seus trastes no Monte-Pio, vendendo suas alfaias e a lãa de seus colchões, ou retirando seus depositos das caixas economicas; mas estes fracos e deploraveis recursos se esgotam cada dia, e para muitos já elles estão inteiramente esgotados.

Um recurso que foi bem util á classe dos operarios, no fim de 1830 e no começo de 1831, lhe fallecerá em 1832: foi o fardamento da guarda nacional, que occupou ao mesmo tempo os alfaiates, serigueiros, curtidores, botoeiros, fabricantes de pannos e têas, cutelleiros e muitas outras industrias. Verdade é que se assevera que varios outros ramos de industria se avivam, e que os depositos de objectos no Monte-Pio são menos consideraveis do que os levantamentos. Isso póde ser. E primeiramente se concebe que os operarios

que já dispozeram de toda a sua mobilia nada mais têm que metter em deposito. Mas este retorno de actividade, ainda mesmo quando fôsse real, não é bastante consideravel para compensar o fardamento da guarda nacional. O dos 100,000 guardas nacionaes de Pariz, a 300 fr. por homem, termo medio, provocou uma despesa de 30,000,000 fr. pelo menos. A este algarismo, cumpre ainda ajuntar a prodigiosa quantidade de guardas nacionaes dos departamentos que Pariz fardou no todo ou em parte, e que deveram levar esta somma ao duplo. De outro lado, o fardamento do novo exercito quasi não foi menos favoravel á industria parisiense. A que se applica aos edificios ainda não é infelizmente do numero das industrias que se reanimam. É incontestavel que as transacções sobre os terrenos e casas estão sempre na mesma estagnação. Todos os recebedores do registro declaram que suas cobranças mensaes se não elevam á metade de seu importe em 1830. Outras industrias, taes como as da relojoaria e das joias, se acham na mesma immobilidade. Portanto, pois que os capitaes particulares, ainda paralysados pelo receio, não têm tomado seu vôo, ao governo e ás grandes communs pertence procurar trabalho para os braços que d'elle carecem. O voto dos dezoito milhões é por certo um voto util, apezar de tudo quanto se pôde dizer. Póde ser comtudo que esta medida não fôsse concebida sobre uma vasta escala: parece-nos duvidoso que ella estimule sufficientemente o ardor dos conselhos geraes, porquanto, dividida em oitenta e seis partes para os oite ıta e seis departamentos, compõe sommas mui fracas. Nossas idéas ácerca dos emprestimos são bem conhecidas de nossos leitores habituaes. Muitas vezes tivemos occasião de expôl-as nas notas que juntamos a nossos textos. Quando os emprestimos devem ser applicados a despesas de luxo, ou, o que é muito peior, a guerras de aggressão, é isso uma das maiores calamidades que póde affligir os povos, pois que, semelhantes a esses venenos lentos que só pouco a pouco vão minando a economia animal, seu principio morbifero é primeiramente inapercebido, e nenhuma precaução se toma para lhe embaraçar o desenvolvimento. Quando porêm os emprestimos são applicados a despesas productivas, mudam absolutamente de natureza, sobretudo quando, independentemente do interesse d'essas sommas, se consegue um excedente annual que é applicado ao resgate do capital. Podem então os governos

recorrer sem escrupulo a este meio, que não se torna funesto sinão pelo mau uso que d'elle se faz.

E de certo, um dos melhores empregos que se poderia fazer do importe dos emprestimos seria gastal-o em nossas estradas. Uma porção das estradas reaes se acha em deploravel estado. É de urgencia para todos os interesses que sejam ellas postas em estado de satisfactorio transito. Existem tambem varias estradas reaes que cumpre abrir ou prolongar. Por que motivo, por exemplo, se não ha-de continuar até Perpignan a estrada de Clermonte a Pariz, cortando pelo centro a França meridional? Estas estradas, onde fôssem abertas, desenvolveriam riquezas por assim dizer enterradas, como as das minas onde ainda se não praticaram galerias. Mas não é tudo; seria igualmente de mister curar das estradas departamentaes.

Grande numero d'estas estradas estão no peior estado, outras não estão acabadas. Resulta d'ahi que o interesse annuo das sommas empregadas nas porções de estradas já terminadas se acha perdido, quando estas são interrompidas por pontos não transitaveis. Esta perda é seguramente muito consideravel e poderia ser facilmente calculada. Remediar-se-hiam estes inconvenientes bem graves, contrahindo-se um emprestimo de uma centena de milhões. Para se não sobrecarregar o thesouro, seis milhões seriam destacados dos quarenta e tres milhões de rendas já resgatadas pela caixa da amortisação. Não julgamos que d'ahi resultasse o menor prejuizo para o credito, pois não é a extensão exagerada da amortisação que sustenta o valor venal dos fundos publicos, e sim a confiança no pagamento dos juros. D'estes seis milhões, se empregariam cinco ao pagamento dos juros do novo emprestimo e um á sua amortisação. Supponhamos que dos cem milhões fôssem cincoenta applicados ás estradas reaes; ainda ficariam cincoenta para as estradas departamentaes. Com estes cincoenta milhões, facil seria determinar-se uma despesa de cem outros milhões que forneceriam os departamentos. Com effeito, as estradas ditas departamentaes lhes estão incumbidas. Estes cincoenta milhões poderiam ser dados em premios áquelles que quizessem concluir suas estradas n'um espaço de tres ou quatro annos. Este premio, fixado no terço da despesa total, determinaria uma despesa de cem milhões pelo menos. Assim pois, por meio do emprestimo contrahido, se obteria uma despesa de duzentos milhões sobre nossas estradas. No caso, fe-

lizmente muito provavel, do desarmamento, poder-se-hia tambem manter uma porção de nossas contribuições extraordinarias, mas com a condição de não empregal-as sinão no remate e aperfeiçoamento de nossas estradas. Emfim, poder-se-hia igualmente autorisar os departamentos para que contraiam emprestimos, obrigando-os ao mesmo tempo a que segurem o embolso d'esses emprestimos e sua amortisação por centesimos extraordinarios.

Releva confessar, não é com redditos provenientes de nossos budgets annuaes que se hão-de pôr as estradas de França no estado em que devem estar. É só com capitaes que isso se poderá conseguir. No actual estado, os trabalho semprehendidos cada anno nas estradas compensam apenas suas successivas damnificações, de tal sorte que, quando se melhoram algumas de suas partes, as outras que são negligenciadas, sem protecção contra as intemperies da atmosphera, no estado em que se acham, se vão incessantemente deteriorando. Em resumo, quasi se não faz sinão deslocar o transito e transportal-o de um para outro ponto.

Os cem milhões votados pelos concelhos geraes, cobrados por centesimos addicionaes, recahiriam sem duvida de uma maneira exclusiva sobre a propriedade de raiz; mas este sacrificio estaria bem longe de lhe ser oneroso. Com effeito, calculou-se que uma estrada nova augmentaria pelo menos de 10 por % o rendimento dos proprietarios de raiz que lhe são visinhos. Este facto é attestado por arrendamentos passados depois da abertura de novas estradas, e nos quaes as terras arrendadas precedentemente por 1,000 fr. o eram por mais de 1,100. Não é de certo exagerar o avaliar-se em 4 por % o accrescimo que para a renda da propriedade de raiz de toda a França resultaria do melhoramento, remate e prolongamento de tantas estradas antigas e da abertura de muitas outras novas. Como não valeria mais 4 por % de juro annual uma propriedade, cujos productos seriam facilmente trazidos aos mercados de grande consumo, por vias novas e melhoradas? Ora, o reddito total da propriedade de raiz em França foi avaliado em 1,600 milhões. Si fôsse este reddito augmentado de 4 por %, cresceria de 64 milhões; accrescimo prodigioso que não teria custado sinão 100 milhões aos proprietarios de raiz da França; em outros termos, elles teriam posto seu dinheiro a juro de 64 por % em fundos

territoriaes que, calculados a 5 por %, apresentariam um capital de 1,280,000,000 fr.

Ora, em geral, o proprietario de bens de raiz não dá suas economias a mais de 2 $\frac{1}{2}$ e mesmo 2 por %. As mais das vezes mesmo, pela maneira por que são ellas postas, em nada augmentam o reddito da Franca, porque são empregadas na acquisição de pedaços de terra que, de anno em anno, se vendem mais caro, por causa da concurrencia dos compradores, sem que comtudo produzam mais. Resulta d'isso que uma porção do accrescimo de valor do solo da França tem alguma cousa de ficticio, n'este sentido que tal accrescimo não tem por principio o augmento do producto. Todavia, julgamos que as sommas necessarias para o acabamento d'estes trabalhos, mesmo as que estariam a cargo dos departamentos, deveriam ser alcançadas por emprestimos. O principal da contribuição de raiz é quasi dobrado hoje pelos 30 centesimos temporarios, pelos centesimos votados pelos conselhos geraes e por os que os são pelas communs. É impossivel que se pense em prolongarem-se onus tão pesados. Demais, contrahindo-se emprestimos para se melhorarem nossas estradas, é impôr-se ao futuro uma porção da despesa; e, como elle colheria sua parte das vantagens d'este grande melhoramento, seria tambem justo que participasse d'estes onus.

O lucro de 6¼ por %, de que ha pouco fallámos, seria enorme, e entretanto nao representaria quando muito sinão a metade das vantagens geraes que proviriam á França, pois que a propriedade industrial ganharia ainda mais n'estes grandes e uteis trabalhos. A especie d'estes trabalhos teria outra utilidade, a de procurar meios de arranjar um grande numero de combatentes de julho, pois forneceriam emprego para todas as capacidades. Teriam tambem a inapreciavel vantagem de desembaraçar Pariz d'essa superabundante população que a entulha. Importa ácima de tudo fazer que immediatamente cesse essa plethora do coração da França, que lhe estorva toda a circulação. Observar-se-ha talvez que esses trabalhos não occupariam sinão um unico genero de operarios; porêm são esses os mais numerosos, os mais fortes e os mais turbulentos. Quando sua penuria não comprometter a paz publica, os capitaes reassumirão seu natural impulso, porquanto, não cessaremos de dizêl-o, não foram gastos pelos acontecimentos de julho. Estão intactos: nós não temos mais, como

em 1815, um enorme resgate que pagar; a guerra não tem devastado nenhuma porção de nosso territorio. Basta pois que sómente se lhes restitua o movimento. A medida que propomos é para isso um meio infallivel, e nós esperamos da sabedoria do governo que ella não ha-de ser desprezada. Que gloria, com effeito, não grangearia a administração actual, si, ao passo que protegesse a paz interna da França como protegeu a do exterior, augmentasse o reddito de raiz de 64 milhões, e o capital de 1,280,000,000 fr.! Nunca administração teria adquirido mais direitos á gratidão publica; e no emtanto isso se póde fazer.

Falta muito, comtudo, para que o genero de trabalhos que acabamos de indicar seja o unico a que se possa recorrer com successo para se empregarem as classes laboriosas, sem se sobrecarregarem os contribuintes e augmentando seu bem-estar. Por que razão, por exemplo, não imitaremos nós o exemplo da Inglaterra, estendendo sobre nosso solo, nas grandes direcções, os ramos de estradas de entalhos? A construcção d'essas estradas teria a immensa vantagem de occupar industrias muito mais variadas que as das estradas ordinarias, e entre outras de avivar um ramo de industria hoje n'uma situação desesperada, a do ferro. Por meio d'este admiravel processo, as grandes distancias seriam vencidas em vinte e quatro horas. Bastaria igual numero de horas para se ir de Pariz a Marselha por um caminho de ferro, e quatorze ou quinze para se ir a Lyão. Hoje o fabricante de Manchester, seguindo os entalhos que se terminam n'esta cidade, vae a Liverpool, que lhe fica distante perto de doze leguas, ahi se demora uma hora na Praça do Commercio, e volta depois para Manchester com a mesma rapidez. Em resumo, vendeu seus algodões trabalhados, comprou os algodões brutos de que tem precisão, e fez perto de vinte e quatro leguas, o todo em tres horas e meia. Estas vinte e quatro leguas foram andadas sem que d'ahi lhe viesse fadiga alguma, porque o carro que o arrebatava, conduzido pela machina de vapor, esta especie de animal que ha creado a industria humana, roda sem abalo sobre os entalhos como um trenó sobre o gêlo de um lago.

De outro lado, as mercadorias não gastariam mais de tres dias para vencerem a distancia de Pariz a Marselha, que os viandantes percorreriam n'um só. É verdade que este transporte se não effectuaria com menos gastos que hoje sobre os canaes, por mar ou pela carretagem; mas não é a economia do tempo

uma economia enorme? Si, em vez de empregar estas vias tão lentas, o negociante effectúa seus transportes por um caminho de ferro, e d'esta maneira accelera as vendas de dous ou tres mezes, claro está que esta volta quasi immediata de seus capitaes lhe permittirá fazer com muito menos dinheiro a mesma somma de negocios. Não ha-de recear, nos entalhos dos caminhos de ferro, ver suas mercadorias detidas por calmarias ou repellidas por tempestades, como no mar, ou presas entre os gêlos, como nos lagos e canaes. Assim pois, um negociante, para despachar suas mercadorias, não teria mais que consultar sinão os misteres dos consumidores, pois que os sulcos dos entalhos seriam accessiveis em todos os tempos. Demais, fizeram-se ultimamente nos Estados-Unidos ensaios para serem diminuidos os gastos d'este modo de transporte. Adaptaram-se vélas aos carros de entalhos, e o vento os impelliu, dizem, sobre essas superficies polidas, como na Russia, sobre os gêlos do Ladoga, faz voar os trenós providos do mesmo apparelho.

Por meio d'estas estradas, a França viria a ser o centro de immenso commercio de transito. A Italia, a mesma Allemanha, mandariam, pelo territorio d'ella, suas expedições aos estados do Norte; porque a Allemanha, desprovida de grandes capitaes e retalhada n'uma multidão de principados que tornam quasi impraticavel a execução de todos os projectos concebidos em extensa escala, ficará ainda muito tempo sem possuir estradas de entalhos. Apressar-se-hiam os trabalhos d'estas estradas, quando a industria privada tivesse menos actividade; seriam sustados, quando ella se tornasse mais activa. Procedendo-se assim, manter-se-hia o preço da mão de obra, e por conseguinte a situação das classes laboriosas, em um nivel quasi sempre uniforme. Os depostos de mendicidade, as casas de refugio e de trabalho estariam mui longe de ter vantagens equivalentes a este grande e util emprego dos braços inactivos.

É pelas grandes estradas que avança a civilisação. Que passos não daria ella nos caminhos de ferro! Em breve todos os nossos habitos se nivelariam pela multiplicidade e promptidão das communicações. Os idiomas e até os accentos de provincia viriam a desapparecer. Versailles não estaria mais que a meia hora do Opera, e se acharia mais proximo d'elle do que o suburbio Santo Antonio; Rambouillet não estaria distante de Pariz sinão uma hora e um quarto, e Orleans tres horas e meia. Alêm d'isso, estamos talvez em vespera de alcançar

communicações ainda mais rapidas. Homens cujo nome inspira toda confiança, e que parecem ter demasiada lealdade para enganarem os outros e demasiadas luzes para se enganarem a si mesmos, estão convencidos de haverem descoberto o grande problema da direcção das machinas aerostaticas; descoberta immensa, si é real, e que tão poderosa influencia deve exercer sobre os destinos da especie humana como a descoberta da bussola, da polvora e da imprensa. Em primeiro logar, despedaçará todos os laços do systema mercantil, pois que tornará quasi impossivel o serviço das alfandegas.

Mas basta sobre os trabalhos geraes que podem com vantagem ser executados em França. Fallemos agora dos que contribuiriam mais essencialmente para a tranquillidade de Pariz, e, por consequencia, dos que conviria executar em seu recinto. Não percamos de vista que o problema que se tem de resolver não consiste sómente em fazer-se trabalhar os operarios, sinão, ao passo que se lhes der occupação, em pôr-se a juros com grandes interesses o dinheiro dos contribuintes. Quando este dinheiro é empregado em trabalhos de luxo, releva considerar que é um capital cujos interesses são perdidos. Si pois, pondo-o assim a juro, se tem momentaneamente alliviado as classes laboriosas, não succede isso sinão multiplicando-se os relances funestos do futuro, pois que com tal operação a sociedade se acha empobrecida. Estas verdades parecerão incontestaveis a todo espirito justo, ainda mesmo quando fôsse elle hospede em sciencia economica. Julgamos ter descoberto para vinte milhões trabalhos que emprehender, que satisfazem inteiramente a esta dupla condição. Nossos leitores vão ajuizar.

E em primeiro logar, durante a curta administração a que fizemos allusão no principio d'este artigo, haviamos formado o projecto de provocar a construcção de quarenta e oito pretorios destinados ao alojamento das secretarias e dos commissarios de policia. Estes edificios, construidos segundo um desenho elegante, simples e severo, seriam distribuidos entre os diversos bairros, cujo centro occupariam quanto fôsse possivel. Em cada pretorio se achariam a secretaria e o alojamento do commissario de policia, o de seu secretario e do inspector, um posto de bombeiros, outro para a guarda nacional ou tropa de linha. Alêm d'isto, seriam ahi alojados um tambor da guarda nacional e o porta-campainha do commissario de policia, que seria o guarda-chaves do pretorio. Sente-se como, com o auxilio d'esse

projecto, a repressão dos delictos que compromettem a segurança das pessoas e das propriedades, n'uma cidade onde se vêm reunir tantos malfeitores, seria prompta e energica. A precisão que se experimenta de um commissario de policia é quasi sempre precisão do momento. Hoje não se sabe bem onde encontrar esses funccionarios, cujas moradas nada têm que os assignale. Os commissarios estão tambem expostos a mudar muitas vezes de casa, visto que a natureza de seus deveres torna sua visinhança assaz incommoda. D'ora em diante, si este projecto fôsse acolhido pelo conselho municipal, o aspecto uniforme dos alojamentos que habitassem os commissarios de policia indical-os-hia a todos os cidadãos. Demais, hoje, quando alguem vae reclamar o ministerio d'estes magistrados, acha-os desarmados e privados de toda especie de meios de força e de repressão.

Para nos convencermos de todas as vantagens que teria esta medida, basta que calculemos que Pariz encerra mais de 7,000 malfeitores, vivendo de todos os generos de furtos. Supponhamos que cada um d'esses 7,000 malfeitores agencia pelo furto uma somma media de 2 fr. por dia, resulta d'ahi que Pariz se acha imposto por esses miseraveis em uma somma quotidiana de 14,000 fr., pouco mais ou menos, ou 5,100,000 fr. por anno. Supponhamos, alêm d'isso, e esta hypothese seguramente nada tem de exagerado, que a actividade, a energia, os meios de acção da policia, reduzem um quinto no producto dos furtos, a cidade ou seus habitantes lucrariam uma somma annual de mais de 1,000,000 fr. Assim pois, ainda quando, para se chegar a esta reducção do producto dos furtos, ella supportasse cada anno um excesso de despesas de 48,000 fr., mesmo assim faria excellente negocio.

Alêm d'isso, vae-se ver, por calculos menos contestaveis que estes, que definitivamente a construcção d'esses edificios não custará nada ou mui pouca cousa á caixa municipal. De um orçamento e de um desenho que tinhamos mandado fazer por um architecto de muito talento * resulta que a despesa media de cada um d'esses edificios se elevaria pelo mais a 55 ou 60,000 fr. Ora, como, n'este mo-

---

* O Snr. Gau, a quem se deve a continuação da grande obra da Commissão de Egypto, e da de Mazois sobre as Ruinas de Pompei.

mento, os commissarios de policia moram á sua custa, e, segundo o nosso projecto, morariam de graça, nada por certo seria mais justo do que reter-se sobre o salario de cada um d'elles uma somma de 1,000 fr., que é, pouco mais ou menos, o meio termo de seu actual aluguel. Estes 1,000 fr. representam, a 5 por cento, um capital de 20,000 fr. Haveria ainda, para o mesmo objecto, outra economia que fazer-se. Concedem-se indemnidades de 100 a 250 fr. a alguns commissarios que habitam bairros onde os alugueis são de subido preço. Essas indemnidades prefazem uma somma annual de 12,000 fr., seja um capital de 240,000 fr., que tambem poderia ser inteiramente supprimida. Como nos pretorios seriam igualmente alojados o secretario do commissario de policia e seu inspector, sobre os salarios reunidos d'estes dous funccionarios poder-se-hia fazer uma retenção annual de 500 fr., que, sempre calculada na mesma taxa, representaria 10,000 fr. Emfim, a cidade não teria mais que pagar aluguel para os corpos de guarda de linha e dos bombeiros, ou, o que vem a dar no mesmo, poderia dispôr dos locaes que lhe pertencem, e que são actualmente occupados por esses corpos de guarda. Contando-se sómente esses alugueis por 500 fr. para os dous, avaliação que é seguramente muito baixa, ter-se-hia ainda que metter em linha de conta uma somma de 10,000 fr. para cada pretorio. Em resumo, o estabelecimento de cada pretorio será, para a cidade, a occasião de uma economia annual de 2,500 fr., que, é verdade, se acharia compensada por uma despesa de 45,000 fr., pois que os 10 ou 15,000 fr. que excedem seriam, no nosso systema, supportado pelos fundos do thesouro. Com effeito, um commissario não é sómente magistrado municipal, é tambem magistrado politico: portanto, é natural que o governo contribua com sua parte para uma despesa que deve fortalecer sua acção.

Quanto á parte relativa á cidade, que se elevaria, para os quarenta e oito pretorios, a uma somma total de 2,160,000 fr., é evidente que, no actual estado de suas finanças, ella os não poderia pagar. Porêm facil lhe seria cobrir esta despesa com um emprestimo. Procedendo assim, não faria pelo facto sinão pagar em interesses o que hoje paga em augmento de salarios ou em alugueis. Assim pois, sua posição não seria mudada. Ella poderia igualmente, e até seria essa

a melhor combinação, pagar o aluguel d'estes quarenta e oito edificios aos empresarios que os houvessem construido. Operaria seu resgate successivo por meio de uma somma annual de 48,000 fr., que, operando em interesses compostos como os fundos da amortisação, effectuaria o resgate no espaço de vinte e cinco annos, pouco mais ou menos, no fim dos quaes a cidade se acharia sua proprietaria exclusiva.

Ha pouco se viu qne o todo d'estes trabalhos custaria 2,880,000 fr., cujo terço pouco mais ou menos, ou 960,000 fr., seria empregado em mão de obra. Esta somma, repartida em salarios de 3 fr. por dia, permittiria empregar quinhentos operarios durante perto de dous annos.

Resta-nos ainda propôr outra medida, que será igualmente util ás classes laboriosas e á policia de Pariz. Varios serviços, que dependem directamente da prefeitura de policia, estão collocados em sitios cujo aluguel é pago pela cidade. Este arrendamento lhe custa cerca de 12,000 fr., que representam um capital de 240,000 fr. Tal dispersão dos serviços da prefeitura tem gravissimos inconvenientes: dá logar a correspondencias mui longas que retardam a expedição dos negocios, que seriam grandemente accelerados por communicações pessoaes e verbaes. È facil remediar estes inconvenientes com mui poucos ou sem gastos. A tal respeito, eis o nosso plano.

Na dianteira do jardim da prefeitura seria construido um edificio de um só andar, que serviria de morada ao prefeito e de gabinete particular. Este edificio desenharia uma arcada ácima da sahida da rua de Jerusalem sobre o caes, e por conseguinte não o interceptaria. Não pensamos que a construcção d'este edificio, para o qual se não teria de comprar terreno, devesse custar mais de 300,000 fr. Desgraçadamente não seria essa a unica despesa que teria de ser feita. Seria indispensavel comprar tres ruins casas da rua de Jerusalem, cuja acquisição talvez custasse 200,000 fr., pouco mais ou menos. Assim pois, o gasto total seria de 500,000 fr. Eis-aqui qual seria a compensação.

Primeiramente, justo nos pareceria que o governo carregasse com o terço d'esta despesa, ou com 170,000 fr., pouco mais ou menos; o resto, ou 330,000 fr., seria representado: 1.°, pela suppressão dos alugueis de 12,000 fr.; 2.°, pela suppressão de uma dezena de empregados inutilisados pela concentração dos serviços, e que, na hypothese de que recebessem

um salario medio de 2,000 fr. cada um, deixaria disponivel um fundo annual de 20,000 fr. Estas duas sommas reunidas fariam uma de 32,000 fr., que representaria um capital de 640,000 fr. Por meio d'este fundo annual, se pagariam os juros do emprestimo contrahido para se fazerem essas construcções; ou então, procedendo-se como foi proposto para os pretorios, pagar-se-hia ao empresario o interesse de suas despesas. O excedente serviria para o reembolso successivo dos gastos de construcção; reembolso que se effectuaria com bastante promptidão pela potencia do interesse composto. D'esta maneira, teria a prefeitura adquirido uma capacidade de grandeza sufficiente para receber todos os serviços que d'ella estavam destacados. Ao mesmo tempo perderia o hediondo aspecto que hoje tem, e que concorre para se entreterem os preconceitos vulgares que existem contra essa magistratura injustamente diffamada, e que, nas mãos de um homem esclarecido e honrado, póde tornar-se uma das mais uteis de toda a França. Dir-se-hia, com effeito, que só um ente malfazejo póde habitar essa medonha morada, á qual conservaram a apparencia de um carcere, e que parece o symbolo da policia tal qual a concebem geralmente. É incrivel, de veras, que, desde mais de trinta annos, se não tenha tentado melhorar a morada de um magistrado que marcha igual com o primeiro funccionario da capital do reino! O que não é menos incrivel é que se hajam despendido 1,800,000 fr. com a mantença d'essas miseraveis construcções, uma parte das quaes ameaça ruina. Com a mesma somma se teria levantado um magnifico palacio.

Cidadãos esclarecidos reclamavam tambem desde muito tempo que se pozessem tubos ou canos para o escoamento das aguas pluviaes. Tinhamo-nos apressado em acolher seus votos a este respeito, e fazer preparar uma ordenança para a execução de taes trabalhos.

Calculou-se que o metro corrente de goteira e de tubo, posto em seu logar, vale hoje 3 fr. 90 cent., valor qne se decompõe do modo seguinte: 1 fr. 6 cent. em materia, e 2 fr. 74 cent. em mão de obra de toda especie. Póde-se avaliar o comprimento medio de uma casa de Pariz em 13 metros. Uma casa d'esta dimensão exigiria portanto 13 metros de goteiras e outros tantos de tubos. A despesa do proprietario seria de 100 fr. para 26 metros a 3 fr. 90 cent.; somma seguramente muito leve para uma casa com treze metros de fachada para a rua.

D'esta somma, a despesa de mão de obra será, segundo as bases do calculo que acabamos de estabelecer, de 71 fr. 24 cent. Ora, sobre 27,000 casas que em Pariz se contam, os dous terços deitam directamente suas aguas para a via publica. Seria portanto de mister applicar estes apparelhos a 18,000 casas. D'esta maneira se derramariam ainda 1,282,320 fr. pela classe laboriosa. A 3 fr. por dia, esta somma procuraria trabalho a 2,800 operarios por espaço de cinco mezes.

Nada tambem seria mais conforme com o interesse dos proprietarios. No actual estado das cousas, as aguas pluviaes ennegrecem e alteram as paredes sobre as quaes as impelle o vento, apodrecem os caixilhos das vidraças, damnificam as pinturas das dianteiras de lojas, obrigam os que as habitam a uma mão de obra consideravel para lhes alimparem os accessos; emfim, infiltrando-se a travéz dos intersticios das lages dos passeios e das pedras das ruas, apressam o abalo dos alicerces. Este prejuizo é de certo muito superior aos 5 fr. que fazem o interesse da somma de 100 fr. que, termo medio, seria empregada na construcção do apparelho de cada casa. Assim, estes trabalhos teriam realmente a vantagem de occupar as classes laboriosas, sem sobrecarregar os contribuintes, ou antes poupando seus interesses.

Teriam tambem grandissima vantagem para a circulação, a de restabelecêl-as nos passeios em tempos de chuva. Hoje, quando chove, a agua suja que escorre dos telhados obriga a passar-se pelo meio da rua, posto que o accrescimo do numero das seges que ahi circulam a faça menos praticavel: resulta que os passeios cessam de servir, no momento mesmo em que mais uteis seriam. Por isso cumpre considerar o estabelecimento dos canos como a consequencia necessaria da dos passeios.

Resta-nos expôr um projecto que é ainda muito mais importante, pois determinará uma mão de obra mais consideravel, o de se terminar o palacio do caes d'Orsay, que, na origem, fôra destinado a servir de secretaria ao ministro dos negocios estrangeiros. Em nosso plano, esta operação se póde fazer sem que ao governo nada custe, e mesmo conseguindo-se grandissimas vantagens. É o que nos será facil estabelecer.

Avalia-se em quatro milhões, pouco mais ou menos, a despeza necessaria para o acabamento d'este palacio. Uma vez terminado, collocar-se-hia n'elle o ministro da fazenda. Porêm, como seria impossivel que a totalidade de escriptorios podesse

ahi accommodar-se, lançar-se-hia mão de uma parte do quartel visinho, prolongando-o sobre a rua de Lille, onde as actuaes construcções são elevadas sómente de um andar. Levantando-se nos terrenos do quartel Belle-Chasse, o ministerio da guerra recuperaria o que houvesse perdido no caes d'Orsay.

Para que sempre os escriptorios estivessem á mão do ministro, como estão hoje, seriam reunidos ao palacio d'este ultimo por uma ponte leve de ferro lançada sobre a rua de Poitiers, ou melhor ainda por um corredor ou passadiço subterraneo. Admittamos que o todo d'estes trabalhos, comprehendidos o acabamento do palacio, a construcção dos edificios que se hão-de levantar nos terrenos da rua de Belle-Chasse e os gastos de mudança, custasse sete milhões; vae-se ver quão facil seria achal-os sem se gravar o contribuinte. Eis-aqui de que maneira:

Por meio da translação do ministerio da fazenda para o caes d'Orsay, ficariam disponiveis os cinco palacios do ministerio actual. Esses palacios de certo não têm character algum monumental, nada que annuncie a presença de um grande ministerio, do ministerio da fazenda e do thesouro de uma população de trinta e tres milhões de habitantes; estão porêm maravilhosamente dispostos para virem a ser grandes e soberbas locandas mobilhadas. Os duzentos ou quinhentos quartos que ahi se acham ou que seria facil praticar, allugados a 1 fr. por quarto, avaliação mui diminuta no mais bello, mais sadio e mais agradavel bairro de Pariz, produziriam uma receita de 1,500 fr. por dia, ou 547,500 fr. por anno. A esta somma seria mister ainda ajuntar o aluguel de 120 lojas que se disporiam sob as arcadas exteriores e sob as do pateo central, e que todas seriam providas de um armazem interior e de uma sobreloja de dous quartos. Suppondo que fôssem essas lojas alugadas por 1,500 fr. cada uma, dariam um producto annual de 180,000 fr., que, reunidos á somma ácima, fariam um rendimento total de perto de 730,000 fr., ou de 700,000 fr., contando-se 30,000 fr. de dividas mal paradas cada anno. Dir-se-ha que essas lojas se não alugariam de uma maneira vantajosa? Parece-nos entretanto que em parte nenhuma o commercio de retalho teria mais alternativas de successo. Com effeito, deve-se calcular que perto de 2,000 pessôas, contando a população das lojas, seriam repartidas por estes cinco palacios. Ora, sobre este numero, os dous terços se comporiam de uma

população essencialmente compradora, pois que seria uma população exotica, movel, renovando-se de continuo e vindo a Pariz em parte para fazer compras de mercadorias. Como não prosperariam n'este bazar os estalajadeiros, os cafés, as modistas, as fanqueiras, os alfaiates, etc., independentemente mesmo de sua freguezia nos bairros visinhos? Haveria, alêm d'isso, um meio facil e pouco dispendioso de se augmentarem mais todas as suas alternativas favoraveis; seria, durante a má estação, collocarem-se vidraças sob os arcos das galerias: d'esta maneira, essas galerias se tornariam um aprazivel e commodo passeio de inverno, que teria tanto mais successo, por isso que seria o unico em Pariz.

Uma vez operada a translação do ministerio para o caes d'Orsay, poder-se-hiam alugar os cinco palacios a diversos especuladores e applicar o importe d'estes alugueis á amortisação do capital das novas construcções. Esta amortisação seria operada n'uma duzia de annos, e o dominio publico gozaria então de um reddito de 700,000 fr. que lhe não teria custado nada. Poder-se-hiam tambem, e este plano nos parece favoravel, vender esses palacios por dez ou doze milhões. N'esta hypothese, depois de estarem pagas as despesas feitas no caes d'Orsay e na rua de Belle-Chasse, dispôr-se-hia ainda de uma somma de quatro milhões, pouco mais ou menos, que se empregariam em outros trabalhos. Assim, n'esta duplice hypothese, haveria enorme lucro para o thesouro sem nenhum onus para os contribuintes. E entretanto se teria concluido um palacio que viria a ser uma das mais magestosas condecorações da cidade de Pariz, e que, presentemente, afflige a vista pelo aspecto de suas prematuras ruinas; ter-se-hia n'elle collocado a mais consideravel de nossas administrações publicas, que, d'este ponto, communicaria facilmente com a outra margem pela Ponte Real e pelas duas novas pontes lançadas sobre o Sena, cuja construcção poderia a cidade tomar a seu cargo, porque ellas seriam o principio de um bom rendimento, por meio das portagens que se estabelecessem, e do accrescimo das passagens que determinaria o estabelecimento do ministerio da fazenda na outra margem. Collocado d'esta maneira, esse ministerio não ficaria mais affastado da Praça do Commercio e do Banco do que hoje está. Porêm sua presença na margem esquerda não contribuiria menos para reanimar um bairro cujos in-

teresses soffrem pela deserção de seus hospedes habituaes. No emtanto o da rua de Rivoli estaria longe de soffrer com esta combinação. De tarde, pelo contrario, elle perderia o aspecto sombrio e solitario que tem hoje, porque todas as suas aberturas se cobririam de fogos á chegada da noite. N'esse momento do dia, tornar-se-hia ainda mais brilhante, mais animado do que antes de pôr-se o sol. Tambem se sente quanto seria facil aformosear o pateo central d'este edificio, introduzindo n'elle relva e aguas.

Mais ácima vimos que, feitas estas despesas, nos restaria um excedente de quatro milhões. Poderiam elles ser empregados: 1.°, no pagamento da somma de 576,000 fr., que o governo tomaria a seu cargo para os pretorios; 2.°, no reembolso da somma de 170,000 fr., que elle teria igualmente dado para a construcção do novo edificio na prefeitura de policia; 3.°, no pagamento de uma parte das despesas que occasionaria o prolongamento da galeria parallela ao Museu, para ser n'ella collocada a Bibliotheca nacional, porquanto, a nosso ver, esse é o seu logar natural. E como, n'esta hypothese, o actual edificio da Bibliotheca ficaria vago, poder-se-hia vender por mui subido preço esse local immenso, que, affectado a construcções particulares, daria vida a uma grande parte da rua Richelieu, e tornaria inuteis as construcções massiças que ameaçam hoje tirar a rua Vivienne seu movimento e sua alegria. Alêm d'isso, affectando-se o preço da venda d'esse edificio, que não poderia ser abaixo de 7,000,000 fr., ás despesas que acarretaria a juncção definitiva do Louvre com as Tuileries, o acabamento d'este grande projecto custaria ao estado muito menos do que se suppõe.

Com effeito, cumpre observar que o dominio publico ou o da corôa possue já uma porção dos terrenos da praça projectada. Poder-se-hia tambem compensar uma parte dos gastos que custaria a acquisição dos outros, autorisando-se, mediante uma retribuição, que seja no centro construida uma grande sala de theatro, a do Opera, por exemplo. Esta construcção começaria na altura do postigo onde a galeria muda de desenho, afim de se disfaçar essa irregularidade. Ella teria alêm d'isso a vantagem de reduzir o tamanho exagerado da praça, e de occultar o deffeito do parallelismo do pavilhão central das Tuileries e da entrada do rectangulo do pateo do Louvre.

Estabelecido n'este ponto quasi central, o Opera se tornaria mais facilmente accessivel a todos os bairros de Pariz do que na sua posição actual, que, em summa, é só provisoria. Porêm, levantando-se este edificio, seria preciso procurar evitar a perpetua reproducção d'esse plano dos templos gregos, que muitos de nossos architectos imitam sempre em suas construcções monumentaes. Seria tempo que elles sahissem emfim das estradas batidas, que tomassem a peito apropriar os edificios que construem aos costumes, aos misteres, as conveniencias das populações modernas, e que se não limitassem mais a copiar servilmente dous ou tres typos da antiguidade; typos admiraveis sem duvida, porêm em desharmonia com nossos habitos. Um templo grego collocado entre as galerias do Louvre produziria, pela dissonancia de seu estylo com o de suas galerias e do castello, um contraste repugnante. O d'essa grande eschola de Vicença, de que Palladio foi fundador e gloria, se harmonisaria muito mais com estas construcções. Este é o estylo que se deveria fazer que prevaleça, porque, ao passo que guarda um aspecto monumental, a facilidade com que se amolda a todos os nossos habitos lhe tira esse character de decoração que conservam as imitações servis da architectura grega. O grande Frederico, que tinha mais genio que gosto, como o prova o tempo que elle empregava em compôr maus versos francezes, mandou imitar em Berlin varios dos mais belos modellos da architectura antiga. Taes edificios dão a essa cidade não sei que de falso, de emprestado, de artificial. Ella offerece alguma cousa d'esses fundos de quadros em que o pintor Martins amontôa, com mais grandeza que verosimilhança, innumeraveis columnas, porticos, galerias de todas as dimensões, como si fôsse em palacios que habitasse o povo das cidades. * No fim das alamedas das Tilias se acha em Berlin um velho palacio construido por um discipulo de Palladio, no reinado de um margrave, antepassado de Frederico: esse edificio é, quanto a nós, de um effeito mil vezes mais magestoso do que

---

* *Vede*, no ALBUM BRITANNIQUE, uma avaliação do talento d'este pintor célebre, acompanhada de duas vinhetas onde são reproduzidos dous de seus quadros mais insignes: a *Setima Praga de Egypto* e a *Dedicação de Curtius*.

toda essa architectura pseudo-grega com que este ultimo o rodeou. Mas voltemos a nosso plano.

O novo Opera poderia ter duas fachadas, uma das quaes serviria de entrada a uma vasta sala de concerto. Poder-se-hia ainda augmentar a magnificencia e graça das construcções que de todas as partes se offerecessem aos olhos do observador, cercando-se o novo Opera com um elegante xadrez de relva, mas do qual a acacia, que reproduz quasi em nossos climas o agrado da larangeira, por seu perfume delicado e suas fórmas arredondadas, seria a haste mais elevada, porque se deveria evitar o erro, commettido muitissimas vezes pelos architectos, de quebrar ou mascarar a pureza das grandes linhas architecturaes com massiços de relva. Este erro não foi evitado no largo da Praça do Commercio: em vez de recuarem para junto das casas, afim de lhes encobrir o aspecto muito burguez, as arvores que ahi estão plantadas approximaram-as do parallelogrammo formado por este edificio. Quando o Opera estivesse estabelecido na praça do Carrousel e a Bibliotheca nacional na galeria parallela ao Museu, esta praça se tornaria de alguma sorte a metropoli, o centro das artes, como o é já ou quasi o da cidade. Ahi se encontrariam ao mesmo tempo os immensos archivos do pensamento humano; o deposito d'esses restos da estatuaria antiga consagrados e conservados pelo tempo, e das maravilhas produzidas pelas artes do desenho entre os modernos; e emfim, para completar este todo, de noite, a musica faria ouvir suas mais maviosas e suas mais nobres inspirações. Que residencia poderia então convir mais ao chefe supremo de um povo engenhoso que a das Tuileries, collocada entre dous jardins e no centro dos monumentos de todas as artes!

Em geral, não se trata com bastante zelo de introduzir-se verdura no interior de nossas cidades. Varias de nossas praças deveriam ser convertidas em *squares*, como as da Gran-Bretanha. Arvores, flôres, seriam mui certamente o ornato mais elegante e menos despendioso que possam ellas receber. Demais, essa despesa seria compensada pela diminuição dos gastos do calçamento, que seriam consideravelmente reduzidos. Tambem se deveria guarnecer a via de alguns de nossos caes, cuja largura é sofficiente, de uma dupla linha de arvores que protegessem os caminhantes contra os ardores do sol e contra a chuva. Mas seria preciso dar a pre-

ferencia ás arvores que têm menos elevação, para se não encobrirem aspectos admiraveis. Estes caes se tornariam assim os mais agradaveis de nossos passeios. Com effeito, o que lhes faltaria para o serem ? Teriam a relva, as flôres e os perfumes da acacia, as aguas de um bello rio, e, aqui e alli, fabricas monumentaes. O mesmo genero de decoração seria tambem introduzido com successo em algumas de nossas ruas, por exemplo, nas de Castiglione e da Paz. Poder-se-hiam igualmente plantar acacias na rua de Rivoli, onde estas arvores, com uma folhagem muito circumscripta para entreter a humidade, temperariam comtudo o calor muitas vezes excessivo das galerias cobertas. Poder-se-hia começar por plantar o caes das Tuileries entre a Ponte Real e a ponte Luiz XV, que é quasi inaccessivel no tempo do verão e mesmo na primavera, por causa da intensidade do calor reflectido pelas longas muralhas sem abertura do terrado. Estas arvores teriam demais a vantagem de fazer desapparecer a brancura monotona d'esses muros. Não se póde imaginar que felizes modificações receberia Pariz da applicação successiva d'esta idéa. Na Allemanha, em muitas cidades, taes como Leipsick, Dusseldorf, etc., cujas antigas fortificações foram destruidas, tirou-se proveito com excellente gosto dos movimentos de terreno que apresentam estas obras, para convertêl-as em jardins pittorescos ; de maneira que, por qualquer lado que a essas cidades se chegue, passa-se a travéz de um tecido de flôres e verdura que muitas vezes formam, no interior das ruas e das praças publicas, profundas e encantadoras Saliencias.

No sentido da saude publica, estas plantações teriam grandissimas vantagens. Substituiriam utilmente os jardins em cuja destruição incessantemente se prosegue no interior dos bairros; destruição que, sem esta compensação, teria graves inconvenientes. Ha alguns annos, a autoridade local, querendo melhorar, em Rochefort, a salubridade da cidade, muito compromettida pela visinhança de aguas estagnadas e pantanosas, mandou guarnecer de linhas de arvores as ruas principaes; e este meio lhe aproveitou perfeitamente.

Em resumo, por meio das combinações que mais ácima haviamos proposto, ter-se-hiam creado para mais de 19,000,000 fr. de trabalhos, dos quaes 10,000,000, pouco mais ou menos, seriam empregados em mão de obra que, n'um termo medio de 3 fr. por cabeça, occupariam 5,000 operarios durante

perto de dous annos e meio; mas esses operarios por seu turno fariam trabalhar muitos outros, porquanto o pobre que trabalha consome muito mais do que o pobre desoccupado. A somma de 19,680,000 fr. se dividiria como se segue:

1.°, 2,880,000 fr. para a construcção de quarenta e oito pretorios;

2.°, 300,000 fr. para um novo edificio na prefeitura de policia;

3.°, 4,000,000 fr. para o acabamento do palacio do caes d'Orsay;

4.°, 1,200,000 fr. para a construcção de um novo edificio nos terrenos do quartel do caes d'Orsay.

5.°, 1,800,000 fr. para as construcçoes nos terrenos do quartel Belle-Chasse;

6.°, 9,500,000 fr. para o prolongamento da galeria parallela á do Louvre.

Sente-se quão longe estão estes algarismos de ter uma exactidão rigorosa; porêm, n'este momento, bastam-nos as massas, e estamos convencido de que um exame mais rigoroso d'estes projectos não serviria sinão para fazer mais fortemente sobresahir suas vantagens pecuniarias.

Mas, posto vejamos a salvação da França nos trabalhos que conseguirá crear a habilidade da administração, julgamos todavia dever propôr algumas objecções contra um projecto cuja execução acarretaria enorme despesa, e cujas vantagens nos parecem mui contestaveis. Queremos fallar da rua que se trata de fazer para se communicar directamente o Louvre com a barreira do Throno.

Em primeiro logar, seria de mister uma utilidade bem grande, bem manifesta, para compensar uma despesa de 16 milhões, que é, dizem, o algarismo a que se elevaria a abertura d'esta rua. Termo medio, executam-se tres leguas de estrada com menos de cem mil francos, comprehendida a acquisição do solo; o que faz 33,000 fr. por legua, pouco mais ou menos. Assim pois, com um milhão se fariam mais de trinta leguas, e com dezeseis mais de quinhentas. Por conseguinte, com esta somma se poderiam construir duas estradas que atravessassem a França em todo o seu comprimento; o que, de certo, teria muitos outros resultados para a prosperidade geral do paiz, que não a abertura de uma só rua, e o que não daria menos trabalhos aos braços que d'elles carecem.

Em segundo logar, essa rua, mesmo pela direcção que se lhe desse, teria dous graves inconvenitenes: 1.°, o de vir dar em um becco sem sahida, que é o Louvre; 2.°, o de estar muito perto do rio. Resulta d'aqui que as claridades que se dessem para abril-a seriam de mediocre utilidade, pois que só se tocaria em bairros que, por causa de sua proximidade dos caes, poderiam ser facilmente arejados por meio de aberturas lateraes muito menos dispendiosas e muito mais efficazes. Por isso receariamos mui seriamente que esta visinhança dos caes não retardasse muito n'esta rua a contrucção das casas: d'onde se segue que, abrindo-a, não se teria talvez feito sinão amontoar ruinas sobre ruinas. Demais, esta via favoreceria tanto menos as communicações, pois que se continuam com actividade os trabalhos do alargamento dos caes.

Uma abertura que teria mui diversa utilidade em ser feita, e que seria muito menos dispendiosa, é a prolongação da rua Saint-Honoré ou da rua da Féronnerie, que iria reunir-se á do suburbio Santo Antonio, e que, por conseguinte, estabeleceria uma communicação directa entre a barreira do Throno e a do Roule. Quantas vantagens não teria esta grande communicação sobre aquella contra que acabamos de propôr objecções! Collocada já a uma não pequena distancia do caes, ella faria girar o ar nos bairros que soffrem immensa falta d'elle. Seguindo-a, logo se chegaria ao Marais, que não parece tão distante sinão porque com elle se communica sómente por meio de pequenas ruas mui difficeis, e mesmo muito perigosas, por causa do atravancamento das seges. Esta rua passaria pelas Praças de Mercado; e, por conseguinte, as producções do campo, do lado de Vincennes, lhes chegariam em linha recta. Resulta que quatro grandes vias, prolongadas até as extremidades de Pariz, viriam terminar n'este mercado central: 1.°, a nova rua e sua prolongação pela rua Santo Antonio; 2.°, a rua Saint-Honoré e sua prolongação pelo suburbio do mesmo nome e pelo do Roule; 3.°, a rua e o suburbio Saint-Denis; 4.°, a rua Saint-Denis e seu prolongamento pelo suburbio Saint-Jacques.

Lembra-me que, achando-me um dia no Conselho de Estado, Napoleão fallava de projectos de trabalhos que lhe haviam sido submettidos. « Os architectos, dizia elle, não sabem sinão propôr-me palacios. É de mercados, de praças de mercado que eu preciso. As praças de mercado são o Louvre do povo. »

È a este Louvre que chegaria a rua que propomos. Esta grande obra seria, a nosso ver, muito mais digna de ter o nome do nosso rei, estaria muito mais em harmonia com sua alta razão e suas sympathias populares, do que uma rua monumental e de puro luxo. Quanto tambem se não acharia diminuida a despesa! A abertura não começaria, no nosso systema, sinão pela altura da rua Saint-Denis; emquanto que, no outro, começaria na praça de Saint-Germain-l'Auxerrois. Alêm d'isso, a cidade seria muito mais promptamente iudemnisada de seus cabedaes adiantados, porque haveria empenho necessariamente em construir n'uma direcção que de algum modo viria a ser seu eixo e sua grande linha de secção, e ella encontraria já uma primeira indemnidade de seus avanços nas cobranças que fizesse sobre os materiaes dos novos edificios. Encontraria igualmente outra indemnidade muito mais consideravel em suas percepções sobre os consumos das classes operarias empregadas n'estes trabalhos. A unica objecção que contra esta rua se poderia fazer é que ella não seria perfeitamente direita. Quanto a nós, estamos longe de crer que, no interior das cidades, a linha recta seja sempre a mais curta. Estas direcções inflexiveis têm muitas vezes o grave inconveniente de apartar pontos importantes, para levar a pontos que mui pouco o são. Mas nós insistiriamos muito para que a nova rua, que de alguma maneira seria uma das grandes arterias de Pariz, tivesse uma largura mediana mais consideravel do que a de muitas das partes da rua Saint-Honoré. Emfim, em apoio de nosso projecto, observaremos mais que esta rua estabeleceria uma communicação quasi tão prompta e tão facil entre a barreira do Throno e o Louvre como a rua que se trata de abrir. Para isso bastaria alargar-se a pequena rua das Poulies, que da praça do Louvre vae á rua Saint-Honoré.

Infelizmente muito receamos que todos os projectos que acabamos de expôr não recebam execução. Dever-se-ha culpar d'isso menos os administradores que a administração mesma, ou antes seu modo de organisação.

Com effeito, durante os nossos quinze annos de paz, Pariz tomou prodigioso desenvolvimento. Sua população cresceu mais de um terço, e a massa de seus negocios perto do dobro. D'ahi se segue que duas magistraturas municipaes, que outr'ora bastavam, se têm tornado agora insufficientes. Hoje, o prefeito do Sena e o prefeito de policia succumbem sob o peso

dos pormenores. Por isso lhes não sobra mais tempo algum para a meditação, essa meditação que fecunda o pensamento do administrador, assim como o do philosopho e do sabio. Perguntavam um dia a Newton como elle tinha achado o systema do mundo: « Pensando muito n'isso, » disse elle. È tambem pensando muito que em administração se cria e se melhora. Por isso cremos que, no interesse d'esta grande capital, seria de mister alliviar os dous prefeitos de uma parte de seus encargos, que seriam confiados a um terceiro magistrado collocado na mesma ordem que elles. Esse magistrado seria o edil de Pariz, porêm sob outra denominação, pois que este titulo demasiado classico não faria talvez fortuna hoje. Poder-se-hia, por exemplo, chamal-o *intendente dos edificios e da salubridade.* Com tal titulo, elle teria os trabalhos publicos, os trabalhos executados á custa da cidade, bem como os que o fôssem á custa do governo, pois que a concentração da alta direcção d'estes trabalhos nas mesmas mãos nos parece muito util até mesmo indispensavel. Tomaria de mais do prefeito do Sena a grande inspecção das ruas, e a pequena do prefeito, da policia: hoje a repartição d'estas duas funcções entre os dous prefeitos dá logar a continuas perplexidades. Tomaria tambem a salubridade, serviço que, durante a invasão possivel do cholera-morpus, viria a ser da mais alta importancia. O prefeito de policia conservaria ainda a policia politica e a de segurança; ellas bastariam indubitavelmente para occupar o magistrado investido d'essas funcções. Quanto ao prefeito do Sena, elle conservaria a execução da lei do recrutamento e da guarda nacional, a administração do fisco da cidade, os hospitaes, etc., etc.

Desejamos bem vivamente que o governo do rei se utilise da nova organisação municipal que Pariz deve receber, para n'ella introduzir uma magistratura que tão poderosamente contribuiu para o bem-estar e esplendor de Roma, e que não é menos necessaria á capital da França, tão vasta e mais rica por sua industria do que o era Roma pelos espolios da conquista.

Dir-se-ha talvez que a creação d'este novo emprego augmentaria mais as despesas municipaes de Pariz, já tão consideraveis. Sem duvida, porêm sómente do importe do ordenado que se assignasse áquelle quo fôsse d'elle encarregado, pois que o pessoal dos escriptorios que pertenceriam á sua alçada existe já na prefeitura do Sena ou na de po-

licia. O thesouro deveria alêm d'isso carregar com a metade d'esse ordenado. Fixado em 30 ou 40,000 fr., elle seria pouco oneroso á cidade.

Demais, é tempo que saiamos d'estas considerações mesquinhas e acanhadas. Não se regula a despesa de uma grande nação como a de uma pequena familia. Durante muito tempo nos gabaram sobre palavra a economia dos Estados-Unidos: quizemos examinar até que ponto era fundada esta asserção, e conhecemos que era, pelo contrario, um dos governos mais dispendiosos esse pretendido governo barato; e que, emquanto em França o contribuinte pagava um meio termo de 31 fr. pouco mais ou menos, nos Estados-Unidos pagava um de mais de 35 fr., ou quasi um sexto mais. As economias mais reaes são as despesas bem entendidas. Emquanto a commissão do budget examinava com severa attenção as reducções que proporia nos ordenados, nós prediziamos que a tal respeito ella poderia apenas reduzir 3,500,000 fr., e que, para chegar a este algarismo, seria preciso inquietar muitas existencias e mesmo muitos serviços. Deve-se evitar com cuidado diminuir ainda o salario das funcções que, em consequencia das anteriores reducções, são já, pelas conveniencias que o uso impõe aos que as exercem, demasiado incommodas a todo aquelle que não é rico. Seria grave sem-razão decidir, por economias cavillosas, os homens capazes de retirarem seus serviços ao estado, para consagral-os, com condições mais vantajosas, a industrias particulares onde esses serviços seriam menos uteis. O que é necessario em França é menos reduzir seu budget de tres a quatro milhões, reducção miseravel e que não diminue os onus medianos de cada contribuinte de 10 centesimos, do que fazer administrar seus recursos por homens capazes e de segura probidade. Mas, de outo lado, não tentemos esta probidade, pondo-os abaixo de sua posição por insufficientes retribuições. Por mais que se faça, as melhores garantias se encontrarão sempre na bôa administração dos depositarios do poder. As prescripções engenhosas de uma habil contabilidade impedem que hoje se possa desviar um só dos dinheiros publicos: é muito, sem duvida; porêm ellas não impedirão, si o ordenador d'esses dinheiros fôr homem sem probidade, ou sómente si, com uma d'essas semi-consciencias muito communs no mundo, estiver em lutta com necessi-

dades, que seja o publico espoliado no momento da transformação d'esse dinheiro em cousas.

Por mais que se faça, sempre ha-de ser muito grande a acção do administrador sobre a administração. Um só melhoramento n'uma localidade, melhoramento muitas vezes insignificante em apparencia, vae modificar felizmente sua situação: seria muito pouco prudente desgostar aquelle que é capaz de concebêl-a. Conhecemos uma cidade onde um administrador atilado, aproveitando-se de uma posição agradavel, a mandou ainda embellecer com um passeio. Clamavam contra este frivolo emprego dos dinheiros communaes: dous annos depois, este melhoramento de bom gosto havia fixado n'essa cidade ricos estrangeiros, e o accrescimo dos productos dos impostos cobria, e muito álêm, o custo do passeio. Um administrador que dez annos mais cedo tivesse conhecido, em Pariz, o pensamento dos mercados cobertos, teria, durante esse tempo, augmentado as receitas municipaes de uma somma consideraval pela differença do preço de seu arrendamento. Seguramente pouco houvera importado que esse administrador, durante essa época, tivesse recebido 10 ou 12,000 fr. de mais ou de menos; porêm o que muito importa é não se empregarem mais, nos altos empregos, funccionarios sem idéas, sem tino, sem movimento, e escolhidos, como de ordinario acontece, por simplices conveniencias de salão. Os empregos devem ser a recompensa do prestimo e não do saber viver. Homens incapazes, seja qual fôr o rebate com que sejam tomados, sahirão sempre muito caros. Mister é que hoje a administração seja progressiva, como as artes, como as sciencias, porque é só d'esta maneira que ella póde satisfazer as necessidades da nossa época. O governo do rei, alliviado das preoccupações do exterior, vae sem duvida lançar-se no campo sem limites dos melhoramentos, onde um bem já feito prepara outro bem, dando os meois de operal-o. É essa a unica gloria que possa ser reconhecida pela razão do nosso século, que reprova, como a moral, a funesta gloria das conquistas.

Esta pura gloria se tem felizmente tornado facillima de se alcançar. No reinado de Luiz XIV, tinha sido preciso que o genio de Colbert creasse tudo: a sciencia, as leis, os homens que empregava. Elle estava collocado entre um senhor fastoso que, com mais orgulho que verdadeira grandeza, não

apreciava as cousas sinão quando se ellas referiam directamente a elle, e um povo ignorante e ingrato que perseguiu os restos de seu bemfeitor com ignobeis ultrajes e os lançou estupidamente na lama, pela mais indigna das profanaçōes. Elle devia tambem oppôr incessantemente, aos pedidos interessados de que era assaltado, essa *fronte negativa* de que falla a historia e de que se queixavam os cortezãos. Observemos alêm d'isso que, n'essa épocha, havia muito mais que fazer do que hoje, e que os capitaes accumulados, muito menos consideraveis, offereciam muito menos recursos. Fazer bem no meio de semelhantes pêas era um prodigio: para conseguil-o, era de mister ao mesmo tempo a mais poderosa intelligencia e o character o mais perseverante e o mais energico. No século seguinte, com mais luzes que Colbert, porêm não com mais genio, Turgot teve ainda que luttar contra immensas difficuldades, em uma côrte ávida e frivola, onde, como dizia o rei, não havia sinão elle e seu contador geral que amavam o povo. Hoje a administração não tem mais, por assim dizer, que a aproveitar os recursos que de todas as partes lhe apresentam as sciencias, e os exemplos que lhe offerecem os paizes mais esclarecidos dos dous mundos. Obrando assim, ella tem certeza de alcançar a gratidão de um principe tal como o reclama a nossa era, que póde e que sabe tudo comprehender, e a gratidão de uma nação engenhosa cuja maioria não requer outro movimento sinão o de melhoramentos progressivos no seu bem-estar, e que saberá profundamente sentir o bem que se lhe queira fazer.

P. S. Quando terminavamos este artigo, fomos surprehendido pela noticia dos acontecimentos de Lyão; acontecimentos bem graves, qualquer que seja seu exito, e que merecem a mais seria attenção. Não é um acontecimento politico, dizem; é muito mais do que isso: é um attentado contra a sociedade, a sociedade tal qual a fizeram nossas leis e nossos costumes. Este acontecimento confirma tudo quanto dissemos ácerca da urgencia de se olhar pela sorte das classes operarias: trata-se de nossa salvação. Havemos indicado os meios de o fazer.

Mas a posição dos operarios de Lyão merece especial attenção. Não é trabalho que lhes fallece. Sómente elles não acham sufficiente a retribuição, e pedem que sejam seus jornaes aug-

mentados na rasão de 25 por %. Seja : porèm mais tarde será tambem preciso que se assestem baterias diante das officinas dos fabricantes para forçal-os a fazer trabalhar, porque estes observam que, com tão caras mãos de obra, não poderiam sustentar a concurrencia dos fabricantes da Prussia Rhenana, que têm operarios a dez ou doze soldos por dia, e dos da Suissa, que os têm a sete ou oito; que, desde então, serão seus productos excluidos dos mercados exteriores, mercados tão importantes para a fabrica de Lyão; que será preciso, por conseguinte, que elles fechem suas officinas; e que seus operarios, não recebendo mais salarios, serão muito mais desgraçados que quando só os tinham insufficientes. Assim pois, não é d'esta maneira que se mitigaria a penuria dos operarios lyonezes. Que fazer pois? Destruir os impostos que gravam seus consumos. Isso porèm é difficillimo. Em nosso penultimo N.°, demonstrámos que, emquanto não fôsse o nosso exercito posto em estado de paz, seriam nullas e insignificantes as reducções que se fizessem nos nossos budgets. De outro lado, como reduzir o exercito n'um paiz onde se manifestam tão graves agitações? Os habitantes das cidades se queixam dos impostos que abrangem a maior parte de seus consumos, e o proprietario de raiz reclama contra o peso intoleravel das contribuições que pesam sobre o solo. Ambos têm razão; mas não ha agora meio algum de os satisfazer.

Todavia, ha uma odiosa contribuição que cumpriria abolir quanto antes, a das loterias. Tres milhões são arrecadados annualmente, sobre o povo de Lyão, por essa taxa immoral; e d'estes tres milhões, dous ao menos são tirados dos operarios que trabalham no fabrico da seda, independentemente dos obreiros e outras pessôas de jornal: são, termo medio, quarenta francos que o fisco arrecada assim de cada um d'elles. Nenhuma diminuição, na tarifa dos impostos e dos direitos reunidos, poderia, como se vê, equivaler em Lyão á destruição da loteria, a mais odiosa de todas as taxas, e aquella cuja cobrança é a mais cara. Sem este engodo dirigido ás classes populares, preoccupadas incessantemente do desejo de sahirem de repente de sua condição, os operarios lyonezes teriam portanto 2,000,000 fr. de mais, e seus consumos se augmentariam de uma maneira equivalente. Ora, estes consumos seriam submettidos a taxas que indemnisariam em parte o thesouro; elle o seria ainda de outra maneira pela suppressão de uma adminis-

tração muito dispendiosa. Entretanto, releva confessar que em parte nenhuma os operarios têm um gosto mais apaixonado por esse fatal jogo do que em Lyão. Ainda hoje, apezar da concurrencia da loteria real, existe grande numero de loterias clandestinas, que necessariamente tenderiam a se multiplicar, si a primeira fôsse supprimida, e que não poderiam ser feridas sinão pela policia a mais vigilante e a mais activa.

Tambem se indica, como meio de melhorar-se a sorte dos operarios lyonezes, a abertura de novas estradas que communicassem com Lyão, e que, facilitando a chegada dos principaes generos alimentarios, os fariam baixar de preço. Infelizmente não podem ser immediatos os resultados do segundo d'estes meios; todavia, são elles os unicos que hoje devisamos. As pessôas que têm conhecimento mais intimo das localidades descobrirão talvez outros. Ainda o repetimos, cumpre primeiro que tudo cuidar das massas, si se quizer prevenir as calamidades de uma nova *Jacquerie* A lei dos 18,000,000 fr., excellente em seu principio, é demasiado circumscripta em sua applicação. Havemos calculado que ella daria apenas occupação a 100,000 operarios, por espaço de seis mezes. O que é isso para a França, quando talvez seja de mister fazer viver 40 ou 50,000 sómente em Lyão? porquanto não se póde crer que a fabrica recupere sua habitual actividade immediatamente depois da cessação das desordens: este acontecimento é quasi, para essa cidade desventurada, o equivalente de seu assedio. Quando uma vez as massas forem desinteressadas, não são algumas ambições impacientes ou facciosas que poderão agital-as; e essas ambições impotentes merecerão apenas que se lhes dê attenção. Por isso cremos que o melhor prefeito de policia, ou ao menos o magistrado que, em Pariz, póde mais contribuir para a conservação da paz publica, é um bom prefeito do Sena, que concebe e cria trabalhos uteis, sem ir ainda beber nas fontes meio exhauridas do cofre municipal.

Em presença do estado tão serio em que se acha a sociedade, imos sem duvida dar trégoa a nossas miseraveis contendas. Os partidos que dividem a camara deram a este respeito, na votação da ultima resposta á falla do throno, um bello exemplo de verdadeiro patriotismo. Reunir-nos-hemos todos em torno de um rei homem de negocios e homem de talento, cujo filho, por sua anticipada maturidade, afiança de algum modo a perpetuidade das mesmas virtudes no throno. Quando o poder tem

mister de toda a sua força, devemos cessar de fatigal-o com hostilidades cavillosas. Elle commette erros, dizem: assim deve ser, pois que são homens que o exercem; mas seus adversarios não têm sem duvida a presumpção de serem infalliveis. Demais, elle prestou um serviço immenso, conservando a paz no meio das provocações do exterior e do interior. O que acaba de se passar deve fazer apreciar toda a extensão d'esse serviço. Entrando em casa de nossos visinhos, não é sómente com armas que lá teriamos ido, teriamos tambem levado systemas; systemas generosos sem duvida, mas que teriam determinado violentas perturbações. E póde-se prever o que teria sido da sociedade combalida pelos abalos de tantos volcões accendidos ao mesmo tempo? Até na Polonia, os cem mil gentishomens, brilhantes destroços dos valorosos da meia idade, que ainda prendem á gleba o povo de seus campos, teriam vindo por fim a assustar-se d'essa formidavel intervenção. Já, em 1812, os servos lithuanios se tinham unido ao aspecto de nossas armas e haviam sacudido seus grilhões. Alguns castelloes, com suas mulheres e filhos, foram impiedosamente assassinados em suas terras. Foi de mister todo o predominio que Napoleão ainda conservava para atalhar em seu germen essa guerra servil.

(*Revue Britannique.*)

Parecerá a primeira vista que este artigo pouca applicação terá entre nós, todavia a meditação e estudo das ideias que n'elle se encerram me parecem de summa utilidade.

Nota do Direct.

POESIA.

AS DISCORDIAS CIVIS E O MEU «PROJECTADO» ADEUS AO BRAZIL, QUANDO TENCIONEI IR PASSAR ALGUM TEMPO EM ALLEMANHA.

Como vem carregado o monstro odioso,
Acceso em iras, amostrando os ferros
Pelas ruas da Patria!
Como da bôca lívida lhe descem
Golphos impuros d'horridas blasphemias,
D'affrontosos ludibrios!
Que de crimes atrozes lhe não pejam
No sujo coração, soberbo e duro,
Hospicio de mil erros!
O' Deus! Tu qu' imprimiste em graves typos
No coração dos homens a justiça,
A consciencia do util,
Porque das paixões baixas, das nocivas,
Não impeceste ao mau, que é sempre fraco,
A senda sinuosa?
Tu, nem armas lhe déste, que offendessem
A especie sua, como ás outras raças,
E eil-o inda mais fero!
— Em todo o tempo o foi. — Panthéra e homem,
Soldadado pretor e assassino,
Synonyimos são quasi.
Jazem por terra os Médos, os Assyrios,
Tantos povos da Asia se espedaçam
Por principes, por dogmas,
Mas. . . deixemos passal-os: são mumias

D'orgulhosas naçōes; já não existem:
Respeitemos-lhe os ossos.
E venha d'essa Europa sempre grande
A mais remota parte — a Scandinavia:
Lá, que barbaro estudo
De sangue, d'ambição, não dá, não mostra
O cruel Christiano á patria sua!
A triplice corôa
Que a illustre Margarida recebèra,
O fogo da anarchia a estala e queima;
E a espada assoladora
Do terrivel João lá corta e mata
A quantos seguem de Luthéro os dogmas
Na frigida Suecia!
Nem póde erguer o véo em sangue immerso
A formosa Albion: atribulada,
As forças se lhe escôam;
Luttam seus filhos como dragos fortes,
Uns aos outros se arrojam, se arremessam,
Em reliquias se fazem,
Porque a reforma vá, porque triumphe
No classico torrão! E ri-se Henrique
Quando s'ergue o patibulo!..
Mas que trombeta rouca os povos chama
Ao novo centro das errantes luzes
Que nas Gallias flammejam?!
Nova Cidade-Eterna se alevanta,
E lá se julgam reis, lá se discutem
Os sanctissimos foros
Do homem, das naçōes, da liberdade!
Oh! que nunca mais alto reboára
Trovão maior no globo!
O coração do sabio dilatou-se,
Bateu-lhe de prazer. E toda a Europa
Assombra-se agitada
De medo, mais atezam, vergonhosos,
Os loros do poder, ingratos principes;
Em mal, qu' em breve virão
As dissençōes civis derribar tudo
Quanto não derribára a astuta liga,
Nem conselhos caducos.

Milhares de holocaustos se consumam,
As miserandas, innocentes victimas
São em filas expostas;
E o impellido rápido graniso
Que o fuzil desfechou sobre seus hombros,
Nas praças as estendem!
Revolva o Sena as aguas inda envoltas,
O Marne, o velho Loire ao fundo desçam,
E contem s'elles podem
Os ossos dos conscriptos manietados,
Que alli lhes enviou, de terror pleno,
O tribunal iniquo!
O' *nove thermidor!* foge da idéa;
Nem faças recordar-me o sangue em ondas
Que tu cobriste, infausto.
Primeiro prairial! tu viste o assento
Da convenção entrado pelos barbaros,
E a honrada cabeça
Do illustre *Ferraud*, toda sangrenta,
N'um pique alçada e commetida á curia,
Por escarneo e opprobrio!
Porêm, que som de morte aqui rebrama
N'este asylo da paz?! * O' patria minha!
Tambem tu sentes guerra?
Sahes apenas da lutta gloriosa
Onde ganhaste nome e liberdade,
E já no peito virgem
T'embebe o monstro a espada venenosa
Da discordia civil, da intolerancia,
Das proscripções ferozes?!
Oh! que lá corre em jorros, e lá salta
O sangue fratricida! A's mãos do amigo
É feito aquelle em postas!
E do seio brutal, aonde as furias
Tomaram seu assento, tira est'outro
O punhal parricida,
E o peito veneravel (que horror!) crava

---

* A ilha de Cutijuba, na provincia do Pará, onde eu me achava exilado.

D'aquelle que mil vidas arriscára
Por dar-lhe a que lhe dera!
Mas ai! quem vem aqui ver esta esposa
Em lagrimas banhada, c'o filhinho
Que adora, que alimenta,
Enlaçado no peito (o peito rôto)
Seguir atraz do esposo mutilado
Ao logar do martyrio!
Quem pinta, quem debucha esta ternura
Ao pé do ferocismo e da carnagem
Do infrene tumulto?!
Eil-a prostrada aos pés de seus verdugos,
Qu'impios a insultam, e que a arrastram fóra
Do torvo amphitheatro!
Nem gemidos de mãe, nem esse aspeito
Do innocente pae, abrandam barbaros
De sangue insaciaveis.
Por terra cahe o amor inanimado,
No peito maternal cessou o alento;
E os candidos filhinhos
Lá são abandonados, lá perderam
O pão, o pae, o patrocinio publico,
Até patria perderam!..
Mas.... o somno passou. Das portas ferreas
Das cruentas paixões amortecidas,
Lá s'entr'abre uma fresta:
Um raio da razão alli fulgura,
A crise de illusão parece finda,
Os interesses s'espalham.
Tarde descendes tu, fogo celeste!
Os olhos mal-affeitos da concordia
Mal pódem supportar-te!
Lá vem mancando a fome enfurecida,
Ceifando os ninhos da pobreza, oppressa
Dos passados flagicios!
Tudo perdido é já. De qualquer lado
Sómente vejo dôr; eu só deparo
C'o squeleto da Patria.
Brasil! ó Patria minha, que m'engeitas,
Que m'envias alêm dos mares nossos
Correr gentes estranhas,

Quão charo te não custa esta peleja
Da razão c'o fanatico delirio,
Que os membros t'espedaça?
Mas não: tu não m'engeitas, tu não queres
Ver teus filhos em dôr, de clima em clima
Andrajando miserias;
Nem a cegueira que se ostenta, injusta
C'o tão duro ostracismo qu' em mim pesa,
A ti deve imputar-se;
Que o Céo não tocou inda esses seus filhos,
Nem tu, ó Patria, lh'ensinaste ainda
Com regrada medida
O magico valor da liberdade.
Embora! Irei no em tanto sobranceiro
Como em pêgo onduloso
Vae o baixel ao vento amigo entregue,
E nas praias que a sorte me prepara,
Que os ossos meus encerre,
O derradeiro ai do peito afflicto
Será por ti, ó Patria desditosa,
Por ti, Brasil que adoro!

A GLORIA.

MEDITAÇÃO DE LAMARTINE.

A UM POETA DESTERRADO.

Ante vós, ó das Musas dignos filhos,
Dous diversos caminhos se descobrem:
A' fortuna conduz um, o outro á gloria;
Mortaes, cumpre escolher.

Submisso á lei commum estás, Filinto;
Prematuro favor sagrou-te a musa:
Seguem teus dias infortunio e gloria,
E amargo pranto verte.

Ah! não o invejes, deixa ao vulgo ignaro
Repouso esteril, que ao seu peito é grato:
Só d'elle são partilha os bens da terra;
Mas é só nossa a lyra.

Já são os sec'los teus, tua patria o mundo;
Sobre o sepulchro nosso erguem-se altares,
Onde o justo porvir immortaes honras
Ao genio teu destina.

Assim aguia soberba ao Céo remonta,
E, sustentando denodada o vôo,
Como que aos mortaes diz: «Nasci na terra,
Mas só nos Céos habito.»

Sim, a gloria te aguarda; olha e contempla
Quanto custa subir seu aureo templo;
Vê: o infortunio tem na porta assento,
Os seus degraus guardando.

Aqui está o ancião, que a ingrata Isnia
Viu nos mares vagando entre desgraças;
Cego, obtendo de seu genio em premio
Amargurado pão.

Alli Tasso inflammado em fatal chamma
A sua gloria e amor expia em ferros;
E, mal do triumpho lhe acenava a palma,
Eis que ao tumulo desce.

Por toda a parte vêem-se inf'lizes victimas
Contra a sorte luttando, contra algozes;
Julgar-se-hia que o Céo ás almas nobres
Móres males destina.

Da tua lyra pois refreia as queixas:
O infortunio temer só deve o vicio;
A ti só cabe na adversa sorte
Um generoso orgulho.

Que valem contra ti barbaras ordens
Que distante da Patria te conservam?
Que te importa o logar onde o destino
O tumulo teu prepara?

Nem do Tejo os tyrannos, nem o exilio
A gloria prender-te-hão onde morreres:
Já Lisboa a reclama, unica herança
Que tu lhe deixarás.

Prantear hão de o teu nome os que a desprezam;
Abre o Pantheon Athenas aos proscriptos,
Coriolano expira, e os Romanos
Seu nome revindicam.

Antes que volva á habitação dos mortos,
Levanta Ovidio ao Céo supplices mãos;
E aos Sermates legando a fria cinza,
Só deixa a gloria a Roma.

J. J. Ferreira da Costa.

1840. — Rio de Janeiro, Typographia de J. E. S. Cabral,
Impressor do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.
Rua do Hospicio n. 66.

PHILOSOPHIA.

EPOCHAS DE CRITICA E EPOCHAS DE CREAÇÃO.

A ANALYSE domina, a critica reina, a inquirição se introduz por toda a parte. A sociedade se consulta, se escuta, se apalpa, si é permittida esta palavra vulgar. Sabeis porque? É porque ella está enferma. Este mesmo exame é o symptoma de sua enfermidade. Talvez um dia lhe elle forneça o remedio necessario; talvez lhe seja licito viver emfim vida real, activa, possante, e não vida febril, passiva, inteiramente critica, cheia de curiosidade e incerteza, esteril em actos e privada de energia. Quando ella houver acabado de sondar suas chagas e de observar a pulsação de seu pulso, sem duvida ha-de a saude renascer.

Vós tomaes por um indicio de bem-estar, por uma promessa de vida, este exame universal, e vos enganaes gravemente. O homem são não se examina com attenção tão inquieta; o homem doente se perturba e se interroga. Si a potencia vital segue seu curso normal e natural, não nos avisa de sua presença. Logo que nasce uma irregularidade, nós a sentimos; ella nos ensina que temos corpo mortal: o soffrimento nos annuncia que existimos. Estabelecem-se centros de sensibilidade; o orgam atacado parece o unico que compõe todo o nosso ser, manifesta-se n'elle dolorosa irritabilidade, o equilibrio harmonioso de nosso organismo está destruido. D'antes viviamos sem reflectirmos no phenomeno da vida. Os actos effeituados por nossos orgãos se executavam sem difficuldade. Nossos olhos viam, nossos ouvidos ouviam; nós andavamos, corriamos, nos arranjavamos sem pensar em nada, excepto em cumprir as ordens de nossa vontade interna, rainha omnipotente.

Qem se não lembra de uma época da vida em que a existencia, em sua liberdade, em sua espontaneidade, parece tão ligeira e tão instinctiva, que o homem se abandona cegamente a seu curso, sem observal-o, sem ponderal-o, sem calcular-o! Raros instantes! A consonancia perfeita de todas as partes constitutivas de nosso ser se resolve então em um todo completo; nós estamos, como diz o povo, sãos e *inteiros : inteiros*, e note-se esta palavra characteristica; nada de saliente destroe esta harmonia por uma discordancia, mesmo brilhante. Não ha desmembração, divorcio, contraste; tudo em nós marcha com o mesmo passo: maravilhosa elasticidade de sensações resulta d'este estado, cuja fruição é tanto mais completa, por isso que se não conhece a si mesma e que sua felicidade consiste em se não conhecer. A unidade é calma e silenciosa: á discordia, á dissenção pertencem o tumulto, o ruido, o conflicto das idéas, a analyse que as disseca, a critica que as decompõe e as oppõe entre si. A anatomia vem submetter os corpos ao gume do aço, a metaphysica crava seu escalpello nas profundezas da alma. Uteis sem duvida, dão-nos ellas gozos? Não: fazem o testamento e como que o inventario de nossas forças intellectuaes e physicas abaladas, e cuja fragilidade nos espanta. A consciencia do mal e o mister de remedial-o fizeram sós brotar a sciencia e sua temivel analyse.

Uma época especialmente dedicada á critica é necessariamente época de soffrimento: são necessarios cadaveres, o aspecto da morte, fragmentos de fibras dispersas, veias arrebentadas e musculos palpitantes sobre a mesa de marmore do anatomista. É preciso que uma parte de nós mesmos soffra, para que chamemos em nosso auxilio as distincções, as subdivisões, as observações, as juntas dos medicos, a critica sabia ou altercadora. Em tempos de peste, abundam os medicos; em tempos de dissolução moral, os professores de moralidade. Emfim, quando tudo se reduz a uma critica infecunda, cumpre reconhecer um tempo puramente negativo, uma era de crise e de dôr, um d'esses instantes em que o doente se revolve debalde no seu leito, experimentando com obstinação todas as posturas que póde tomar o corpo humano, e não podendo, como se exprime Dante,

Liberta-se do peso recrescente
Da fadiga oppressôra.....

A sciencia analytica é pois, em seu emprego exclusivo um

symptoma de dôr e de molestia. Felizmente ella nos traz seus remedios; nascida de um sentimento de indisposição, tende a acalmal-o e corrigil-o. Então surgem as theorias e os systemas: tudo se torna systematico e machinal. Um medico vem dizer-vos que vossa machina se desconcerta; um publicista vos annuncia que uma das molas que compoem a machina social está ameaçando ruina. Uma engenhosa applicação das leis do mecanismo, uma combinação muitas vezes acanhada, mas muitas vezes util e benefica, obsta os perigos que ha descoberto a imaginação e cuja ameaça a assustou. E tudo quanto póde então o homem fazer. Vêde o Baixo Imperio: desde os ultimos imperadores de Roma até o nascimento da feudalidade, a moralidade desappareceu; a sociedade se desloca por assim dizer, as antigas crenças fraquêam, está morto o patriotismo, a cobardia dos eunuchos se assenta no throno. Que fazem os philosophos e metaphysicos, esses medicos moraes da humanidade? Criticam, commentam, julgam. É a época dos escholastico para a litteratura, e dos theologos quanto á religião. Tudo o que d'essa época nos resta é puramente critico e polemico. Christãos e pagãos perderam o dom de creação e espontaneidade; os maiores de entre elles são bons imitadores e bons criticos. Alimpa-se todo o pó dos tempos antigos, revolve-se em todos os sentidos o cadaver do genio antigo: o affecto reina na poesia e na eloquencia, e um immenso saber nã é sinão um arsenal aberto a todas as seitas que ahi vão buscar escudos e lanças, argumentos offensivos e defensivos.

Attentemos bem em não confundir as épochas criticas com as épochas creadoras. Estas podem-se ignorar, como um homem são não pensa estar são e não reflecte sobre seu estado physico. As outras nunca se ignoram; ellas têm a consciencia de seus recursos, porque têm a consciencia secreta e obscura do que lhes fallece. Umas criam, as outras fabricam; umas fundam, as outras imitam. Aqui, é uma moralidade profundamente arreigada; ali, é uma parola de moral subtil. De um lado collocareis a razão intima e vigorosa, do outro o raciocinio capcioso; o organismo no primeiro d'estes periodos, o mecanismo no segundo. O primeiro é fecundo em pensamentos que se resolvem em acções; o segundo em desvarios e demonstrações que a si mesmas se devoram no vacuo: discute-se, lutta-se, subtilisa-se, batalha-se a golpes de syllogismos e de theoremas, quando vem a esgotar-se a verdadeira meditação. Emfim, o

artista, que recebe do céo a inspiração e a transmitte involuntariamente, desconhece sua missão e seu poder, emquanto que o entendedor, o amante, o *collector* de antiguidades, o escholastico paciente, lançam sobre suas riquezas uma olhada satisfeita e calma, abarcam-as todas com um olhar. Um se ignora; o outro conhece todo o seu valor e exagera o seu preço. Quando o sol brilha, vós gozaes do esplendor natural que vos circumda, e não cuidaes em abençoar o astro que dispensa o calor e a luz. É durante a noite que vossos olhos se dirigem para as bugias e cristaes que radiam com luz ficticia, passageira e limitada.

Em uma palavra, a espontaneidade fallece a essas gerações envelhecidas que esmaga o peso de suas memorias. Então o talento elabora curiosamente suas obras, semêa-as de defeitos e bellezas premeditadas, lança aqui obscuridade, mais longe extravagancia, e leva o ridiculo de suas imitações até parodiar o porte livre e a lhaneza do genio, como um criado se dá ares de gran senhor. Julgaes que Shakspeare se maravilhou de ter produzido *Hamlet*, ou que Newton olhou como incriveis esforços suas descobertas e ensaios? Não: Shakspeare se desconhecia a ponto de preferir a seus dramas, modo de vida que abandonava aos actores, algumas ruins poesias lyricas que mandava imprimir com luxo. Newton dizia: « Passei minha vida a apanhar na praia algumas conchas dispersas. » Elle teria dado a sua Theoria da luz por sua Theoria do Apocalypse. Entre nós, não ha poeta, por mesquinho que seja, que não saiba admiravelmente bem tudo quanto vale, que não cacareje em torno de sua obra apenas gerada, como a gallinha domestica em torno do ovo que vae chocar. Correi depressa! isto é uma obra prima; porêm não é ainda sinão um dos meus primores. Escutae minha theoria; ouvi, povo, ouvi, todos! O sublime é meu fito; eu o consegui, e o provo!

Percorrei todas as subdivisões da sciencia e da arte, reconhecereis que a verdadeira força é espontanea e se ignora. Julgaes que o dialectico, senhor de todos os seus instrumentos de rhetorica, possessor das cathegorias de Aristoteles, athleta admiravel n'uma eschola, valha o homem do povo cuja paixão se arma de eloquencia? Fazei contender o eschelastico o mais subtil com um ignorante que não saiba o que é dilemma e premissa. Si este ignorante tiver um interesse que defender,

si esta defesa animar seu enthusiasmo e exaltar seu pensamento, vereis qual será o vencedor.

A intuição, a potencia real do espirito, não devem ser a faculdade mecanica de raciocinar sobre todas as cousas. Os raciocinadores têm poucos successos na vida; seus pequenos theoremas vão quebrar-se de encontro ás realidades do mundo e da existencia, todo o seu vigor systematico se desvanece e se apaga quando se trata de obrar. Mesmo nas discussões, um facto, uma iéa real vos bastará para destruir e derribar seu castello de cartas. Vêde os velhos escholasticos, peregrinos da verdade, conscienciosos, habeis, instruidos: que successos alcançaram elles? De que lhes serviram seu vigor natural, seus esforços, sua fé, sua soledade, sua imaginação, a abstracção de seus pensamentos? Que é feito do doutor irrefragavel? Onde estão as theorias do doutor seraphico? O sopro do vento as arrebatou: já não são mais que vãos fantasmas e longinquas nuvens. Sem duvida elles tiveram muitas idéas, sua intelligencia não esteve ociosa; porêm não attingiu a meta que se propunha: ora em equilibrio sobre um raciocinio, estes dançarinos de corda da logica poderam maravilhar seu século; mas o resultado de seus esforços foi miseravelmente nullo. Corollarios, dilemmas, subdivisões, argumentações, tregeitos do pensamento, já hoje não causam sinão desprezo e compaixão. Uma palavra de Napoleão, um verso de Dante, uma phrase de Luthero, dizem mais, rasgam com mais energica presteza o véo que cobre a verdade. É admiravel a vista d'este dançarino que executa a pyrrhica; porêm sua graça e ligeireza são inuteis diante do inimigo: servi-vos antes d'este centurião vigoroso que não imita com tanta graça os movimentos guerreiros, mas que sabe empunhar um gladio e craval-o.

Entre a eloquencia e a rhetorica, a mesma distancia. O rhetorico vos prova que deveis estar convencido; o orador vos persuade. Um vos ostenta seu saber e seus recursos; o outro vos arrastra comsigo. Seja qual fôr a fórma de que se revista a intelligencia humana, sempre encontrareis esta separação e este contraste: o que é ingenuo, espontaneo, de um lado; o que é artificial, combinado, mecanico, do outro. No estylo, uma phrase saliente, na qual pensámos muito, é quasi sempre uma phrase cheia de pretenção: no comportamento da vida, as qualidades que queremos mostrar são as que nos faltam.

O homem realmente virtuoso obra com nobreza; sua probidade é de instincto, sua generosidade mana naturalmente. O falso heroe arrazôa sua virtude, commenta seu heroismo. Nas idades em que é commum a dedicação, ella excita pouca admiração, resulta da organisação mesma da sociedade; quando se moralisam, quando se systematisam as qualidades da alma, ellas correm risco de não existirem outra parte sinão na theoria. No tempo dos cavalheiros, a valentia era universal. Quando veio a extinguir-se esta vasta associação christãa e guerreira, o ponto de honra, parodia da valentia, se apossou dos costumes; elle teve suas regras, suas delicadezas, seus limites: transformou-se a valentia em sciencia. Achou-se meio de se ser cobarde com honra; um longo tirocinio em uma sala de armas e um conhecimento exacto das leis do duello permittiram ao mais poltrão dos homens de não precisar de coragem.

O reinado d'este sentimentalismo absurdo, que creou tantas peças ruins e tão deploraveis romances, data de uma épocha de depravação e egoismo. Os verdadeiros affectos, a sinceridade dos sentimentos, deram logar á mentira das ternas e profundas commoções. O sentimento foi olhado como um luxo de bom gosto, pregou-se a charidade como cousa elegante e conveniente; a humanidade, a beneficencia, foram da moda. Pedi a Werther, ao heroe de Schiller, ao Saint-Preux de Rousseau, a todos esses personagens, pedi-lhes conta de sua sensibilidade; responder-vos-hão que é uma molestia: elles dão aos ilháes, si ouso empregar esta expressão popular, para não perderem o habito de sentir; sua exaltação é uma febre, nada de ingenuo, nada de franco em suas paixões. Estes valetudinarios do sentimento, os mais estereis, os mais seccos dos homens, á força de dissecarem seu proprio coração e de se embriagarem com seu egoismo, se fazem incapazes de nenhuma acção varonil, de nenhum affecto sincero e profundo.

Resumamos: tudo o que é artificial, mecanico, falso, é o resultado de uma combinação voluntaria; tudo o que é real, ingenuo, se distingue por uma espontaneidade, por uma força de impulso involuntario. O verdadeiro genio da virtude obra; o falso genio da moral raciocina. O verdadeiro talento se abandona á sua commoção; o falso talento se busca. O homem com saude marcha e goza da vida;

o homem enfermo se recolhe comsigo mesmo. Uma nação flagellada por calamidades internas deixa seu vestigio de sangue na historia; uma nação pacifica e bem governada passa inapercebida.

Do homem considerado como individuo, levemos nossas vistas para o homem no estado social. A aggregação que se chama sociedade forma um verdadeiro corpo, dotado de vida, susceptivel de molestia e de saude. Um magnetismo maravilhoso propaga, de uma alma a outra, a mesma serie de commoções e idéas. O mesmo pensamento, ferindo a um tempo milhares de cérebros, adquire uma intensidade, uma energia centupla. Immoralidade, virtude, patriotismo, força intellectual, força de vontade, tudo o que no individuo solitario não chegaria sinão a um desenvolvimento restricto, se esquenta, se anima, se exalta, cresce com rapidez e força miraculosas. D'ahi os prodigios de Sparta e os de Roma, d'ahi os immensos effeitos das associações monachaes; d'ahi tambem a facilidade de ascenção ou decadencia com que diversas nações attingiram o mais alto grau da grandeza ou as derradeiras phases do aviltamento. De cidadão a cidadão, de homem a homem, uma cadêa invisivel e electrica vae percorrendo todas as ordens sociaes, enlaçando-as, ferindo-as com a mesma chamma, animando ou extinguindo as artes e sciencias, dirigindo todos os pensamentos para a religião ou interesse, para o commercio ou guerra. Aqui um espirito de galanteria, alli um genio de conquista, acolá um egoismo universal, dão alternativamente sua côr e seu cunho aos costumes geraes: é á maravilha da associação que se deve attribuir tudo o que de desprezivel ou de grande nos offerece a historia. A sociedade se torna um individuo vivente, collectivo, energico, que tem sua alma, seu espirito, seu pensamento, seus soffrimentos, sua organisação externa e seu mecanismo physico, seus periodos de fraqueza, de molestia, de convalescença, de saude, de decrepitude e de morte.

Si estudarmos este ente collectivo, veremos que elle tambem se subdivide em duas partes: uma instinctiva, que constitue sua essencia mesma; a outra toda artificial e externa. Quando são faceis os movimentos da sociedade, póde-se d'ella dizer que ella se não sente viver; em vez de se submetter a uma critica minuciosa, ella obra, goza, se desenvolve em

liberdade. Uma idéa mãe, um principio gerador a dirige; é sua alma: d'ahi dimanam todas as suas leis, todos os seus regulamentos todos os seus esforços. Fonte commum de todos os movimentos sociaes, esta idéa primitiva, dedicação a um homem, a uma localidade, a uma instituição, a uma crença. é toda dynamica, si ousamos tomar este termo ás sciencias exactas. Ahi se acha a força vital. Então, não é necessario examinar subtilmente de que maneira existe e se conserva a sociedade, nem estudar exactamente todas estas molas, nem analysar penosamente todas estas rodas; basta fazêl-as mover porque vão bem e marcham por si mesmas. Tal é a sociedade em seu estado normal, em sua saude. Si ella se faz artificial, si uma parte sãa é atacada, si se annuncia uma enfermidade, vereis á acção succeder á critica, á vida ingenua e possante a vida de soffrimento, de experiencia e de exame.

Decio morre; não se escrevem tratados sobre o patriotismo e a republica. Carlos Magno se apodera da Europa; falla-se pouco de cavallaria. É nos conventos trapistas que menos se discute sobre a religião e suas observancias: quando o principio social se acha no intimo de todos os corações, exprime-se por actos, revela-se por factos, desdenha as palavras.

Cumpre pois distinguir com grande cuidado as épochas de critica das épochas de creação. N'estas ultimas, a fraqueza e infelicidade inherentes á natureza humana nos cercam de obstaculos e de perigos. Porêm ao menos a sociedade marcha para seu fim e o consegue. Ha fadiga, mas ha triumpho; ha combate, mas ha força: os musculos são vigorosos, o coração palpita, a energia é indomavel, a sociedade não se demora em se anatomisar a si mesma; não se ouve ella repetir em sua marcha: « Vêde como são vivos e felizes todos os meus movimentos; » ou então: « Vêde como elles são difficeis e penosos! » É no que estamos diariamente occupados. Concentrados na observação de nós mesmos, que tempo e que força nos restam para obrarmos com alma varonil, com vigor heroico?

Quando as virtudes, reduzidas a vãa apparencia e a um envoltorio inteiramente externo, perdem sua realidade, sua energia, sua potencia vital, succede-lhes um fantasma que as parodia sem substituil-as. Não ha mais patriotismo que se dedique, e sim sómente um falso patriotismo que perora; não ha mais

poetas, e sim sómente versificadores; não ha mais verdadeira logica, e sim sómente uma dialectica cheia de argucias; não ha mais affectos verdadeiros e profundos, e sim sómente uma sensibilidade ficticia, impulsos de romanesca generosidade. Quer-se ser systematicamente bom, generoso, inspirado; desapparece o instincto de todas estas qualidades ou de todas estas virtudes: pretende-se suppril-as pela analyse. A realidade dá logar á mentira: a eloquencia não é mais que uma mentira de eloquencia; e o amor mesmo, como se expressa Dryden, não é mais que uma chamma *pintada*, destituida de calor. A critica abrange as eminencias da sociedade, ahi se installa e domina. Nascem numerosas seitas, theorias subtis regem a litteratura; subdividem-se, contendem, argumentam, accumulam argucias sobre argucias.

E não seria facil proseguir n'esta investigação em todas as espheras, encontrar a mesma opposição do organismo e do mecanismo, da creação e da analyse, da potencia vital e da potencia critica, em todas as subdivisões do ser e do pensamento? Não é a dissolução da morte que acaba a ultima e mais real analyse do homem? Nunca a critica fez as grandes descobertas: ellas se fizeram por si mesmas, resultaram da longa estada do homem sobre a terra; sua importancia era desconhecida d'aquelles que primeiros as empregaram. Guttemberg não sabia que ia mudar o mundo: o inventor de uma nova graxa crê operar uma revolução. A religião christãa se introduziu inapercebida na Europa. O mesmo bill da camara dos communs, relativo ás tavernas do reino ou ao estabelecimento de nova portagem, retumba até na Asia. O vulgo mesmo não ignora que este retumbar annuncia o vacuo e revela a pouca importancia real do objecto tão alta, tão estrondosamente proclamado. Elle sabe confusamente que o genio é alguma cousa que se ignora, e que este brilhante charlatanismo não é um penhor de merecimento real.

Volvamos ao nosso século. Este é o século das proclamações, das investigações, das inquirições. Elle possue, como já dissemos, todos os diagnosticos de um tempo de critica, de analyse; leva até o excesso a pesquisa de suas qualidades e de seus defeitos, o conhecimento curioso e attento de si mesmo. Nada agora é involuntario, nada é espontaneo. As lojas dos livreiros trasbordam de obras para esclarecerem e analysarem nossa situação social. Não achaes destinados a isso nos catalogos sinão

Nosologias moraes, *Ensaio sobre o estado actual da Sociedade*, *Exames do Mundo civilisado*, *Marcha da intelligencia*, *etc.* É optimo marchar; porêm, a cada passo que se dá, não é necessario medir o espaço percorrido. Na media idade, se estabelecia esta grande republica christãa á qual o mundo obedece, e não se tomava nota de todas as suas jornadas, não se formava o inventario exacto de todas as suas acções. A nossa constituição ingleza, á qual devêmos tanta gloria, tantos thesouros e tanta superioridade, se fez por si mesma; edificou-se, si posso dizêl-o, com peças e pedaços, por um effeito espontaneo da sabedoria social, e não theoretica, analyticamente. Apenas nos occupámos de lhe examinar as molas, dissecar-lhe o cadaver, analysar-lhe as funcções, logo nos maravilhámos de sermos obrigados a reparal-a: a machina se ha desconjuntado sob essas mãos analyticas e curiosas. Delolme acabava de escrever seu panegyrico; Bentham respondeu a esse panegyrico com satyras. Quanto mais nos fallavam dos direitos do homem, dos privilegios da nação, do equilibrio dos poderes, das franquezas eleitoraes, da propriedade, do suffragio universal, tanto mais sentia o povo soffredor pesar sobre si a massa dos impostos e o peso da hierarchia. Deus sabe em que oceano de leis, de codificações, de commentarios, de folhetos, se acha submergida e perdida a nossa carta original! Em philosophia, tendes *Ensaios sobre o Homem*, *Pensamentos sobre a Natureza*, *Investigações sobre a especie humana*. Em poesia e litteratura, theoria sobre theoria, systema sobre systema: o espirito do homem parece votado a um grande estudo anatomico. Os medicos affluem; um vos traz sua panacéa, outro seu palliativo, aquelle sua hygiene: é a reforma, é a colonisação, é um novo modo de poesia ou de drama, é uma nova eschola de philosophia ou de metaphysica. E entretanto a sociedade soffre: ora uma agonia convulsiva, ora um lethargo doloroso, insultam a sciencia e fazem mentirosas as promessas de todos estes doutores.

Pretendeu-se, mas sem razão, que esta analyse, esta assidua pesquisa de todos os meios curativos, era a verdadeira causa da indisposição da sociedade. É um engano. Os philosophos do decimo oitavo século não fizeram a revolução franceza, não causaram a desordem; elles o provaram. São-lhes devidos agradecimentos e acções de graças; elles tentaram sanear o mal que observavam.

Si a sociedade, em sua indisposição, procura conhecer-se e

avaliar a profundeza, a intensidade d'este mal ; si se queixa, si se agita ; si sua dôr se revela por gritos agudos, por palavras incoherentes ou por uma analyse morbosa, inquieta, febril, quem lh'o ousaria imputar como crime ? Seria assemelhar-se a Napoleão, quando, no campo de batalha, vendo cahir um de seus ajudantes de ordens que o canhão havia privado da metade de seus membros : « Snr. ! lhe dizia com tom severo, *vós vos ouvis demasiado !* »

E como se queixaria esta sociedade, onde o mal physico, o mal inevitavel, abunda e fere os olhos mais inattentos? A riqueza se accumulou n'um pequeno numero de mãos : a indigencia, para sempre separada da riqueza, occupa o polo contrario ; e, collocada em face dos thesouros que não póde alcançar, atormentada por esta vista, dá longos urros de impotencia e de dôr. Sobre alguns thronos de ouro estão os ricos, esses deuses mortaes, sentados em sua indolencia, em sua impotencia e tedio : a seus pés, brame e rola o monstro popular, ignorante, sombrio, vicioso e esfaimado. Debalde cahem alguns raios de sciencia e de industria sobre este cáhos vivente, sobre esta informe e temivel massa ; ella só se esclarece para tornar-se ameaçadora. A natureza physica é conquistada, immensos são os progressos da industria : eis estradas de ferro, sulcadas por carruagens de azas de fogo, e que unem entre si todas as partes da terra firme ; cáes, móles, diques, pharoes, innumeras esquadras, mil meios que, assenhoreando-se do ar e da chamma, os empregam para amaciar e domar o Oceano, escravo tornado docil : eis a industria de braços de ferro e de braços de homem, revolvendo as montanhas, entulhando os valles, dispondo soberanamente do mundo inteiro. Este planeta é conquistado, é avassalado este globo ; os elementos que resistiam ao homem primitivo são vencidos pelo homem civilisado. E elle não é mais feliz ! Lutta, lutta eterna contra a fome ; combate entre o filho da terra e esta terra que o alimenta ; miseria, enfermidades : nada póde arredar estes flagellos de uma população numerosa. Elles reinam nas mesmas regiões onde a opulencia é universal, onde abundam a sciencia e o dinheiro. A sciencia, o dinheiro e o pão, desigualmente distribuidos, mal repartidos, deixam massas inteiras na ignorancia e na desgraça. Junto da Inglaterra se acha a Irlanda, habitada por miseraveis, semi-núS, que no mez de outubro incendiam o grão que semearam no mez de maio. Em França, uma perpetua commoção faz vacillar tudo : por toda

a parte revolução, miseria, padecimento. A industria faz baldados esforços para se alevantar e luttar com o demonio que a opprime. Destroem-se as hierarchias, os thronos bambaleam; e si a sociedade, por sua mesma natureza, não fôsse immortal, julgar-se-hia assistir á sua agonia.

O estado moral e espiritual do mundo em que estamos não é mais animador que seu estado physico. E como seria de outra maneira? Um mal physico não é, em summa, sinão o resultado e a manifestação de uma enfermidade moral. Falsas theorias engendram acções falsas e perigosas. A sociedade é ferida no coração; seus principios, suas idéas são atacadas: é ahi, no centro mesmo, que se acha a séde do mal.

A religião, que é feito d'ella? Edificam-se igrejas, escrevem-se folhetos em beneficio de Deus e de seus ministros; algumas almas ainda conservam o sentimento religioso. Mas o que é, em substancia, este sentimento? É alguma cousa de vital, de energico, de intimo? Não é antes uma religião raciocinadora que procura consolidar-se sobre fracos alicerces? Poucas almas heroicas consentiriam no martyrio; ha quem ainda se digne de tentar provar que é provavel a existencia de Deus: é esta uma causa que tem de ser pleiteada. A critica se insinuou no sanctuario: discorrem sobre as provas do christianismo; porêm, procurando estabelecer estas provas, destroem-as. O fogo sagrado da fé vae-se apagando de dia em dia: emquanto se disputa sobre a realidade dos Evangelhos, os Evangelhos perdem sua potencia; emquanto com esmero se define o que é a piedade, a piedade morre: todas estas distincções scientificas não resuscitam o cadaver. A uma religião verdadeira succede uma metaphysica armada de argucias. Em breve vereis o scepticismo protestante absorver a fé christãa, e os derradeiros fios da sacra fonte irem perder-se em desertos de arêa.

O que acabamos de dizer da religião se applica á litteratura, que não é outra cousa mais que o sacerdocio do pensamento. Onde está a inspiração? Que é feito da espontaneidade? Não fallo das obras obscuras, hediondas, emanadas das regiões onde se move e a si mesma se devora a baixa litteratura; abstenho-me de sondar esses tristes dominios da odiosa mentira e do egoismo venal. Seria de mister escavar mui profundamente para se acharem as fontes d'essas malvadas paixões que invadiram a litteratura; seria

de mister tomar o pesado encargo de dar a estatistica do charlatanismo, a da calumnia, da inveja e do odio. Elevemo-nos mais.

Na poesia mesma, não vejo um creador que de antemão se não cinja ao cumprimento de uma tarefa: sua lyra é melodiosa talvez; porêm elle sabe muito bem que ella é melodiosa. Elle ama o sublime, põe n'elle a mira, e o principal objecto de seus desvelos é parecer amar o sublime. Affectação universal: ninguem mais procura ser grande, porêm sim persuadir ao publico que possue o sentimento da grandeza.

Outr'ora, por exemplo, amava-se a natureza sem se affectar amal-a. Theocrito e Homero são grandes pintores: Virgilio e Ovidio desenrolam magnificos paineis; mas elles não se demoram com complacencia sobre estes paineis. Descrever não é o fito de sua arte: sinceros adoradores da natureza, elles não levam até a affectação e pesquisa seu culto, demasiado ingenuo para se alliar com mentirosas exageraçōes. Triste effeito da molestia que se afferra a nós e nos devora! Todas as nossas affeiçōes não são mais que um pallido reflexo das affeiçoes reaes. Vamos! exclama o poeta ou o romancista, eu vou descrever; cumpre-me traçar e colorir uma montanha, uma collina, um mar, um lago, um valle. O leitor conhece e avalia em seu justo preço estes reputados paineis da natureza. Logo que um romance ou um poema lhe offerecem uma descripção rica de epithetos, resplandecente de côres differentes, elle volta as folhas, passa por cima dos florões e astrágalos, e procura alguma pagina interessante e pathetica. O mesmo Walter Scott nem sempre consegue fazer supportar o tedio do genero descriptivo. O principio de seus capitulos, muitas vezes invadido por esta mania de paizagem, tem causado a seus admiradores mais de um movimento de impaciencia.

O grande numero de Revistas que se publicam, a influencia e universalidade da critica, são outros tantos symptomas não menos characteristicos. Já se não escreve para se dizer o que se pensa, sinão para se julgar os outros. Todo o mundo é critico. Pergunta-se o porque, o como de todas as cousas. « Dê-me Deus um leitor assaz bom e assaz facil para me abandonar as redeas de sua imaginação! Deixe-se elle divertir sem saber como! Deixe-se commover sem perguntar porque! » Esse leitor já não existe. Pullulam os

Johnsons e os Laharpes: uma população de avaliadores litterarios occupa todos os arredores, posta-se em todas as avenidas, e vos ensina que este licor é de sabor acre e est'outro de sabor dôce. Bem o sabiamos sem elles.

E nós mesmos, traçando estas linhas, não succumbimos ao mal geral? Não fazemos nós a *revista* do século em que vivemos e de seus desconcertos? Occupados em ver e julgar, não nos assemelhamos nós a esses fatuos de Londres, que, durante sete dias da semana, assistem a todos os *routs*, e não têm outra cousa que fazer sinão examinar uma turbamulta de gente que nada faz? Um livreiro de Leipsick annuncia uma Revista geral de todas as Revistas de Europa. Onde irá parar esta necessidade de criticar tudo e esta indifferença pelo trabalho de creação? A litteratura não é mais que um immenso tribunal onde tudo vem comparecer, historia, jurisprudencia, theologia, politica. O drama, onde domina a acção, a poesia, que exprime os sentimentos da alma, definham extinctos e como esmagados pela critica: monstro fantasioso que se corroe a si mesmo como a antiga chimera, e que vem a ser prêa da voracidade qne constitue sua potencia.

A philosophia mesma tem perdido todo o character de creação. Já ella nos não induz a regularmos nossas acções, já não exerce influencia sobre nossa vida; basta-lhe argumentar, dissertar e duvidar: sua perpetua inquisição não nos dá poderio algum, e nada ajunta a nossos recursos; ella não determina nossos pensamentos, não fixa nossa intelligencia e nossa imaginação sobre um só ponto. Discutir sobre o *eu* e o *não eu*, sobre o ente e sobre as funcções do cérebro, eis-ahi todo o seu trabalho. Não é assim que philosophavam Socrates e Pythagoras, legisladores moraes cujos preceitos não estão reduzidos a simplices fórmulas de logica.

Em todos os tempos, a metaphisica ha sido, si assim se póde dizer, a molestia chronica da humanidade. Atomos lançados no oceano do universo, porção infinitamente pequena de um globo cuja historia e existencia apparecem como pontos imperceptiveis no espaço e no tempo, nós vemos de todas as partes surgirem profundas trevas e nos circumdarem. Do centro d'essas trevas se erguem fantasmas: a morte, a immortalidade, a origem do mal, a necessidade, a fatalidade; questões insoluveis. Para fugirmos d'esta obscuri-

dade que nos urge, é que obramos, que vivemos. O fundo de nossa existencia não e sinão duvida e terror; n'este fundo formidando, se desenha o quadro variado de nossa vida. Porêm o homem, perseguido pelo sentimento de temor que lhe inspira este reino incognito, quer sempre penetrar-lhe as profundidades. Ora, nas epochas mais saudaveis e mais felizes, tenta realisar o theorema do universo, satisfazer-se a si mesmo, e deduzir d'esse theorema alguns principios que lhe sirvam de guia na vida real. A inspiração e a poesia se mesclam então com a philosophia; quer-se modelar as acções humanas segundo o typo que nos apresenta a creação. Cahe-se em mais de um erro; porêm, ao menos, tem-se uma norma de acção. Mais tarde, falta esta norma: duvida-se de tudo, e d'esta duvida busca-se extrahir um systema de philosophia. Como da negação fazer sahir a convicção? Como chegar a crer á força de duvidar? Por isso, toda especulação metaphysica tem por berço o nada, e o nada por tumulo: começa por nada, acaba do mesmo modo; cria fantasmas, combate-os, devora-os e os dá novamente á luz. Encerrada na esphera das ideas abstractas, a metaphysica é o flagello mais fatal á humanidade.

Remontae-vos á etymologia mesma d'esta palavra: *metaphysica;* conhecer-lhe-heis todo o vazio. Um metaphysico é um homem que pretende analysar a intelligencia e decompôr os phenomenos d'ella. Mas de que instrumento se serve elle para operar este phenomeno? De sua intelligencia. Assim, o mesmo instrumento que elle emprega é a obra sobre a qual elle quer operar, o objecto que elle espera dissecar. Baldados esforços para os loucos assim como para os sabios: o grande homem e o idiota ficariam igualmente mallogrados em sua realisação. O mais habil anatomista não trabalhará sobre seu proprio corpo, não levará o escalpello a suas fibras e a suas arterias. O mais destro e vigoroso athleta não conseguiria luttar comsigo mesmo, comprimir-se em seus proprios braços, suspender-se do chão e derribar-se. Não ha sinão o martyrologio irlandez, em que seja feita menção de um santo assaz habil para executar uma longa viagem, levando sua cabeça entre os dentes.

Hoje eis-nos cahidos no ultimo abysmo d'esta metaphysica contraria á acção. A inquirição devora e absorve tudo, o pensamento não conduz mais ao acto; já se não pergunta:

que cumpre fazer? nem como cumpre fazêl-o? e sim que espectaculo se póde tomar, em que analyse se póde entrar? A duvida, que outr'ora constituia o fundo da existencia humana, invadiu-a toda inteira: seu véo movel ondêa sobre todos os objectos e os faz vacillar a nossos olhos perturbados. Tudo è capcioso, subtil, equivoco: e entretanto o homem não foi collocado sobre a terra para fazer perguntas, sinão para obrar; não foi creado para deixar dormir e desfallecer sua força de acção, e não despertar sinão sua faculdade sceptica, não exercer sinão sua duvida e sua incredulidade.

O mais deploravel resultado d'esta incredulidade é destruir ella a força agente. Encontramos n'este mundo tantas difficuldades que vencer, tantos obstaculos que superar, que não é demasiada toda a nossa energia, coadjuvada por firme vontade e por fé robusta. Em vez d'isto, temos a duvida que nos enerva, o scepticismo que nos tira a força de vontade. Resta-nos a desgraça; carecemos do que nos dava alento para a vencermos. Terrivel desencantamento veio tudo murchar: a sociedade com isso não marcha melhor, a miseria não é menor; sómente detestamos esta sociedade, praguejamos d'esta miseria, em vez de sustentarmos a uma e de remediarmos a outra: assemelhamo-nos a esses Indios que já não têm a fé, mas que se deixam, por habito, esmagar sob o carro de Jagrenaut. A que nos apegaremos hoje? A que typo ideal referiremos nossas acções? Nem a fé religiosa, nem a fé politica, offerecem solidos amparos. A igreja e seus velhos dictames são desprezados, e o respeito de tradição que por ella se pôde ter não é sinão a veneração misturada de indifferença que inspira o disparate de uma avó. O ponto de honra cavalheiresco está destruido, a lealdade monarchica ou republicana desappareceu, os claustros estão fechados ou desacreditados. O pensador, lançado em um deserto de duvida, procura em vão um ponto fixo e estavel que lhe possa servir de centro e de apoio. O homem da sociedade e o homem de lettras se fazem byronienses, dandys ou metaphysicos allemães. É lastima ver estas tristes e debeis seitas germinar á porfia sobre as reliquias de todas as crenças!

Dir-se-hia que a Divindade se retirou da terra, que deixou o homem sob o jugo de ferrenha necessidade, abandonado ás angustias de uma inquietação devoradora. O hero-

ismo está paralysado. Qual a virtude que não tenha sido questionada? Qual o vicio que não tenha recebido honras? Qual o pensamento ou qual o principio que tenham permanecido em pé? Na idade em que a organisação humana se arroja e ferve, impaciente de obrar, que fará o mancebo? Não se lhe offerece nem uma bandeira, sagrada, inviolavel, respeitada: tudo está infamado. A duvida o cerca, o scepticismo o açoita com suas vagas encapelladas. Em vez de crer e dedicar-se, elle começa por desconfiar e temer. É-lhe mister abandonar-se a uma inquirição interminavel e dolorosa quanto profunda; é mister que a invencivel energia de seu pensamento ardente se suicide por assim dizer. Ha Deus? A alma existe? Tem a sociedade o direito de regêl-o e de se senhorear d'elle? Será elle rebelde ou escravo, oppressor ou opprimido? De que lado está a razão: do lado do tyranno que sevicía, ou da gentalha que se embriaga de sangue? Onde está a liberdade? Onde a escravidão? O mundo não é mais que um grande problema insoluvel, um esphynge que devora os que o interrogam.

A desgraça d'este estado social, onde nada é fixo, onde nenhuma doutrina está segura, se faz sentir do povo como dos grandes, do proletario como do homem de lettras. Mas ella pesa menos duramente sobre aquelles de entre nós que só têm um unico fito, viver; um unico pensamento, subsistir. Para esses, nada é vago; elles sabem o que querem, dirigem-se para um fim. A fome os impelle: quer se arremessem ao alcance dos empregos e do favor, quer ganhem laboriosamente um fraco salario, vivem; é bastante: sustenta-os sua actividade mecanica; sua energia é estimulada por esta necessidade que os domina: ha tedio e desgraça para estes homens, nunca porêm desesperação.

Mas o que será d'aquelles a quem anima instincto mais nobre, que refusam considerar-se como machinas, que querem que sua vida tenha um resultado e uma tendencia elevada? Quão amargamente hão-de elles sentir a dôr e o vacuo de uma épocha semelhante á nossa! Os antigos deuses estão carcomidos, os velhos symbolos gastos: ir-se-ha votar-lhes um culto hypocrita e uma adoração que não está mais em moda? É esse um triste e miseravel partido; é representar o papel de augur depois da queda do paganismo o susten-

tar hoje a monarchia absoluta, a cavallaria feudal e o papado theocratico.

Outros; mais numerosos, acceitam como fé a duvida, isto é, a negacão : nada affirmam ; promptos a negar tudo, têm por theoria este axioma simples — que toda a theoria é duvidosa, e por doutrina este facto irrecusavel — que o prazer é cousa agradavel ao homem. D'este principio nasce um facil epicurismo: elles gosam do prazer onde o encontram, fecham os olhos sobre o resto, e vivem tão felizes como podem. Esta classe é muito consideravel ; é ella que hoje compõe as massas , é ella que imprime na sociedade essa côr de hesitação e indifferença que a characterisa.

Os mais desventurados de todos são aquelles que, dotados de alma nobre , se indignam contra este resultado. A duvida que os cerca lhes repugna ; quereriam sahir d'ella e expellil-a de si. Elles sentem que , negando tudo , recusando-se a todas as convicções, não se chega a nada. Luttam contra esta fatalidade mais imperiosa e mais cruel que a fatalidade antiga ; quereriam achar principios, fixar suas idéas, evocar uma nova fé. Ser-lhes-hia de mister alguma cousa de preciso e determinado, um culto racional e energico; forcejam trabalhosamente por conseguir esta realisação de seus desejos. Aqui, lord Byron faz uma divindade da paixão , da voluptuosidade um culto. Alli, Shelley aspira a crear não sei que religião inaudita, na qual seriam adoradas todas as forças da natureza, especie de materialismo mystico. Mais longe, Schlegel, fatigado da duvida, se refugia no velho sanctuario do catholicismo em ruinas, e pede á fé cega um abrigo e uma trincheira contra a agonia do scepticismo universal. Por toda a parte vêdes pensadores, dotados de força e destreza, debater-se no meio de innumeraveis sophismas, amontoar laboriosamente paralogismos e guerrear um exercito de fantasmas.

Pelo fim do decimo oitavo século, subsistiam tantos erros acreditados, que havia coragem em destruil-os : a obra era bella, arriscada, digna do philosopho e do poeta. N'esta peleja contra o falso e o injusto, não sei que inspiração divina se fazia reconhecer. Hoje a lutta está terminada. O genio da destruição disse sua derradeira palavra ; o mundo antigo, com sua hierarchia, suas crenças e seus symbolos, está irrevogavelmente condemnado , desapparece e cahe no dominio da historia. Porêm não vemos ainda desenhar-se o mundo e o systema novo que

devem despontar : o parto é trabalhoso, durará longo tempo ; e nós assistimos com dôr a esta preparação dos mysteriosos destinos que aguardam as naçoes. A noite está obscura ; quando raiará o dia ? Quando virá nova aurora allumiar os povos ? Quando se classificarão todos estes elementos heterogeneos e confusos ? Ha bastantes annos que somos testemunhas de destruições e calamidades : o incendio tem devorado as cidades , o canhão tem talado as povoações, lagrimas e sangue têm inundado a Europa. Esperamos pelo desfecho d'este lúgubre drama, que nossos netos verão talvez desenredar-se.

Tal é a situação moral e material do tempo em que nos lançou a Providencia. Póde alguem maravilhar-se que uma sociedade, atacada de tão profundo mal, procure conhecêl-o e se interrogue curiosamente ? que lhe sejam especialmente proprias a inquirição, a investigação e a critica ? que em seu seio se debellem e se anniquilem milhares de theorias ? que universal discordancia pareça dividir as intelligencias ?

Haveria loucura, entretanto, em desesperar da especie humana, em abandonar-se ao desacoraçoamento que póde inspirar tal espectaculo. Nós avançamos nas trevas, porêm avançamos : é visivel este progresso da humanidade ; a historia o ensina e tudo concorre a comproval-o. Não ha espirito recto que não perceba esta marcha eterna, que, do paganismo ao catholicismo, da escravidão á liberdade, da ignorancia ao conhecimento do mundo, ha guiado como pela mão, e de degrau em degrau, a raça á que pertencemos. A lição do tempo nos ensina que a mobilidade, a mudança, as revoluções, são essenciaes ao homem : é uma lição immensa. Outr'ora ainda se fallava de crenças immutaveis, de fórmas de governo immutaveis. Pretendia-se encadear violentamente o porvir com o preterito ; dizia-se aos povos : « Ireis até alli, e não ireis mais longe. » Pretendia-se, tentativa insensata ! formular para sempre a existencia social e individual ; julgava-se que certas palavras magicas amanhavam a humanidade, imaginava-se que ella poderia subsistir assim immovel e activa, livre e agrilhoada. Acreditava-se nas instituições eternas, nas crenças perduraveis, como si a condição mesma da vida não fôsse a mudança e o movimento ! Temos aprendido que nada é eterno n'este mundo fragil, que as mais vigorosas instituições devem desmoronar-se, que os systemas mais bem estabelecidos têm seu lado fraco e encerram sua causa de morte ;

porêm, o que é ainda mais util, começamos a comprehender que esta mesma mobilidade é compativel com a duração e com a força. Na poesia, nas artes, na politica, uma revolução, uma transformação eterna, mudam as fórmas exteriores; nada porêm se perde, a experiencia do passado subsiste. Tudo se transmuta e nada morre: o passado se desvanece, mas legando suas memorias ao presente; as velhas fórmas cahem, para darem logar a fórmas novas.

Porque pois assustar-se d'esta mudança continua, d'este inevitavel movimento? Elle faz viver a humanidade, não destroe nada. Nós mesmos, nós mudamos; os elementos de que se compõe o nosso corpo estão subjeitos a eterna trasmutação.

Uma grande renovação, uma mudança maior, são sempre penosas; lembremo-nos porêm que toda mudança maior, toda revolução importante, nascem de um accrescimo de recursos. As antigas fórmas se despedaçam e não são mais sufficientes para conterem as novas riquezas. As populações tresbordam, as instituições antigas são demasiado fracas para conterem estas massas turbulentas que anima nova energia. E não é justo que seja destruido um molde antiquado, e que lhe succeda um molde mais amplo, mais solido? Por ventura o systema da mecanica, o da navegação, não foram transtornados por uma só descoberta, pela machina de vapor? Não foi a antiga arte da guerra lançada por terra pela polvora? Quando morreu o polytheismo, quando o feudalismo deu seu ultimo suspiro, quando a monarchia absoluta se submergiu nas ondas de sangue que derramou a revolução franceza, havia progresso e dôr, renovação e padecimento, accrescimo de forças e de luzes, ao mesmo tempo que incerteza, anxiedade no emprego d'essas forças.

Estas especulações metaphysicas, este desvario ocioso, estas theorias multiformes que nos pareceram tão perigosas e que nos offereceram o symptoma de grave molestia social, hão-de mais tarde produzir seus fructos, terão sua utilidade. A' força de se abusar da critica, ha-de-se reconhecer a necessidade de crear e fundar; á força de se accumularem as negações, ha-de-se sentir que as negações são improductivas. Impellidos de systemas em systemas, de theorias em theorias, os homens volverão emfim á acção, á vontade, á vida real. O scepticismo se exhaurirá, e as numerosas transformações da philosophia rematarão pelo an-

niquilamento de todos estes systemas absolutos que se succedem como as nuvens no céo. Não se viu Kant desenthronisar Leibnitz, Fichte alterar os dogmas de Kant, Schelling modificar as idéas de Fichte, Hegel metamorphosear a theoria de Fichte, e M. Cousin renovar tudo outra vez? É impossivel que estas metaphysicas, assim submetidas a uma elaboração constante, não venham por fim a evaporar-se.

Assim tambem, ver-se-ha esvaecer-se essa fé nas theorias politicas e em sua influencia, essa credulidade na potencia dos systemas, abstracção feita dos costumes e vidas. Esta miseravel applicação da metaphysica á politica tem sido assaz fatal aos povos modernos. Brevemente não se ha-de mais crer que uma constituição escripta ou impressa baste para governar uma nação, que o mais habil mecanismo social baste para fazêl-a prosperar; não se ha-de mais crer que pode uma republica nascer completamente armada do cérebro de um legislador, como Minerva surdiu outr'ora do cérebro de Jupiter. Todos estes erros, a experiencia os ha-de alternativamente corrigir. Já a revolução de 1789 deu á Europa uma lição bastante forte para não ser esquecida. *Seja dada uma multidão egoista e sem principios: fazei, de sua acção combinada, resultar uma sociedade virtuosa e honrada.* Este problema insoluvel produziu resultados assaz sanguinolentos para que mais se não tente resolvêl-o ou mesmo propôl-o.

Já fracos e fantasticos esforços provam que n'uma época mais ou menos remota, serão definitivamente abandonados estes systemas e estas theorias inconstantes, este culto da critica. Em França, vêdes uns tentarem reedificar a sociedade sobre suas bases constitucionaes, os outros forcejarem por fazêl-a tornar á monarchia absoluta: mas emfim o mister de ordem e de organismo se faz ahi sentir. «Vamos! exclamam alguns insensatos, fundemos uma religião, estabeleçamos um culto! » Em Inglaterra, em Italia, o mesmo reparo, a mesma agitação, a mesma tendencia remota, porêm invencivel, para a ordem e reconstrucção. O tempo está diante de nós: si não estamos destinados a ver nascer essa nova era dos povos, prestemos ao menos nossos soccorros a esta laboriosa preparação, coadjuvemol-a; dirijamos nossos esforços para este nobre fim, apadrinhemos o parto dos destinos futuros e contribuamos para tão grande resultado. Nos-

sa sorte terá sido de nascermos em um tempo de soffrimento e de transição, entre uma civilisação exhausta e uma civilisação incompleta.

(Edinburgh Review).

ECONOMIA POLITICA.

CONTOS DE M.me MARCET. (*)

IV.

A POPULAÇÃO, OU O ANTIGO MUNDO.

— Meu pae, disse Thomazinho em o seguinte dia, não entendo bem porque é que somos tão pobres em Inglaterra onde os gigantes trabalham muito mais para nós do que na ilha deserta, de que hontem nos fallou o bom mascate. O unico moinho de vento, o engenho d'agua e a pobre e acanhada manufactura d'aquella gente, eram bem pouca cousa á vista das fabricas que cá temos; e no emtanto n'aquella ilha os homens viviam na abundancia, emquanto por aquí quasi morremos de fome,

— A tal ilha, disse Hopkins, era uma casca de noz á vista da nossa terra, e os habitantes eram alli poucos, de modo que essa mesma ninharia de fabricas e moinhos bastava para as suas precisões; mas aqui todos os nossos engenhos não nos chegam, porque somos muitos.

(*) Vid. o numero 3 do 2.º volume.

— Então, meu pae, replicou o rapaz, está visto que o que devemos fazer é levantar mais fabricas, porque os braços não nos faltam, antes sobejam.

— Assim é, mas carece-se de dinheiro para pagar os obreiros, e o dinheiro é pouco e não póde chegar.

— De certo que não temos menos dinheiro do que os da ilha deserta, respondeu o moço, porque me lembro que só lá havia uma bolsa d'elle, e esse sem prestimo. Porque é que não havemos de passar sem elle? Em logar de pagar o jornal aos trabalhadores, o melhor seria sustental-os e tratal-os.

— Tudo vem a dar no mesmo, meu filho: *ouro é o que ouro vale;* mas, como somos muitos por cá, não ha logar, alimento nem vestuario para todos. Tua mãe me deu dezaseis filhos, e sabe Deus o trabalho que temos tido para crear a metade; mas, como tu és ainda muito creança, não podes comprehender estas cousas: vae para o teu trabalho e não fiques aqui vadio.

Quando Thomaz se ausentou, começou a bôa mãe a fazer os seus entes de razão: — É bem duro, dizia ella, que eu, tendo tido dezaseis filhos, tendo trabalhado como uma moura, não possa ao menos arranjar com que os sustente bem, lhes dê creação para poderem ganhar a sua vida. Já bem custou a achar arrumação para Diogo e Chiquinha, e agora que Joanninha já está uma moça, não sei o que hei-de fazer d'ella. Em casa do fazendeiro Wilkins, havia um logar vago; lá se appresentaram seis para esse logar, e aquella que tomaram foi por pouco mais de nada além da comida e de um par de sapatos por anno.

— É porque ha mais raparigas do que logares para ellas, observou Hopkins.

— Estou por isso, mas o que eu quero saber é o que hei-de fazer d'ellas? A bôa da rapariga tem tão bôa vontade de comer, que já não era pouco que ganhasse para o seu sustento; mas não a quizeram no moinho, e a fabrica já tem moças de mais.

— É porque ha pouco que fazer e muito quem trabalhe, disse o marido.

— Ora basta, replicou a mulher enfadada; que m'importa a mim com isso! O que eu te pergunto é o que hei-de fazer para termos pão para todos os nossos filhos. »

O marido lhe respondeu com um profundo suspiro, que a tanto não chegava o seu saber.

— Ao menos, lhe retorquiu a bôa mulher, poderás dizer-me a razão d'isto.

— Essa é bem clara, é porque ha pouco pão e muitas boccas para sustentar.

— Mas que remedio lhe havemos de dar?

— *Ahi é que torce a porca o rabo.* Agora que já temos os filhos, o remedio é fazer a diligencia por tratal-os, e repartir com elles o pouco pão que temos; mas, si a nossa familia não fôsse tamanha, viveriamos mais fartos. Olha o visinho Fairburn; em casa d'elle não falta nada.

— Assim é, respondeu a mulher, a sua filha Sophia estava outro dia na igreja com um vestido bem fino; confesso que fiquei com inveja, quando o comparei aos molambos remendados dos nossos pequenos. Bem me lembra que a nossa Josepha, quando era pequenina, andou com roupa tão bonita como a de Sophia Fairburn; mas agora é outro tempo.

— Estás enganada, observou Hopkins, a fazenda hoje está mais barata do que era n'aquelle tempo; mas depois ainda tiveste mais treze filhos, e com o mesmo dinheiro não é possivel comprar-lhes roupa a todos, apezar de custar a metade. Quando tinha só trez, viviamos como o nosso visinho, porque os seus ganhos andam pelos nossos; mas é cousa differente dividir por trez ou por dezaseis.

— Mas tu bem vês, marido, que nós nunca tivemos os dezaseis todos vivos, nem mesmo perto d'isso.

— Assim é; mas, si tantos morreram, é mais uma prova de que temos tido mais do que podiamos crear e arranjar. Por isso, si nos tivessemos casado na idade em que o fizeram os nossos bons visinhos, não teriamos uma familia tão numerosa.

A bôa mulher, que não admittia allusão offensiva á sua nimia fecundidade, e que alêm d'isto, não era muito feliz em força de argumentos, fez bôa cara para mudar de conversa, e disse: *Só se veja quem só se deseja.* A que o marido retorquiu com outro ditado: *Quanto menos somos, melhor quinhão nos cabe.*

Então Hopkins tratou de explicar á sua mulher que, si os lavradores tivessem familias pouco numerosas, não só-

mente viveriam com mais commodidade e abundancia, mas ainda, sendo em menor numero os que procuram que fazer, os donos das terras lhes offereceriam melhores jornaes. A mulher não se deu por convencida, objectando-lhe que então o serviço seria mais pesado, por ser menos repartido.

— Essa é bôa! disse o marido, pois nós somos escravos? Havemos trabalhar mais do que nos permittem as nossas posses? Ao contrario, sendo nós em menor numero, os lavradores é que nos hão-de procurar; e agora nós é que pedimos que fazer, e por isso elles fazem o que querem comnosco.

— Nada, disse a mulher abanando a cabeça, os ricos são mais expostos do que nós e têm sempre a faca e o quejo na mão, e o que haviam de fazer nesse caso era fazer passar uma lei que fizesse conservar os jornaes; e como elles é que nos pagam, não tinhamos remedio sinão subjeitarmo-nos, porque sem trabalho não podiamos viver.

— D'isso é que eu duvido: ainda outro dia, me lembra que, indo á casa do mestre de eschola da aldêa, achei-o muito entretido a ler um livro velho; disse-me que me abancasse e leu-me alto um bom pedaço. Era o caso de uma peste que houve na nossa terra, e tão grande e mortal, que a população do reino ficou pela metade da que d'antes era . . . .

— Coitados! disse a bôa mulher compadecida, que terrivel cousa! Mas vamos ao caso: então os trabalhadores ficaram muito diminuidos, não é assim?

— Certamente, e o mesmo livro conta que elles se aproveitaram d'isso para exigir maiores jornaes.

— Isso é que me admira, observou a mulher, porque, morrendo de uns e de outros, de certo que não haveria muitos tambem para quem trabalhar; porque a peste tanto dá no rico como no pobre, como nos ensina a Escriptura Sagrada.

— Assim é, mas tu não pensas que o rico póde pagar o medico e os remedios de botica, e que por isso mais alguns escaparam; além de que, apezar de morrerem muitos ricos e proprietarios, não morreram os seus bens que ficaram aos descendentes e amigos, ficando muitos com a necessidade de que lhes cultivassem as suas terras. O tal livro conta mais que o rei que então governava, sabendo que os obreiros pediam mais salario, se enfadou, e poz taxa no

mesmo preço de antes da peste ; mas o povo levantou-se , e o rei não teve outro remedio sinão satisfazer ao seu desejo.

— Não sei bem d'essas cousas ; mas, depois do que nos aconteceu com a fada , não faço fé n'estas altas dos jornaes de trabalhadores.

— O tal augmento de que fallas foi devido a uma causa que chamamos sobrenatural ; a bôa fada o effectuou pela virtude magica do seu condão , e por isso não teve melhor resultado do que o decreto do rei de que tratava o livro de que te fallo , em que esse monarcha quiz com poder absoluto obrigar os trabalhadores a contentar-se com o antigo e modico salario. A natureza e a marcha natural das cousas é mais poderosa do que os decretos de um rei , ou do que o condão de uma fada condescendente. Uma vez que o numero dos trabalhadores foi diminuido pela peste , seguia-se naturalmente um augmento no preço do trabalho , sem que d'ahi resultasse inconveniente algum.

— Ah ! exclamou a bôa mulher, tornando ao seu ponto, esses lavradores podiam então , sem transtorno, casar-se bem moços , sem temerem o risco de lhes faltarem meios de alimentar a sua familia, ainda que fosse numerosa.

Hopkins conveio na observação , dizendo-lhe , todavia , que não seria prudente abusar d'essa faculdade , porque, si todos se casassem cêdo , os filhos seriam muitos, e ao cabo de alguns annos, crescendo a população, seria reduzida ao mesmo estado de miseria em que se achava antes da peste tão matadora.

— E justamente o estado em que agora nos achamos, disse a pobre mulher ; mas, seja como for, Deus nos livre de experimentarmos outra vez semelhante flagello.

— Descança , que outra peste não virá á nossa terra , lhe observou o marido , mas não devemos esquecer a lição que ella nos deu : o que é certo é que , si cada trabalhador tratasse de ter e crear um pequeno numero de filhos , no fim de alguns annos estariamos com nossos negocios mais bem figurados ; si poucas raparigas se tivessem offerecido para trabalhar na fazenda de Wilkins , a nossa Joanninha poderia mais facilmente obter emprego, e talvez viesse a ganhar vinte ou trinta mil réis por anno , em logar

do simples sustento e de um par de sapatos. A nossa terra está como a nossa casa, ha boccas de mais para sustentar, com os ganhos honestos da nossa vida; o que não aconteceria, si cada familia se tivesse mantido com mais prudencia. Assim como Deus nos deu bons braços para trabalhar, nos deu tambem juizo para reflectirmos no que mais nos convêm, e a culpa temos nós em não nos defendermos da pobreza por meio da prudencia e da economia. Mulher! nós deviamo-nos ter casado mais tarde do que o fizemos: assim teriamos evitado tantos cuidados que nos dá o arranjo e estabelecimento da nossa numerosa familia; mas, como *aguas passadas não moem moinhos*, sirva-nos isto de regra para o futuro.

— Mas meu, charo, nem tu nem eu temos que nos tornar a casar, e ainda que tal acontecesse, já não estariamos tão moços que o conselho nos aproveitasse.

— Não é em nós que cuido quando digo isto, minha bôa mulher, é dos nossos filhos; penso agora no nosso George que ainda agora tem vinte e dois annos e já anda embebido por Isabel Bloomfield, que é uma rapariga de dezenove annos: George com o trabalho dos seus braços, que outra cousa não espera ter de que se alimente, não póde sustentar e tratar uma duzia de filhos que lhe hão-de cahir em casa. Não quero ouvir fallar em semelhante casamento emquanto George não tiver ajuntado alguma cousa com o seu trabalho. Isabel que vá servir, e, quando tiver o seu coscorrinho ao canto da caixa, e ambos mais alguns annos de idade, inda será tempo de se casarem.

— Meu Deus, que crueldade! E que se dirá d'isto?

— Mais cruel seria deixal-os casar agora, para ver em breve tempo filhos esfaimados, doentes e maltratados, creados no seio da miseria, padecendo faltas que os haviam de infezar e matar; então, em logar de fazerem a alegria dos seus paes, seriam um manancial de desgostos e saudade.

— Como os nossos pequenos, accrescentou a bôa mulher sûspirando; mas tu bem sabes que um d'elles morreu de sarampo, e que esta molestia não é causada pela falta de trato: Deus é que a mandou.

— Sim, respondeu Hopkins; mas, si elle não estivesse fraco e não faltassem os meios de o tratar, talvez tivesse escapado, porque nem toda a gente que tem sarampo

morre d'elle. Ainda que nós não possamos dizer que alguns dos nossos filhos tenha morrido verdadeiramente de fome, comtudo talvez todos estivessem ainda vivos si tivesse havido abundancia e outros meios de tratamento.

— Ai de nós! disse a pobre mãe enxugando as lagrimas; a sua morte não me afligiu tanto como ouvir e ver os seus soffrimentos. Coitadinhos! não tinham um instante de descanço. Que tempo tão magoado passei com elles, a quem eu queria tanto bem! Alguns já tinham morrido de bexigas quando se descobriu a vaccina; cuidei que os outros escapassem. Qual! morrerão tambem outros, de doenças diversas. Parece que Deus os quiz chamar para sí, porque eram como as flôres que devem morrer e cahir sem dar fructo.

— É fóra de duvida que Deus quer que morram os filhos cujos paes não têm posses para os sustentar, e, quando não ha bexigas, não faltam sarampos, tosses convulsas, catharros, e outras doenças que os levem, porque, coitadinhos! devem morrer, porque não ha com que os sustentar.

— Marido, não posso ouvir-te fallar assim, por que parece que a sua morte foi para ti um despacho.

— Mulher, é uma vergonha e mesmo um peccado dar existencia a entes que são destinados a soffrer trabalhos e morrerem na infancia: ao pé do berço têm a cova, e por intervallo os padecimentos e a miseria. Nada: não devemos consentir que os nossos netos tenham semelhante sorte. Faze toda a deligencia para que a pobre Isabel Bloomfield se alugue em casa capaz; o casamento fique para mais tarde.

— Está-me lembrando, disse a bôa mulher depois de alguns instantes de reflexão, que no castello visinho querem uma ama secca; mandei lá Joanninha, mas acharam-a muito creança: parece-me que Isabel havia servir perfeitamente, porque é uma rapariga aceada e cuidadosa, que creou com muito carinho e cuidado os seus irmãos mais moços.

Então Hopkins se chegou a uma de suas filhas, Francisca, que estava cozendo ao pé de uma janella: quando a filha deu com elle, córou e procurava occultar as lagrimas que lhe corriam pelas faces.

— Que é isto, Chiquinha, estás enfadada com Thomaz

Barton? Não te dê isso cuidado, porque contendas de amantes duram pouco.

— Não, senhor, papaezinho, lhe respondeu a menina, elle nunca me disse nada que me escandalisasse; maas eu estava ouvindo tudo o que Vm.ee disse a minha mae, e como eu não sou mais velha do que Isabel, não devo tratar ainda do meu casamento, mas procurar casa onde sirva.

— Não é assim, minha filha; Barton tem meios para te sustentar a tí e aos pequenos que é natural que venham; não tem parentes nem adherentes, e seu pae deixou-lhe arranjo e loja, e por cima algum dinheiro: nenhum mal poderá resultar do teu casamento com esse rapaz; ao contrario, minha filha, deixas de nos ser pesada, porque temos ainda os teus irmãos e irmãas a quem tratemos.

Francisca olhou para seu pae com coração magoado, por ouvir d'elle que lhe era pesada; mas sua mãe que a entendeu se apressou a consolal-a, dizendo:

— Não julgues que teu pae te deseja ver fóra de casa; mas é bem certo que será grande a nossa satisfação quando te virmos feliz e bem arranjada, e em estado de repartires o teu com os teus irmãos e irmãas.

Um sorriso animou o juvenil semblante da pobre moça; porêm tornava a ficar triste quando pensava em seu irmão e na pobre Isabel Bloomfield.

BIBLIOGRAPHIA.

D. SEBASTIÃO O ENCOBERTO, ROMANCE-POEMA, PUBLICADO EM LISBOA NO ANNO DE 1839.

Quantos annos de gloria n'um só dia
Perdeu sem culpa o nome Lusitano!
Como jactar te deves Barbaria,
Que logar te dará tão soberano
A fama iniqua, e como emfim cantado
Será teu nome, e sempre celebrado!

Elegiada Canto 18.

A famosa batalha de Alcacerquebir teve consequencias tão importantes para o reino de Portugal, que nenhuma estranheza deve causar-nos que o funesto acontecimento seja frequentemente lembrado nos versos dos poetas portuguezes. Alguns ha que d'esse desastroso successo fizeram o assumpto especial de seus canticos. Os nossos leitores conhecem a Elegiada de Luiz Pereira Brandão, e, si quizerem percorrer estas linhas, conhecerão outro cantor da infeliz sorte do rei D. Sebastião, ou antes conhecerão outro poema sobre o mesmo assumpto, pois o moderno vate nos occultou o seu nome.

A acção d'este poema é a seguinte: Perdida a batalha de Alcacerquebir pelo rei D. Sebastião, um Mouro de nome Selim, ao qual o monarcha portuguez no ardor da peleja havia salvado a vida, envolve o principe nas suas proprias vestes, colloca-o sobre o seu proprio cavallo, e o brioso corsel conduz o guerreiro lusitano á casa de seu senhor, onde se

lhe presta todo o agasalho da hospitalidade, como é de uso entre os Arabes. Selim habitava a alguma distancia da cidade de Fez, e com elle habitava seu pae de nome Ismael, pessôa respeitavel, que se havia retirado da côrte. Ahi vivia tambem Zilla, filha de Ismael, irmãa de Selim. Esta donzella estava destinada para esposa de seu primo Ali, homem perverso; mas o coração da innocente virgem, até aquelle tempo isento de affeições amorosas, palpita pela gentileza e galhardia que da pessôa de D. Sebastião transluz, apezar do abatimento a que o tinham levado as feridas gravissimas, o cançaço do combate e da fuga, e mais que tudo as afflicções de espirito. O principe lusitano tambem pela primeira vez sente a força do amor. Um sonho lhe revela a paixão que o domina pela sua bella enfermeira; mas, quando

> As mãos lhe aperta com vigor estranho,
> Devora-as com seus beijos, cinge-a ao peito
> Com força tal, que o resistir baldára,

Ali os surprende; e o poeta passa a traçar o quadro dos furores d'este homem feroz. Ali era filho de uma irmãa de Ismael e de um renegado nascido nas margens do Guadiana, e que apenas merece o nome de monstro com aspecto humano. Ali tinha vindo, logo depois da batalha, á casa de seu tio para dar-lhe a noticia da victoria das armas agarenas: viu n'essa occasião o desgraçado rei acolhido na morada de Ismael, e agora volta acompanhado de homens armados, e resolvido a ornar o seu triumpho com o lamentavel espectaculo do soberano arrastando os grilhões do captiveiro. Recusa Ismael entregar D. Sebastião, porque os direitos da hospitalidade, tão sagrados entre os homens da sua raça, oppoem-se a uma tal perfidia. Ali ou cede, ou finge ceder ás razões do seu parente; mas dirige-se com passo vagaroso ao aposento onde se acha o principe: ao vêl-o abraçado com Zilla em praticas amorosas, não póde refrear os impetos que o assaltam; e, para que n'um instante não viole o Mouro os direitos da hospitalidade, forçoso é que alguem pegue nas armas para defendêl-os. Selim apparece em tal ensejo, e segue-se o combate. Mas no combate não entra só este natural defensor da irmãa, do pae e do hospede. Pegam tambem os dous em armas, pois que da parte contraria não tinha sido unicamente Ali a pôr-se em

campo; os seus satellites o haviam seguido. Todos os combatentes mordem o pó. A mesma Zilla, que no mais travado da peleja corre a defender com seu corpo o peito de Ismael, cahe atravessada de um golpe. Quando todos jazem por terra, sobrevem o renegado pae de Ali, que, depois de lançar fogo á habitação de Ismael, arroja-se ao incendio, desesperado pela morte do filho. D. Sebastião volve á vida para acabal-a nas minas do edificio, por entre as quaes, perdida a luz da razão, passará errante os seus ultimos dias.

Da exposição que acabamos de fazer, evidentemente se conhece que não falta ao nosso poeta o talento da invenção. Todavia, a sua obra é obra de homem: não póde deixar de ter defeitos. Nada diremos sobre as faltas de unidade, que elle mesmo confessa, posto que, segundo pensamos, não se devêra conceder aos poetas romanticos a amplissima liberdade que se lhes concede para discorrerem todo o dominio da poesia, livres e soltos de todas as leis reconhecidas e juradas pelos amadores e sectarios da poesia classica. Poesia romantica, certamente não quer dizer inverosimilhança, extravagancia; e si a lei das unidades concorre para tornar a ficção poetica verosimil, para prender os vôos a uma imaginação extraviada, a lei das unidades é util, é necessaria na mesma poesia romantica, pois que, conforme a opinião de um erudito escriptor, não differe esta da poesia classica sinão em tirar da historia moderna os assumptos que celebra, e em tirar do christianismo o maravilhoso dos seus poemas. A Jerusalem libertada é um poema construido segundo as dimensões da poesia classica; e todavia disseramos que é esse o primeiro poema romantico, si por ventura não tivessemos bebido com o leite o idioma que fallou Camões. Si todavia estas idéas não agradam, si cumpre ceder á opinião de que os poetas romanticos estão no seu direito, quando recusam subjeitar-se ao jugo das unidades, entendemos em todo o caso que ninguem os julgará superiores á lei da simples razão e do bom gosto, ainda dando-lhes de barato que na rigorosa observancia da lei das unidades alguma cousa haja de convenção. Arriscaremos portanto diversas reflexões criticas sobre o poema cuja publicação annunciamos a nossos leitores.

Causou-nos uma sensação por extremo desagradavel o excessivo horror que se pretendeu lançar por todo o poema. Pareceu-nos que viamos resuscitada a seita dos poetas inglezes, que constituiu a eschola do terror. Figurou-se-nos que no poeta

portuguez se tinha encarnado o espirito do famoso Lewis, autor do Frade. Mas ouçamos as proprias palavras d'esse monstro a que Ali deveu a existencia. Depois de referir ao filho a deslealdade da esposa, continúa da maneira seguinte:

.... A raiva não tem diques,
E este punhal!...—Surriu sinistro, e torna:
Mas soube demorar minha vingança!....
Este punhal tres vezes se ha embebido
Sedento no seu peito, e outras tres vezes
Attentei, si era assaz a baqueal-o!....
Não foi, e o quiz; golphadas de seu sangue
Atirei á infiel—baptismo emerito!
Que horroroso a desperta!—Assim a deixo!....
Quanto é escaço o furor d'hyrcano tigre!
Ais que o seu coração echôa e quebra,
O estalar dos soluços abafados,
Os seccos olhos delirantes eram
A' minha raiva não sobejo pasto!....
—Que zombe agora e ria d'essa louca
Minha credulidade o par virtuoso!
Tem propicia monção. deixei-os ambos!....
Deixei-os; mas referve-me no peito,
É grata ao meu furor a angustia d'elles;
Penas da infame e crú remorso vivo!...
Remorsos a pungil-a? Não!—é falso!
Talvez que a pungem só do amasio as penas....
Só lhe dóe sua dôr.... f'ridas lhe ameiga....
E as penas com seus beijos.... por elle ora,
Anceia....—Não! jámais!.... Morrerão ambos!...
De ciume abafando, ardendo em zêlos,
Atraz meus passos volvem; subo, acerco-me,
Abri....—e a vista inteira se me enturva,
Zune o ouvido... Luziu o punhal!... e embalde
Ella pede, ella implora que lhe poupe
Os seus tão tenros annos, essa vida
Que lhe é pouca a remir sua culpa enorme!
—Pediu embalde!.... sob um ferro cahe!
E ainda quente o ferro de seu sangue
Em sangue se engolphou do Lusitano!....
A morte os reuniu!—Furor, despeito,
Raiva, e desesperação, em mim ficaram!....

XIII.

Ainda um tracto os eu vi ambos luctando
Co'as fortes vascas d'insoffrida morte ;
Inda os quiz ver !.... Fugi como um possesso !....

Que horror não causa o monstro que de proposito fere a victima de modo que ella não espire, que entre golpe e golpe perscruta o effeito de cada ferimento, que desperta a criminosa lançando-lhe sangue sobre a face, e que se apraz de ver os dous infelizes luctando com as vascas da morte ! O monstro era devorado por uma sêde de crimes que nada póde saciar. Foge para Marrocos, renega, e os altos postos a que é elevado não lhe preenchem o vasio do coração, que só almeja por sangue de christãos e Portuguezes. Escutemos ainda uma vez os bramidos do tigre.

Pazes feriramos
(Antes tregoas) então co'os tredos Lusos ;
E um cavalleiro d'elles—Rui de Pina,
Que nosso prisioneiro tinha sido,
Muito para taes tregoas concorrêra :
Captivam-o da Moura os olhos lindos,
E ella, e Zara morria-se de amores
Pelo aborrido Luso.—Que optimo alvo
Para a minha vingança ! Um Lusitano....
Uma mulher fallaz !.... A' obra ! avante !

XV.

As nupcias com gran pompa se aprestavam ;
(Que ambos os cultos venia concediam) :
E eu que ensejo buscava a meus intentos,
Eu que todos veneram, busco traça
De estar-me a sós co'a noiva : vivo pinto-lhe
Meu amor, meus desejos ; insto....—É marmor
Nos ouvidos, em repellir-me é vibora !
Pouco me importa.... á força será minha !....
Luctou, mas succumbiu !....—Pobre infelice !
Era tão joven, tão formosa estava !....
Est'alma, que vinganças só repascem,
Confesso que a senti seguir-me invita !

Mas foi de breve dura!...—A desgraçada
Tornou a si!.... Arranca-se os cabellos,
Macera o lindo rosto, implora a morte!....
« Morte? jámais!—E o teu esposo, Zara?
Para elle te guardo!.... »

Não demoro,
Ali, em relatar-te a scena ingrata:
Ella cedeu ás ameaças crúas
De morte ao charo irmão, de morte ao esposo;
Consentiu em viver, segredo arranco-lhe.
—De immerito remorso combatida
Em lagrimas definha!—O esposo ancêa,
E teme-o qual juiz inexoravel:
Si elle viesse!.... O' Zara, tal não temas;
O Luso não virá!...—Portador fido
Lhe põe nas mãos missiva que relata
Desar da noiva e aviltamento d'elle;
Convida-o a provar-lh'o.—Veio ardendo,
Chega ao marco, sob um punhal sumiu-se!...
. . . . . .

Que horror (tornamos a dizer) não causa o monstro que força uma donzella proxima a casar-se, que faz saber ao esposo a sua deshonra, que cobardemente assassina a este, e que para tantos crimes não tem outra causa mais do que esse furor de sangue que o agita contra o nome christão e portuguez! O combate de D. Sebastião com o Mouro Ali tambem nos parece peccar por este lado, quando o Mouro procura metter a mão pela bocca do principe, e este o suffoca. É um combate de canibaes. O nosso autor foi certamente accommettido da enfermidade com que labora a litteratura franceza, e que se descreveu em um artigo da *Revista de Edimburgo* traduzido e transcripto nas paginas d'este nosso periodico. Esta proposição, já em parte provada pelo que levamos exposto, ficará fóra de toda a duvida com o que continuamos a expôr; e, voltando ao assumpto observarêmos que a ferocissima personagem do monstro pae de Ali é quasi alheia, ou antes totalmente alheia ao andamento do poema: para o nexo da fabula eram bastantes os esponsaes de Ali, o desejo que tinha este de levar o monarcha lusitano captivo a Fez, e o mutuo amor do principe e de

Zilla: o renegado serve apenas para lançar fogo á habitação de Ismael, facto que já tem logar depois da catastrophe; mas perdôe-nos o illustre poeta, esqueciamo-nos de que elle mesmo confessára não ter respeitado as leis das unidades.

Outro ponto encontramos, pelo qual nos parece o poema ou romance digno de censura. O heroe de um poema ou romance é sempre a personagem d'elle collocada em ponto mais elevado, é sempre a personagem sobre a qual brilham com mais vivo fulgor todas as qualidades que podem excitar no coração dos leitores o mais forte sentimento de interesse e sympathia. Vejamos porêm si no romance ou poema de D. Sebastião foi guardada esta regra, prescripta, não diremos já pelo gosto, mas pelo mesmo senso commum. Emquanto ás forças physicas, é certissimo que o nosso heroe excede a todas as outras personagens: mal recobrado de tantas fadigas, com feridas a sangrar, entra em lice; cahe vencendo, e ainda recobra a vida para ver o incendio da casa de Ismael, e para ficar errando como um fantasma em cerca das ruinas. Emquanto porêm á nobreza e generosidade de sentimentos, o velho Ismael e seu filho Selim são mui superiores. D. Sebastião entra no combate final em defesa de sua propria causa, em defesa de sua propria pessôa; mas são corações agradecidos ao beneficio recebido por Selim no campo da batalha, mas é o respeito aos direitos adquiridos pela hospitalidade que poem as armas nas mãos de Ismael e de seu filho em favor d'aquelle mesmo que acabava de unir a seu peito em criminoso abraço a filha de um, a irmãa de outro, a esposada do seu parente. Parece-nos que o autor da Elegiada, poema onde se encontram notaveis bellezas de estylo, conservou melhor a nobreza de character do heroe, quando pintou D. Sebastiao livre de suspeitas de interesse pessoal, levantando os olhos ao céo, e com o pensamento em Deus, exclamando:

Em mim que só fui causa d'este damno
Executa o castigo do meu erro,
E não no triste povo lusitano
Passado quasi todo a chumbo e a ferro *.

No poema que citamos, o monarcha portuguez, apezar dos conselhos e das supplicas de Tavora seu valido, lança-se ao

* Elegiada, Cant. 17.

mais perigoso da peleja, commette prodigios de valor ; e, quando perdida a ultima esperança de victoria, os seus amigos lhe aconselham que para salvar a vida entregue a espada, movido de uma nobre indignação, deita os olhos ao redor de si, aperta com mais força o ferro que empunha, e precipita-se de novo ao mais travado do combate,

Dizendo : dôce morte é morte honrada,
Perder a vida sim, mas não a espada.

Compare-se a energia de tal pintura com a exposição que faz Ali das façanhas do principe, e ver-se-ha como n'esta parte o antigo poeta ficou acima do moderno cantor do desastre de Alcacerquebir. Nem se diga que os feitos d'armas de D. Sebastião cobram melhor brilho da confissão que d'elles faz o inimigo. É um inimigo vencedor, que, para exaltar a sua propria gloria, exagera talvez o valor do vencido. Na Elegiada, entre as gentilezas do heroe e o leitor, não se interpõe o depoimento de testemunha suspeita. O leitor vê os factos : a seus olhos peleja e morre o heroe digno sempre de tal nome. Tambem notamos que o D. Sebastião do poeta anonymo obra pouco e dorme como si descendente fôra de algum dos sete dormentes do Apocalypse. Quando lêmos o poema, occorreu-nos a idéa de que o autor, em vez do titulo de D. Sebastião o Encoberto, lhe devêra dar o de D. Sebastião o Dorminhoco, ou o Sonhador, porque com effeito sonha descompassadamente. No canto primeiro dorme :

E folga a dôr um pouco ao grato influxo
De narcoticas hervas. . . . . .

É verdade que a dose de opio não foi muito efficaz, pois que as vozes de Ali, relatando os successos da batalha, o despertam. No canto terceiro cahe n'um estado entre delirio e sonho :

. . . . . Não é sonho,
Não é delirio, e d'ambos participa !....

Este estado, que dura pelo espaço talvez de trezentos versos, parece que se tinha tornado de duvidoso delirio em somno e sonho completo :

. . . . . Eis se lhe forma
Um sonho n'outro sonho...
Ambos velavam no dormir do triste.
. . . . . Velozes rompem
O pesadelo. . . . . .

N'este mui longo sonho é totalmente inutil a apparição do infante D. Fernando. Tudo quanto o santo martyr refere ao seu infeliz parente tinha este sabido e conhecido pela perda da batalha. A apparição de D. Fernando poderia ter cabimento antes da peleja, e para d'ella desviar o imprudente monarcha. No quarto canto de novo adormece o heroe:

. . . . . O somno, tão esquivo
Aos olhos seus té qui, á mente afflicta
Olvidoso descanço ora lhe esparge.

Este somno dura talvez uns duzentos versos, e n'elle continuam os sonhos sempre longamente estendidos.

Segundo o nosso entender, tambem pecca o autor pela parte da moralidade. Já demos a conhecer o que sentimos ácerca do procedimento do rei para com a filha do seu hospede. Temos por igualmente reprehensivel que o renegado conte a seu proprio filho as devassidões de sua mocidade; e parece-nos que expressões ha no poema que não podem deixar de trazer á imaginação idéas menos decentes, sinão torpes, como se póde ver no canto segundo, quando o magico do Atlas refere a historia do seu consorcio:

Um cavalheiro luso, imberbe e louro,
Tinha a posse d'aquella refalsada:
E só do coração não era!.... Dizem-m'o,
Não creio.... espio....—Maldição eterna!
Eu mesmo os vi!. . . . . .

Passemos ao estylo. O autor reconhece, no Discurso Preliminar, que fez um uso immoderado de tropos e figuras; e ainda que pretendeu defender-se, allegando que se não póde dar poesia sem arrojo de pensamentos, e que estes não podem exprimir-se poeticamente sem *hardida* e *descommunal* elocução e phrase, é comtudo certo que um estylo continuadamente

cheio de tropos e figuras audazes e vehementes, por mais bellas que sejam cança, fatiga, desanima o leitor, alêm de tornar mui patentes os esforços da arte, quando a mais delicada formosura d'esta consiste em occultar-se. As interrogações, as admirações, as repetições de vocabulos são empregadas com mui notavel excesso. As repetições, por exemplo, são de tal modo *repetidas*, que a não ter o poeta dado provas exuberantes do contrario poderiam tomar-se por documentos de falta de invenção e de pobreza de linguagem. Daremos alguns exemplos :

Bem vinda sejas, noite ! Oh ! mui bem vinda...
Um peito, um peito d'homem...
Sitibundo d'amor, capaz d'extremos,
Busquei, busquei. . . . . .
Pulsa mais livre, ó coração, mais livre...
Ai ! que esta noite ! agora ! agora mesmo...
É noite, é noite. . . . . .
Esta guarida vigiar da morte !....
Da morte ? Antes da morte, oh ! antes, antes...

Estes exemplos são tirados da primeira parte do primeiro canto ; e, por não causar fadiga, omittimos muitos outros, pois que d'elles abunda todo o poema.

Julgamos que o autor pecca igualmente contra as leis do bom gosto, demorando-se excessivamente n'uma pintura, n'uma descripção, como acontece com a pintura, com a descripção de uma noite d'Africa.

Pareceu-nos o mesmo ácerca de uma certa affectada obscuridade, que se depara em diversas passagens do poema, e que nossos leitores haverão já notado nos logares ácima citados.

Diremos finalmente, ácerca do estylo, que de alguns vocabulos usa o autor, dos quaes não encontramos exemplo nos classicos portuguezes, e que se não acham no Diccionario de Moraes nem no de Constancio. Taes são os verbos piramidar ou piramedear, e lacear.

Não presumam comtudo nossos leitores que sómente defeitos achamos que notar no poema de D. Sebastião. Bellezas ha ahi que denunciam claramente que seu autor não só comprehende (como elle diz) o que é ser vate, mas que elle o é : cultive o autor o campo das Musas, que lhe pagarão ellas com mui larga usura todos os seus desvelos ; e assim como apontámos exem-

plos do que se nos antolhou menos perfeito, exemplos apontaremos do que nos parece digno de louvor. Formosas nos parecem as seguintes passagens:

Já os incensos em rolo alvi-ceruleo
Sobem lambendo grupos de columnas,
E desfolhadas rosas accumulam
Salvas d'ouro; na esguia torre gothica
Brinca ledo repique harmonioso....
. . . . . .
—Que sons descompassados balancêa
Com funebre alarido bronze aziago?....
Sino de morte vibra!—Os longos pannos
Auri-rubros se tornam tão escuros
Como azas negras d'agoireiro côrvo;
As tochas amarellas dão em torno
Uma luz sepulchral; padres entôam.
« Concedei-lhes, senhor, descanço eterno,
E luz eterna para elles fulja!.... »

———

. . . . . O infausto Mouro
Sobejo ha visto....—Os palpitantes musc'los
De sob a dura cutis se lhe torcem,
E as veias se lhe encrespam n'atra fronte
Em sinistro diadema! Abafa d'ira!....
Nem sólta voz!.... A dextra, que elle cerra,
Vezes duas tocou o alfange longo;
Larga-o porêm como a escaldante braza,
E rapido se lança ao par alheado
Polo ineffavel amoroso rapto,
Como o falcão carnifico se lança
Sobre o cordeiro alvissimo que pasce
A par da cordeirinha a molle fêlpa:
« Segue-me, e treme! brada, rei que foste!....
Segue-me!.... » E trava co'uma mão de ferro
O braço empallecido do monarcha,
D'apparição inopina assombrado!....
—Mas um momento foi:—aquelle mesmo,
Que, enfraquecido e debil, ha bem pouco
D'immensas feridas tanto sangue
Em copioso jorro espadanava,
Ora o não conhecereis:—tê ao branco

D'aquelles olhos d'aguia a côr subiu-lhe;
Co'um impulso do Mouro se desprende,
E aquelle corpo todo se alevanta,
Ressumbrando ardimento e magestade....
—A ti, virgem, seus olhos se endereçam,
Cheios d'amor fitando-se em teus olhos;
Interpondo-se então co'os vastos membros,
Broquel te foi minaz, immovel, mudo!....

* * *

POESIA.

A PROCLAMAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO PORTUGUEZA EM 24 DF AGOSTO DE 1820.

ODE.

Adspice venturo lætentur est omnia sœculo.
VIRG.

STROPHE.

Genio das solidões, em quanto curvo,
Calcado aos pés do fero despotismo
Geme o universo, no teu sacro asylo,
Venho ampliar minha alma;
O monstro aqui não temo
Nem os seus vis satellites bifrontes:
Só nos rodêam n'estas soledades
Os Arabes errantes,
Do homem primitivo o só modelo...
O deserto é seu templo, ao Ser Supremo
D'onde oblações enviam.

N'estes aridos plainos sem limites,
N'estes combros d'arêas movediças,
N'este d'horrores estendido abysmo
Habita a foragida liberdade.

ANTISTROPHE.

Eil-a doirando
D'este ermo as trevas
Com seus influxos:
Arma-lhe a dextra uma afiada espada,
Punição de tyrannos;
A'sinistra a balança,
Penhor do santo dogma da igualdade,
Tem a seu lado a rigida virtude,
A cujo seio desce
Dos céos cadêa d'aço sempiterna.
O primeiro fuzil Zenon sustenta,
E Lycurgo severo;
Na branca simples veste a deusa enxuga
O sangue, que dimana das feridas
Do intrepido Catão, Seneca illustre,
De Trazéas, de Peto venerandas.

EPODO.

Martyres da virtude, eu vos saudo;
Eu vos adoro, divinaes portentos!. ..
Por vosso honrado sangue, e pelo ferro
Que essas veias rasgou, dae que rebentem
Na amada patria emulos da gloria,
Emulos vossos, que atro despotismo
Nas furnas infernaes sedento ruja,
E o mudo, que acurvou, console Themis.

STROPHE.

Como é da deusa o solitario asylo
Magnifico na sua singeleza!!....
Dos bronzes nem dos marmores o orgulho
Este alcaçar profana.

Seus atrios não respiram
Do Oriente a molleza effeminada
Sob o relento, sob o céo patente
Ouve as queixas do probo,
Do oppressor envenena os passatempos,
Pune a avareza do juiz iniquo !....
Lá me acena e me aponta
Para o quadro dos tempos resgatados
Das mãos do esquecimento ; lá se me abrem
Seus thesouros, e os séculos aventam
Pela dada sahida atropellados.

ANTISTROPHE.

Lá se levantam
Em densas turmas
Leões do Caucaso !....
Ennoitecem os céos pulvereas nuvens,
Descora Marathona !
Tisiphone anciosa
Precursora da morte bate as azas,
E faminta de estrago, abrindo a bocca,
Crespos dragões vomita.
Misera Grecia, lá se despedaçam
As columnas da tua independencia !....
Mas que heroe d'alli s'ergue ?
Do êlmo fuzilam vividos coriscos,
É Pallas, se demove os igneos olhos ;
É Coriolano fumegando em ira ;
È Reinaldo no arrojo impetuoso !....

EPODO.

Genio sublime, impavido Milciades,
A pinha das cohortes inimigas,
Precedido d'horrores, arremettes.
Eis descozidos batalhões cerrados ;
A floresta de lanças cahe por terra
Embotadas no escudo d'aço fino.
Triumpha ; e sobre a ruina dos tyrannos
Hastêa os teus pendões, ó liberdade !

STROPHE.

O destino com cravos de diamante
Fixára infausto aresto inexoravel;
A Pythia o lêra na convulsa tripode !....
« Novo Theseu valente
« C'os perigos s'affronta,
« Novos monstros ao duro braço rende.
« Mas que pranto, que ululado este
« S'alonga em toda a Grecia ? !...
« Vergonhosa auricidia os pulsos lhe ata !... »
Ah ! completou-se o oraculo tremendo.
Tu fôste, ó liberdade,
Demandar outras plagas mais amigas,
Onde plantasses os salvados garfos,
A cuja sombra acolhem-se as virtudes,
Cujos fructos são solida ventura.

ANTISTROPHE.

Eis o terreno
De semi-deuses
E monstros berço,
Onde extremada a natureza humana
Elevou-se até Bruto,
Abateu-se até Nero.
Remontando de novo ao grande Aurelio,
Não vês este horisonte endeusado
Que em derredor o cinge ?
Não vês aquella cúpula soberba ?
D'alli frechando os vôos possantes aguias
Quaes aligeros Euros,
Ou quaes o pensamento o espaço tragam,
As tyrannas cabeças ameaçam.
D'alli dos Scipiões a voz rompia
Nas azas da victoria aos polos ambos.

EPODO.

O' Roma, alta princeza das cidades,
Dormitas ? Onde os teus antigos brios ?

Eia, accorda, eia, arranca denodada
A mascara fagueira d'essas hydras,
Que famulentas em teu sangue illustre
Anhelam saciar perfidas garras.
Não tens a liberdade em teu amparo?
Ah! que á cobiça franqueaste o peito!....

STROPHE.

Contemplae, povos livres, no cadaver
Da soberana de um milhão de imperios....
Chorae sobre estas ruinas magestosas!
Aqui foi Roma, ó povos.
A mudez dos sepulchros
Onde o *Veto* troou tremendo impera.
Será que mais horror a terra opprime?!
Que lugubre alarido
Nos antarcticos gêlos longo echôa?
O ar se entenebrece, arqueja a terra,
Ensanguentam-se os astros:
Redobrados trovões stalam tetérrimos!
Travam combate horrisono co'as penhas
Enfurecidos mares; ronca rouco
Da tempestade o genio pavoroso!

ANTISTROPHE.

Por amplo hiato
Feias harpias
O inferno aborta
Entre ondas de espessissimos vapores.
Tantos grãos não revolve
No seu bojo o Oceano!...
Co'as estridentes, rebatidas azas
Vem sulcando cahóticos negrumes!...
Tu as sentiste, Europa;
Tu gemeste nas trevas enredada.
A santa liberdade espavorida
Desampara teu gremio;
Arvora o ferreo sceptro a tyrannia!....
Ai de ti! miseranda, quantos séculos

Pendem d'horrores!... Ai que a tocha eterna
Da razão tenta embalde allumiar-te!...

EPODO.

Por aqui, por alli crepusculavam
De espaço a espaço dias milagrosos
Abafados em sangue mal nascidos!...
Já quasi fenecia o santo lume,
Eis que avulta em vigor e aclara os orbes.
É fama que de lobrega espelunca
Troou pesada voz: « Somos vencidos!
Fugi, ó filhos; o homem conheceu-se. »

STROPHE.

Genio, que transvoaste destemido
O pégo tenebroso das idades,
Apressa-te a embeber no arco sonoro
A setta mais estreme,
E pelo véo que enluta
Do globo a maior parte darda os fócos
Onde a luz concentrou-se portentosa.
Olha o genio da America,
Açaimados no Norte os negros monstros,
Como pelo Occidente ao Sul discorre!...
Olha a soberba Hesperia,
C'roada de triumphos mauritanos,
Perseguindo-os na trépida fugida!...
Olha d'heroicas cinzas renascendo
A Italia, e braço a braço co'elles trava!...

ANTISTROPHE.

Mas d'onde assoma
Novo luzeiro,
Que ressumbrando
Vem das espessas trevas fugitivas?
Enlevado o contempla
Em extasis profundo.
Um mortal (antes nume) alçando a fronte

Gotejante de um rio caudaloso?!...
Tremei, filhos do Averno,
Tremei, que Lysia acorda do lethargo
Inerte em que jazia, e em brado iroso
Já proclama os mysterios
Gravados co'o cinzel da eternidade
Da natureza no sacrario augusto
« Livres e iguaes nascestes, Lusitanos!
« Lei, bem commum; decepe-se o que damna. »

EPODO.

Quão rapido no peito humano s'ergue
A natureza ao grito da verdade!...
Quão rapido baquêa a prepotencia,
Que tem por base lagrimas e sangue!...
Manes de Freire, venturosos manes,
Cantai, cantai victoria; lei tremenda
(Não póde a natureza revogal-a)
Vos condemna ao sepulchro, mas vencestes!

STROPHE.

Cuidava o monstro suffocar em cinzas
Os sentimentos do homem; reduzil-os
Aos de indignos escravos que o cortejam
Ufanos de beijarem
O pó em que elle pisa!...
Cego não via da razão o braço
Estalar-lhe os degraus do altivo throno,
Preparar-lhe alta queda!...
Cego não via sua luz divina,
Que já nos horisontes scintillava,
Ameaçando raios!...
O' Lusos! parabens! No vosso seio
De novo alça a razão seu templo augusto
Eia! vamos beber na fonte pura
De seus archivos preciosos dogmas!

ANTISTROPHE.

No frontispicio
Do sanctuario
Em characteres
De vivo fogo abriu buril eterno :
« Coeva do Supremo
« Creador do Universo
« Fui regra , fui compasso ás suas obras ;
« O cahos reinaria sobre tudo,
« Si ora dos meus dictames
« Pretendesse aberrar o sempiterno. »
Os seus timbres, seus titulos são estes.
Povos da terra, vinde!
Lá se abrem os portões , lá vejo a deusa ;
Na dextra empunha a tocha da verdade,
Gemem sob seus pés e a fronte humilham
A atroz superstição, vil ignorancia.

EPODO.

Eil-a nos chama ; e co'a sinistra aponta
Para um lado do templo ; eil-a nos falla :
« Mortaes, tenho vingado os vossos foros ;
« As furias supplantei que vos calcavam.
« Pretendeis ser felizes ? Eis a estrada
« Da virtude e da gloria. Si entre espinhos
« Suas palmas florecem, o que os cinge
« Tambem é só quem goza da ventura.

M. A. B.

Feita em Coimbra em 1820.

NOTAS EXPLICATIVAS.

Genio das solidões, emquanto curvo, etc.

Quando uma nação ou mesmo todo o mundo se achava dominado por tyrannos, onde, sinão na solidão podia o amigo da humanidade achar algum allivio e consolação ? onde podia elle melhor elevar-se aos grandes pensamentos da liberdade,

e igualdade, e traçar o plano para acabar com os oppressores? A solidão dá sublimes inspiraçōes; a ella deve o genero hnmano os maiores serviços. E é por isso que entendi dever-me dirigir ao seu genio, tendo de fallar na liberdade e na regeneração geral que o espirito prevê no futuro.

Habita a foragida liberdade.

Voltaire diz na sua obra, *Mœurs des Nations*, que os Arabes errantes são o unico povo que sempre resistiu á escravidão. O imperio romano mesmo, não obstante os grandes esforços de Antonio e Trajano, jámais os pôde subjeitar. Esta observação me suggeriu a idéa de collocar a liberdade foragida do resto do mundo no deserto da Arabia, e creio não desagradará.

Penhor do santo dogma da igualdade.

Eu não quero aqui proclamar a fantastica igualdade de condiçōes, que foi o destruidor principio da revolução franceza de 89, etc. Semelhante igualdade é inteiramente incompativel com a natureza humana; jámais existiu nem póde existir. Eu entendo por igualdade o direito que deve ter todo o homem de usar sem impedimento de suas faculdades uteis, comtanto que a ninguem offenda em sua pessôa, honra e bens. Esta igualdade casa-se tanto com os principios da mais sãa politica como com os dictames da mais santa religião.

Pela dada sahida atropellada,

É a traducção litteral do — Qua data porta ruunt — de Virgilio.

Leões do Caucaso.

Fallo da invasão dos Persas na Grecia debaixo das ordens de Dario.

Genio sublime, impavido Milciades.

Milciades salvou a guerra dos Persas de uma maneira pro-

digiosa. D'essa victoria diz Mably: — La république (d'Athenes) aurait succombé dans les dangers, auxquels elle fut exposée après s'être délivré de la tyrannie du fils de Pisistrate, si elle n' eût eu alors par hasard un Miltiade, dont les talens extraordinaires la firent triompher des Perses à Marathon.

A Pythia o lêra na convulsa tripode.

Cornelio Nepote, na vida de Milciades, fallou n'esse vaticinio.

Vergonhosa auricida os pulsos lhe ata.

Attribuiu-se geralmente a queda das republicas da Grecia ao oiro de Philippe de Macedonia.

Eis o terreno, etc.

Fallo aqui de Roma. É verdade que o estabelecimento da republica romana não se seguiu immediatamente á queda da Grecia. Mas, como a differença é de mui poucos annos antes eu deixei o anachronismo, que aliás é muito toleravel na poesia.

Não vês aquella cúpula soberba.

É evidente que n'este logar me refiro ao Capitolio

A mascara fagueira d'essas hydras.

Fallo dos nefandos imperadores romanos, que, com poucas excepções, tocaram a meta da humana perversidade.

Ai! que á cobiça franqueaste o peito.

Tambem se attribue a queda da republica romana á corrupção dos costumes introduzidos pelo oiro, producto do saque do universo e não da industria, pois fica geradora de todas as virtudes e de todos os bens da vida.

Onde o *Veto* troou tremendo impera.

A todo o mundo causa espanto o ver hoje dominados por

effeminados padres os logares que em outro tempo deram nascimento aos characteres mais nobres e energicos. A voz dos tribunos do povo annullava leis e ordens de um senado, a cujos pés se ajoelhava o resto do mundo. Que vicissitudes nas cousas humanas ! !

Por amplo hiato, etc.

Invasão dos povos do Norte no imperio do Occidente, que, interrompendo por muitos annos o progresso da humanidade, causou todos os horrores e desgraças que soffreu a Europa na meia idade, assim como a humanidade em geral.

Por aqui, por alli crepusculavam.

Fallo dos movimentos que fizeram muitos povos para recobrarem sua liberdade, dos grandes homens que em meio d'esses séculos de barbaridade principiaram o estudo das lettras, da descoberta das leis romanas e outros livros de antiguidade, descoberta da imprensa, etc., que por uma vez firmou o imperio do pensamento e da philosophia.

Fugí, ó filhos, o homem conheceu-se.

Nosce te ipsum. Era o distico do templo de Delfos, e o primeiro passo para a sabedoria e felicidade.

Olha a soberba Hesperia.

Fallo da revolução da Hespanha em 1820.

Olha de heroicas cinzas renascendo.

Fallo da revolução de Napoles em 1820.

Gotejante de um rio caudaloso.

Fallo do rio Douro em Portugal, que passava pela cidade do Porto, onde rebentou a revolução de 1820.

Manes de Freire, venturosos manes.

Fallo de Gomes Freire, assassinado juridicamente em Lisbôa, em consequencia da tentativa da revolução em 1817.

VARIEDADE.

DIARIO D'UM MEDICO (*)

IV.

Agonia d'um sabio.

Passaram-se já sete annos depois que o sabio e amavel E*** deixou a terra em que vivemos. Sua vida, consagrada ao estudo, pacifica, calma, resignada, deixou poucas memorias. Seu nome, escripto depois de sua morte na lista necrologica que contêm os periodicos e que as biographias conservam, não adquiriu grandiosa celebridade: seus trabalhos eram modestos; pouco frequentava os grandes, não procurava seu favor, e não pedia á fortuna nem honras, nem opulencias. Os sabios, entre os quaes elle tinha direito de classificar-se, facilmente eclipsaram um competidor que não intrigava, que não lhes disputava nem a palma de oiro, nem o loiro que lisongêa o orgulho. Obscuramente contribuiu para a redacção de algumas bôas colleções periodicas, nas quaes andam disseminados e sepultados seus artigos. Nenhuma pedra de marmore perpetúa sua memoria sob as arcadas de Westminster. Conheci-o á hora da morte, hora fatal em que se revela a vida toda inteira, muitas vezes espantosa pelos remorsos que evoca e pelos fantasmas dos erros passados que faz reviver. Admirei esse verdadeiro sabio, esse grande homem desconhecido. Os males mais horriveis assaltaram sua

---

* *Vide* Revista n.º 4 do 1.º Tomo, e ns. 1 e 3 do 2.º

alma no momento de sua derradeira lutta com o envoltorio que prestes devia deixar. Admirei-me de uma resignação que pareceu-me sublime e de um heroismo cheio de simplicidade, cuja grandeza, ignorada pelo mundo, excedeu, em minha opinião, os limites da devotação humana. Possam aquelles que me lerem partilhar a veneração que elle me inspirou; possa eu honrar, como deveriam sêl-o pelo mundo inteiro, essas virtudes occultas, que só Deus póde julgar em sua extensão e recompensar segundo seu merecimento!

Vi-o pela primeira vez em uma sociedade sabia, da qual era um dos membros mais humildes e mais activos: nunca tinha ouvido fallar d'esse homem veneravel; á sua entrada na sala, fitei n'elle meus olhos, e a expressão de brandura, de serenidade, de intelligencia que distinguia seu rosto, inspirou-me o desejo de melhor conhecêl-o. Andava muito curvado, arrastava-se e não avançava, e deixava ler em seu semblante pacifico e em seu ar sim les, ingenuo, uma ausencia de pretenção, uma benevolencia tocante. Sentou-se o presidente; * E *** tirou seu chapéo, e sua fronte appareceu descoberta. Toda a superficie da cabeça era calva; sómente uma corôa de cabellos brancos rodeava com uma franja de prata a alvura polida de seu craneo. Eu julgava ver um apostolo em sua santa magestade. Tirou suas luvas, collocou-as sobre o castão de uma bengala grossa de carvalho, descançou a barba sobre este encosto, e ficou n'esta postura, ouvindo com attenção os differentes oradores, e pedindo a palavra de vez em quando para fazer observações sempre ajustadas, profundas, notaveis por sua originalidade, isentas de frivolidade e de pedantismo.

« Quem é, perguntei a um meu amigo que estava sentado perto de mim, esse velho cujo aspecto é veneravel, cujo tom é modesto, cujo exterior é simples? Ninguem lhe falla. Vêde: a inquietação e agitação reinam em torno d'elle. Admirae o contraste de sua nobre physionomia com os rostos commovidos que o rodêam. Estaes ligado com elle, sereis seu amigo? Como se chama?

— Meu charo, respondeu o homem judicioso a quem me

---

* As sociedades scientificas, em Inglaterra, são regidas pelas mesmas leis de etiqueta que as sociedades politicas.

dirigi, vosso instincto guiou-vos bem, indicando-vos como objecto de observação e de estima o digno sabio de quem me fallaes, e que está defronte de nós. É o bello ideal do philosopho. Sua saude vae declinando; seu credito é pouco extenso. Elle não tem desejos nem ambição: goza necessariamente de pouco favor; e, como notastes, ninguem lhe dirige palavra, nenhum d'estes senhores o corteja: elle não espera nada d'elles, e elles nada têm que esperar d'elle.

— Esse character é bastante novo no século em que vivemos, e peço-vos, como favor especial, que me proporcioneis meio de tomar conhecimento com elle.

— De mui bôa vontade. E*** é de facil acolhimento; estudou os homens e não é misanthropo. Vê approximar-se a morte e soffre em silencio: seus rivaes o vão excedendo todos os dias; elle deixa-os correr para a fortuna e circumscreve-se em seus trabalhos e na pratica do bem.

— Franklin e Socrates igualam apenas o admiravel retrato que traçaes.

— Talvez que, examinando com attenção a vida e escriptos d'estes dous grandes homens, se descobrisse n'elles alguma ambição, que ás suas virtudes presta mais energia e brilho, e a que a posteridade deve attender na apreciação de sua gloria. E***, a quem soffrimentos physicos verdadeiramente infernaes têm torturado durante grande parte de sua existencia, nunca pensou sinão em viver como sabio e em occultar suas virtudes. Tem uma fortuna pouco consideravel, porêm sufficiente para proporcionar-lhe algumas das superfluidades do luxo: elle nunca quiz cercar-se de suas delicias. Sua filha vê ir augmentando annualmente com as economias de seu pae o dote que a ha-de proteger mais tarde contra as tempestades do mundo. Parece-lhe, alêm d'isso, que, recorrendo á arte para substituir as faculdades e as forças da natureza, offende-se a Deus que em nós collocou tantas fontes de gozos. « Emquanto nos podemos servir de nossas pernas para andar, me diz elle muitas vezes, para que serve uma carruagem? É um insulto feito á natureza. Creaturas soffredoras e mortaes como somos, recorreremos a esses meios ficticios, que, fazendo-nos mais agradavel a vida, fazem-nos mais cruel a morte?»

— Vosso amigo pensa como o doutor Johnson, que dizia a Garrick: « Toma sentido, David! toma sentido! tu te ador-

nas, pentêas-te, augmentas a somma de teus gozos: teu leito de morte será mais terrivel. »

— Vereis com que rigidez o meu amigo tem praticado estas maximas. Toda a sua mobilia é de carvalho : elle baniu de sua casa todos os refinamentos, de que entretanto poderia gozar sem que o censurassem, pois que está idoso e soffre muito.

— Não haverá, n'essa imitação de Diogenes e de Rousseau, orgulho ou supersticiosa disposição para a abnegação ascetica ? Vós que o conheceis, julgareis melhor do que eu a este respeito.

— Não, nenhuma d'essas cousas entra na virtude simples e modesta do meu amigo. Elle é piedoso ; só a religião podia armal-o de resignação contra as dôres de que é victima. Mas a exageração nunca entrou em seu espirito. Diogenes, ao qual o comparaes, não passava de um orgulhoso que no cynismo procurava sua gloria.

— As relações que por felicidade se tem com um homem tão raro devem ser bem agradaveis.

— Deveis acredital-o, e eu o sinto todos dias, E *** parece ir melhorando com a idade. A velhice, a dôr corporea, que de ordinario estragam e azedam nossos semelhantes, alteram suas qualidades e augmentam seus defeitos, accrescentam uma doçura e heroismo novo ás faculdades d'este homem extraordinario. Ha cinco annos, perdeu sua mulher ternamente amada : o que o interessava e ligava á vida desappareceu ; seus trabalhos de chimica e de physica, elle os continúa por habito que não por gosto. Sua saude é deploravel. Em breve sabereis quanto deve soffrer, si vos ligardes com elle e tiverdes occasião de examinal-o como medico. Vinde, elle se prepara para sahir. Eu vos apresentarei : faz frio, iremos juntos em minha carruagem. »

Esta pintura de um character quasi ideal em sua perfeição, e que poderia parecer fantastico, estava ainda abaixo da realidade. Uma amenidade simples, um espirito vivo e gracioso, porêm grave, que fazia lembrar a encantadora ironia de Franklin, um fundo de dôr e de melancholia pensativa, adoçada pela mais candida benevolencia, attrahiam ao bom philosopho os corações de quantos se chegavam a elle. Em breve ligámo-nos com amizade sincera.

Do lado de Lambeth *, n'esses bairros antigos, cuja picante antiguidade tem sido respeitada pelas reparações e pelo luxo moderno, está situada uma casa edificada por Henrique VIII. As portas são baixas e as janellas elevadas. Uma carreira de altos choupos estremece á porta. Quando o sol no poente fere as vidraças contidas em largas arcadas, e faz resaltar a luz e a sombra de todas essas esculpturas minuciosas e gothicas, a antiga casa offerece um espectaculo digno do poeta e do antiquario. Ahi morava E *** com Emma sua filha, e Joseph seu velho *fac-totum*. Este bom Joseph era o modelo do criado antigo. Fazia má cara, e seu ar de importante bonhomia ou de mau humor inoffensivo annunciava toda a sua confiança em sua eterna inamovibilidade; elle conhecia bem o mecanismo dos instrumentos, a maneira de limpal-os, as manipulações chimicas, e servia de ajudante a seu amo. Eu o via passar com destreza sem igual pelo meio das retortas, dos recipientes, dos alambiques, sem que sua fragilidade fôsse jámais compromettida. Tudo n'esta casa estava em harmonia: a modesta simplicidade dos aposentos, a antiguidade da architectura, a amenidade meditativa do dono, a alta opinião que o velho Joseph tinha de si mesmo, e a candura da donzella.

Acima da chaminé do locutorio estava suspenso um quadro italiano, de pequenas dimensões, porêm do bom tempo: era uma *Crucificação*. O artista tinha imprimido na fronte e em todas as feições do Salvador uma agonia tão intensa, que os olhos mal se podiam fitar n'essa obra notavel. Christo levantava para o céo seus olhos ensanguentados e humidos; parecia procurar força no seio de seu pae contra o excesso de sua tortura. Emma, a quem muitas vezes eu tinha fallado d'esta obra de arte, desviava sempre a conversação d'este assumpto, e parecia sentir quando eu procurava continual-a.

—Não interrogueis miss E*** a respeito das emoções penosas que a vista d'este quadro deve causar-lhe,» disse-me uma tarde, em meia voz, n'esse mesmo locutorio e em presença de Emma, M. D*** que me tinha dado introducção na casa. Elle acreditava não ser ouvido da donzella; mas ella não tinha perdido uma só palavra.

---

* Na margem direita do Tamisa, defronte de Westmnster.

—Ah! disse ella voltando-se para D***, sabeis que elle me recorda todos os soffrimentos de meu pae : cem vezes o vistes rolar desesperado por este tapete defronte da chaminé, e, olhando para esse painel, esclamar para acalmar sua angustia, ou ao menos para invocar a energia de sua resignação : « *Deus ! Deus ! teu supplicio foi ainda maior ! Dá-me coragem !* »

Emma desfazia-se em lagrimas : chamaram-a para dirigir não sei que negocio domestico ; e eu pedi ao nosso amigo commum a explicação do que elle acabava de dizer.

— Ha vinte cinco annos, respondeu-me D***, que o infeliz E*** vive n'este estado de tortura insupportavel.

— Eu o não suspeitaria : sua physionomia é calma ; sob essa apparencia de repouso e de pacifica meditação, como adivinharia eu que se occulta um soffrimento profundo ?

— É esse o milagre da philosophia e da philosophia christãa. Ides julgar de quanto deve sentir o infeliz. Um dia (haverá, como vos disse, vinte cinco annos), E***, cançado por trabalhos muito assiduos, montou a cavallo. Passeava junto da abbadia de Westminster, quando o cavallo empinou-se. As costas do cavalleiro deram violentamente de encontro á extremidade de uma viga, puxada por um carro que se achava por detraz d'elle. O espinhaço, sem se quebrar, ficou cruelmente lesado. Desde essa épocha, elle anda muito vergado, não póde nem vestir-se nem despir-se só : todas as noites, suas extremidades se paralysam ; são-lhe precisas tres horas ao menos para se restabelecer : não póde dormir sinão n'uma cama de fórma especial, collocada transversal e não horisontalmente, e que, arredondando-se em semi-circulo sob as costas do doente, offerece um encosto a seus pés e não o força a endireitar o espinhaço, o que lhe causaria inimaginaveis tormentos.

— Mas não se tentou nenhum remedio ?

— Todos foram empregados : galvanismo, electricidade, reagentes, sangrias locaes, sangrias geraes, irritantes, estimulantes, cauterios ; nada serviu. Quasi todos os dias recomeça o paroxismo : a medicina está muda ; os mais célebres praticos do continente das ilhas britanicas confessam sua impotencia para allivial-o.

— E é regular a hora dos paroxismos ?

— Irregular. Muitas vezes é em presença de vinte ou trinta pessôas que o infeliz é surprendido por esses ataques.

— Quanto deve soffrer ! Já me não admiro d'essa côr livida que lhe cobre o rosto e de sua postura arqueada.

— Victima d'este flagello, acreditarieis que elle prosegue em seus trabalhos scientificos, visita pobres e enfermos, educa sua filha, levanta-se ás quatro horas no verão, ás seis no inverno, e acha ainda meio de servir a humanidade? Ah ! quem o conhece bem não póde contemplal-o sinão com essa profunda veneração de que se rodeavam os antigos martyres. Nunca foi mais terrivel o combate entre o homem e a dôr; nunca a força da alma se patenteou em mais longo e mais sublime heroismo. »

Com effeito, n'essa mesma noite fui condemnado a presenciar uma d'essas crueis scenas de que M. E*** era o heroe e a victima. Tinhamos começado a tomar o chá. A conversação estava animada: fallavamos das relações que se estabelecem entre os homens de gabinete e os grandes, do perigo e desproporção d'essas relações, de sua influencia sobre os trabalhos da inteligencia, que contrahem mui facilmente uma côr de frivolidade e parcialidade, quando os que a ellas se abandonam não resistem ás seducções dos salões. E*** tinha desenvolvido com engenho as mais sãas opiniões, quando o vi empallidecer. Poz com mão tremula sua chicara sobre a mesa, deixou-se escorregar de sua cadeira para o soalho, apertou com a mão esquerda a parte inferior de seu espinhaço, e, dando longos e profundos suspiros, sem proferir palavra nem queixa, rolou pelo chão, como si este movimento lhe mitigasse o soffrimento. Abundante suor lhe cahia do rosto: nós ajoelhámos junto d'elle, medicos inuteis, testemunhas ociosas de um mal que nao podiamos alliviar. Sua filha o abraçou. Joseph entrou com uma cinta de coiro na mão, applicou-a e a apertou em roda da cintura de seu desgraçado amo; depois, firmou as duas mãos sobre a séde da dor. Ora os membros do infeliz se encolhiam, e, como diz o povo, se encarquilhavam por assim dizer; ora se estiravam como uma mola. E*** agarrou no tapete com força convulsiva, lançou um olhar supplicante sobre o painel do Christo, chorou de dôr e poz as mãos como para pedir a Deus que o livrasse. Não lhe restava figura humana. Terieis dito que um demonio se tinha d'elle apossado e infligia a este grande, a este excellente homem, todos os tormentos do inferno.

A crise durou longo tempo. Emfim Joseph percebeu que elle ia adormecer, tomou-o entre os braços e o levou para seu leito.

Tornei a vêl-o no outro dia.

— Então, me disse elle com um sorriso triste, assististes á minha miseria quotidiana. Sinto ter-vos dado esse espectaculo; parece-me que a minha vista deve affligir os outros: eu padeço tanto! Isso me prepara a morrer: é o cadinho em que me purifico. Deus é grande!

— Quando comparo com a vossa coragem a impaciencia que me causam leves contrariedades, tenho vergonha de mim mesmo.

— É assim que somos feitos. Si fôsseis condemnado a grandes e longas dôres, em sua mesma violencia encontrarieis a força necessaria para supportal-as. Porêm nao vos desejo nada de igual.

— Oppresso pelo sentimento de vossa desgraça, não vos tem acontecido amaldiçoardes a existencia, aquelle que vos creou, o mundo e a natureza?

— Nao. O meu tirocinio de soffrimento tem sido progressivo: a principio eu era um pouco desobediente, um pouco indocil. Exasperando-me contra minhas penas eu as aggravava. Minha educação n'este sentido começa a fazer-se.

— Enfraqueceram-se vossos sentimentos religiosos depois que estaes submettido a esta tortura que tão pouco mereceis? Não haveis jámais, como Job, erguido a voz contra esse Deus que vos feria, dilacerava vossas carnes, suppliciava vosso corpo?

— Tenho bastante semelhança com Job, é verdade, mas posso asseverar que não succumbi como elle. Meu espirito é esclarecido: sei que o Ente todo pederoso é todo bondade; lut o contra o mal que elle me envia e não o accuso. Nunca tal me aconteceu.

— Nunca?

— Não. Confesso mesmo que, si considerasse esta vida como a unica que ao homem esteja reservada, talvez me fallecesse o animo; eu seria o mais miseravel dos mortaes. Conservo pois minhas crenças e as fortaleço como meu maior remedio, como meu mais seguro amparo. O suicidio seria meu unico recurso, si eu não tivesse devoção, e nenhum poder humano me impediria de realisal-o.

— Homem admiravel, verdadeiro philosopho, quem vos vê de perto e vos conhece todo inteiro teme commetter o peccado de latria, cahir a vossos pés e render-vos um culto.

— Cessae esse discurso; passemos ao meu *laboratorio* que

Joseph, desde trinta annos que me serve, nunca pôde deixar de chamar meu *matadouro*. O nosso amigo B. me mandou um pedaço de platina; eu procuro uma combinação nova, que não é sem importancia. Si minha operação sortir bom exito uma utilidade real será o fructo de minhas tentativas. As manufacturas e fabricas lucrarão cento por cento. Joseph está occupado com a preparação da experiencia; vinde, eu vos rogo.

O sanctuario era um aposento oblongo, guarnecido de livros encadernados com simplicidade, e que davâm indicio de frequente uso. Os instrumentos e apparelhos estavam dispostos e classificados na mais bella ordem: o forro era de carvalho. Rembrandt houvera de bôa mente transportado para a tela e cercado de uma moldura este interior curioso, onde se via Joseph de joelhos, com o folle na mão, rosto illuminado, apressando a effectuação da grande obra. Apezar do terrivel abalo que na vespera soffrêra M. E***, entregou-se tranquillamente a seus trabalhos, poz o avental, e me fez observar o progresso da experiencia, na qual eu tomava vivo interesse. Entretanto o desazado Joseph, levantando-se de repente e pegando com a aba de sua vestia n'um dos cantos do recipiente, entornou nas cinzas o metal em fusão, quebrou o vaso e destruiu nossas esperanças; accidente tanto mais proprio a irritar-nos, pois que estavamos prestes a acabar, e que, depois de longa expetacção, tudo parecia dever corresponder a nossos desejos. Não me pude abster de deixar escapar uma exclamação de impaciencia, que foi moderada pelo sentimento do decoro.

— Ah! exclamei, o contratempo é cruel!

— Como fizestes, Joseph? interrompeu M. E*** com ar pezaroso, porêm com tom brando. Eis perdido o nosso tempo e acabada a nossa experiencia: vamos, esqueçamo-nos d'isso. »

Joseph, vermelho, cheio de colera contra si mesmo, ao lado de seu amo, calmo, pallido e sereno, offerecia engraçado contraste. Ao ver a cara rechonchuda do criado, houvereis dito que elle estava a ponto de ralhar com seu amo. Ao observar a humilde e branda physionomia do sabio, terieis podido crer que elle se dispunha a receber com modestia merecidas exprobrações.

— Diabo! peste! maldita seja a retorta! exclamava Joseph.

— Paciencia, tornava seu amo : ajuntae tudo isso.

— Como diabo pude eu fazer ? como ?

— Parece-me que deveis sabêl-o melhor do que eu. Demais, muito perdestes , Joseph , na opinião do doutor que aqui está. Nunca, ha trinta annos, estivestes tão sem geito ; de ordinario sois destro, devo fazer-vos essa justiça. »

Tal foi toda a reprehensão do amo. Não me censurem por narrar um facto tão insignificante, elle patentêa um character inteiro ; e eu penso com Bacon que é preciso mais força de alma e de poder real sobre nossas paixões e nossas commoções para supportarmos com doçura as pequenas miserias, as leves magoas, as desinquietações, os contratempos da vida ordinaria, do que para oppormos um heroismo theatral ás grandes e extraordinarias calamidades. Alêm d'isso, E*** era o mesmo em tudo : nunca se deixava arrastrar fóra dos limites d'esta resignação que tão cruelmente lhe ensinavam suas dôres quotidianas ; imitava, em todo o theor de sua vida regular, a sublime doçura do divino mestre cujo exemplo é tão pouco seguido. Atacado com furor, com indecente personalidade, por uma das principaes collecções periodicas de Inglaterra, eu o vi receber e ler o n.° que continha essa critica deshonesta. Elle não pestanejou ; sómente me disse :

— Eis-aqui injurias inteiramente inuteis. A paixão não é sinão um sopro violento que extingue a verdade : como quer essa gente que se dê credito a suas criticas ? Elles não sabem estar a sangue frio. Demais, ha sagacidade n'este artigo ; eu me enganei n'um ponto. O jornalista percebeu muito bem a falha da couraça ; aproveitou-a habilmente.

— Eu sinto quanto para vós tem de cruel e penoso semelhante injustiça ; em vosso logar , seria mais sensivel ainda a taes ataques.

— Oh ! elles não me commovem. Ha muito que a personalidade já me não alcança.

— Mas a opinião publica....

— Distingamos, meu charo. O publico que raciocina, examina e julga, me julgará como tenho direito de ser julgado. Quanto ao publico cego, credulo e tôlo, vale acaso a pena de desenganal-o ? Não. Suas opiniões são vacillantes , seu juizo é desregrado. O mesmo valeria crear um tribunal de meninos desmamados. Não presto a mais leve attenção a isso. »

Eu me tinha affeito a vêl-o sempre o mesmo, sempre calmo, heroico, inoffensivo e humilde; nunca agitação em suas feições, nunca emoção violenta ou irregular em sua alma. Um dia, comtudo, sua fronte estava cortada de algumas rugas, e sobre sua physionomia estava derramada uma côr mais sombria. Elle conheceu minha admiração.

— Tomae-me o pulso, doutor; achar-lhe-heis as pulsações frequentes e desiguaes. Para um homem que procura domar suas paixões e que tem consagrado parte de sua existencia a esta rude prova, semelhante emoção é quasi uma vergonha.

— Com effeito, a circulação do sangue não é regular.

— Desde alguns dias se apoderou de mim uma superexcitação nervosa. Quero trabalhar, esforço-me por fazêl-o; mas minha attenção é distrahida.

— Algum accidente imprevisto....

— Nao, nada de novo, sinão uma singular hallucinação que nasce sem duvida do estado debil de meus nervos.

— Um fantasma?

— Quasi. Sentae-vos aqui, e escutae-me sem rir.

« Eu espero que vós me consideraes como isento de superstição e de mentira. Por isso, ainda quando attribuisseis a meu estado de molestia a narraçao que tenho de fazer-vos, estou certo que não poreis em duvida a verdade de minhas palavras. Eu mesmo sou levado a crer que uma illusão singular, resultado do enfraquecimento de meus orgãos, ha causado este phenomeno. Hontem, acabava eu de tomar chá com minha filha, e sentia a precisão de descançar. Tenho todas as noites o costume, antes de me deitar, de ir dar uma vista de olhos no meu laboratorio, afim de me certificar por mim mesmo que tudo está em seu logar e que não corremos risco algum. Quando hontem, segundo o uso, entrei n'esta grande sala, com uma luz na mão, vi com surpresa que não estava só no aposento. Um personagem alto, vestido de preto, segurava n'uma pequena bugia que lançava pouca claridade. Parei estupefacto. O personagem não fez o menor reparo em mim. Poz-se a fechar os armarios, a arranjar os utensilios e vasos, a alimpar as redomas, a repôr os livros nas estantes; deu a volta do laboratorio, pausadamente, com ar resoluto, mas sem occasionar o menor ruido. Não sei que sentimento de solemne terror se tinha insinuado em

minha alma. Eu estava mudo e não ousava interrompêl-o. Elle parecia tão familiarisado como eu estou com os instrumentos da minha profissão. Eu o via tão distinctamente como vos vejo; espreitava todos os seus movimentos com anxiedade. Elle entrou para o meu gabinete interior; eu o segui, petrificado de assombro.

« O meu gentilhomem de vestido preto continuou sua marcha e sua obra, fechou o telescopio, cobriu os cópos com seus envoltorios, encerrou em sua caixa o meu novo chronometro, dispoz todo o apparelho astronomico collocado ao pé da janella, e, achando-se emfim junto de minha escrevaninha, fechou a chave minha estante, lançou minhas pennas no fogo, derramou a tinta nas cinzas, e acabou por collocar em cima da estante a chave que servia para abril-a. Quiz approximar-me. A apparição fez uma pausa, voltou-se para mim, examinou-me com ar grave, triste e brando, abanou a cabeça, deu um passo: sua bugia se apagou entao, e eu não vi mais nada. A figura do fantasma me era bem conhecida; suas feições eram as do célebre Boyle *, tal qual o representa a estampa que forma o frontispicio de seu Tratado do ar atmospherico.

— O facto é curioso.

— Tanto mais curioso, quanto sempre tive veneração por este grande homem: sua vida é meu modelo, suas doutrinas me sao charas. Não achaes singular que tenha elle vindo fechar minha officina e avisar-me de curar de meus negocios? Nao se poderia considerar esta extravagante visita como uma especie de conselho solemne, de sobrenatural admoestação?

— Que! vós vos deixarieis perturbar, vós, homem sabio e atilado, por um acontecimento d'esta natureza?

— Não, meu amigo, não o creiaes; não tenho essa fraqueza. A morte, eu vos asseguro, não me assusta. Mas a questão philosophica, o phenomeno de tal visão me importuna e me atormenta o pensamento. Nao achaes isso natural? Não julgaes que, em tal circumstancia, ha um mundo de problemas que baldarão eternamente a sagacidade humana? E que diriamos nós ambos, si o aviso do douto e fantas-

---

* Conhecido por admiraveis descobertas, e tão insigne por seus talentos como por seu comportamento privado.

tico Boyle se achasse justificado pelo acontecimento ; si estes utensilios e estes instrumentos, que elle tão cuidadosamente dispoz em ordem , eu os não devesse jámais tocar ; si, em uma palavra , eu fôsse obrigado a *fechar a loja* , como já vos disse ? »

Eu não me pude abster de dar accesso a não sei qué penoso presentimento , cuja amargura era augmentada por minha amizade por E***, ou antes por minha profunda admiração por suas virtudes. Recolhi-me para minha casa, affectado de um receio vago : foi-me impossivel dormir. Levantei-me pensativo, e me admirei de ter, graças ás minhas distracções, excedido muito a hora ordinaria de minhas primeiras visitas , quando , ás dez horas em ponto , meu criado me entregou a seguinte carta da parte do amigo que me havia introduzido em casa de M. E*** :

« Meu charo***,

« Vinde depressa. Esta manhãa , ás sete horas e meia , « deu um ataque de paralysia no nosso excellente amigo « M. E***. Tenho muito medo que este assalto , junto com « a terrivel molestia chronica de que elle padece , não dis- « perse e anniquile as ultimas reliquias de sua organisação « arruinada e debil. Estou em casa d'elle, e vos espero com « impaciencia.

J. D***. »

Em poucos instantes cheguei a Lambeth ; e , depois de ter dado os primeiros soccorros ao enfermo , inquiri si algum novo acontecimento havia determinado esta catastrophe, á qual era muito verosimil que elle succumbisse. A filha de E***, desfazendo-se em lagrimas , e D*** mais calmo , me informaram que uma desgraça inesperada e terrivel acabava de ferir o nosso amigo. Elle e sua filha se achavam arruinados, arruinados na velhice e na infancia, no meio de uma molestia horrorosa, sem recurso, sem auxilio. Era á derradeira prova , o derradeiro florão do mastyrio.

Um rapaz, educado nas escholas de parochia, foi d'ahi tirado pela charidade do nosso amigo , que reconhecendo

n'elle intelligencia e actividade, lhe deu as primeiras noçõos da arithmetica, da escripturação de livros e da geometria; depois, metteu-o como aprendiz em casa de um mercador da cidade. J. H*** (é o nome do rapaz) comportou-se bem, e seu patrono, satisfeito de haver arrancado á miseria um ente digno de estima, lhe adiantou alguns fundos, por meio dos quaes J. H*** principiou um pequeno negocio que prosperou, graças a seu trabalho, á sua perseverança, á sua economia. Novos fundos lhe foram ainda adiantados pelo generoso E***, que se regosijava com esta obra de suas mãos. A loja do rapaz tinha muita freguezia, elle pagava regularmente a seu antigo amo o importe das sommas que este lhe havia emprestado. Animado por esta prosperidade crescente e por sua confiança na moralidade de J. H***, o nosso sabio, demasiado bom e demasiado nobre para ser sempre prudente, acabou por confiar-lhe, a titulo de emprestimo e com o juro de cinco por cento, a totalidade de seus capitaes, quinze mil libras st. nas quaes se incluia o dote inteiro de sua filha.

O rapaz se lançou em especulações arriscadas, e, por uma d'essas mudanças de character assaz frequentes na mocidade, se abandonou de repente a vicios perniciosos. No momento em que se julgava segura sua fortuna, elle fez banca-rota. Todos os fundos que compunham a fortuna do nosso amigo e o patrimonio de sua pobre filha se achavam compromettidos. Eis o que o infeliz ancião acabava de saber, e o que havia determinado o ataque de paralysia.

— Assim, exclamei, apertando a mão de D***, elle não tem mais nada? perdeu tudo?

— Economias, resultados das privações de sua vida inteira, tudo lhe é arrebatado por esse ingrato.

— Mas não deixa o fallido alguns destroços que se repartam?

— Esse monstro teve a infamia de escrever esta manhãa mesmo a seu bemfeitor que, forçado a fugir de seus credores, sentia summo pezar de não poder explicar-lhe de viva voz este desgraçado successo; que, alêm d'isso, um *bom dividendo* lhe seria reservado.

— É o cumulo do horror! Mas não tem miss Emma outros parentes?

— Nenhum. Cinco mil libras st. de dote lhe estavam assig-

nadas antes da morte de seu pae; hoje está sem real. Que golpe para este infeliz pae!

— É impossivel que elle não succumba.

Entretanto, entrámos no quarto do ancião. Sua filha estava de joelhos na cabeceira da cama, e chorava; tinha entre suas mãos a mão gelada de seu pae. Longo tempo elle olhou fixamente para nós sem nos vêr. Toda a parte esquerda da face estava paralysada. Emfim, depois de muitos esforços, pôde mover seus labios pallidos, e articulou fracamente estas palavras:

— Vós vêdes.... M. Boyle.... M. Boyle tinha razão.... cumpre fechar a loja. »

Por um accidente raro e favoravel, ao ataque de paralysia succedeu um movimeuto de febre. Por outra singularidade, o espinhaço, sem recobrar suas funcções acostumadas, cessou de ser doloroso: d'ahi por diante o nosso amigo não fez mais que definhar lentamente como uma alampada que se apaga. Eu vinha, esquecendo os meus outros deveres, passar horas inteiras junto a seu leito de morte, e associar-me a todos os movimentos d'esta alma sublime. Nem uma maldição contra seu ingrato e barbaro protegido; um fervor de benevolencia, uma profundidade de devoção, uma grandeza de resignação que eu apenas comprehendia. Si o protestantismo tivesse seu calendario hagiologico, eu teria requerido a canonisação de E***.

Uma noite, procurava eu apresentar como possivel e provavel sua completa cura.

— Não, não; Deus me ha enviado um nobre mensageiro cujos passos seguirei. Ah! eu não choro sinão por minha filha! Minha pobre filha! ter perdido tudo quanto lhe pertencia!

— O monstro!.... não falla esse homem de um dividendo?

— Nada espero d'elle; elle esqueceu seus principios, calcou aos pés a moralidade: eu lhe perdôo. Perdido de reputação, sentindo a atrocidade de sua ingratidão, elle se mergulhará no vicio com desespero: tal é pelo menos o futuro da mór parte d'esses infelizes. E eu, tal qual me vêdes, si ficar ainda um mez sobre a terra, não terei mais com que pagar meus alugueis. È preciso que deixe esta casa.... que mude de morada.... na situação de saú-

de em que me acho.... que venda minha bibliotheca.... que o commissario avaliador ponha em almoeda meus utensilios e meus instrumentos.... são quasi amigos.... companheiros de tão longa data!

—Não vos abandoneis a taes pensamentos. Vossos amigos nada esquecerão para se oppôr a esta desgraça; seria isso uma profanação.

—Dobremo-nos ao destino, meu charo***; tenho poucos dias que viver. Si meus amigos conservam uma memoria de mim, seja para minha filha orphãa que se volte sua affeição, eu lh'o conjuro. Esta infeliz filha.... meu Deus! protegei-a! protegei-a!»

A noticia da proxima morte do sabio E*** se espalhou no mundo e reanimou a estima e admiração sinceras, mas pouco activas, que elle havia inspirado. Começaram a aprecial-o logo que souberam que iam predêl-o. Elle recebeu muitos bilhetes de visita de nobres, de pessôas da sociedade, de membros do parlamento. Entretanto foi de mister mudar-se. Aquelles instrumentos que tinham sido o encanto de sua vida, a consolação de suas dôres, foram vendidos pela vigesima parte do que valiam. Um aposento mui simples foi alugado na visinhança, e para lá foi o doente transportado em uma liteira. Para um ancião moribundo, é esta uma prova bem cruel: parece que, forçando-o a separar-se dos objectos sobre que seus olhos tinham o costume de descançar, o fazem morrer anticipadamente. E*** sentiu todas estas dôres e as supportou sem queixar-se.

— Vós vêdes, me disse elle, quando fui vêl-o no seu novo domicilio, preludiei á minha grande mudança por uma mudança em miniatura. Eis-me em meio caminho do domicilio onde estarão um dia todos os viventes, onde não tardarei a residir para sempre.

—Soffreis muito?

—Não; vou indo devagarzinho. Meu amigo, accrescentou elle, pegando n'uma de minhas mãos com sua mão fria e humida, ha pouco tempo que vos conheço, porêm estimo-vos e amo-vos. Me perdoareis vós si os assiduos cuidados que me haveis prodigalisado não são reconhecidos no meu testamento da maneira que eu teria desejado, e que o meu antigo estado de fortuna teria tornado facil?

—Em nome d'esta estima que me é tão preciosa, não

falleis d'esses miseraveis interesses; deixae-me ouvir-vos, fallar-vos, aproveitar esta sabedoria quasi divina que Deus ha purificado e fortalecido com tantas dôres: não me priveis d'esta felicidade, tratando-me como o homem que viesse buscar seu salario.

— Pois bem, não, não! tornou elle, apertando-me a mão com um movimento fraco e agitado.

Eu não teria trocado por cem guinéos as emoções que me fez resentir o aperto de mão do moribundo. Como entretanto estava calmo e sereno este leito de morte, cercado de tantos horrores, precedido de tantas penas, ameaçado pela indigencia, affligido pela ingratidão e traição! Que differença entre esta agonia tão placida e a horrorosa morte da mór parte das pessôas que têm brilhado no mundo, e que não têm colhido, no decurso de uma vida esplendida e orgulhosa, sinão vicios e remorsos! Os pensamentos do meu amigo sobre a eternidade, sobre a destinação do homem, sobre a alma, sobre o futuro, estavam em harmonia com esta resignação christãa. Eu o escutava com enthusiasmo e delicias, resentia uma parte d'esse profundo e melancholico encanto de que eram penetrados os amigos de Socrates, quando o grande homem lhes legava, ante de expirar, os thesouros de sua prophetica sapiencia.

Um deperecimento insensivel nos ia roubando este excellente homem; a tranquillidade interna de sua alma prolongava sua fraca existencia. Um acontecimento inesperado, imprimindo-lhe violento abalo, determinou a crise e apressou seus ultimos momentos. Esse mesmo J. H***, o ingrato que tantas desgraças causára, por sua imprudencia e por sua immoralidade, ousou apresentar-se em casa do moribundo. Eu me achava então presente: esta scena, nunca a esquecerei.

— Snr., disse a proprietaria, adiantando-se mui devagar para o leito, alguem quer fallar-vos.

— Quem é?

— Ignoro. Sua figura não me é desconhecida. Desde algum tempo elle vaguêa pela visinhança; parece desejar muito vêr-vos e fallar-vos.

— Que especie de homem é?

— Elle é alto, pallido, traz a sobrecasaca abotoada até á cima.

— Ide perguntar-lhe seu nome.

Quando o moribundo ouviu esse nome funesto, vi-o ficar mais pallido; as poucas côres que ainda lhe restavam nas faces foram substituidas por uma côr livida. Elle se virou na cama, e, com voz alterada, esclamou:

— Infeliz! que póde elle querer-me?.... Deteve-se alguns instantes, e, fitando os olhos em mim: Sabeis quem é esse homem?

— Sei.

— Vamos, terei coragem. Mandae-o subir.

J. H*** entrou. Seus passos eram vacillantes, seu olhar estava fixo no soalho. Longo tempo permaneceu n'ésta postura, como si o acabrunhasse o remorso. Depois, chegando-se para o leito do enfermo e lançando-se de joelhos, com os olhos cobertos com suas mãos, atravéz das quaes jorravam as lagrimas, não pôde proferir sinão estas palavras:

— Oh! M. E*** ! M. E*** !

— Que podeis desejar de mim? lhe perguntou E*** em meia voz, porêm com tom calmo.

— Meu bemfeitor.... meu protector.... Vós a quem ultrajei!... vós para com quem me comportei de uma maneira tão indigna!...

— M. H***, penalisaes-me. Bem vêdes que estou muito doente. Considerae o estado em que me acho.

— A frieza de vossas palavras me gela: enchei-me de exprobraçõe, eu as mereço todas. Meu coração se despedaça quando penso na vergonha e na infamia de meu proceder para comvosco....

— Pois bem, fazei por corrigir-vos!

— Charo M. E***, meu bemfeitor, o mais ultrajado dos homens, podeis vós me perdoar? podeis?

E*** guardou silencio. Vi que elle não podia perdoar. J. H*** tomou-lhe a mão, que cobriu de beijos e lagrimas.

— Pois bem, tornou E***, depois de penoso esforço.... eu vos perdôo.... Fazei por alcançar o perdão *d' aquelle*.... que nos julga a todos. Elle vos será mais util que o meu.... que comtudo vos dou.... do intimo de meu coração.

— Como estaes pallido! como pareceis soffrer! Ah! M. E***! e fui eu que fiz isto! Condemnação sobre minha cabeça! eterna condemnação!

— Não pronuncieis semelhantes palavras no quarto de um

moribundo. Mancebo, levantae-vos, arrependei-vos; vossa vida póde ser longa.... Eu vol-o repito.... estaes.... perdoado.... Eu vou morrer, pedindo a Deus vosso perdão.

— Morrer! repetiu o rapaz com voz rouca e commovida de espanto e de horror.

— Sim, James. Não vos imputeis minha morte. Não fiqueis desesperado. Ha longo tempo que estou muito doente; vós o sabeis.... não sois vós....

— Oh! sou eu, sou eu só que vos mato. Miseravel! ingrato! eu me amaldiçôo!

— Calae-vos! disse E*** com voz mais severa.... Abrandou-se logo. O que está feito é irreparavel. Acalmae-vos. Eu não tenho forças sufficientes para supportar semelhantes commoções. Eu vos supplico, poupae-me. Si realmente vos arrependeis, James....

— Eu verteria a ultima gota de meu sangue para remir este crime. Ai de mim! tudo é inutil. E no emtanto eu sou tão infeliz quanto culpado.

— Ereis infeliz ou culpado, perguntou E*** com brandura e gravidade, quando prodigalisaveis vossa fortuna, ou antes a minha, a essa creatura depravada que vos arrastrou á vossa ruina?

O rapaz fez-se vermelho como a purpura, abaixou os olhos e se calou.

— Já vos perdoei. Devo agora fazer-vos as exprobrações que muito mereceis. Foi vosso mau comportamento que me expulsou de minha casa, na idade em que estou, opprimido de enfermidades; que me lançou sobre este leito de morte; que me roubou e me despojou; que privou minha filha de seu patrimonio e meus ultimos suspiros de consolação e de repouso. Essas economias, fructo de meus suores e de minhas privações durante uma vida laboriosa, vós m'as haveis arrebatado. James, como tivestes o coração....

M. E*** parou. O criminoso guardava silencio.

— Eu não estou enfadado comvosco; minha colera já passou. Mas tenho pena; vós me enganastes, abusastes de minha confiança.

— Ah! Snr., não sei que horrivel prestigio me illudiu, me desvairou, me perdeu.... Nunca vos fieis em um homem.... Nunca... nunca.... repetiu com terror e desesperação.

— Quasi não terei mais occasião de me fiar em ninguem. James, a vida me abandona.

J. H***, com os olhos fitos em seu antigo patrono, os labios pallidos e tremulos, o corpo agitado de involuntario e continuo estremecimento, se approximou do leito.

— Me perdoaes realmente? lhe perguntou elle com voz apenas intelligivel.

— Sim, si me prometteis emendar-vos. E si é sincero este arrependimento, lembrae-vos que não foi só a mim que prejudicastes. Lembrae-vos de minha filha. . . . » O ancião desfez-se em lagrimas. « Adeus, proseguiu elle ide-vos embora: eu me vou debilitando, tudo isto me ha commovido muito.

— Fareis bem em vos retirar, disse eu então ao rapaz.

Miss Emma entrou n'esse momento e se assentou. J. H*** tirou da algibeira uma carteira de marroquim encarnado, atirou-a precipitadamente no collo da donzella, e, levando a mão aos labios, murmurou estas palavras:

— Adeus! adeus, oh o melhor dos homens! adeus para sempre!

Sahiu com passo rapido, e eu o vi pela janella affastar-se com grandes passadas. M. E*** tinha desmaiado: acodi-lhe com cuidados, e abri depois a carteira, que continha um grosso maço de notas do banco e a seguinte carta cujo original possuo:

« Vós a quem venero e a quem tanto ultrajei, quando « lerdes esta carta, já seu autor se achará a bordo do navio « que o deve levar para a America. Elle abusou de vossa « confiança, oh o melhor dos homens! porêm espera que seu « arrependimento vos enterneça. A somma inclusa é muito « fraca; mas elle espera pôr-se em estado de proceder melhor « mais tarde. J. H***. »

A somma encerrada na carteira montava a tres mil libras st., fraca compensação de cento e cincoenta mil cuja perda havia reduzido E*** á miseria e o havia conduzido á morte. No dia immediato ao d'este acontecimento, tornei á sua casa. Elle me disse que tinha maduramente reflectido ácerca do comportamento de J. H***, que o julgava menos culpavel de improbidade que de estouvamento; que sem duvida

aquella somma de tres mil libras st. podia vir a ser util á sua filha, porêm que elle se não devia considerar sinão como simples depositario d'ella, em nome de todos os outros credores. Nada respondi a esta declaração, prova da integridade a mais rara e a mais sublime. Eu sabia que o nobre ancião não estava abaixo de nenhum sacrificio; conhecia-o capaz de todas as virtudes, mesmo as mais heroicas. O lettrado que elle mandou chamar, afim de lhe communicar suas intenções, lhe representou que, na situação das cousas, não tendo recebido a somma a titulo de pagamento nem como credor do fallimento, elle tinha moral e legalmente o direito de guardar as tres mil libras.

— Seria só, continuou o legista pelo escrupulo da probidade a mais estricta e mesmo a mais supersticiosa no cumprimento de seus deveres, que poderieis restituir o importe d'estas notas do banco.

— Pois bem, quero, aos olhos de Deus assim como aos dos homens, ficar puro de toda fraude!

— Mas vossa filha. . . .

— Pobre menina! . . querida Emma! . . Mesmo por ella, não me hei-de arredar, no leito da morte, da estrada que trilhei. Levae este dinheiro.

— Talvez, lhe disse eu então, não consigaes um por cento de vossa divida.

— Morrerei ao menos com a consciencia pura.

No emtanto os outros credores de J. H***, ricos a mór parte d'elles, e profundamente sensibilisados da situação e indomavel probidade do ancião moribundo, concordaram em corresponder a este acto de sublime integridade com um acto de nobreza e generosidade não menos raro. Declararam que o deposito do balanço de J. H*** e o ajuste de suas contas bastavam para lhes dar um dividendo consideravel, e que aquelle a que M. E*** tinha direito por primeira hypotheca se elevava já á somma de tres mil e quinhentas libras st., que lhe remetteram. Accrescentaram que elles consideravam como seguro o pagamento integral de quinze mil libras st., emprestadas por M. E***, e que, si elle quizesse acceital-as de suas mãos, a titulo de avanço, estavam promptos a mandal-as entrar para seu cofre. E*** recusou esta ultima proposta; mas a certeza de não deixar sua filha desprovida de todo soccorro adoçou seus derradeiros instantes.

Dous dias depois, elle recebeu com indifferença a noticia de sua nomeação para uma das principaes cadeiras scientificas dos Tres Reinos, e o importe de um premio extraordinario ganhado por elle no concurso aberto por uma célebre academia. Estas honras e estes successos pouca impressão lhe faziam. As ultimas palavras do philosopho foram consagradas a combater este systema, que muda a arena scientifica em arena de gladiadores, excita entre os sabios uma rivalidade odienta, faz entrar a ambição e seus favores, a inveja e sua raiva no gabinete e no laboratorio, e mistura vicios odiosos com a admiravel vocação dos Newtons, dos Descartes e dos Herschells. « A sciencia, me dizia E***, deve bastar-se a si mesma; é por ella que deve ser amada. Estes estimulantes que lhe prodigalisam provam o pouco caso que d'ella fazemos. Vistes jámais um bom medico estimular um orgam em plena posse de toda a sua saude? Não, não: os verdadeiros grandes homens não se embaraçam com estas estereis distincções. Que lhes importa uma fita ou uma medalha? É a verdade que elles buscam, é a ella que tudo consagram.»

Vi poucos dias depois morrer entre meus braços, sem arrependimento, sem pezar, em paz com o mundo e comsigo mesmo, este admiravel, este excellente homem. Seu fallecimento causou, durante tres dias, alguma sensação nos circulos de Londres; depois, cessaram de se occupar d'elle. Quanto a mim, não peço a Deus sinão viver de modo que possa expirar com igual quietação.

(Blackwood's Magazine.)

MISCELLANEA.

O Banho Turco.

No dia seguinte dirigi-me á casa dos banhos, logo que se abriu. Depois das mesquitas, as casas de banho são os melhores edificios das cidades orientaes. A casa a que me conduziram era extensa, mas de uma architectura singela, posto que tivesse ornatos engenhosos. Entra-se por um grande vestibulo com quartos á direita e á esquerda, onde se deixa o manto. No fundo ha uma porta hermeticamente fechada, alêm da qual já se encontra uma atmosphera mais quente do que o ar exterior. D'aqui ainda é possivel tornar para fóra; mas aquelle que penetrou em alguns dos gabinetes contiguos a esta camara, deixa de ser senhor de si. Dous criados se apoderam delle, e tratam-o como si fôsse propriedade da casa. Foi o que me aconteceu com grande admiração minha. Apenas entrei, dous moços vigorosos apoderaram-se de mim, e n'um instante me despiram. Um d'elles atou-me um chale de linho ao redor da cintura, e outro fez-me calçar um par de soccos de gigante, que me deram mais um pé de altura. Este calçado insolito não só me tornou impossivel a fuga, mas, pela sua grande elevação, ter-me-hia feito perder o centro de gravidade, si os dous escravos me não amparassem um de cada lado. Estava apprehendido; não podia fugir: deixei-me levar.

Passámos a outro quarto; mas, por maior que fôsse a minha resignação, o vapor era tão denso e o calor tão forte, que me senti suffocado. Julguei que os meus guias tinham por engano entrado em algum forno. Quiz desenbaraçar-me d'elles; mas a minha resistencia tinha sido prevista: não me achava eu em

trajos e em estado de sustentar a lutta; força foi dar-me por vencido. Fiquei porêm admirado de sentir d'ahi a um momento que a respiração se fazia regular, e que os polmões se dilatavam á proporção que o suor corria por todo o corpo. Passámos assim a quatro ou cinco camaras, cujas temperaturas seguia um andamento progressivo tão rapido, que por fim comecei a pensar que ha cinco mil annos se engana o genero humano emquanto ao elemento em que vive, pois me parecia que o seu verdadeiro destino era o de viver cosido ou assado. Emfim entrámos na estufa. Ahi o nevoeiro era tão espesso, que a principio nada via a dous passos de distancia, e o calor era tão intenso, que me senti desfallecer. Fechei os olhos e deixei-me ir á mercê dos conductores, que desataram o chale, tiraram os soccos e estenderam-me quasi sem sentidos sobre o estrado que estava no meio da casa, e que parecia uma mesa de marmore.

Passados alguns instantes, comecei a habituar-me a esta temperatura infernal. Aproveitei as faculdades, á proporção que as recuperava, para lançar com cautela os olhos ao redor. Os meus dous algozes pareciam esquecidos de mim: eu os via occupados em um dos extremos da camara, e tratei de tirar vantagem do momento de descanço que elles me deixavam. Achava-me no centro de uma grande sala quadrada, ladrilhada de marmore de diversas côres até á altura de um homem: torneiras abertas derramavam continuadamente agua que lançava fumo, e que pelos quatro cantos da casa corria a encher quatro tanques á maneira de quatro caldeiras, em cuja superficie diversas cabeças rapadas se agitavam, exprimindo satisfacção e prazer pelas contorsões physionomicas as mais burlescas. Estava eu tão enlevado em contemplal-as, que apenas dei pela approximação dos meus dous criados de banho. Um trazia uma grande escudella de pau, onde tinha dissolvido sabão, e outro um masso de fio fino. Pareceu-me de repente que milhares d'agulhas me tinham entrado na cabeça, pelos olhos, nariz e bocca: era o scelerado do meu banheiro que me inundava a cara com a tal preparação, e que, emquanto o companheiro me sustentava pelas espadoas, esfregava-me com furor o rosto, os cabellos, e o peito. A dôr foi tão insupportavel, que me restituiu toda a energia: pensei que era ridiculo deixar-me assim atormentar sem defesa; affastei a um dos criados com um pontapé, deitei o outro por terra com um empurrão, e, não vendo remedio a meus males que não fôsse uma subita immersão, corri para o mais habitado dos

quatro tanques, e atirei-me dentro d'elle: a agua estava fervendo. Dei um grito como um homem que se escalda, e, trepando por um dos meus visinhos, que certamente não saberiam explicar d'onde provinha tal inquietação, subi para o bordo da caldeira. Não foi demorado o banho; mas assim mesmo tinha o corpo vermelho como um camarão.

Fiquei um momento estupefacto; julguei-me dominado por um terrivel sonho. Via homens a coser n'uma caldeira, e parecia-me que n'isso tinham elles o maior contentamento. Confundiam-se todas as minhas idéas de prazer e dôr, pois que era prazer para aquelles o que para mim era dôr. Tomei pois a resolução de não julgar pelas minhas sensações, e de consentir que de mim fizessem quanto aos outros aprouvesse. Achavam-me portanto os dous algozes completamente resignado; e sem repugnancia os segui para um dos quatro tanques. Em chegando aos degraus, fizeram-me signal para descer; obedeci, e achei-me em agua de 35 a 40 graus, o que tive por calor mui temperado.

D'este tanque passei a outro de temperatura mais elevada, mas que podia ainda supportar-se. Estive n'este, como no outro, tres minutos, pouco mais ou menos. Devolvido este breve espaço de tempo, conduziram-me ao terceiro tanque, cuja agua poderia ter mais dez ou doze graus do que a do segundo; e d'ahi levaram-me para o quarto, onde eu tinha começado o meu tyrocinio de condemnado ao fogo do inferno. Approximei-me com a maior repugnancia, apezar da resolução de soffrer tudo. Comecei por apalpar a agua com a ponta do pé; estava quente, mas não tanto quanto da primeira vez: arrisquei primeiro uma perna, depois outra, emfim todo o corpo, e admirei-me de não encontrar a mesma fervedura. Tinha chegado por gradação: os outros tanques prepararam-me para o ultimo. No fim de alguns segundos, todo o receio se desvaneceu, e comtudo a agua não teria menos de 60 a 65 graus de calor. Quando sahi, a côr da pelle estava um pouco mais carregada: de vermelha fizera-se cramesim.

Os meus atormentadores tornaram a atar-me uma tanga pelos rins, enrolaram-me um chale ao redor da cabeça, e trouxeram-me successivamente pelas salas por que tinhamos passado, tendo elles o cuidado de pôr-me um novo avental e um novo turbante a cada mudança de atmosphera. Cheguei emfim ao quarto onde tinha deixado os meus vestidos. Achei um bom tapete e um travesseiro. Tiraram-me os aventaes e os turbantes

para cobrirem-me com uma especie de penteador de lãa ; deitaram-me como uma creança, e sahiram.

Experimentei então um sentimento de prazer e de satisfacção interior inexplicavel ; mas estava por tal modo enfraquecido, que meia hora depois vieram achar-me na mesma posição.

A nova personagem que entrava em scena era um joven Arabe, vigoroso e bem talhado, que se approximou da minha cama. Com um certo medo bem desculpavel em quem acabava de passar por taes torturas, vi que elle me queria alguma cousa ; mas tão fraco estava que não tive a idéa de me levantar ao menos : começou por pegar-me na mão esquerda, cujas articulações todas fez estalar, e depois fez o mesmo ás articulações da mão direita, dos pés e dos joelhos, até que, collocando-me na posição de um pombo que se assa aberto sobre as grelhas, fez-me igualmente estalar a espinha dorsal, como o algoz que descarrega o ultimo golpe ao justiçado. Arranquei um grito de terror ; pensava que me tinham despedaçado a columna vertebral. O meu atormentador passou a outro genero de tortura, e entrou a amolgar-me os braços, as pernas e as coxas com uma pasmosa dexteridade. Durou isto por espaço de um quarto de hora. Fiquei ainda mais debilitado : todas as juntas me doiam; quiz cobrir-me com o tapete, e não tive força para isso.

Trouxe-me um criado café, cachimbo e perfumes : vendo-me nú, atirou para cima de mim com uma coberta de lãa, e deixou-me engolfado nos perfumes e no tabaco. Passei assim meia hora nem acordado, nem dormindo, mas embebido em vagas, deleitosas meditações, que me embriagavam, sentindo uma satisfação interior até então desconhecida, e cabalmente deslembrado das cousas d'este mundo. Fui distrahido do extase pelo barbeiro que me rapou a cabeça, penteou as barbas e os bigodes, e queria arrancar-me os cabellos do resto do corpo, proposição a que não dei o meu consentimento.

Ao barbeiro seguiu-se um rapaz de quatorze ou quinze annos, que me esfregou os calcanhares com pedra pomes.

Ao rapaz seguiu-se o estalador de juntas; e como lhe fizesse signal de querer sahir, trouxe-me os meus vestidos e ajudou-me a vestir, porque eu estava tão fraco, que apenas me podia ter em pé. Conduziu-me ao quarto que dá para o vestibulo, onde achei o manto. O banho de tres horas, o serviço dos criados, do barbeiro, do estalador, o uso do cachimbo, o café, os perfumes, importou tudo em piastra e meia, onze soldos de moeda de França.

A' porta da casa achei jumentos de aluguel : cavalguei n'um, e retirei-me a passo. A's onze horas da manhãa, parecia-me o ar mui fresco : provinha isso da comparação ; e percebi o motivo por que os Turcos são de tal modo apaixonados por um exercicio que me havia parecido fadiga insupportavel.

A. Danzats. — Alex. Dumas.

Balança ou balanço do commercio.

Grandes erros de economia politica, ciumes violentissimos entre as nações visinhas, incalculaveis perdas em todos os mananciaes da prosperidade publica produziu em todos os tempos, e está ainda produzindo em algumas partes a *balança ou balanço do commercio*, isto é o calculo da differença entre a exportação e a importação de qualquer praça. Os sectarios do *sistema mercantil*, tinham por axioma que a riqueza consistia na moeda, ou no ouro e prata : quando uma nação tinha minas d'estes metaes o meio obvio para ser rica foi fechar em si mesma todo o producto, e prohibir-lhe a exportação com as penas as mais severas. Assim fez Portugal, e Hespanha, em vão, como necessariamente havia de ser. Quando não tinha minas, supposeram que devia coarctar a importação, e que exportando mais do que importasse, o resto lhe veria em dinheiro. Exportar muito, e importar pouco, eis-ahi o que se concebeu, como o grande meio de enriquecer uma nação. Daqui vieram os direitos *prohibitivos*, os direitos *protectores*, *as gratificações*, *os drawbacks*, e as *prohibições* absolutas dos generos por entrada. Si a troca commercial se fizesse de especie a especie identica, isto é, de uma cousa do mesmo peso, feitio, e toque, por outra de igual peso, feitio e toque, as deducções do sistema mercantil poderiam ter cabimento : mas se as cousas, que si trocão são sempre diversas, com intervenção de respectivo *trabalho* diverso, aptas a satisfazer necessidades e appetites diversos, segue-se que o sistema mercantil é erroneo, e que do seu balanço do commercio nada póde concluir-se, que justifique as suas restricções. É indubitavel que é pela agencia

do trabalho, que podem obter-se os diversos artigos, e conveniencias uteis e commodas ao homem. D'aqui, o grande problêma d'aquella parte da sciencia, que trata da *producção* da riqueza, deve resolver-se na discussão dos meios porque o trabalho póde tornar-se mais efficiente ; isto é, determinar como podêmos alcançar a maior somma de productos necessarios, uteis, e appeteciveis, empregando a menor somma possivel de trabalho. Por tanto toda a medida que tende a augmentar o poder do trabalho, ou, o que vem a ser o mesmo, a reduzir o custo dos generos, deve augmentar proporcionalmente os nossos meios d'alcançar cabedal e riqueza. E assim, toda a medida ou regulamento que tiver qualquer tendencia a difficultar trabalho, ou a encarecer o custo dos generos, deve igualmente diminuir estes meios. Ora o sistema mercantil está em diametral opposição com estes incontrastaveis principios ; é logo evidente que o sistema mercantil é falso, erroneo, e insustentavel. Mas que povos teem melhor conhecido, e sabido approveitar-se do seu commercio interno e externo ? São, sem duvida os inglezes, os francezes e os americanos. E qual é a opinião d'estas naçōes sobre a liberdade do commercio ? Vejamos. Os negociantes britanicos apresentaram um requerimento, em Maio de 1820, ao parlamento, cuja substancia é o seguinte — » O commercio externo coopera altamente para a riqueza e prosperidade de um paiz, habilitando-o a importar generos, para que o solo, clima, capital, e industria d'outros paizes são mais appropriados, e a exportar em pagamentos os artigos, para que a nossa situação é mais adoptada. Não ha cousa tão propria para dar maior extensão ao commercio externo, e melhor direcção ao capital e industria do paiz, como a *franquia de restricções*. A maxima de comprar no mercado mais barato, e vender no mais caro, que regula todo o negociante em seu trafico individual, é a melhor das regras para o commercio de uma nação inteira. Uma legislação fundada n'estes principios tornaria o commercio do mundo n'uma troca de vantagens mutuas, e derramaria um augmento de cabedal e gozos pelos habitantes de cada estado. » — Vejamos agora o que disseram doze mil e quinhentos e setenta e tres individuos proprietarios das vinhas do departamento de Gironda n'uma representação , que levaram ás camaras de França em 1826. — » Considerado em si mesmo , o sistema prohibitivo é o mais deploravel dos erros. A natureza na sua variedade infinita repartiu por cada paiz attributos particu-

lares ; imprimiu em cada solo o seu verdadeiro destino ; e é pela diversidade de productos, e minguas que quiz unir os homens por um vinculo universal, e operar entre elles essas connexões, que produziram o commercio e a civilisação. Qual é a baze do sistema prohibitivo ? uma verdadeira quimera, que consiste em suppôr qua se póde vender ao estrangeiro , sem lhe comprar. Qual é pois a consequencia do sistema prohibitivo ? É que o paiz collocado debaixo do seu imperio não póde vender os seus productos ao estrangeiro. Eil-o pois concentrado em si mesmo ; e á impossibilidade de vender o que teem de mais, vem junctar-se a necessidade de pagar mais caro o que lhe falta. » — São memoraveis as palavras do *Committee of Ways and Means* dos Estados Unidos no relatorio de 12 de março de 1828, que dizem assim : — Em todos os casos, em que se impoem direitos pesados para ministrar protecção, o commercio estrangeiro, pela natureza das cousas, deve ser diminuido em muito maior extensão do que animada a industria domestica. —» E abaixo acrescenta-se — Fechando esta breve e imperfeita revista da operação destructora da proposta politica prohibitoria, chamada com singular despropriedade de linguagem, *politica protectora*, não é possivel deixar de notar, que *é mais facil destruir, do que crear riquezas por legislação.* » Não é possivel vender ás outras nações , sem comprar-lhes. — O commercio é uma troca : e não ha troca sem haver duas cousas, que se permutem. O effeito necessario e inevitavel do sistema protector, ou mercantil é diminuir a importação. Toda a protecção que parecer beneficiar um ramo de commercio, excluindo a importação, prejudica outro, excluindo a exportação. As despezas pagas pelo publico em alguma protecção, são sempre perda d'algum ramo de commercio, e preço augmentado de generos protegidos. A não-interferencia é o grande principio do commercio, e o sistema mercantil o seu maior inimigo.

Primeiro luto preto em Portugal. — O primeiro luto desta côr, que se tomou neste reino, foi por morte de D. Philipa, tia d'elrei D. Manoel: até este tempo o luto era de burel branco.

1840. — Rio de Janeiro, Typographia de J. E. S. Cabral, Impressor do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.
Rua do Hospicio n. 66.

LITTERATURA.

REFORMA DA LITTERATURA NA ALLEMANHA DURANTE O DECIMO SEXTO SÉCULO.

Quando o culto das lettras antigas renovado na Italia, despertou a intelligencia humana longo tempo adormecida, foi espectaculo curioso, sem duvida, ver a ignorancia e barbaria de um lado, e do outro a escholastica e suas argucias, luttarem ao mesmo tempo contra a invasão dos estudos classicos. Os dialecticos da media idade tinham cumprido sua missão. Por elles haviam as naçõcs christãas possuido tambem seu Portico, sua Academia, seus Socrates e seus Zenons. A subtileza das discussões tinha aguçado os espiritos; porêm, apezar de estimularem sua actividade, os Abeilards, os Occams, os Thomás de Aquino, não tinham podido satisfazêl-os. Os engenhos se tinham agitado sem fim e sem tregoa no acanhado circulo das cathegorias de Aristoteles; deveram maravilhar-se de ver as doutrinas christãas, essencialmente platonicas, presas n'esses methodos arbitrarios tirados do philosopho de Stagyra. Uma revolução ia operar-se; era inevitavel. Apparece Luthero. Reuchlin, Ulrich de Hutten e o grande Erasmo, executam na esphera litteraria uma reforma não menos importante.

Deixamos a outros escriptores a tarefa de descrever e analysar o phenomeno da reforma religiosa. O movimento intellectual que a acompanhou, que a serviu e que talvez a determinou, não offerece interesse menos vivo. Teve seus cavalleiros, seus heroes, seus martyres. Pouco conhecido, mal apreciado, não encontrou historiador. Os annaes litterarios, nomenclaturas estereis, nos ensinam què taes e taes bomens existiram, sem nos dizerem que

influencia exerceram, que combates sustentaram, que parte aduziram na massa dos conhecimentos humanos, de que modo serviram o eterno progresso de nossa raça na estrada do saber e do aperfeiçoamento. É cousa pasmosa e afflictiva para o pensador observar as numerosas lacunas deixadas na historia do pensamento: escreveu-se muito, fizeram-se innumeras biographias, e os cursos de litteratura abundaram na Europa; temos porêm poucas luzes ácerca da marcha da intelligencia, de suas conquistas, de suas variações, de seus pontos de parada ou de partida.

Um dos episodios mais interessantes d'este grande assumpto, que não foi tratado é a resistencia opposta, no fim do decimo quinto século e principio do decimo sexto, á cultura das lettras pelas universidades allemãas, e sua derrota n'este combate em que os Reuchlins e os Buschius ficaram vencedores. Depositarias do fogo sagrado, protectoras naturaes do saber, as universidades de França e Inglaterra foram as primeiras que recolheram e propagaram estes estudos scientificos de que a Italia tinha dado o primeiro signal. Na Germania, pelo contrario, a escholastica encontrou defensores dedicados nos membros d'essas corporações. Foi guerra de morte entre os partidarios de Thomás de Aquino e os leitores de Cicero: o papa se intrometteu, as bullas da Santa Sé cahiram no meio dos combatentes. Detraz das muralhas universitarias, como no centro de uma fortaleza inexpugnavel, se refugiaram os derradeiros protectores da argucia theologica. Si um professor de latim ou de grego vinha estabelecer-se n'uma cidade, não tardavam a perseguil-o e desterral-o. Esta perseguição adquiria um character religioso e politico: então, como hoje, o passado se indignava contra o presente, cujo desenvolvimento e marcha tentava embalde suspender. Estudar os antigos era rebellar-se contra a fé christãa; derramar a instrucção entre o povo era corrompêl-o e vulnerar a fé dos antepassados. Alguns principes e reis, fanaticos ou fracos, davam ouvidos a estes discursos: viam-se os martyres da sciencia, apostolos novos, fugir de uma para outra cidade, cercados de discipulos que os idolatravam, expostos ao ferro, ao veneno, ao anathema pontificio, que os repellia da sociedade humana. Voltaire não tem certamente razão de escarnecer d'estes grandes movimentos, sobrevindos a proposito das doutrinas simplesmente litterarias: não era da pureza do estylo latino que se tratava realmente, sinão de um impulso novo dado ao mundo civilisado, que se consumia na theologia aristotelica; e esses eruditos em *us*, cujos

nomes olvidados foram os luzeiros de seu século, arrancaram do sulco em que suas rodas permaneciam ociosas o carro que lançaram em nova estrada.

O estudo das lettras antigas teve seus abusos e seus excessos, o que de certo não negamos; tal é o destino de nossa especie, sempre punida de seus triumphos por seus erros e de suas conquistas por seus abusos: o espirito de collegio, a imitação exagerada e ficticia da Grecia e de Roma, se espalharam na Europa. Mas por que injustiça se reprochariam estes excessos aos Lourenços Vallas, aos Philelphos, aos Trapezoncios, aos Erasmos, aos Budés? Elles tornaram a abrir a carreira da investigação critica, e é a elles que cumpre attribuir, como seus primeiros promotores, o desenvolvimento da philologia, da esthetica e das sciencias historicas.

Na Allemanha, o zelo de alguns individuos pela propagação do saber classico foi desinteressado, enthusiastico, severo, poder-se-hia dizer apostolico. O character serio e exaltado da nação cunhava com seu sello esta reforma litteraria. De um seminario fundado perto de Zwoll, em Westphalia, por Thomás de Kempis, viu-se partir para a Italia, onde habitavam os maiores humanistas da época, uma multidão ávida de receber suas lições: eram fidalgos, o conde Mauricio de Spiegelberg, Rodolpho de Lange, autor de bôas poesias latinas; professores habeis que a escholastica havia cançado, Alexandre Hegius, Luiz Dringenberg, Antonio Liber, Rodolpho Agricola. Elles iam beber, na fonte mesma das artes, esses ensinos e essas doutrinas antigas em que a aridez dos estudos universitarios, então em voga, lhes fazia descobrir maior encanto: peregrinos da sciencia, aventureiros que abandonavam o paiz natal para irem ouvir commentar Cicero e Homero. Recebiam lições de Gaza e de Trapezoncio, de Philelpho e de Leonardo Aretino. Um professor não era então um pedante desprezado, um écho do rudimento, e sim um pae segundo a sciencia, um homem inspirado que vos iniciava em um mundo divino. N'esse tempo se ligava á erudição a mesma veneração que os povos selvagens têm por seus poetas primitivos. Ella revelava a existencia de um universo desapparecido; graças a ella, monumentos esquecidos reappareciam á luz, resplandecentes de belleza, de vida e de vigor.

Hoje ha apenas alguns homens versados na historia da media idade que conheçam os titulos barbaros das obras que então serviam á educação da mocidade. Era o *Doctrinal* de Alexandre, o

Disciplina Schloarum, o *Catholicon*, o *Mammœtractus*, o *Gemma Gemmarum*, o *Labyrinthus*, o *Dormisecure*, tratados meio mysticos e meio grammaticaes. Baniam-se dos collegios Cicero, Virgilio e Homero, autores pagãos, réprobos e propagadores de más doutrinas. A pureza da lingua latina tinha por modelos as obras theologicas dos argumentadores da eschola. A metaphysica era ensinada segundo Raymundo Lulle, e a historia pelos romances dos chronistas da media idade, que transformavam Achilles em paladino e Bruto em companheiro de Carlos Magno. O anathema pesava sobre a mythologia hellenica, unica chave de toda a antiguidade grega e romana; e si se dignavam citar algumas vezes Virgilio e Ovidio, era por acharem em seus versos a explicação e prova das verdades evangelicas. No fundo de toda esta barbaria, póde descobrir-se certa sagacidade prophetica: a ruina do catholicismo apparecia aos theologos como resultado remoto, inevitavel, dos estudos que elles proscreviam.

Os homens de quem ácima fallei acharam, á sua volta de Italia, esta eschola barbara omnipotente na Allemanha; empregaram em destruil-a sua influencia, seu credito e seu talento. Longe, deão de Munster, restabeleceu a eschola desta cidade, deu-lhe habeis professores, entre outros Camener, Cæsarius e Murmellius, e formou novos professores imbuidos em suas doutrinas. Os rudimentos e os lexicons da media idade soffreram o ostracismo. As escholas de Emmerich, de Daventer, de Schelesstadt, surgiram como por milagre. Expulso de Amsterdam e de Kampen, Liber foi professar em Alkmar: de sua academia sahiram illustres discipulos, entre outros o papa Adriano VI. Era uma cruzada geral a favor da sciencia e da antiguidade. Recordemos á gratidão dos amigos das lettras seus nomes enterrados sob outras glorias menos bem adquiridas: Hegius, reitor de Daventer, e que teve por discipulo o grande Erasmo, o mais engenhoso dos sabios; Dringenberg, mestre de Simler, que formou Melanchton; Agricola, o mais elegante d'estes escriptores, homem de rara originalidade e que morreu na flôr da idade. Cada um d'estes discipulos communicava a outros alumnos as lições dos mestres. Esta paternidade da sciencia e do estudo se casa bem com o character real da missão que deveriam cumprir os homens dedicados ao culto do pensamento: ha alguma cousa de pathetico e de nobre n'este padroado, que se sumiu sob a frivolidade de nossos costumes modernos.

Mas esse energico decimo sexto século está longe de nós:

época em que tudo era dramatico, até os bancos do collegio, até a officina do operario, até o gabinete do erudito. A liga dos novos professores foi repellida por uma liga de escholasticos, ardentes em combater por seus deuses e por seus lares. Ao enthasiasmo dos jovens allemães elles responderam com folhetos satyricos, invectivas e perseguições. O pulpito e o conselho dos principes retumbaram com suas declamações furibundas; o poder temporal e espiritual se armou.

«Tiram-nos os nossos discipulos, exclamavam esses athletas da media idade moribunda e de seu desenvolvimento material prestes a desvanecer-se. Homens novos, os OEasarius e os Busches, que nem sabem achar uma allegoria mystica nos poetas latinos, nem commentar Cicero por meio da Biblia, destroem o edificio inteiro do saber antigo O diabo está n'elles, presta-lhes sua eloquencia. Todas as nossas universidades desabam. Onde está o tempo em que, entre os vinte mil discipulos da Allemanha, nem um só comprehendia os poetas? Então as universidades floreciam; hoje, porêm, tudo está perdido. Nossos livros de classe são postos para a banda. Outr'ora ter-se-hia gritado contra o escandalo, si um estudante tivesse ousado passear sem trazer debaixo do braço o *Peter Hispanus* (1), ou os *Parva Logicalia;* esse era o bom tempo. Ah! depois que se lê Ovidio e Terencio, é somente desprezo que se tem por esses bellos monumentos, o *Partes Alexandri*, o *Vade Mecum* (2), o *Exercitium Puerorum* (3), os *Dicta de João Sinthenius*, o *Opus Minus* (4), e todas essas bellas obras que faziam tantos bachareis a pouco custo e tantos litteratos sem litteratura. Uma philologia maldita substituiu estes primores. Nossas casas de educação e nossos collegios cahem em descredito; as argumentações de nossos theologos são abandonadas por Horacio e Platão, autores novos que Deus confunda; um mestre em artes, personagem venerada em nosso tempo, não é mais nada hoje. Adeus nossas honras! adeus nossas lucrativas e pouco sabias lucubrações! adeus nosso poder! Outr'ora se ia á fortuna e ás dignidades, repetindo-se nossos syllogismos; todos os meninos nos eram confiados: um mestre em artes que passeava pela cidade era seguido de uma multidão que o admirava e fazia resoar seu nome

---

(1) Autor de grammaticas. (2) Antigo livro de logica. (3) Rudimento. (4) Tratado de Raymundo Lulle.

e seus louvores. Então um homem se confessava de haver aberto um Cicero ou folheado um Ovidio, o padre infligia ao peccador uma penitencia grave, e todo aquelle que fôsse convencido de ter lido Terencio era banido da universidade. Agora são essas precisamente as abominações escandalosas que nos mandam estudar: historias pagãas, contos mythologicos, a perdição das almas, o veneno dos espiritos. Armae-vos, potencias da terra! Expulsae esses perturbadores do reino terrestre e do reino divino! Flagellae esses propagadores da heresia, esses envenenadores do povo! Destruí esses alimentos satanicos offerecidos á avidez dos fracos, esses manjares venenosos e attrahentes! Trata-se de vossa autoridade, de vossa existencia. Cedo ou tarde esses estudos destruirão vosso poder, cedo ou tarde a heresia que se esconde nas cadeiras dos professores invadirá o mundo. Não vos illudaes. Fallar eloquentemente é heresia! Saber grego, heresia! Explicar os autores que não comprehendemos, heresia! »

Taes eram os clamores dos escholasticos, reproduzidos fielmente por um dos seus inimigos, homem notavel de quem breve teremos occasião de contar a vida singular e de recordar a memoria, Ulrich de Hutten.

Eis pois, dispostos em batalha, de um lado os defensores do saber escholastico, do outro os *humanistas*, os *poetas;* é assim que os denominavam. Era um foco onde fervia o mister de aprender. Estes ultimos tinham por si toda a mocidade ardente e estudiosa. Trazia-se a devisa de um professor, como os cavalleiros as de seus suzeranos. Os renovadores dos estudos eram chamados *Mensageiros celestes*, anjos da eschola, evangelistas e filhos do Altissimo. Apenas os veteranos do pedantismo tinham feito seus discipulos repetirem *alpha*, *bèta*, *gamma*. Agora Thucydides e Homero eram explicados. Nas obras de Melanchton, do doutor Croke e de Camerarius é que se deve ler qual era esse enthusiasmo. Uns, muito pobres para pagarem o professor, iam servil-o como criados; outros affrontavam os edictos, o inverno, a prisão, a policia das estradas, e se transportavam á meia noite para algum campo desviado, para alguma floresta solitaria, onde devaim reunir-se para commentarem Cicero e traduzir Plutarcho. A sciencia, que até então havia sido esparzida e por assim dizer distillada com mão avara, cahia em ondas amontoadas sobre estes ouvintes ávidos.

Entretanto os anathemas dos invalidos do saber não cessavam de acabrunhar os nossos humanistas. Prégadores da perversidade,

semeadores de joio, deputados do demonio, como os chamavam seus inimigos, elles viam armar-se contra si o poder temporal. Conradus Celtes, Hermannus Buschius, João Rhegius, Æsticampianus, são expulsos de Leipsick. Os sabios alimpam o pó de suas alparcatas, e, partindo, praguejam de seus perseguidores. « Ficae, dizia Æsticampianus ao deixar Leipsick, ninguem mais ha de tentar arrancar-vos á barbaria. Ficae o que sois; intelligencias vazias e incultas, almas baixas e vergonhosas, gente que desdenhaes o alimento espiritual do homem, morrereis todos amaldiçoados ! »

Entre todas estas universidades inimigas do saber, a de Colonia sobretudo se vangloriava de sua ignorancia secular e de sua obstinação em profundar mais o velho sulco da rotina escholastica. Ella se armou pelos livros de classe, e fez, a favor do rudimento, uma proclamação tão estrondosa, tão eloquente, tão furibunda, como si se tivesse tratado dos direitos e da magestade de Deus. Os bispos de Colonia e de Munster se animaram de santo zelo pelos pequenos volumes barbaros cujo credito os nossos humanistas destruiam, mandaram encarcerar Murmellius e os dous œdicollius, accusados e convencidos de desprezo pelo rudimento, de innovações perigosas e de corromperem os espiritos novos, impregnando-os de sonhos mythologicos recebidos da religião pagãa. Os nossos athletas tinham, como se vê, transformado seus nomes proprios em nomes antigos, cujas terminações em *us* assustam hoje o leitor : não eram mais Erasmo, Melanchton, Busch, Bebel, e sim Erasmus, Melanchtonius, Buschius, Bebelius. Alguns sem se contentarem com esta terminação latina que não fazia completa a metamorphose, traduziam seus nomes em grego ou em latim. Nobres, ecclesiasticos, se alistaram sob suas bandeiras. O conde Nuenar, deão do capitulo canonico de Colonia, ousou luttar corpo a corpo com o velho monstro escholastico e atacal-o no fundo mesmo de seu covil. Passaram-se alguns annos. Ovidio e Virgilio foram explicados em Colonia. As argumentações, as distincções, as subtilezas de Raymundo foram até banidas do collegio da cidade de Colonia; e a lingua latina, objecto de uma cruzada tão animada e de combates tão ardentes, triumphou sobre as ruinas do mysticismo universitario.

A contenda não tinha ainda versado sinão sobre o grego e o latim. Os zeladores da antiguidade quizeram abrir tambem a carreira do hebreu. Foi então que a liga dos escholasticos se

tornou mais compacta, mais encarniçada, que os theologos a reforçaram, que os frades tomaram entre mãos a causa da ignorancia, e que se deu um derradeiro e rijo combate.

As corporações têm o presentimento e como que a segunda vista dos perigos que a ameaçam. Um instincto secreto e infallivel os adverte de antemão. Depositarios dos conhecimentos sagrados, os theologos e os universitarios, acostumados a commentar segundo sua fantasia ou interesse a palavra divina, iam pois ver mãos profanas levantar a pedra fatal que escondia este thesouro, quebrar o sello que lhe defendia o accesso, e patentear a todos os olhos seus artificios e a arbitraria extravagancia de seus commentarios: sua existencia toda estava ameaçada. Bastava um momento para arruinar seu credito, baseado sobre um saber que elles se arrogavam e não possuiam. Esta segunda lutta, cujo heroe foi Reuchlin, terminou a guerra e foi muito mais violenta e mais terrivel que a primeira.

Não se póde sem veneração pronunciar o nome de Reuchlin. Sabio, homem de engenho, homem de estado e de negocios, sua vasta intelligencia comprendia e abarcava tudo o que o pensamento póde penetrar. Elle vivia na sociedade, conversava com os principes, e se recolhia ao seu gabinete para profundar as questões da metaphysica a mais ardua. Jurisconsulto, sentia a poesia; dotado de imaginação poderosa, agrilhoava-a para fazer-se diplomata. Foi elle o primeiro que cavou a mina inexgotavel e profunda da philologia comparada; foi elle o primeiro que passou da litteratura grega á litteratura oriental que é a fonte occulta d'ella, indicou aos sabios modernos essa extensa estrada que elles estão longe de haver percorrido, abriu á Europa as portas da Asia, e, alliando a philosophia das cousas com o estudo das palavras, preparou de longe esses estudos biblicos que foram a gloria da Allemanha e essas pesquisas orientaes que tão grandes resultados promettem á historia do mundo, Rival de seus contemporaneos os mais distinctos, como humanista e como escriptor, se-lhes avantajava muito pela universalidade dos conhecimentos e pela força de uma capacidade audaz e perseverante que não recuava ante nenhum esforço; em uma palavra, como então se exprimia o cardeal Fischer, que foi á Allemanha sómente para conversar com elle, era o portento da época, o *alpha* da sciencia.

Esta cabeça possante se coroava de cabellos brancos, quando os escholasticos, vendo seu poder prestes a fugir-lhes e cahir

de suas mãos, tentaram uma ultima sortida contra os hellenistas, latinistas e hebraizantes.

Os ataques encarniçados, porêm parciaes, dirigidos contra homens eminentes, porêm inferiores a Reuchlin e Erasmo, tinham sido mallogrados. Foram Erasmo e Reuchlin que elles escolheram por alvo de seus tiros.

A ruina de Erasmo foi tramada pelos theologos de Louvain; os de Colonia se encarregaram de perseguir Reuchlin. Ambos sabiam o hebreu, ambos foram accusados de judaismo. Seus inimigos tinham pouco talento, mas infinita colera, immenso fel, e toda essa perseverança que characterisa o *odium theologicum*. Seu ataque, sabiamente combinado, denunciou a erudição hebraica como uma marcha para a propagação das doutrinas talmudicas. Para desfecharem golpes mais seguros sobre os objectos de seu odio, foram arrancar do lodo da sociedade um d'esses homens perdidos de reputação, condemnados por seu aviltamento a não fazerem sinão figura ignobil, instrumentos dóceis de todas as baixezas que se lhes ordenam.

Em Colonia havia um Judeu chamado Pfefferkorn, que seus correligionarios haviam expulso da synagoga, sêm quererem entregar ao braço secular das autoridades christãas a punição dos vicios vergonhosos que lhe eram imputados. Converteram-o facilmente ao christianismo. Livre então de vingar seus ultrajes, elle publicou, ou, antes, deixou publicar em seu nome, quatro folhetos, tres em latim e um em allemão; folhetos dirigidos contra a religião, costumes e habitos da raça judia. Segundo Pfefferkorn, os Hebreus formavam uma vasta e permanente conjuração cujo intuito era arruinar a christandade pela usura, derramar a depravação dos costumes e abolir gradualmente a fé de Jesus. Os dogmas mais absurdos do talmud eram apresentados com côres falsas e exageradas; o autor ou autores d'esses folhetos nada esqueciam para irritar os reis, armar as universidades, excitar os collegios de theologia, e provocar a autoridade secular á destruição de toda a litteratura rabbinica, montão de libellos incendiarios, como elles pretendiam, contra o filho de Deus e sua missão celeste. A combinação d'este plano era sabia e profunda. O Judeu convertido dava autoridade ás suas calumnias, que pouca valia teriam tido na bôcca de um christão. O indolente Maximiliano prestou ouvidos a estas insinuações, e, graças a Pfefferkron que os theologos faziam fallar, foi a guerra declarada aos escriptos rabbinicos.

O edicto de Maximiliano prohibiu a leitura do hebreu, sob penas severas, ordenou a busca de todas as obras hebraicas e as condemnou ao fogo. Era cousa curiosa, sem duvida, ver soldados enviados á procura dos livros judeus; só a Biblia era exceptuada d'esta proscripção geral. Os Israelitas opulentos empregaram, para fazerem revogar o edicto, todos os recursos que lhes offereciam os thesouros deque eram possessores. Poucos manuscriptos hebraicos foram descobertos, apezar de ter Pfefferkorn recebido ordem de velar especialmente na execução do decreto. Achou-se no edicto uma falta de fórma, e os Judeus tiveram o credito de fazêl-o suspender.

Antes porêm da suspensão do edicto, creou-se uma commissão encarregada de examinar estas obras criminadas, e de dar a conhecer aos ministros sua opinião ácerca do merecimento d'ellas e do perigo que poderia correr a fé.

Reuchlin, membro d'essa commissão, e o unico cujo parecer tivesse autoridade, declarou qne o edicto promulgado contra as obras hebraicas era injusto, ridiculo e perigoso. Extirpar a literatura israelitica era impossivel, dizia elle. Si se conseguisse abafal-a no Occidente, ella sobreviveria na Asia, seu berço. Não sómente todos os livros hebreus não eram theologicos, como pretendiam, sinão que grande parte de suas doutrinas era excellente, de moralidade pura e de incontestavel utilidade. O christianismo repousava sobre esta base antiga. Quanto ás obras de controversia, não só não podiam ellas ser nocivas á fé estabelecida por Jesus, sinão que era em seus argumentos que o historiador e o philosopho encontravam as mais fortes provas da verdade e santidade inherentes á religião que elles queriam combater.

Esta admiravel serie de provas logicas não ficou sem effeito. Mas Reuchlin se tinha empenhado na lutta, e era precisamente o que desejavam seus adversarios. Sua astucia o havia emfim lançado na arena e coagido a desenhar-se claramente. Um novo libello de Pfefferkorn, publicado com o titulo de *Handspiegel* (1), representou a Reuchlin como um Judeu disfarçado, e o votou ao desprezo, ao odio, á vingança publica. Já a fogueira de João Hus está preparada, Reuchlin responde com um pequeno escripto, intitulado *Eulenspiegel* (2), e confunde seus adversa-

(1) Espelho de mão. (2) A luneta.

rios, lançando sobre Pfefferkorn todo o desprezo de que haviam pretendido carregal-o.

Então appareceram em scena os verdadeiros motores d'esse miseravel Pfefferkorn: Arnold Tungern, deão da faculdade theologica; James Hoogstraten, prior do convento dos dominicos e inquisidor de fé; Ortwin de Graes, membro o mais influente da faculdade das artes. O drama estranho, de que havemos esboçado o proscenio e os primeiros movimentos, tomou character mais sombrio e se rodeou de interesse mais vivo. Já não era de contendas scientificas ou theologicas que se tratava, era sim da vida e da liberdade. Os dominicos e os velhos escholasticos se tinham armado de todo o seu poder; formidaveis inimigos de quem um papa contemporaneo costumava dizer: « Eu preferiria antes offender um monarcha do que um frade mendicante.» Sob sua capa esburacada, elles governavam o mundo. Os algozes de todos os paizes estavam ás suas ordens, o povo tremia ante elles. O homem a quem accusavam era anathema. Reuchlin não se contentou com refutar suas accusações e esmagal-os com sua eloquencia, organisou um exercito para combatêl-os; viu que o perigo era grande e soube proporcionar-lhe os recursos. O exercito dos reuchlinistas se compunha de todos os amigos das lettras, de todas as altas intelligencias espalhadas pela extensão da Europa. A França, a Italia, a Inglaterra, mandaram seus reforços ao defensor do espirito humano pêado em seu desenvolvimento. Em breve tempo se tornou formidavel esta confederação, de que faziam parte os Inglezes More, Fisher, Lynacre, Crocyn, Cholet, Latimer. Nenhum historiador assignalou a importancia d'esta lutta; nenhum d'elles soube que, sob esta apparencia escholastica, sob estas fórmas grammaticaes, sob esta capa de discussão theologica, era o progresso da humanidade, a marcha da intelligencia que se discutia.

As naçõeS acordaram: longo tempo antes que as autoridades religiosas tivessem decidido a contenda, a opinião publica deu a victoria a Reuchlin e seu exercito. Pela primeira vez, desde cinco séculos, os homens professaram opinião differente da que lhes impunham seus mestres. Foi esse, propriamente fallando, o primeiro raio da civilisação moderna.

Eis pois a Europa dividida em dous campos inimigos: aqui, os anjos de luz; lá, os anjos de trevas: aqui, todos os partidarios da fé cega e do mysticismo envelhecido; lá, os amigos das lettras e da sciencia. Está escripto no livro dos destinos huma-

nos que este combate estranho e desigual será renovado em todas as épochas. Reuchlin tinha razão de ver o dedo de Deus e o designio bem pronunciado da Providencia n'esta discussão que parecia inteiramente collegial e theologica. Luthero tambem não se illudia ; olhava Reuchlin como seu companheiro de armas, como o segundo reformador. « Tu quebras os dentes de Behemoth, » lhe escrevia elle.

Quanto mais numerosos se tornavam os partidistas de Reuchlin, tanto mais crescia em furor a cohorte dos inquisidores e theologos. Hoogstraten citou, para o tribunal da inquisição de Mayença, o seu inimigo a quem accusava de judaismo. Reuchlin refusou comparecer ; provou que Hoogstraten não podia ser a um tempo seu inimigo, juiz e parte : passou-se adiante. Reuchlin appellou para o papa. O eleitor de Mayença interpoz em balde sua autoridade. O tribunal condemnou ao fogo todos os escriptos de Reuchlin, emquanto o braço secular se não apoderava de sua pessôa. Todas as universidades soltaram ao mesmo tempo um brado de alegria. A Sorbona de Pariz, May-s ença, Erfurth, Louvain, testemunharam seu ardente jubilo e declararam heretico e digno do ultimo supplicio o defensor do escriptos hebraicos. Foi esse um momento de triumpho para todos os escholasticos da Europa.

Entretanto o papa nomeou para examinador d'este processo e juiz supremo da contenda o bispo de Spira, que, sem attender á sentença das veñeraveis faculdades, condemnou Hoogstraten nas custas do processo, e declarou Reuchlin innocente de tudo quanto lhe imputavam. De volta, Hoogstraten appellou para o soberano pontifice, e, afim de apressar a victoria que esperava alcançar, foi em pessôa a Roma, com a bolsa cheia e engrossada com todo o dinheiro que lhe deram as almas charidosas e theologaes. O sacro collegio e a commissão nomeada por Leão X, para terminarem o combate, não recusaram, si devemos dar credito á historia, os escudos de que a ordem dos dominicos carregou seu athleta. Em Allemanha, todos os prégadores fulminavam contra Reuchlin e contra a sciencia; em Italia as liberalidades de Hoogstraten ganhavam coraçõe s e votos : uma torrente de caricaturas, de libellos, de satyras, inundavam a Europa. Pfefferkorn se fazia notar entre os aggressores; seu folheto *Sturmglock* (1) apresentou ao povo Reuchlin co-

(1) Rebate.

mo um homem coberto de crimes: Reuchlin, o sabio, o modesto, o honrado Reuchlin!

No meio d'este fracasso, uma obrinha, escripta em latim, cahiu como a bomba e esmagou os sectarios da ignorancia. Não se póde comparar o effeito produzido pela satyra a que alludo sinão com o das *Cartas Provinciaes* de Pascal, no decimo setimo século, e das *Cartas de Junius*, no decimo oitavo. Estas tres obras appareceram sem nome de autor; todas tres ficaram como monumento de eloquencia polemica e de potencia intellectual. Junius, Pascal e Ulrich de Hutten, aproveitando o momento favoravel, terminaram, com uma mistura formidavel de invectiva e de epigrama, essa guerra encarniçada; o peso de seu genio fez pender a balança. É singularmente notavel que estas obras sejam escriptas sob a mesma fórma epistolar, e que tenham todas tres sido publicadas sob a capa do anonymo.

É um d'esses characteres que pintam todo um século. As côres mais oppostas da época em que elles vivem se reflectem e se concentram n'elles, por assim diser. Guerreiro, poeta, erudito, theologo, este Ulrich de Hutten é o decimo sexto século em seu brilho, em seus contrastes, com todas as suas singularidades, com todas as suas fantasias. Descendente de uma familia nobre de Franconia, foi mandado de doze annos para a abbadia de Fuldes, afim de ahi fazer seus estudos. Descontente da farragem theologicamente absurda com que procuravam esmagal-o fugiu, tomou, com um de seus camaradas, o caminho de Colonia, e se poz sob a tutela de Æsticampianus, um dos promotores do novo systema. Sua familia, irritada, lhe denegou todo o socorro; e todavia, apezar de sua extrema miseria, sustentado sómente pela generosidade de alguns amigos, elle proseguiu assim em seus estudos. Já alguns discursos atrevidos o haviam assignalado á vindicta dos escholasticos: expulsaram-o da cidade de Francfort. O margrave de Strasburgo ouviu fallar n'elle e lhe mandou dinheiro. Elle visitou o norte da Allemanha. Espirito fogoso, dotado de imaginação ardente e de alma inquieta, entregou-se ao mesmo tempo aos estudos mais profundos e aos excessos de todo genero. Um burgomestre, seu rival, deu-lhe algumas pauladas que o forçaram a ficar de cama; a amasia do burgomestre, mais cruel em sua bondade que o magistrado em sua vingança, ensinou ao joven sabio quaes eram os perigos da estrada aventurosa em que elle se lançava. Elle trouxe de volta de suas viagens, com conhecimentos novos e pouco di-

nheiro, uma triste e vergonhosa molestia e os vestigios das feridas que lhe fizera o burgomestre. Em Wittemberg, em 1510, doente, esfaimado, sem esperanças, sem amigos, sem protector, compoz a sua *Ars versificandi*, tratado elegante da poesia latina.

Sua posição não mudava, posto crescesse sua reputação. Acolhido em Vienna por seu amigo Vadianus, alternativamente leitor e declamador de versos, professor, poeta, namorado, bebedor, sempre miseravel, foi estudar direito em Pavia. Francisco I.° veio ahi fazer a guerra. Feito prisioneiro pelos Suissos, retomado pelos Francezes, maltratado por uns e outros, acabou por alistar-se na milicia austriaca. Sua familia o tinha esquecido; os universitarios detestavam-o. O nosso erudito serviu na arma da artilheria e leu Virgilio no acampamento.

Um antigo condiscipulo, Eitelwolf de Stein, chanceller do eleitor de Mayença, teve dó de sua sorte, fêl-o largar o serviço e lhe offereceu um retiro pacifico. Hutten, depois de haver feito tão dura experiencia da vida, descançava em casa de seu amigo e gozava emfim de uma pouca de calma, quando seu primo, João de Hutten, pereceu assassinado pelo duque de Wurtemberg. Este principe, enamorado da mulher de João, tinha attrahido o mancebo a uma floresta espessa e o varou com sua espada. Apenas aos ouvidos de Hutten chegou este crime atroz, elle jurou vingar seu primo. Em cinco discursos eloquentes dirigidos ao imperador Maximiliano, tentou, porêm debalde, interessar em sua pendencia todos os principes de Allemanha. Não alcançou justiça. Seu protector morreu. Os herdeiros de Eitelwolf o expulsaram do asylo que lhe fôra offerecido, e o pobre Hutten se achou de novo sem recursos, entregue a todos os caprichos da sorte.

Tal era a situação de Hutten quando escreveu suas famosas *Cartas*. Tanta liberdade de espirito e tanta força de ironia devem certamente admirar em um homem pobre, açoitado pelas ondas da vida, entregue á miseria, abandonado de todos, objecto de inveja e de odio para uns, de desprezo para os outros, As *Litteræ obscurorum virorum* são uma parodia admiravel. N'esta serie de cartas, falsamente attribuidas aos esholasticos, Hutten imita seu estylo, arremeda sua ignorancia, seu odio pelo saber e pelos estudos, sua intolerancia e seu orgulho estulto. Nunca caricatura foi mais risivel e menos exagerada; nunca a estulticia arrogante, a vaidade presumpçosa, a nescia tyrannia, a

immoralidade hypocrita, se patentearam de uma maneira mais comica. Imaginae uma duzia de professores e frades, todos partidistas das velhas universidades, todos concertando-se para sustental-as e escrevendo a seu chefe, Ortwin de Graes, quaes os progressos de sua empresa e a situação das cousas. Esta correspondencia é por certo mais engenhosa que aquella em que Pascal revela os embustes do jesuitismo. Nas cartas de Luiz Montalto, uma só pessòa dá ao publico a noticia circunstanciada do que acaba de saber, e nos mette na confidencia das doutrinas de Escobar. Nas *Cartas dos homens obscuros*, escriptas por Ulrich de Hutten, cada um d'estes personagens pega alternativamente na penna e apparece elle mesmo em scena; elle não diz: Eu sou um ignorante, um tôlo, um fanatico, um inquisidor sedento de sangue, um inimigo da especie humana; faz melhor: prova-o pelo absurdo de suas palavras, e a mais leve apparencia de exageração não assalta os espiritos. Que delicadeza e que finura de tacto não era de mister para fazer verosimil o romance inventado por Ulrich, para embair o leitor a ponto de se elle enganar e considerar como verdadeira esta falsa correspondencia !

A illusão foi completa. Os amigos de Ortwin se illudiram. Esta cruel satyra teve um sequito que nunca nenhuma outra obra grangeou; foi adoptada por aquelles mesmos que votava ao escarneo.

Os escholasticos se apressaram a comprar as *Litteræ obscurorum virorum*, leram-as com avidez, propagaram-as com zelo, fizeram-lhes pomposo elogio, como se tivessem sido escriptas por seus defensores e amigos. A mão que desfechava este dardo funesto era ainda anonyma. « O estylo é rude, diziam elles, nós confessamos; mas os principios são verdadeiros, e, sob esta casca um tanto grosseira, se escondem uteis verdades. » — « Eis-aqui, accrescenta Thomás Morus, que refere estas palavras, eis-aqui o que repetem esses homens estupidos, que cravam gostosos em seu proprio seio o dardo que os vulnera. » Erasmo relata o mesmo facto: « Aqui, em Louvain, diz elle, se acha um veneravel mestre, outr'ora prior em Bruxellas; elle comprou mais de vinte exemplares das *Cartas*, que quer dar aos seus amigos .... Pobre gente ! elles acreditam de bôa fê que este folheto que os mata é publicado a seu favor. — Porêm, diz-se-lhes, o estylo é pessimo. — Pouco importa, respondem; o sentido é profundo e a utilidade admiravel. — Um prior dos dominicos partiu de Bruxellas, escoltado por enorme pacote d'estes livros. Que estupidez ! »

Erasmo tem razão; mas cumpre dizer tambem que o talento com que é sustentado o artificio, a incrivel destreza com que o algoz dos escholasticos os submette á sua tortura, devia produzir o effeito extraordinario que causou sua surpresa. Naõ se póde imaginar mais habil mystificação. Nem uma só palavra que não podessem escrever os personagens cujo nome figura no fim d'essas *Cartas*, nem uma só idéa que lhes não pertença.

Si perguntardes porque esta obra prima é tão pouco conhecida, porque são tão raras suas edições, porque um dos monumentos mais engenhosos da litteratura moderna cahiu no mais completo olvido, será mister responder-vos: primeiramente, que a ignorancia e frivolidade se apoderaram da Europa, que vãos divertimentos absorvem suas horas vagas, sua litteratura; depois, que, de todos os paizes do continente, naõ ha um que menos cuide em sua gloria antiga, e que com tanta constancia e deleixo despreze sua nacionalidade, como a Allemanha. Esta indifferença pelos monumentos germanicos é levada a um ponto pasmoso. Foi um Francez que recolheu as obras de Leibnitz. A admiração e as pesquisas dos eruditos allemães se dirigiram para as obras de genio estrangeiro; elles estudaram, commentaram, traduziram Jordan Bruno, Spinosa e Cudworth. Todas as affeições litterarias de um Allemão são excentricas, todos os seus pensamentos fogem para longe de sua patria: elle ama a India, a Persia, o pólo arctico; não se recorda que tem antepassados.

É por certo um singular character nacional o não ter character algum. Não calumniamos a Allemanha moderna quando lhe dirigimos este reproche. A Allemanha moderna, oriunda de raça identica, de fonte pura e primitiva, fallando um idioma commum, possuindo vasto territorio regido por leis inteiramente allemães e que nenhum vencedor retalhou; a Allemanha, rica em philosophos, em poetas, em sabios, que não sao sómente sabios, sinão grandes homens dotados de talento superior; a Allemanha ainda não existe como nação. Profundamente indifferente a seus interesses de povo, não tem creado para si nem uma litteratura especialmente germanica, nem uma constituição unica e possante. Os conductores d'este grande rebanho de homens o dividiram e subdividiram como lhes aprouve; elle se deixou dividir; cada villa allemãa se tornou centro de uma pequena esphera inferior.

A patria, cortada em mil fragmentos imperceptiveis, cessou de

ser objecto de culto e de enthusiasmo; cosmopolitismo singular se introduziu nos trabalhos da intelligencia. A Inglaterra é talvez, no ponto de vista intellectual, muito exclusivamente nacional; mas, em compensação, a Germania o é muito pouco: o que é exotico lhe parece sempre digno de admiração. A lingua allemãa, a mais bella de todas depois da lingua grega, esta lingua tão poetica, tão philosophica, capaz de expressar todas as gradações e todas as paixões, todas as idéas e todas as imagens, a curvou ao peso das palavras estrangeiras com que a sobrecarregaram; ficou desfigurada, uma especie de torre de Babel aberta ao hebreu e ao grego, ao *sanskrito* e ao arabe. Madame de Stael attribuiu esta situação litteraria á situação politica da Allemanha, como sua verdadeira causa: teve razão. A despeito de seu *Tugenbund* e de seus sonhos patrioticos, ainda os Allemães se não acostumaram a olhar-se como irmãos, como membros da mesma confraternidade social; são bons burguezes, sabios professores, grandes poetas, mas não cidadãos.

Por isso, quem o crêra? as obras de Hutten nunca foram colligidas e compiladas. Ulrich de Hutten, tão engenhoso como os Voltaires e os Erasmos, tão poderoso pela satyra como os Junius e os Pascaes, não teve editor que esclarecesse as obscuridades do texto e descobrisse aos olhos modernos este thesouro de zombaria e de saber.

A influencia das *Litterœ obscurorum virorum* não mudou sómente a Allemanha, sinão tambem a Europa. O estado das sciencias mudou de repente de face; Reuchlin e Luthero triumpharam ao mesmo tempo de seus inimigos. O ultimo golpe, aquelle que lhes assegurou a victoria, foi dado por Hutten. Depois da erudição, eloquencia e controversia, foi o ridiculo, mais terrivel ainda em seus alcances, que calcou aos pés a corôa doutoral com que se adornára a ignorancia. Alguns livros de grammatica, mal feitos e mal escriptos, tinham dado começo á contestação; em breve ella se augmentou: teve por texto e por ponto de discussão o ensino do hebreu; d'ahi se estendeu ao ensino em geral; acabou por combalir o throno papal, rojar pelo pó do desprezo publico os frades mendicantes, e communicar ao mundo intellectual o impulso o mais vivo e o mais inesperado. Herder teve razão de dizer: « Hudibras em Inglaterra, Gargantua em França, o cavalleiro da Mancha na Hespanha, não influiram tão poderosamente nos progressos da humanidade como as *Cartas* de Hutten, que fizeram desabar o ultimo

bastião da barbaria, o escholasticismo dos collegios. «—Não sei, diz um erudito contemporaneo de Hutten, si Luthero fez mais para o adiantamento da humanidade e para a liberdade da intelligencia do que o nosso Hutten. Por elle, tudo o que a antiga ignorancia tinha de ridiculo e de falso appareceu á luz do dia; o mais tenue peccado como o mais escandaloso vicio da curia de Roma não foi poupado: infamias, fraquezas, todas as faltas que commetteu esse clero ignorante foram objecto do escarneo do mundo. »

Uma bulla do Vaticano fulminou a obra de Hutten; porém a conquista estava acabada, a ignorancia esmagada, e os raios pontificios, em sua impotente colera, realçaram ainda mais o brilho do triumpho.

O tempo decorreu; foram olvidados livro e autor. Maitaire o reimprimiu em 1710, mas cahiu no mesmo erro em que tinham cahido os escholasticos; julgou que estas cartas eram realmente obra dos homens a quem as attribuiam, e, n'um prefacio erudito, pede venia ao publico de ousar reproduzir e commentar absurdos tão extravagantes. Steele, collaborador de Addison, longe de corrigir a asneira do editor, a compartilhou e propagou, annunciando a obra. É tal, finalmente, a profunda obscuridade em que foi sepultada esta obra picante, que por fim se veio a ignorar o nome do verdadeiro autor. Reuchlin, Crotus, Eobanus, Hegius, Erasmus, Ericus, Cordus, Brassianus, Glareanus, foram alternativamente condecorados com este bello titulo litterario. Mais de sessenta combinações diversas foram offerecidas á curiosidade dos sabios, e não ha nome veneravel, que gozasse de alguma celebridade no decimo sexto século, ao qual se não attribuisse uma parte na collaboração das famosas *Cartas*. Quanto a nós, Ulrich de Hutten é seu principal autor; Rubianus Crotus e Busch o coadjuvaram. Erasmo diz positivamente, n'uma de suas epistolas familiares, que tres homens de engenho cooperaram n'esta obra.

O comportamento de Erasmo, n'esta grande pendencia, é inteiramente characteristico. Foram-lhe communicadas as *Cartas*, á medida que eram escriptas; elle se riu muito com seus amigos, copiou-as por sua mão, fez remessas: pretendem mesmo que uma postema que elle tinha na cara arrebentou no meio de uma gargalhada que ellas lhe causaram. Mas, ao passo que gozava do combate como de um espectaculo que o divertia, teve o cuidado de se conservar neutral; e esta neutrali-

dade o pinta inteiro: recusou ver a Hutten, escreveu contra elle, e, por este habil meneio, se poz a abrigo dos golpes da curia de Roma. Egoista sagaz, dotado do mais raro engenho e da prudencia a mais habilmente perfida: *Homo pro se*, homem que vive para si e só para si, dizem as *Cartas* de Hutten.

Tal é a historia resumida d'esta lutta, em que se desenham todos os homens insignes da época: é d'ahi que data a regeneração do ensino na Allemanha e na Europa. Possa este bosquejo mui rapido incitar um novo editor a esclarecer mais este assumpto obscuro, publicar as *Cartas* de Hutten, e tornar-nos monumento curioso, verdadeiramente historico, cheio de sal, de estro e de robustez, uma obra comica e dramatica, demasiado tempo esquecida! *(Edinburgh Review)*

PHILOSOPHIA.

CIVILISAÇÃO COMPARADA DOS ANTIGOS E DOS MODERNOS.

AQUELLES povos a que chamamos os Antigos, e que com effeito são os paes e fundadores da civilisação na Europa, não occupam, na historia do mundo, o logar que lhes attribuem nossas recordações de collegio. A civilisação do Oriente precedeu a nossa. A India, o Egypto e a Persia franquearam o caminho ás artes da Grecia: assentada entre a Asia e a Europa, esta transmittiu ao Occidente as luzes que recebia do berço do dia; e si mister fôsse dividir as sociedades em duas classes distinctas, o nome de sociedades antigas pertenceria exclusivamente áquellas que, muito tempo antes da época hellenica, supportaram o

jugo da theocracia oriental. A civilisação do Oriente data da Grecia ; póde por seu turno ser dividida em duas partes : a civilisação do pantheismo e a civilisação do christianismo.

Si compararmos estas duas civilisações, reconheceremos que, repousando sobre bases contrarias e profundamente separadas uma da outra por differenças essenciaes, ellas não foram confundidas sinão pela ignorancia e cegueira dos rhetoricos. Sua admiração procurou debalde introduzir, no seio do christianismo moderno, os elementos da sociedade antiga. Nossos costumes, nossas idéas, nossos principios, repulsavam costumes e idéas emanados de uma religião destruida. Em litteratura, em moral, em politica, esta infeliz imitação dos antigos foi uma das pragas mais fataes do mundo novo.

Outr'ora, entre os Hellenos, que tinham tomado esta theoria dos Indianos, um homem era considerado como espelho do universo, um estado como um todo indivisivel, o mundo politico como uma aggregação de estados submettidos ao mesmo principio, o mundo physico como um grande corpo composto de energias divinas. Sacrificavam-se as individualidades, o ente humano desapparecia ante a grande massa da sociedade humana. As instituições civis eram tudo, os deveres humanos não eram nada. O cidadão, membro da republica ou da oligarchia, devia eternamente sacrificar-se á constituição e ao estado de que fazia parte. Que importava uma individualidade, comparada com a existencia e segurança da massa? Que importava a felicidade de cada um, comtanto que a gloria de todos fôsse o resultado definitivo e fito geral da sociedade? Ensinava-se aos homens o sacrificio perpetuo de sua personalidade: assim se despedaçava o primeiro e mais forte dos laços que prendem á vida e á virtude; ensinava-se-lhes que desdenhassem a familia pelo estado, que considerassem o corpo social como uma só familia, e que não vivessem sinão para elle Si exigia injustiças ou crimes, a desculpa estava prompta ; a escravidão, necessidade cruel dos tempos antigos, era tida como lei emanada do céo. O captiveiro das mulheres encontrava a mesma justificação. Comtanto que o estado subsistisse glorioso, pouca attenção havia por seus membros.

A civilisação christãa veio mudar tudo: restituiu á individualidade humana seu poderio, proclamando o mais fecundo dos principios, a igualdade de todos perante Deus ; procurou a melhoria geral na felicidade parcial de todos, destruiu essa abs-

tracção da politica antiga que requeria de cada um o olvido de sua existencia propria , restabeleceu o lar domestico e disse ao homem :« Tuas virtudes privadas bastarão para a felicidade publica ; segue as leis da natureza , não te imponhas tormento inutil, e nem te tornes réo com esforço. Sem duvida o christianismo chegou a augmentar o egoismo dos individuos : por elle o brilho das sociedades modernas se deslustrou ante essa auréola resplandecente que cingia as republicas da antiguidade; auréola sanguinolenta , cuja poesia e esplendor tantas desgraças custaram ás nações que d'elles se ostentavam vaidosas.

Tal é o contraste indelevel que nos apresentam os elementos mesmos da sociedade moderna, comparada com a sociedade antiga. Foi sómente sob a influencia do christianismo , coadjuvado pelos progressos da industria e pelo desenvolvimento do commercio , que o homem reassumiu a liberdade de seus movimentos. A vida privada rompeu suas pêas ; sumiram-se as leis coercivas cujo jugo , impondo ao homem virtudes de cidadão , anniquilava as virtudes de pae , de irmão , de marido : cada qual se fez senhor de suas acções, juiz de sua felicidade e arbitro de seu destino. Os vinculos que nos ligavam á patria se affrouxaram, talvez ; porêm os vinculos naturaes se consolidaram e se fortaleceram. O sanctuario domestico não foi mais violado , a economia interna de cada familia cessou de ser subjeita a uma inquisição tyrannica, uma educação commum não submetteu mais ao mesmo nivel todas as faculdades nem passou pela mesma fieira todas as intelligencias ; o pae de familias recuperou seus direitos, de que o estado se havia assenhoreado : é immensa esta mudança.

Innumeras causas collateraes concorreram para o mesmo fim e auxiliaram esta revolução , a mais importante de que a historia dos povos conserva memoria. As nações que tomaram parte na grande irrupção , cuja onda poderosa derrocou Roma , vinham de regiões incultas e de climas rigorosos, onde a terra não outorga seus fructos sinão aos esforços reiterados e possantes da mão que a sollicita. Esta severidade da natureza é um beneficio moral para os povos ; seu lavor constante e forçado os arranca aos perigos da ociosidade e do luxo. O lavrador , cançado dos trabalhos do dia , repousa no seio de sua familia ; quer que sua cabana , unico abrigo que o protege contra a inclemencia da atmosphera , seja embellecida com todo o esmero, adornada com todo o aceio com que a mão do homem póde enfeitar sua habitação. No logar dos Gregos e Romanos , viu-se reinarem na

Europa os Germanos, agricultores nomades, e essas mil hordas do Septentrião, habituadas a frequentes transmigraçōes, porêm tanto mais affeiçoadas a seus deuses domesticos, quanto a patria, tal qual a conhecemos, não existia para elles. As virtudes guerreiras e as virtudes privadas vieram a ser a base da sociedade: em vez de se occuparem com os negocios do estado no meio da praça publica, encerraram-se na tenda, em sua choça, junto ao lar domestico; a existencia, que havia sido inteiramente externa, foi inteiramente interna: a religião christãa favoreceu este movimento das populaçōes; a nacionalidade antiga não viveu sinão nas recordaçōes da historia.

Que distancia, com effeito, de nossos costumes áquelles cujo theatro era o *Agora* de Athenas! Sob um céo brilhante, cuja influencia fertilisava o solo, escravos trabalhavam para seu senhor. Ferrete indelevel estava impresso na industria e no lavor manual. O espirito democratico mantinha, a expensas dos ricos, uma população inteira de ociosos. Formavam-se reuniōes nas cidades, para ahi se lograrem todos os deleites ao mesmo tempo, e carregavam sobre essa população escravisada os pesados encargos da agricultura e da mão de obra. Essas republicas tão decantadas não passavam de associaçōes de gentishomens vivendo á custa dos escravos, bestas de carga que alimentavam seus proprietarios. Estes ultimos tinham todos os defeitos que acarreta o *far niente*, que o exercicio do poder entretem. Como se teriam elles satisfeito com um existencia intima, privada? Como teriam para elles tido encanto e doçura os deveres da vida domestica? Suas mulheres não eram mais que escravas uteis. O triumpho, os prazeres da ambição, o valimento, a riqueza, os aguardavam na praça-publica. Immensa maioria de homens sustentada pelo estado, mendicante por gosto e por habito, se segregava do paiz, não conhecia a patria sinão como fonte de esmolas, não se alliava com cousa nenhuma e subsistia n'esse isolamento, n'essa depravação, n'essa miseria baixa e orgulhosa.

Para a massa do povo atheniense naō havia familia. Festas esplendidas, vago enthusiasmo, o prazer de reinar, o amor dos espectaculos, enchiam os dias e annos d'esses pretensos soberanos, cuja abjecção real se nos patentêa sob côres tão hediondas, porêm tão verdadeiras, nas peças de Aristophanes. Elles nāo ganhavam seu pão com o suor de seu rosto; ignoravam esse gozo vivo e profundo que nos dá um trabalho perseverante, conscienCioso, repartido por concidadãos ou pelos membros da mesma

familia. Affluiam para a praça publica e decidiam a esmo, ou segundo seus interesses ou caprichos, os grandes negocios do estado: pagava-se-lhes sua parte de soberania; isso lhes bastava. Caso analogo se reproduziu, nos tempos modernos, no seio da infeliz Irlanda e da França dilacerada por sua revolução. Vieis proletarios sem pão deixarem suas occupações para irem metter-se em sedições tumultuosas; a officina, a loja, o armazem, eram abandonados pelo club e pela sociedade popular. Pensaes acaso que as virtudes domesticas ganham muito em tal situação? A ausencia do bem-estar, a penuria, a fome, destroem todas aquellas affeições ternas que florecem na familia: no seu interior sómente se acha repouso e encanto, quando certo grau de elegancia, e pelo menos algum aceio, um *comfort* agradavel, disfarçam sua monotonia. Podiam esses Athenienses, que de noite dormiam sobre os lagedos dos templos, emquanto não chegava a hora de julgarem e de serem pagos, ter a menor idéa da existencia domestica?

O principio da propriedade, o mais conservador e o mais benefico de todos os elementos sociaes, existia apenas para os Athenienses. Nunca um proprietario tinha certeza de não ser brevemente esbulhado: o capricho de uma plebe licenciosa, os misteres de um thesouro empobrecido, sacavam á vista sobre as caixas dos particulares opulentos. Os lucros de vossa industria, as legitimas acquisições de vosso lavor, um decreto d'essa turba insolente ia arrancar-vol-os sem outro pretexto que o de soccorrer um estado cuja banca-rota era permanente. Era preciso mesclar-se nas agitações da praça publica, alistar-se debaixo de uma bandeira, affagar ou amedrontrar essa hydra popular. Qual o meio de pensar na familia e de ir buscar o abrigo protector do tecto commum!

Vós a quem um bello zelo inflamma pela liberdade, e que sois embaidos pelas lembranças do collegio, lançae os olhos para as republicas antigas. Entre esses escravos e esses despotas, não se achava classe alguma intermedia; eram sómente paixões exaltadas, violentas, furibundas: nada de ordem, nada de paz; a preponderancia competia á força physica ou á superioridade numerica. Era só para a arena politica, onde se ventilavam tumultuosamente tão grandes interesses, que convergiam todos os pensamentos.

Ahi vinham perder-se, como n'um turbilhão devorador, toda a energia, todo o vigor intellectual e moral dos cidadãos. Tra-

tava-se para elles da vida e da morte, pois que não triumphar n'essas luttas terriveis era perecer. Esta intensidade de paixões politicas, de que recentemente se viu em França um exemplo tão deploravel, absorvia e anniquilava os sentimentos mais ternos, mais humildes, mais modestos, que constituem a felicidade da vida interna. Thucydides; observador profundo, não deixou escapar este traço dos costumes gregos: o ultimo resultado d'essas instituições, muitissimas vezes e muito imprudentemente preconisadas, foi a destruição total dos laços de familia. « Não havia mais pae, nem filho, nem esposo, diz o historiador Thucydides; uma depravação universal tinha apagado até o vestigio d'estas affeições naturaes. Um cidadão não vivia mais sinão para concorrer ao triumpho de um partido ou da patria; não conhecia apêgos e deveres sinão os que o ligavam a uma fracção. »

A vida dos arraiaes e a da praça publica occupavam então a existencia inteira. O soldado, o orador, o escravo, não tinham realmente familia. Uma appetencia de acção, um mister de commoções violentas, se apoderavam da alma e a dominavam. As occupações sedentarias eram abominadas por esses homens, cujas relações com á Asia e cuja origem oriental tinham deixado profundo vestigio em suas instituições. O bello sol que lhes derramava sua chamma, que abrasava seu pensamento, que inflammava suas paixões, os convidava a gozar seu beneficio, sob a abobada de um céo resplandecente, no seio de uma atmosphera radiosa e pura. O estudo, a instrucção, a educação tudo se fazia em publico. Secreta inquietação impellia o Helleno para esse *Agora* ondé elle ia encontrar seus amigos, seus irmãos, sua verdadeira famila. Templos, banhos publicos, theatros, gymnasios, eram inundados pelas vagas d'esse povo activo e turbulento, para o qual houvera a solidão sido um supplicio. O Spatarno comia em commum; exercicios corporeos e excursões guerreiras compunham toda a sua vida. A philosophia atheniense dava suas lições no meio das praças: toda a sociedade grega se desenhava assim, como Ajax queria combater, á luz do dia, em presença dos deuses. Nada era interno, não havia mysterio. O homem não procurava em sua casa um logar de prazer e descanço, sinão um asylo para a noite. Lêde Vitruvio, consultae os desenhos ainda mais significativos que nos introduzem no seio da cidade grega de Pompeia. Essas pinturas, esses mosaicos, essas estatuas, os aformoseam sem duvida, po-

rêm em nada contribuem para o bem-estar do prossessor. È impossivel imaginar morada mais incommoda que a de Pericles e Alcibiades.

Onde não existia a vida privada, como teriam as virtudes privadas podido desenvolver-se?

Examinae um pouco a situação das mulheres na Grecia. Á medida que o espirito democratico foi fazendo progressos, ellas foram descendo d'esse posto elevado em que as vemos collocadas nos versos de Homero, que não falla da culpada Helena sem compaixão misturada com respeito. Pouco a pouco se extingue este sentimento generoso, e os poetas mais célebres, Simonides entre outros, enchem-as de invectivas. Já não são mais nem as companheiras do homem, nem os objectos de um culto piedoso, nem os entes cuja seducção nos arrastra e nos embriaga, e sim não sei que miseraveis depositarias de uma população que só se renova para desprezar o sexo fraco e reproductor. A castidade é desdenhada, e o impeto dos sentidos se dirige para objectos indignos do homem. Sparta faz uma lei da devassidão; Corintho povôa a Grecia com suas meretrizes; Athenas tem suas Etraires, raparigas voluptuosas que seus grandes homens tomavam por amigas. Encerrada n'uma esphera puramente physica, desterrada n'uma habitação solitaria, incumbida do cuidado de educar os filhos de menor idade, a mulher se vê considerada como instrumento de trato caseiro. Um orador, depois de pedir ás mães e irmãas dos guerreiros mortos pelo paiz lagrimas para seus irmãos e filhos, lhes recommenda que se não esqueçam d'este assumpto de dôr, que conservem a memoria dos heroes fallecidos, e que não ajuntem o defeito de ingratidão *a todos os defeitos que lhes ha dado a natureza.* Que insensibilidade! que dureza! que amargura de palavras! Sobre a scena, nos templos, perante os tribunaes, as mulheres não eram mais bem tratadas. Euripides e os ultimos philosophos gregos não lhes poupavam injuria. Si um autor dramatico queria personificar um vicio, era com o trajo e figura de mulher que o fazia apparecer. A abjecção intellectual e moral d'este sexo era completa.

E todavia, quem ignora a influencia exercida pelas mulheres sobre a sociedade, sobre nossas paixões, sobre nossos gostos, sobre nossas propensões, sobre nossa moralidade? A qualquer objecto que se applique nossa observação dos costumes, a influencia das mulheres se offerece a nós. É assim que os re-

fratos de Ticiano e de Vandyck parecem sempre fitar seus olhos em nós, de qualquer ponto de vista que os contemplemos. Nos paizes onde vêdes as mulheres aviltadas, ficae certo que a sociedade apresenta a seus membros poucas seguranças de felicidade ou de paz; onde ellas são corrompidas, não duvideis que seja universal a corrupção; onde são escravisadas, o direito do mais forte reina só, e o despotismo, o egoismo, a dureza da alma, estão de posse do poder; onde suas mais bellas attribuições, sua acção moral, são desdenhadas; onde ellas não servem sinão para o deleite do homem, a sensualidade sómente deve reinar.

Taes eram as fontes profundas d'onde dimanava esse desprezo das virtudes domesticas, desprezo que vem marcado em todas as paginas dos annaes gregos. A escravidão e situação das mulheres se oppunham a que o interior da casa offerecesse ao cidadão algum encanto. Elle mandava soberanamente, e não precisava procurar nem ser estimado, nem ser amado por aquelles que lhe obedeciam sob pena de morte. As leis abandonavam a seu capricho entes infelizes de que elle dispunha e que habitavam o mesmo tecto que elle. Aviltados pela posição em que se achavam como abysmados e sepultados, elles augmentavam, por essa baixeza inherente á servidão, o orgulho desprezador de seu possuidor: não lhes eram necessarios sinão como alfaias e como instrumentos. Elle não tinha precisão alguma de os poupar; nenhuma troca de bons officios se estabelecia entre elles: esmagava-os, elles tremiam em sua presença. Sua mulher, que não era mais que seu primeiro escravo, não tinha o menor direito á sua confiança nem á sua amizade. Si lhe dava bellos filhos, elle a estimava neste sentido. A morte de sua companheira não lhe custava lagrimas; e si elle lhe dava rivaes, ella não tinha exprobração alguma que fazer-lhe.

Uma observação consoladora se apresenta ao philosopho, que, assistindo pelo pensamento ao grande desenrolamento dos destinos humanos, é tentado de pedir contas a Deus de tantos crimes inuteis e de tantos flagellos crueis. Um melhoramento sensivel e constante parece depurar os principios de moralidade derramados entre os povos; e é facil seguir este progresso, desde a épocha em que nossas historias começam a aclarar-se até o tempo em que vemos Roma, com todos os seus vicios e com sua ambição gigantesca, se nos offerecer sob aspecto menos immoral que a Grecia antiga.

A sociedade grega, ou ao menos essa aggregação de pequenos estados mal organisados que de continuo se achavam a braços, tinha escolhido por base uma metaphysica muitas vezes erronea. Seu ponto de partida era o sophisma. Lycurgo e Solon tinham fundado seus codigos sobre abstracções: o ideal do guerreiro feroz estava sempre presente ao legislador de Sparta; o ideal do legislador democrata ao de Athenas. Ambos pretenderam suffocar a natureza, arrancal-a violentamente a seus proprios pendores, a seus primeiros misteres, e transformar o homem em instrumento de politica ou de guerra. Ambos commetteram o mesmo erro em que cahiram os fundadores dos conventos entre os modernos. Dotados de intelligencia mais positiva e mais pratica, os Romanos, em vez de se deixarem arrastrar por essas chimeras ideaes, em vez de submetterem seu estado politico ao empirismo de qualquer, em vez de crerem que boas instituições brotam do cérebro de um legislador, como Minerva toda armada surgiu do cérebro de Jupiter, não fizeram de sua felicidade e repouso materia de experiencias arriscadas; consultaram uma prudencia humana, lenta em seus processos, timida em seus ensaios, conservadora por essencia e profundamente sagaz, attenta, previdente.

A substancia da sociedade romana era agricola. Alentou-se a agricultura: o soldado romano sabia manejar o arado e a espada; ambos eram sagrados para elle. O cidadão não precisava, para cumprir com seus deveres patrioticos, esquecer seus deveres internos; si traças de barbaria subsistiram e se perpetuaram na sociedade romana, foi porque o genero humano ainda não estava bastante adiantado: a educação de nossa especie requer, para ser executada, longa serie de séculos, e ainda não está executada.

Todavia não são demasiados os elogios que se podem tecer a essa politica admiravel, lenta, gradual, que só confiava na experiencia, que não avançava sinão com extrema precaução, acautelada contra todos os erros, não deixando escapar nenhum meio de triumpho, tomando por modelo o progresso social, e não cessando jámais de corresponder ás necessidades actuaes da humanidade. A grandeza de Roma, sua preponderancia, com a qual se não póde comparar a gloria deslumbrante, porêm fugitiva, de que se adornou a Grecia; esse poder gigantesco a que se estendeu sobre o mundo conhecido, e que não pôde ser des-

truido sinão por suas proprias mãos, tiveram por principio essa madureza de razão, essa sciencia de utilidade pratica de que os primeiros fundadores de Roma e seus successores desenvolveram todos os segredos e empregaram todos os recursos. As crenças antigas e a constituição geral da sociedade os forçavam a que não abolissem a servidão; porêm ao menos não entretiveram uma nação d'esses pobres cuja ociosidade parasitica devorava a substancia de Athenas. O marido e a mulher foram iguaes perante a lei. A clientela estabeleceu entre o rico e o indigente relações de beneficencia e de gratidão. Os deuses penates foram honrados. Encontra-se até, nas poesias as mais elegantes que produziu o século de Augusto, um sentimento profundo da vida domestica e de seus gozos. O rico comia em familia: o bem-estar interno fez alguns progressos. O dono de casa velava em seus interesses, seu direito de propriedade estava seguro; e si de tempos a tempos a compromettiam as dissensões causadas pelo embate das pretensões plebéas, não era ao menos esse o estado normal da sociedade em si.

O patriotismo romano accendia seus brandões no foco domestico. A matrona romana permanecia pura; partilhava a gloria, os perigos, os triumphos de seu marido. Inscrevia seu nome junto d'esses nomes de conquistadores e vencedores que nos ferem ainda os ouvidos com estrondo tão sublime. Incumbia-se da educação da infancia, e deixava ás meretrizes e escravas de Ionia a facil tarefa de corromperem aquelles que as compravam. Este poderio, esta nobreza, esta grandeza das mnlheres de Roma, não foram sepultar-se sinão no abysmo de sangue e de crimes em que a cidade de Romulo acabou por submergir-se e annihilar-se.

Não que os costumes privados dos Romanos offerecessem, mesmo na épocha de sua mais austera moralidade, um modelo irreprehensivel. O poder dos paes sobre os filhos e dos senhores sobre os escravos se tinha conservado em toda a barbaria de sua austeridade. O repudio era facil e frequente. O pae tinha direito de vida e de morte sobre seus filhos; podia expellir sua mulher, si ella tivesse bebido vinho ou commettido algum leve delicto domestico: era um rei no seio da familia; mas emfim a familia eixistia, era protegida pelos deuses, achava-se sob a sancção especial da lei. Esta disciplina severa, que pesava sobre toda a sociedade romana, carregava sobre a vida privada: não ha duvida; mas esta disciplina, rigorosa e inflexivel, era ao menos

recta em sua repartição. O nome de pae era um nome sagrado. Todos os ritos, todos os hymnos, todos os sacrificios concorriam para o mesmo fim.

Este systema, cuja barbaridade não contestamos nem desculpamos, valia mais entretanto que o de Sparta, obra de uma philosophia atroz, da qual só a lembrança mette horror. Em Sparta, o orgulho do cynico misturado com a apathia do selvagem, substituia todas as affeições naturaes. O legislador tinha sentido a impossibilidade de conservar em sua integridade nativa o apêgo filial e o amor paterno, sob um regimen de leis que separava o pae do filho, o esposo da esposa, e dava ao estado o direito de adoptar, expôr, vender, matar ou educar as creanças; tinha tentado remediar esta falta com uma mistura de obediencia passiva e de tyrannia sanguinaria. Os Athenienses, que pagavam muito caro seus cidadãos e só desejavam restringir-lhes o numero, permittiamo a ssassinio das creanças antes e depois de seu nascimento; era golpe mortal dado nas affeições domesticas: a pobreza de uns, a ambição dos outros, a lida dos negocios publicos, a anxiedade penosa em que viviam os ricos sob a espada de Damocles que o povo agitava com ameaça, o aviltamento moral das mulheres, augmentavam mais esta separação profunda que se formára entre os paes e seus filhos. Escravos corruptos, de ambos os sexos, se encarregavam de educar os jovens Athenienses. Que relação podia existir entre taes paes e taes filhos? Sem duvida que d'elles se faziam homens brilhantes, rhetoricos e heroes de campo de batalha; mas o espirito de familia tinha desapparecido diante de um espirito de patriotismo ardente, vaidoso, esplendido, fecundo em crimes e em virtudes. Quanto ás qualidades que derramam encanto sobre a vida privada, como teriam ellas podido nascer e desenvolver-se, uma vez que não existia a vida privada, como já o provámos?

Um filho atheniense poucas obrigações reaes devia áquelle que lhe havia dado o ser. A republica se encarregava do menino: logo que seus olhos se abriam, elle pertencia á patria. Seu pae não soffria nenhum sacrificio, não se impunha a menor privação para educal-o. Aquelles primeiros desvelos que nos inspiram gratidão tão ardente, eram estranhos, homens indifferentes, muitas vezes despreziveis e abjectos, que os ministravam ao mancebo. Por isso, quantos crimes domesticos na historia da Grecia! Que de attentados em seu seio! Quão mara-

vilhoso, singular e digno de elogio parecia um acto de amor filial! Que de leis promulgadas contra filhos e paes desnaturados! leis terriveis e reveladoras da profunda immoralidade que reinava no seio das familias! leis que provam muito altamente a existencia dos crimes contra os quaes ellas se armavam!

O filho do Romano tambem era *cousa* de seu pae, sua propriedade; porèm ao menos era pessoal esta propriedade, e a republica não rompia violentamente todo laço entre pae e filho: um podia gloriar-se do outro; a familia existia. O culto dos maiores era sagrado. Os descendentes mais remotos de um grande homem viam n'elle um deus protector; esta nobre cadêa se perpetuava de geração em geração, arrancava ao repouso e ao ocio os netos dos Brutos e dos Publicolas: bella aristocracia, preferivel por certo a essa democracia turbulenta e viciosa, que, sob pretexto de firmar a independencia de cada um, firmava a independencia de todos os vicios!

Em Roma, o melhoramento da sorte dos escravos seguiu linha parallela a este grande melhoramento dos costumes domesticos. Não fallo de Roma corrupta, Messalina infame, coberta de sangue e de lama; fallo de Roma primitiva, republica de lavradores guerreiros, que o contacto com a Grecia não tinha tido tempo de depravar. Seu modo de tratar os escravos era austero, porêm digno: muitas vezes elles os libertavam; e sua politica, sempre prudente e sabia, tinha menos por fito augmentar o numero d'elles, que tirar, das naçoes conquistadas, subsidios ou recursos de differente natureza. Na Grecia, pelo contrario, a multidão dos escravos, seu aviltamento, sua miseria, essa mescla de devassidão que lhes era permittida e de infamia que sobre elles pesava, eram origem fecunda de crimes. Esses entes desventurados se achavam condemnados, não só ao trabalho o mais assiduo e o mais penoso, sinão aos vicios os mais ignobeis. Não tenho precisão de fallar dos Ilotes de Sparta nem dos Penestes de Thessalia: seus senhores não se serviam d'elles sinão para cevarem suas paixões as mais brutaes, irritarem sua ferocidade e satisfazerem seu orgulho. A democracia atheniense offerece phenomeno ainda mais singular. Ella não eleva o escravo até o senhor, porêm rebaixa o senhor até a abjecção do escravo. Nada de meio termo entre uma impudente familiaridade e uma tyrannia insolênte. Os fragmentos de pinturas de costumes que chegaram até a nós, e que reproduzem o tom ordinario das conversaçoes entre o senhor e o escravo athenienses,

provam que este ultimo, tratado ás vezes com doçura apparente, era no emtanto victima d'essa leveza de character, d'essa frivolidade alternativamente feroz e benevola, abjecta e enthusiastica, pueril e severa, que characterisa especialmente a nacionalidade atheniense.

Os Romanos não imitaram estes vicios e defeitos sinão na época em que sua indole propria desbotou, e em que o arremedo dos vicios hellenicos veio corromper suas virtudes antigas e varonís. Então, mesmo em seus attentados, elles ostentaram uma especie de grandeza frenetica; assassinaram os escravos em massa: sua fereza, seu luxo, sua immoralidade, sua licença, foram systematicos e grandiosos, como o haviam sido seu desinteresse, sua força d'alma e seu patriotismo. Nero matou sua mãe. Os penates romanos, tão venerados até então, nadaram em sangue.

O pantheismo, que, por assim dizer, modelou todas as instituições antigas, era uma religião plastica; divinisava a *fórma* e metamorphoseava em deuses todas as energias physicas. D'ahi, até o reinado do christianismo, essa enorme influencia assignada aos exercicios do corpo e á força corporea. Os modernos têm talvez desdenhado muito a gymnastica; entre os antigos, ella servia de base á educação. A lutta, o circo, o estadio, a palestra, occupavam todos os cidadãos. Em suas relações sociaes, alguma cousa d'esta mutua hostilidade, entretida por uma rivalidade constante, se conservou longo tempo. A amenidade e graça das maneiras, essa benevolencia apparente que denominámos polidez, não as encontramos nem nos dialogos de Platão, nem nos fragmentos de Menandro, nem mesmo no elegante Xenophonte. O sarcasmo, a injuria, a ironia, a insolencia na posse do poder, a baixeza na derrota ou na inferioridade; taes eram os principaes rasgos que assignalavam, nos bellos dias da republica, as relações dos Athenienses entre si. As artes floreciam, primores de toda especie não cessavam de brotar; porêm a sociabilidade não podia tornar-se mais dôce nem mais indulgente. O combate estava perpetuamente travado: o desprezo, o odio, a injuria, voavam de todas as partes; de todos os lados retumbavam a lisonja e a exprobração. O Atheniense era alternativamente alvo das injurias, das violencias, e levado em triumpho pelo capricho da plebe. Nas relações dos Romanos entre si, houve toda a severidade da disciplina, mas houve tambem profundo respeito pelos direitos de

cada qual, e uma dignidade que nunca os Athenienses conheceram. As cartas de Cicero e as de Plinio o Môço me parecem mais atticas, na accepção metaphorica e recebida d'esta palavra, que todas as amostras de polidez, de elegancia e bom gosto de que Athenas nos deixou pretendidos modelos.

Confessamos comtudo a superioridade dos Gregos quanto aos prazeres, ornamentos e deleites da vida. Sua existencia sensual se circumdava de mil requintes engenhosos, que Roma rastejou de longe, sem nunca conseguir imitar-lhes a delicadeza e apuro. As mesas athenienses eram sumptuosas, e os prazeres leves do espirito, o prestigio da harmonia, concorriam para embriagar os convivas. Os perfumes, as flôres, o som das lyras, o esplendor das côres, os passos compassados, davam magico encanto a esses banquetes athenienses cuja memoria brilhante nos veio transmittida pelos séculos. Porêm, digamol-o, ainda isso era a vida publica, a hospitalidade semi-barbara dos povos que uma civilisação incompleta desbastou, por assim dizer; era a prodigalidade voluptuosa de homens sensuaes que os misteres physicos e gozos materiaes arrastram e absorvem.

Nos ultimos tempos da era antiga, Roma e Grecia se confundiram em um só povo; todos os vicios do pantheismo se agglomeraram e se reuniram: as voluptuosidades physicas, a sêde de sangue humano, o orgulho do patriciado, a infamia do escravo, a baixeza do liberto, tudo o que havia creado o antigo mundo se corrompeu ao mesmo tempo e formou um monstro immenso, um colosso de sangue e lôdo, a sociedade romana no reinado dos imperadores. Esse era o derradeiro resultado do pantheismo. Por força que o mundo devia mudar: elle mudou. Fé nova que deificava o espirito e desthronava a fórma se insinnou na sociedade. Pouco e pouco os costumes intimos, a vida de familia, desterrados da Grecia e comprimidos em Roma por uma rigidez proveniente dos deveres dos arraiaes, foram se tornando necessarios á humanidade soffredora. A Europa, oppressa de desastres, não offereceu mais aos individuos sinão uma alternativa de felicidade, o retiro. O christianismo propagou estes sentimentos e idéas. Até sob o jugo feudal, o servo teve mulher e filhos. Matar um homem, mesmo antes da adolescencia, foi crime aos olhos da religião assim como aos da natureza. Principios diametralmente oppostos aos que haviam regido a sociedade antiga dominaram a sociedade moderna e geraram vicios contrarios. As mulheres, emancipadas emfim,

usurparam uma liberdade muitas vezes abusiva e pagaram com sua felicidade o abuso de sua independencia. Os pobres, protegidos e alimentados pelos coventos, pullularam. Por certo, será de mister deplorar amargamente a imperfeição inherente á especie humana, si, no meio d'estes novos vicios da sociedade christãa, se não descobrisse claramente um progresso lento, um melhoramento successivo nos destinos do homem.

Porêm é impossivel resistir á evidencia e não reconhecer este melhoramento. Em varios paizes catholicos, uma religião que quer exaltar o homem, desfigurando a natureza humana, produziu algumas anomalias infelizes, assaz semelhantes ás que nos offerece a sociedade antiga. Os conventos de Hespanha e de Italia foram nocivos ao desenvolvimento das virtudes domesticas, lançaram sobre o solo uma população de pobres orgulhosos e devotos. Estes phenomenos, que a civilisação vae pouco a pouco destruindo e apagando, esses vastos viveiros de ociosos já não exercem, mesmo entre os povos que acabamos de citar, toda a influencia que outr'ora lhes pertencia; e a marçha do genero humano, frequentemente interrompida, é verdade, não deixa por isso de dirigir-se para um fim de aperfeiçoamento invencivel.

A vida privada, portanto, é um invento dos modernos, ou, para nos servirmos de expressão menos impropria, é o resultado necessario de sua constituição religiosa, politica e social. A escravidão é desconhecida entre nós; e n'essas regiões longinquas onde ella ainda existe, onde lança sua sombra funesta sobre o foco domestico, cuja pureza é sempre deslustrada por ella, porfia-se em se lhe fazer guerra encarniçada, que será algum dia coroada com o triumpho. Já as populações não são mais amontoadas em alguns pontos, para ahi fermentarem e se corromperem; são disseminadas por vastas extensões de terreno: o numero dos proprietarios tem crescido consideravelmente. Não se póde sem loucura comparar a sorte, a existencia, a moralidade do camponez italiano, rodeado de sua familia, por mais supersticiosa e ignorante que seja, com a sorte do antigo escravo. Em vez d'essas grandes massas de homens, rebanhos compostos de escravos opprimidos por um só homem, tendes uma multidão de pequenos grupos laboriosos, que todos têm affeições de pae, de filho, de irmão. A guerra impõe aos povos tributo menos exorbitante, e os principios pacificos se vão cada dia diffundindo. Os systemas de governo, mais ou menos beneficos, concordam ao

menos em que se não roube ao cidadão todo o seu tempo, o mais precioso de seus thesouros. Elle póde curar de seu commercio, de sua industria; a familia, a propriedade, assentam sobre alicerces mais estaveis.

Em certas monarchias, viu-se o amor da patria desapparecer ante novos costumes: á medida que se iam consolidando os habitos da vida privada, ia-se cada qual concentrando n'esta esphera acanhada, e o espirito publico se extinguia. Mas em outros paizes, na Hollanda, na Suissa, na Inglaterra, nos Estados-Unidos, o patriotismo e o amor da familia se ajudaram com mutuo soccorro. Sentiu-se que a valentia e gloria de todos não exigiam a desgraça, o crime ou as privações de cada um. A sciencia cessou de se consagrar absolutamente a trabalhos especulativos ou a multiplicar os deleites do homem, e se dedicou a augmentar seu bem-estar.

Longe estamos de sustentar que a civilisação moderna brilha com todo o fulgor que faz resplandecer a civilisação antiga; o que sustentamos é que uma vale mais que a outra. Bem cego seria aquelle que não reconhecesse aqui o immenso beneficio do christianismo. D'onde pôde nascer a igualdade moderna entre os homens? Porque é que as relações do pae e do filho, da esposa e do esposo, recobraram seus limites, suas proporções naturaes? Por que motivo é geralmente reconhecida a necessidade de suavisarmos, por mutuos sacrificios, a estrada que juntos trilhamos? Porque cessaram de existir, ou ao menos se vão todos os dias enfraquecendo as anomalias da antiguidade, o amor contra natura, o patriotismo infrene, o egoismo de uma nacionalidade exclusiva, imperiosa, despotica? Por que razão o mais bello attributo do pensador é essa charidade, esse amor da humanidade, *charitas humani generis*, virtude annunciada e preconisada por alguns escriptores da antiguidade, porêm suffocada e por muito tempo circumscripta na esphera das especulações inuteis? Apenas se ergueram duas ou tres vozes eloquentes, no mundo antigo, para estigmatisarem a barbaridade da escravidão. Porque é que, entre os modernos, se encontram apenas alguns homens que seu interesse ou seus preconceitos levam a sustentar ainda esta causa detestavel, ha muito perdida? Pedí á lei christãa uma resposta a todas estas perguntas.

A vida privada, tal qual a introduziu e desenvolveu a civilisação do christianismo, encontrou tropeços e perigos no luxo das côrtes, na fatal licença que assignalou as relações entre os dous

sexos, no incremento desmedido das metropolis. Apezar d'estas causas diversas, basta que se consulte a immensa bibliotheca cujas estantes estão guarnecidas com as litteraturas modernas, para que ahi se descubram os vestigios d'este melhoramento continuo dos costumes privados. O romance, tal qual o conhecemos, não é mais que a historia secreta do lar domestico; não se póde confundil-o nem com os contos creados pela imaginação oriental, nem com as narrativas libertinas com que Roma depravada recreava seus enfadamentos e ociosidade. Nos romances da Europa moderna brilham o poder das mulheres, sua nova autoridade, suas faltas, consequencia necessaria de todo poder; emfim, é n'elles que se encontram os annaes intimos do mundo purificado e renovado pelo christianismo, arrancado á vida publica e coagido a procurar seus gozos, objecto de sua esperança e de seus receios, em outra parte que no *Forum* ou no *Agora*.

A autoridade patriarchal, a frivolidade grega, a austeridade romana, desappareceram. Os membros da familia acharam finalmente suas verdadeiras relações. A industria está occupada em inventar incessantemente novos meios de tornar mais agradavel, mais *confortable*, esta vida interna, alimentadora, si não das mais subidas, ao menos das mais uteis virtudes. As mesmas classes superiores, que o luxo e orgulho haviam arredado d'estes gozos puros, se lhes vão conchegando insensivelmente. A Italia e Hespanha contam familias exemplares, e o xixisbeismo vae a expirar. Seguí com o pensamento esta linha progressiva, e uma perspectiva cheia de encantos para o philosopho se vos antolhará em remoto porvir.

(Oxford Prize-Essays.)

BIBLIOGRAPHIA.

MEMORIAS DO BUSSACO POR ADRIÃO PEREIRA FORJAZ DE SAMPAIO PUBLICADAS EM COIMBRA EM OS ANNOS DE 1838 E 1839: UM VOL. EM 12.

Os elogios endereçados no *Panorama* á primeira parte das Memorias do Bussaco tinham suscitado em nosso espirito o mais vivo desejo de conhecer por nós mesmo a prosa do Sr. Sampaio, e os versos do Sr. José Freire de Serpa.

Esse vivo desejo acaba de ser satisfeito, e apressamo-nos a communicar a nossos leitores o juizo que formamos da obra. Consistem as memorias do Bussaco em uma elegante descripção d'aquelle formoso deserto, na historia do convento e na exposição da vida que viviam os seus penitentes eremitas. Nas memorias compostas pelo Sr. Sampaio foram inseridos excellentes versos do Sr. Serpa, nome de optimo agoiro para as lettras na Athenas portugueza.

As memorias do Bussaco são na verdade, para o tempo que decorre no mundo litterario, um verdadeiro phenomeno, pois que n'essa conta deve ser tida uma obra escripta em estylo romantico (tomados estes vocabulos no sentido vulgar), e na qual todavia se não encontra o vicio triumphante, o crime trajando as galas da virtude, o christianismo deturpado, nem menoscabado o verdadeiro espirito de religião. Foi o seu merecimento moral a primeira qualidade que sobresahiu a nossos olhos, lendo as memorias; e tanto mais quanto haviamos terminado a leitura de um poema romantico do Sr. Costa e Silva, intitulado o *Espectro*, onde o esposo, que faz, segundo a lei, punir a esposa adultera, é perseguido pelo proprio céo, e

onde este e os ministros da religião protegem o criminoso cumplice da mulher desleal. Em nosso entender, ha mais immoralidade n'este poema do que no poemeto que lhe anda annexo, obra do mesmo autor, e que se intitula a *Noite Feliz*, posto que as lubricas descripções d'esta noite de corrupção estejam bem proximas das torpezas com que Antonio de Camões Souto-Maior, Bocage, Lobo, Ferro e Macedo enlamearam a musa portugueza.

Desviemos os olhos d'essas paginas impudicas, para os empregar nas paginas decentes, honestas e religiosas das memorias do Bussaco, certos e seguros de que tambem achará o espirito com que se alegre, folgue pela parte litteraria.

Impossivel era que mancebos, cultôres das letras, não contaminados pelo espirito anti-religiozo, vissem consagradas pelas mãos do christianismo bellezas taes como as que a natureza espalhou pelas encantadas mattas e pittorescas penedias do Bussaco, e não sentissem exaltar-se-lhes o animo para dar vida aos quadros que desenhavam com a vista no objecto. Todo o merito litterario de uma obra descriptiva está sem duvida na exactidão e na viveza das descripções. Para que nossos leitores possam julgar si nas descripções das memorias se dão aquellas duas qualidades, mais vale que a melhor analyse offerecer-lhes algumas passagens da obra : da exactidão das pinturas julguem os que pessoalmente conhecem a casa da Santa Cruz do Bussaco; da delicadeza do pincel todos seremos juizes.

Copiaremos em primeiro logar a descripção da avenida do mosteiro

« Orlada d'altissimos cedros, que lhe formam um continuo e elevadissimo toldo, prosegue por entre fechada floresta até ao mosteiro. D'um e d'outro lado, para alêm dos cedros, desce para a esquerda e sóbe para a direita a serra tão farta d'arvores, arbustos e variadissimas plantas, que mal se enxergam alguns passos de terreno, exacta representação do que nos contam os viajantes das mattas virgens da America. Está ahi o bosque (e assim o encontrámos sempre) em plena liberdade : cedros, carvalhos, alamos, loureiros e mil outras arvores se amontoam e cruzam, enxertando-se não poucas umas nas outras ; estas apenas sahindo da infancia, aquellas no meio dia da vida, muitas viram a fundação do mosteiro, e nos troncos carcomidos bem attestam, que a

precederam ; grande numero derribadas, quer pela morte natural a tudo o que vive, quer pelas tormentas da atmosphera ; confuso cahos de verdura, por entre o qual brilham aquelles formosissimos cedros, que, dando com um solo profundo e fresco, adubado todos os annos por camadas de folhagem e troncos seccos que se extinguem sobre o chão, e tendo a romper por um denso véo de sombras espessas para gozar a vista do sol, sobem tão direitos, tão pomposos, tão cheios de força e vitalidade, que dão o maior encanto aos olhos e ao pensamento. . . . . .

« Eram oito horas quando chegámos ao Bussaco. O sol dava de rosto sobre este oceano de folhas, que feriam a vista com o prateado mais vivo. Si volviamos os olhos, era um só quadro transparente de vivissimo verde claro ; e como ao menor bafo do vento parte da folhagem se escondia do sol, toda a matta offerecia o mais engraçado matiz de prata, verde e ouro. . . . . .

« Sobeja vaidade teriamos, si nos persuadissemos ter dado uma noticia cabal d'esta avenida, a rua por ventura mais nobre de todo o bosque. Vêde-a com o sol da manhã, gozae a frescura das suas sombras no meio dia, assentae-vos na capella da Samaritana ás ave-marias. Era o nosso costume, depois de um longo passeio e de termos gozado alguns instantes d'aprazivel descanço no largo da portaria da matta, recolher ao fechar da noite pela avenida para o mosteiro. Estes momentos tão dôces, gozados de um ponto alto e desassombrado, quando os ultimos raios do dia têm já desapparecido ha muito, e o mesmo crepusculo é quasi extincto, emquanto que ou a lua vem surgindo lenta, e magestosamente sobre o horisonte, ou o azul dos céos se corôa de milhares de milhões d'estrellas, estes momentos de ineffaveis delicias em o nosso clima não podem offerecer iguaes encantos na avenida do mosteiro A copa das arvores e o embrenhado da floresta abreviam o dia, as sombras descem mais ligeiras, e actravéz da escuridão apenas se entrevêem algumas caveiras branqueando. Nenhuma voz do mosteiro, nenhum susurro das arvores, nenhum ruido ao longe ; meio luz e meio trevas, cada tronco parece um espectro, um fantasma erguido alli para nos arrojar, miseros profanos, do logar sagrado ! . . . . Cançado o corpo, o espirito submerso em profundas considerações, cabisbaixos, caminhavamos em fileira no mais profundo

bus (1), que só interrompia de espaço a espaço o pavoroso canto que soltava o corujão do alto da serra, para accrescentar os terrores que nos gravavam involuntariamente a imaginacão. Alguns passos avante, e tudo trevas : ao longe uma semi-luz fixa na terra; alêm outra, que scintillou, morreu e torna a fusilar mais longe : uma cruz enorme projectando-se aos ares no patamar do mosteiro, as caveiras, a humilde arcada da portaria, tudo alli um pouco menos escuro por falta de arvores ; quadro sublime ! Nem uma só expressão sahia dos nossos labios : outras vozes deveram proferir nossos coraçōes recolhidos ; hymnos ao Salvador crucificado, humildes preces á mãe de dôres, estrella de salvamento nas procellas d'este oceano encapellado ! Almas frouxas, imaginaçōes debeis, retirae-vos para não ver fantasmas, espiritos, finados ; coraçōes ternos e sensiveis, em quem o sentimento é mais poderoso que a razão, tremei d'este logar : mas vós, philosophos animosos, christão, cuja fé é solida e illustrada, vinde uma e muitas vezes. N'este logar tremendo, é esta a hora de serias meditaçōes, de sublimes pensamentos ; embriagae-vos alli de quanto ha de mais pio, e grandioso na religião, de mais puro na moral, de mais alto e transcendente na philosophia do homem ! »

Não é de nossa intenção transcrever aqui todas as passagens dignas de serem lidas, pois que isso nos levaria a copiar toda a obra. Copiaremos todavia o seguinte logar, em que se descreve quanto descobre a vista do alto da capella do Calvario : « ..... Sobre nossas cabeças o céo sereno e puro ; o ar leve e fresco da montanha, o rochedo a nossos pés cortado a prumo e tão dependurado, que mal póde olhar-se para baixo sem que tremam os joelhos e a vista se perturbe, e a cuja raiz apenas correspondem as cimas da floresta ; ao nascente, as cumiadas da Estrella; ao norte, os pinaculos do Caramulo e as serras que se estendem parallelas para o Douro; ao poente, o Atlantico ; e dentro d'estes limites, um vasto territorio semeado de mil diversas povoaçōes, collinas, e arneiros fertilissimos ; e aqui mesmo pegado com o rochedo, extenso lago de empoladas ondas de verdura, que se movem de continuo, figurando o Oceano em

---

(1) Em phrase de Bussaco a palavra — bus — significa silencio.

dia de procella, e levando até o retiro do Calvario o surdo burburinho de suas vagas longinquas! O viajante, que no labyrintho da matta ainda ha pouco pasmava da enorme elevação dos cedros e dos carvalhos, attonito de ver sumir-se entre as nuvens do céo as suas cristas magestosas, agora sobranceiro a todas ellas apenas devisa, lá em baixo, a consideravel distancia do Calvário, os cedros colossaes, os carvalhos e pinheiros seculares, que seus ramos superiores entrelaçam, e apertam. »

Tal é a prosa das memorias. Cumpre agora dar a nossos leitores alguns exemplos da sua excellente poesia.

A entrada no Bussaco inspirou o poeta. Lamenta elle a brevidade dos gozos da vida, deseja livrar-se do grilhão dos prazeres; mas não póde quebral-o nem póde fugir-lhe: não sabe onde achará socego e tranquillidade; mas uma voz interior lhe diz que procure socego e tranquillidade no seio de Deus,

Na placida soidão das sacras sombras.

A mesma voz interior designa depois com mais precisão o logar do asylo nos seguintes versos:

De sombrios pinhaes ao cabo extremo,
Lá na assomada de montanha ingente
Poisam d'um lado serras sobre serras,
E d'outro longa varzea ao mar se estende.
Dos largos braços d'uma cruz de cedro
Um te amostra o empyreu, a terra o outro.
Consulta o Nume na fatal escolha;
Combate o coração e afoito encara
Mirrados ossos de caveira humana.

O vate, entrando Bussaco, reconhece facilmente o asylo, que lhe fôra designado: elle o sauda; mas ainda sente um momento de saudade pelas cousas do mundo.

. . . . . Os olhos se me allongam
Por esses campos. -- Que espiendor tão lindo
Tem esse mundo! . . . E eu hei-de abandonal-o
Tão novo ainda? . . . Nem um ai ao menos! . . .
Nem um suspiro'! . . . . . .

A hesitação não dura: o poeta lança-se no asylo sagrado; a sua resolução está tomada,

E a voz, que almas caricias modulava
Ao som loução d'um menestrel de amores,
Ora ao grave tanger d'harpa celeste
Levanta a Jehová hymnos de esperança,
E canticos de gloria.

Entre as outras excellentes poesias do Sr. Freire de Serpa, notamos os bellissimos versos com que elle eternisou a memoria do mais antigo cedro do Bussaco pela maneira seguinte:

Colosso triumphal da natureza,
Vergonha d'homens, que transpões soberbo,
Olhando-os lá das nuvens
Pequenos rastejar no pó da terra;
Tu que, orgulhoso no alto da montanha,
Assombrando o universo,
Pae da floresta inteira e rei do monte,
Desabrochar fizeste entre os rochedos,
Meneando teus ramos,
Centos e centos de soberbos filhos;
Tu que os viste nascer, crescer, cahirem;
E a cada um que brota,
Mais amplo, mais soberbo, mais erguido,
Avante um passo dás na immensidade;
E a coma sacudindo
Com susurro que imita uivar das ondas,
Pareces ir dizendo aos reis da terra:
« È este o meu imperio....
«..... »

Segue a bellissima personificação com uma prosopopeia, que terminam pelos seguintes versos:

« Sou imagem do Nume sobre a terra,
« Sou rei da natureza e dos imperios;
« Só eu, só eu existo. »
Eis negra escuridão toldando o bosque,
Relampagos fusilam pelos ares,

Rolam trovões no Olympo,
E o raio d'alta nuvem despegado,
Ameaçando o sceptro e a montanha,
Quebra vinte colossos.
— Depõe soberbas, rei da erguida selva.
Si um sopro só aqui te ergueu do Eterno,
Póde um sopro quebrar-te:
Tu vales tanto aos olhos d'esse Nume,
Como a relva do chão: — tudo é pequeno,
Só Deus, só Deus é grande.

Recommendamos pois a nossos leitores as Memorias do Bussaco.

* * *

VIAGENS.

O PUNJAUB

OU

AS CINCO FONTES.

SCENAS DO HINDOSTÃO.

Infeliz e bravo Ochterlony! Viveu e morreu pela gloria, e a gloria lhe falleceu. Durma sua alma em paz! Nunca conheci guerreiro mais heroico, capitão mais digno de admiração e de estima. Si houvesse guerreado na Europa, têl-o-hieis visto sentado entre os pares de Inglaterra; porêm a sorte desterrou suas façanhas para as inaccessiveis montanhas do Nepaul. Pouco se ha fallado d'este bravo; e a magoa, o dissabor, o tedio da vida, o levaram ao tumulo.

Foi Ochterlony que, bloqueado na cidade de Dehli, toda

desmantelada, sem fortificaçōes, sem outra defensa que um velho muro de tijolos, de dez milhas de circumferencia, e mil e seiscentos cipaes, soldados detestaveis, rechaçou os ataques reiterados do chefe mahratte Jeswunt Rao Holkar. Foi elle que, sem arthilheria, soube oppôr resistencia a forças tres vezes superiores, n'essa praça em ruinas que sempre se tinha rendido á primeira intimação. Foi elle que plantou o estandarte britannico nos cumes do Himalaya, e reduziu o rajah vencido a ceder-lhe grande parte de seu territorio. E todavia não o tiveram em preço. As recompensas do valor guerreiro não foram coroar esforços e triumphos quasi ignorados; elle definhou n'essa regiões remotas, e ahi deixou seu cadaver olvidado.

Passei tres mezes em casa d'elle, no aquartelamento de Karnâl, ha já bastante tempo. Eu tinha visto escoarem-se na India tres annos de mortal enfadamento. A existencia de um militar inglez na India é vida abominanda e totalmente physica, cujo peso monotono é impossivel supportar-se sem dissabor. Tendes a parada, o exercicio, o montar guardas, o render a guarda, um sol que vos devora, banquetes interminaveis, ou *burra-kenas*, em que o presunto e o queijo vos enfastiam e vos nausêam. Debalde eu procuraria, em todo o curso de minha carreira militar n'esse paiz, uma semana que me deixe agradavel recordação; quizera antes cessar de viver que recomeçar essa existencia entorpecida, sensual sem deleite, fadigosa e sem gloria. È verdade que o famoso califa Abdarrhaman, depois de haver gloriosamente reinado por espaço de cincoenta annos, procurava inutilmente em sua vida quarenta dias de felicidade; e este pensamento, aliás cheio de desesperação, póde induzir o commum dos homens a aguentar com paciencia o fardo com que Deus os carrega.

Nós eramos felizes quando nos vinham annunciar que um chefe ou *thatkor* havia tentado subtrahir-se á vassalagem feudal imposta pela Inglaterra, e refusava pagar o tributo exigido. Era de mister marchar contra sua fortaleza, e esta especie de guerra lançava algum movimento na calma insipida de nossa vida. Todos os regimentos se punham alerta e promptos, aguardando com desassocego a decisão do general em chefe e a escolha do regimento que devia ir castigar o orgulho do *thatkor*.

Um dia, eu fui encarregado de dirigir a expedição: depois de vinte e quatro horas de preparativos, depois de muitas disputas, de muitos gritos, e d'esse tumulto inherente ao movi-

mento das tropas asiaticas, partimos pela madrugada; para a mór parte de nós, era uma especie de iniciação militar á qual a novidade dava attractivo. A primeira marcha foi curta, e por conseguinte agradavel: começava a primavera. Os Hindous têm um culto especial da primavera, estação do prazer e da voluptuosidade. Era insana a alegria dos nossos cipaes; elles celebravam a grande festa de *Houlie*, commemorativa dos amores de Krischna, que, no seu oitavo *avatar* ou na sua oitava metamorphose, se fez pastor como Apollo, e nas margens do Jomna soube grangear o amor de setenta mil *gopioes* ou pastoras: façanhas heroicas, mais admiraveis que as de Hercules, e que as mulheres da India reputaram dignas de suas mais constantes adoraçōes! N'essa épocha de saturnaes, a religião prescreve ou tolera o descomedimento das acçōes e da linguagem; e os Hindous, ordinariamente severos e castos em seus discursos, se resarcem do constrangimento que lhes impõe a decencia geral de seus costumes. Era para ouvir e ver como os nossos cipaes cantavam, dançando, estribilhos obscenos cuja immoralidade faria enrubecer as prostitutas de nossas capitaes. Não era alegria, era delirio. Cada companhia tinha seu bardo que entoava sua nefanda canção, e todos os outros cipaes repetiam-a em chôro e com toda a sua força.

Notei particularmente no meio d'esses freneticos um *jemadar*, ou porta-estandarte, ancião de estatura gigantesca e cujos cabellos, brancos como a neve, se soltavam em ondas das dobras de seu turbante; o cavallo em que ia montado era tão velho e tão fraco como elle: uma sella enorme, coberta com longa manta, não deixava ver sinão os pés, a cabeça e a cauda do animal. O cavalleiro se entregava á sua devoção insensata com um fervor que o teria feito passar por louco; seus urros, seus gestos, os movimentos descompassados de seus braços e pernas completavam a caricatura. Haviam-o sempre considerado como homem sisudo, austero, taciturno, avaro, extremamente devoto; esta effervescencia insolita era tambem devoção. Si vinha a passar junto d'elle alguma mulher, de qualqner classe, de qualquer idade que fôsse, accommettia-a com seu indecente recitativo, cujo cynismo não tentarei reproduzir. Maravilhava-me semelhante procedimento: é sabido com que recato costumam os habitantes da India fallar ás mulheres. Entretanto, nem os companheiros do *jemadar*, nem os objectos do fervor cynico a que se elle abandonava, pareciam surprehendidos d'esta vehemen-

cia. Admiravam-o, pelo contrario; imitavam esse enthusiasmo de devassidão; e em breve o regimento inteiro não formava mais que um grande chôro, uma bacchanal desenvolta.

Por cumulo de singularidade, nem si-quer os homens estavam a salvo d'este dithyrambo laudatorio e licencioso, e os nossos cipaes se dirigiam com preferencia aos officiaes a quem mais prezavam. Quanto a nós, fingiamos que não ouviamos esses ridiculos elogios; e, sem tomarmos parte activa em semelhantes saturnaes, sentiamos a impossibilidade de suspender-lhes o curso. Quanto mais amado era um official, mais frequentemente resoava seu nome n'esses hymnos. Imaginae o pasmo de nossos Inglezes, habituados á disciplina européa. Nos cantos dos cipaes havia estro, abundancia, certa fluidez de poesia frenetica, enthusiasmo extraordinario, uma ferocidade de devassidão de que eu procuraria embalde dar alguma idéa, e que fazem ficar como estupefacto o *taza Walayet* ou recem-chegado a essas regioes.

Nossos soldados disfarçavam assim os enfados da jornada. Acostumados a viajar na prisão do palanquim, achavamos prazer n'esta marcha pouco cançativa, cujo encanto era ainda augmentado por uma bella paizagem. Em torno de nós se estendiam de todas as partes campos de papoilas brancas e encarnadas. Ao longe se erguiam cidades brancas e lindas aldèas, circumdadas de mangueiras de fórmas colossaes: o espinhaço do Himalaya, nevoso e aprazivel, se ostentava no horisonte. Todas as tardes, quando faziamos alto, um ancião, addido ao regimento como bardo ou *bhât*, pegava em sua guitarra de uma só corda e nos cantava se uhymno heroico. Havia sem duvida em seus accentos pouca variedade e poesia. « Saúde ao regimento glorioso de *** ! seja elle coberto de gloria sobre a terra e no céo ! reunam-se as torrentes de sangue que elle tem derramado, para formarem um mar de elogios, etc., etc. O Himalaya se assombra de sua marcha, e o globo treme debaixo de seus pés ! » Por mais grotesco que podesse ser este bardo, por mais emphatico que fôsse seu discurso, a singularidade d'esta usança patriarchal lhe dava não sei que prestigio; e não era sem interesse que eu o via vir todas as tardes occupar seu posto, fazer vibrar seu monocordio e aturdir-nos com suas estimulações.

Depois de dous dias de marcha, chegámos ao paiz dos Sickhs, que se estende até o Indus ou Attock. Todo o territorio sito entre o Karnâl e o Sutledge estava então n'um estado de

semi-subjeição que muito lhe pesava; seus habitantes se viam constrangidos a pagar tributo á Inglaterra e a morrer em seu leito, obrigaçōes estas igualmente molestosas para homens cujas paixōes dominantes são a guerra e a avareza.

A palavra *Sickh* significa *discipulo*. Um Hindou, chamado Nanac Scha, fundou, no anno de 1530 de nossa era, esta seita que se tornou poderōsa; sua base era o monotheismo. Nanac Scha baniu de seu Olympo os trezentos e cincoenta milhōes de divindades hindostanicas, aboliu as castas e permittiu a seus sectarios que se alimentassem a seu grado com todos os alimentos que lhes podessem convir. Os imperadores musulmanos perseguiram cruelmente esta seita, que, no decimo oitavo século, sob a direcção de um chefe chamado Gourou Govind, conquistou emfim alta importancia politica, e ameaça presentemente o poder indo-britannico.

Os Sickhs occupam hoje o territorio do Punjaub (as Cinco Fontes), situado ao noroeste da India. As Cinco Fontes são: o Indus, o Acesines, o Hydaspe, o Hydraotes, o Hyphases e o Hysadrus. A India não tem seita independente mais formidavel. Vigorosos, robustos, activos, guerreiros, implacaveis, os Sickhs contrastam singularmente com o resto de seus compatriotas, cuja fraqueza physica iguala a flexibilidade intellectual, e cujo character moral é tão enervado quanto e debil sua constituição. A voz dos Sickhs é forte; elles trazem longas barbas, em vez de a fazerem como os Hindous. Sua coragem é ferina; e a imprudencia, o estouvamento, a violencia do selvagem, estão impressos em seus costumes. N'uma cidade onde fizemos alto, mostraram-nos duas torres bastante elevadas, ás quaes uma abertura estreita servia de unica entrada onde se refugiavam habitualmente os assassinos que acabavam de perpetrar algum homicidio: nada é mais turbulento, mais feroz e mais indomavel que esses homens, a quem veremos as tropas inglezas disputar a posse do Hindostão, por um lapso de tempo que é impossivel determinar. Elles andam na guerra vestidos de jaqueta, enormes calças azues, e trazem um turbante pontiagudo da mesma côr e de altura desmedida (1).

Pelo meio de nosso quinto dia de marcha, encontrei um d'es-

---

(1) Os *Sickhs* mandavam, n'estes ultimos tempos, organisar seus exercitos á européa, por officiaes francezes dos exercitos do Imperio.

ses Sickhs accompanhado de dous criados. O signal characteristico de sua raça estava profundamente gravado em sua physionomia varonil. O cavallo que o carregava parecia feito para tal dono : era um corsel de fórmas colossaes e que andava a furta-passo , segundo o costume hindou. Longas roupagens o cobriam e n'um pedaço de pau redondo estava fixado um coxim para servir de sella ; o arção d'esta sella extraordinaria se elevava á altura de cinco ou seis polegadas , e sustentava um arcabuz prodigioso , cujo coice teria infallivelmente lançado ao chão um cavalleiro inhabil , á primeira curveta do animal. Em vez de se ter a cavallo como os Hindous , cujos joelhos lhes ficam parallelos aos hombros quando estão montados , o nosso Sickh allongava as pernas á moda franceza , e isso lhe dava melhor graça. Bello broquel de pelle de bufalo , todo resplandecente de cravos de prata , se balanceava em seus hombros ; dous saccos , praticados em suas botas , continham um par de pistoletes , e uma grande cimitarra ou *tegha* lhe estava pendente da cinta.

— *Salam saheb* (2) *Bahadoû* , exclamou elle ao avistar-me , *salam saheb see* , *salam* , *salam !*

Correspondi á sua saudação , e elle me informou que era magistrado de policia ou juiz de paz do rajah (3) de Patiala. Apenas foi encetada nossa conversação , elle me testemunhou a indignação que lhe inspirava o proceder dos Inglezes.

— Que ! me disse elle , por não poder o nosso pobre rajah Balloun Sing pagar a somma que os *feringhis* (estrangeiros) exigem d'elle , ha-de seu castello ser demolido e seus bens confiscados ! Chamaes a isso justiça ?

— Sickh , lhe respondi , sois ingrato.

— Ingrato .... para com os *feringhis* que cobrem meu paiz com suas tropas !

— E não é a nós que deveis a paz que elle goza?

— Não precisamos de paz ; isso é bom para os Banians (4) e para as velhas.

---

(2) *Saheb* , palavra de origem arabe que significa *senhor*. D'ahi *Tipou Saheb* ou o *Senhor Tipou*. Estas palavras foram introduzidas nos dialectos da India pelos conquistadores mogoes que são musulmanos.

(3) *Rajach* palavra hindou que significa *rei* ou *soberano :* a palavra latina *regere* (reinar) tem evidentemente a mesma origem.

(4) Os *Banians* são a posteridade dos Parsis ou antigos Persas, adoradores do fogo que fugiram para a India no tempo dos primeiros califas , para escaparem ás perseguições dos Musulmanos. E' um povo de costumes mui brandos , porém de character interessado. São os correctores , oe adelos da India.

— Si nós não fôssemos, degolar-vos-hieis mutuamente.

— Nós não somos creanças, somos homens.

— Mas, antes de nossa chegada, o Punjaub estava nadando em sangue.

— Nascemos soldados, somos Sickhs : é costume eutre nós submetterem-se as contestações ao arbitrio da espada : ninguem gosta de abandonar o *dustour* (a traça) de seus progenitores.

— Mas vós que fallaes, Sickh, vós sois magistrado.

— A necessidade me fez juiz, meu gosto me faz soldado. Juro por Bhugwaun que me causaes admiração, vós outros *sahebs* da Europa....

— Como assim?

— Vós dizeis que sois *sahebs* e no emtanto recorreis aos magistrados.

— E não tendes vós uma lei ?

— Eu tenho meu *tulwar* (alfange).

Receou provavelmente haver-me offendido e mudou de conversação.

— Saheb, estaes montado n'um lindo animal. De que paiz é elle?

— Da Arabia.

— Não é essa entretanto a cavalgadura de um soldado.

— Porque, Sickh?

— Esse cavallo convêm a um *kala kortie walc* (a um homem vestido de preto, a um homem da justiça) e não a um guerreiro.

— Sickh, pensaes acaso que o corpulento bufalo sem cornos, em que ahi estaes empoleirado, vale mais que o meu cavallo arabe?

— Que val mais!... Ficae sabendo, saheb, que um bom cavallo deve ser robusto, ter cauda espessa, pescôco largo, largas ventas, e ancas gordas e osseas. Tal é a belleza do cavallo, assim como uma barba comprida é a belleza do homem.

Dizendo estas palavras, o Sickh affagava sua barba gigantesca e deitava uma olhada de vaidade satisfeita sobre suas fórmas colossaes. Eu quiz retribuir-lhe em sarcasmo este desprezo que elle prodigava á minha fraqueza européa.

— Dizei-me, Sickh, para que vos serve esse arção de dimensões singulares? será para vos impedir de cahir do cavallo?

Elle sentiu o epigramma, e não me respondeu sinão com dous ou tres saltos mortaes que lhe não fizeram perder a sella, e cuja violencia provava seu talento de picador.

— Bem vêdes, respondeu então com ar calmo e desdenhoso, que o Sickh não necessita de meios artificiaes para se conservar firme nos estribos; e si devo dizer tudo o que penso, vossos sahebs da Europa deviam tomar comnosco algumas lições: uma mulher sickh é mais sabida, em materia de equitação, que todos os vossos cavalleiros do outro mundo.

A pequena distancia da estrada, vi uma sébe bastante alta, diante da qual se achava um fôsso, duplice trincheira de um campo de papoilas. O desprezo com que o Sickh acabava de tratar o meu lindo cavallo arabe me pesava na alma, e eu estava determinado a restituir-lhe o grau de consideração e estima a que elle tinha direito. Caminhei para a sébe, e o Sickh me seguiu; porêm, quando o meu cavallo salvou de um só pulo o duplice obstaculo, e repassou com outro salto a sébe e o fôsso, romperam palmas e elogios unanimes. O Sickh mostrou-se muito mais communicativo e cordial; fallou-me de mulheres, de cavallos, de caça, de guerra, e sobretudo das delicias da aguardente, com uma facilidade e correnteza confidencial mui tocantes, e acabou por convidar-me para almoçar. Eu não tinha ainda tido occasião de provar a hospitalidade hindoua; por isso, acceitei com praser.

Apeámo-nos e fomos sentar-nos á sombra de uma mangueira. Um dos servidores do Sickh foi buscar provisões á aldêa visinha, e trouxe pasteis sem levadura, leite de varias especies, queijo, passas e amendoas. O Sickh não almoçou commigo, pois lh'o não permittiam os mandamentos de sua religião; porêm ficou junto de mim, instando-me que fizesse honra ao festim e enchendo-me de civilidades prenhes de hyperboles orientaes. « Comei, me dizia elle, para que minha fama seja grande atravéz da terra e meu nome abençoado de Deus: eu desejava offerecer-vos um banquete mais esplendido e preparar-vos iguarias de cinco sabores, sabor amargo, lôce, salgado, acido e assucarado; mas não tive tempo para isso, como estaes informado, e minha hospitalidade é accidental. »

Offereci-lhe um canivete de madreperola, provido de um saca-rolhas, e lhe roguei que se servisse d'elle para desrolhar as garrafas de aguardente que prometti mandar-lhe: elle era adorador fervoroso d'este licor, e acceitou com gratidão ambos os mimos. Supplicou-me debalde que acceitasse um bello *kandjar* (1) que

(1) Especie de punhal oriental. (Em Portuguez chama-se cris.)

trazia. Separámo-nos depois de termos trocado, por alguns minutos, elle meu chapéo e eu seu turbante ; depois, conservando-se a alguma distancia de mim, rogou a Narayana que me enchesse de mercês : « Deus não perca de vista meu hospede ; faça-o elle prosperar, dê-lhe uma mulher formosa, formosos filhos e todos os postos militares, até o de general inclusivamente ! » Esta ceremonia se terminou segundo a moda hindostana, cuja porquidade enojosa causará indignação a mais de um leitor, e que ouso apenas referir aqui, por eructações mutuas, testemunho inaudito de gratidão.

Em breve nos approximámos do Himalaya, e a scena não tardou a mudar. Em vez d'essas planicies cultivadas que haviam ferido e encantado nossos olhos, não encontrámos mais sinão aridas charnecas, semeadas de algumas raras habitaçōes ; em vez d'essa população activa e laboriosa, algumas choupanas dispersas. O solo era arido, o ar insalubre, o aspecto dos habitantes doentio. A caça abundava n'esta região pouco conhecida, de que os animaes pareciam haver-se assenhoreado e que o homem abandonava : bandos de perdizes matizadas de preto se levantavam a nossos pés ; o antilope, a vacca azul de olhos pretos, a lebre, o butio, o javali, fugiam de todas as partes ; a panthera, o urso, o lynce, o elephante bravio, fitavam em nós seus olhos terriveis. Os Nemrods do regimento não deixaram escapar ensejo tão favoravel ; suas espingardas juncaram de cadaveres essas planicies tão fartas de caça, e apenas lhes foi possivel levar-lhes os despojos, tão grande era seu numero !

Emfim appareceu diante de nós o Himalaya. Quem ousaria, em presença d'este gigante, ter saudades das paizagens vulgares ? De que gloria colossal se não corôam estas cimas, elevadas de dezeseis mil pés ácima do nivel do mar, ante as quaes se anniquila a grandeza dos Alpes, e cuja cadêa immensa une o Turkistan ao reino do Meio ! Por certo que não podiam os Hindous escolher outro sanctuario, para n'elle collocarem a imagem do Deus incognito. Nada, n'esses paizes, está em relação com as nossas regiões do Occidente ; todas as proporçōes são desmedidas. Acima d'este plano, que excede os Apenninos e o Chimborazo, surgem outros picos isolados em sua magnificencia, e sobretudo o Bundur Ponch, o Jomnontria, d'onde dimana o Jomna, e o Gangontria, d'onde jorra a veneravel fonte do velho Ganges (1).

(1) Os picos mais elevados do Himalaya que tem sido medidos são :

Em parte nenhuma procureis impressão comparavel, quanto á solemnidade grandiosa, com a de que o homem se sente penetrado nas faldas do Himalaya. O espirito exaltado vôa para seu cume; e lá, no meio da soledade e de um silencio eterno, que nenhum ruido perturba, excepto o do trovão, comprehende, o que parece inaccessivel ao homem, a idéa da eternidade. O Oceano não é tão magestoso como os cimos do Himalaya. As vagas têm seu tumulto, seu sussurro, seu impulso vital, por assim dizer. Aqui tudo é morte: em logar de um horisonte limitado, tendes um céo em cujas profundidades a vista se perde; e si por acaso o furacão trovôa e brame n'este silencio, que solemnidade nova vem animar esta scena! O Himalaya é o mais sublime dos templos em que possa a divindade ser adorada.

Os Persas affirmam que, alêm d'essas montanhas, o mundo fenece, e começa o *Jinestann* ou dominio dos genios. Com effeito, á medida que se sobe ao Himalaya, a existencia se debilita, o som morre, extingue-se o ruido, um tiro de pistola não produz mais que leve susurro o sentimento da vida desfallece em nossa alma. Não sei que melancholia profunda se apoderou de meus compatriotas: talvez, em presença d'essas neves eternas, se lembravam elles dos contentamentos puros do lar domestico, dos montes nevosos da Escossia e das planicies ennevoadas da Inglaterra. Emquanto a mim, a crueldade d'este desterro, n'um paiz longinquo, se me representou vivamente ao pensamento, e estive a ponto de desfazer-me em lagrimas: eu pensava n'esse singular constrangimento com que a politica ambiciosa pune e fere os indigenas de um clima septentrional, forçados a ir perecer sob o sol da India, para conservarem avassallada uma região que cedo ou tarde sacudirá o jugo, e cuja escravidão, si é fonte de riqueza, é igualmente fonte fecunda de despendios para a patria e tumulo para a mór parte de seus filhos!

Não sei porque, mas ha alguma cousa de santo e religioso nos cimos dos montes. O estrondo da terra expira n'essas summidades, e as paixões humanas não acham ahi logar. Foi lá, nas margens do Jomna, que, em um sitio solitario habitado por um brachmane, guardador do rio sagrado, tive com elle uma conversação singular de que sempre conservarei a

---

Jawahir, cuja altura é de 7,848 metros; Yamunavutari, 7,777; e Dhaiban, 7,523. O pico mais elevado da Cordilheira dos Andes tem sómente 7,696 metros de altura.

memoria. Como elle me contava as fabulas piedosas e populares em voga n'esses cantões, e eu lhe testemunhava sem bastante comedimento minha incredulidade, Varivatta (tal era seu nome) sorriu-se e me respondeu:

O BRACHMANE. — Ha em todas as nações, e até nas que parecem mais racionaveis, alguma cousa de maravilhoso e de incrivel. Porque rir de nossas fabulas? Não têm vossos philosophos europeus suas doutrinas? E quaes são ellas? dizei-me.

O INGLEZ. — A principal é a crença em um Deus e na immaterialidade da alma.

O BRACHMANE. — Que pensam vossos philosophos do materialismo?

O INGLEZ. — Que elle equivale ao atheismo.

O BRACHMANE. — Concedem elles ao homem liberdade de acção, ou crêem na necessidade?

O INGLEZ. — A necessidade ou fatalismo são heresias a nossos olhos.

O BRACHMANE. — Assim, admittis uma alma immaterial, um Deus omnipotente e a liberdade das acções humanas, e consideraes como atheus os materialistas e os necessitarianos?

O INGLEZ. — Certamente.

O BRACHMANE. — Eu penso precisamente o contrario. O materialismo e a doutrina da necessidade me parecem as unicas fórmas racionaes do theismo puro.

O INGLEZ. — Causaes-me admiração. Sempre me capacitei que materialista e atheu eram synonymos.

O BRACHMANE. — Um atheu póde ser materialista, mas por um erro logico facil de demonstrar. Vou provar-vos, pelo contrario, que os dogmas do materialismo e da necessidade dimanam necessariamente da fé em um só Deus omnipotente e omnipresente.

O INGLEZ. — Escutar-vos-hei com toda a attenção possivel; porêm é-me difficil crer que consigaes convencer-me.

O BRACHMANE. — Que idéa formaes do homem?

O INGLEZ. — Que elle é composto de duas naturezas: uma morredôra mortal, organisada, sensivel; a outra perduravel, invisivel, sem corpo, sem extensão, e que denominamos *alma*.

O BRACHMANE. — Entendeis por isso o *psuchê* dos Gregos, um vapor, um sopro?

O INGLEZ. — Não, de certo.

O BRACHMANE. — Entendeis uma immaterialidade completa?

O INGLEZ. — Sim; o espirito e a materia são antitheticos: um é sem extensão, a outra é extensa. Duas substancias materiaes não podem occupar no mesmo instante o mesmo logar; porêm o espirito e a materia podem occupar o mesmo logar no mesmo instante.

O BRACHMANE. — Tal é vossa opinião? E julgaes que dous espiritos ou duas almas possam occupar o mesmo logar?

O INGLEZ. — Nunca reflecti n'isso, e nem lhe vejo a necessidade; porquanto, sendo a alma de natureza diversa da do corpo, não posso imaginal-a occupando um espaço determinado, como si fôsse substancia material.

O BRACHMANE. — Sem duvida. Mas não convindes que a materia e o espirito podem existir simultaneamente no mesmo logar?

O INGLEZ. — Convenho.

O BRACHMANE. — Ora escutae-me. Si a materia e o espirito estão no mesmo logar, resulta d'ahi que o espirito occupa um logar. Eu não pergunto de que maneira elle occupa esse logar; certamente não exclue a materia, mas tem, como ella e com ella, seu logar, sua habitação fixa, sua extensão por conseguinte.

O INGLEZ. — Nada d'isso admitto; seria dar ao espirito os attributos da materia, a fórma e a extensão: ora, a alma, conforme nossas doutrinas, é totalmente privada d'esses attributos.

O BRACHMANE. — Já m'o dissestes, e é o que me custa a conceber.

O INGLEZ. — Porque?

O BRACHMANE. — Tenho eu uma alma?

O INGLEZ. — Supponho que sim.

O BRACHMANE. — Crêdes que minha alma está aqui?

O INGLEZ. — Seguramente.

O BRACHMANE. — E onde estamos nós?

O INGLEZ. — Pelo meio da cordilheira do Himalaya, proximos ao Jomnontria.

O BRACHMANE. — Então está aqui minha alma?

O INGLEZ. — Está.

O BRACHMANE. — Estaes certo que ella não está nem em Calcutá, nem em Benarés?

O INGLEZ. — O mais certo que é possivel.

O BRACHMANE. — Ha portanto um logar onde minha alma se acha, e outro onde minha alma não está?

O INGLEZ. — Como duvidal-o?

O BRACHMANE. — Si ha um logar onde minha alma se acha, e outro logar onde a mesma alma se não acha, póde-se necessariamente conceber e traçar pelo pensamento uma linha de demarcação que separe estas duas localidades, uma habitada pelo espirito, a outra que não é habitada por este espirito que está em mim.

O INGLEZ. — Na verdade, deve existir essa linha de demarcação.

O BRACHMANE. — N'este caso, daes, contra a vossa propria opinião, uma extensão, uma fórma á alma. Si minha alma está na India, não está na Europa; si está ao noroeste do Hindostão, não se acha a leste do mesmo paiz; si está sobre o Himalaya, não está nas faldas do Himalaya. Bem vêdes que ella tem sua extensão e sua fórma.

O INGLEZ. — Provando que a alma tem extensão e fórma, que quereis d'ahi concluir?

O BRACHMANE. — Pessoalmente, eu não penso que a alma ou o espirito tenham uma fórma: forcei-vos unicamente a convir que tudo o que é finito tem uma fórma; que a alma limitada, tal qual a concebeis, encerrada em um corpo, contida em certas proporções, tem sua fórma e sua extensão.

O INGLEZ. — E d'ahi?

O BRACHMANE. — De que modo concebeis a Deus?

O INGLEZ. — Como um espirito que enche a immensidade com sua presença, como uma alma pura e universal.

O BRACHMANE. — Crêdes que Deus está em toda parte e é eterno?

O INGLEZ. — Não podeis duvidal-o.

O BRACHMANE. — Por consequencia, a presença de um só Deus enche o universo?

O INGLEZ. — Já vol-o disse.

O BRACHMANE. — Crêdes na possibilidade da existencia simultanea de duas almas universaes e omnipresentes?

O INGLEZ. — Deus, grande alma universal, exclue toda idéa semelhante. Eu não comprehendo mais facilmente duas almas que duas mil almas universaes.

O BRACHMANE. — Fôstes forçado a convir ainda agora que uma alma humana estava em alguma parte, occupava uma porção de espaço, tinha sua extensão, e por conseguinte sua fórma.

O INGLEZ. — Não concordei precisamente n'isso.

O BRACHMANE. — E pensaes que, si a alma universal occupa todo o espaço, ainda haja logar ao lado d'ella para outra alma universal?

O INGLEZ. — Isso seria absurdo.

O BRACHMANE. — Seria absurdo pretender que dous d'esses espiritos finitos, limitados, que habitam uma parte do espaço, podem coexistir simultaneamente no mesmo logar?

O INGLEZ. — Penso que seria igualmente absurdo.

O BRACHMANE. — Assim, não podem haver no mundo nem dous Deuses occupando a mesma immensidade, nem duas almas occupando precisamente o mesmo ponto do espaço?

O INGLEZ. — É minha opinião.

O BRACHMANE. — Logo, é bem evidente que um espirito não póde estar onde já se acha outro espirito: ora, si a alma universal occupa todo o espaço, como pretendeis, que logar achareis para as almas parciaes, espalhadas pelo espaço? Admittindo almas parciaes, não destruis a omnipresença da divindade? Admittindo a omnipresença da divindade, como podereis vir a reconhecer a existencia de almas parciaes? Si a alma universal está em toda parte, que logar deixará ella para os outros espiritos immateriaes? Si não está em toda parte, deixa de ser universal. Eu sustento, portanto, que o materialismo é a unica doutrina compativel com a crença em um Deus omnipresente, alma universal e eterna.

O INGLEZ. — Já sei o que quereis inferir. Sem me convencer, vossa argumentação me surprende e me interessa. Dignae-vos de continuar e dizer-me de que maneira provaes que a doutrina da necessidade é inherente á crença em um Deus.

O BRACHMANE. — Todo o meu raciocinio assentava n'uma só palavra, a *omnipresença;* tambem uma só palavra me bastará para este novo texto, a *omnipotencia.*

O INGLEZ. — Procuro comprehender-vos.

O BRACHMANE. — Deus, a vosso ver, é omnipotente?

O INGLEZ. — Sim; porêm o homem é livre.

O BRACHMANE. — Que entendeis por omnipotencia?

O INGLEZ. — Um poder superior a qualquer outro poder.

O BRACHMANE. — Que significam estas palavras: *qualquer outro poder?* Si Deus é omnipotente, não ha outra potencia alêm da sua.

O INGLEZ. — Deus póde communicar sua potencia; todo poder emana d'elle.

O BRACHMANE. — E communicando este poder, perde elle uma parte do que communica?

O INGLEZ. — Não.

O BRACHMANE. — Cria um poder novo?

O INGLEZ. — Não.

O BRACHMANE. — Dignae-vos explicar-me como póde alguem communicar sua potencia sem perdêl-a e sem crear nova potencia. Minha intelligencia não póde transpôr este obstaculo. Si a creatura já possuia esse poder antes de lh'o communicar o Creador, está visto então que um poder existe a par do poder do Eterno; e si vem de Deus esse poder, então Deus creou um poder a par do seu.

O INGLEZ. — Já vejo vosso dilemma.

O BRACHMANE. — Já ides comprehendendo que a omnipotencia, tal qual a attribuis ao Ente Supremo, é um absurdo: concedeis a Deus muito ou muito pouco poder.

O INGLEZ. — Pois que eu confesso sua omnipotencia, como provareis que lhe dou muito pouco poder?

O BRACHMANE. — Vós o representaes como o mais poderoso dos entes; porêm, logo que admittis que ha no universo outras potencias alêm da sua, destruis sua omnipotencia.

O INGLEZ. — O homem está eternamente debaixo da dependencia de Deus.

O BRACHMANE. — Logo que é dependente, perde seu poder.

O INGLEZ. — Sem duvida elle não possue o poder supremo.

O BRACHMANE. — Não possue poder algum. Deus lhe dá a vida: elle a possue, porêm recebe-a de Deus, que lh'a torna a tirar. A potencia de vida não pertence sinão ao Altissimo.

O INGLEZ. — Sustentareis do mesmo modo que a vontade do homem está sob a mão de Deus?

O BRACHMANE. — Certamente.

O INGLEZ. — Pois não vos consideraes como causa de vossas proprias acções?

O BRACHMANE. — Que é o homem sinão um effeito? Elle póde transmittir a acção, mas não a cria; não é um poder superior, e sim um effeito secundario. Sem entrar n'essa velha e inutil disputa da necessidade e da liberdade, contentar-me-hei com fazer-vos a observação de que a mesma vontade é um resultado de circumstancias anteriores. Nossa organisação, as circumstancias em que nos achamos, as que havemos atravessado, nossos progenitores mesmos concorrem a modificar nos-

sas vontades. Que somos nós pois? Instrumentos creados de maneira a transmittirmos impulsos diversos, mas não a dar-mos-lhes nascimento.

O INGLEZ. — Assim, em vosso entender, Deus, omnipresente e omnipotente, exclue a potencia e a presença de qualquer outra substancia espiritual?

O BRACHMANE. — Certamente. Mas não intento arrancar-vos á vossa fé hereditaria; alêm d'isso, eu sei que, si meus principios são plausiveis, outras doutrinas o não são menos, e que, n'este oceano de vapores confusos que se denomina *metaphysica*, pouca luz ha que esperar e poucas bases fixas que encontrar.

Já se vê que um brachmane quasi não é menos forte que outr'ora o era um philosopho da eschola de Alexandre. Não desgostei de ver cessarem as argucias d'este incommodo adversario, que, convenho, me embaraçavam algum tanto.

(New Monthly Magazine.)

VARIEDADE.

DIARIO D'UM MEDICO (*)

V.

O falsario.

Em 1810, nos ultimos dias do mez de julho, achei em minha casa, ao recolher-me ás cinco horas da tarde, depois de um giro fadigoso, um bilhete concebido nos termos seguintes gravados com elegancia: « *M. Gloucester*, n.° 20, rua do Regente; » e mais abaixo, com lapis, estas palavras que continuavam a phrase: « folgaria muito de receber, esta tarde, a visita do doutor ***. »

Consultei meu registro, no qual não encontrei o nome de M. Gloucester. Sem saber d'onde me podia vir este novo doente, fui a seu domicilio. Era uma d'essas casas novas que parecem feitas para serem mostradas como objectos de curiosidade antes que para serem habitadas: suas paredes resplandecentes eram rebocadas de estuque branco como neve; columnas feitas em molde e cosidas no forno lhe ornavam o peristylo. Gósto pouco d'estas vistas de theatro que não quadram com a residencia do homem; uma architectura solida e commoda deve characterisar o edificio onde moramos, onde nascemos, onde soffremos. Estes aformoseamentos frivolos, que a menor chuva destroe, que a mais leve tempestade estraga tão facilmente, quasi deshonram nossa vida: é um theatro pueril, feito para acto-

---

* Vid. Revista n. 4 do 1.° Tomo, ns. 1 e 3 do 2.° e n. 2 do 3.°

res de um momento. O criado, cuja libré era magnifica, me introduziu em ricos aposentos; ahi, como no exterior, reinava uma sumptuosidade sem gosto. Os tapetes eram esplendidos, porêm seu desenho era sem elegancia. Largos floroes encarnados e amarellos brilhavam no tecto. Havia desordem n'este luxo e desalinho n'este esplendor. Os lacaios não estavam em seus postos: o soalho estava mal encerado, os adornos da escada se assemelhavam menos aos ornamentos de um interior de bom gosto que ás balaustradas com que se circumdam as lojas de modas.

Cortinas escarlatas com longas dobras, cuja transparencia era realçada por um bello sol de julho, projectavam seu reflexo purpureo sobre as tapeçarias do salão. Numerosos quadros dourados, encerrando paineis assaz communs, estavam suspensos nas paredes. No meio, emcima de uma mesa redonda de marmore preto, alguns jornaes, lythographias, obras periodicas, estavam confusamente espalhados. Outra mesa de fórma oblonga estava coberta de mascaras, luvas, floretes, pistolas, manoplas para se jogar o socco. Reconhecia-se que se estava rodeado das insignias, mas não da realidade da vida elegante e social. Era evidente que todas aquellas bellas alfaias sahiam da loja de um armador, que a mór parte d'esses objectos de fantasia não estavam ahi collocados sinão por ostentação, e que seu possessor usava mais frequentemente dos instrumentos da esgrima que d'esses livros cujas folhas nem si-quer estavam cortadas.

Eu tinha lançado um olhar observador e rapido sobre este interior curioso, quando o dono da casa se levantou para me receber. Sentei-me, depois de o ter saudado. Era um homem ainda môço, de physionomia feminil, cujas feições eram bastante regulares, mas cuja expressão carecia de franqueza. Ao vêl-o, procurarieis a que classe da sociedade podia elle pertencer; porêm procurarieis embalde, tanto elle parecia indeciso e como que suspenso entre as bôas è más maneiras, entre o gentilhomem e o homem de nada. Seus cabellos, que se annelavam naturalmente e cuja ondulação era agradavel, estavam arranjados com uma especie de negligencia estudada, que revelava ao mesmo tempo o mister de ser notado e o de passar por dandy. Estirado n'um sofá, com um jornal na mão, as pernas espichadas e affectando postura melancholica, da qual queria augmentar o effeito encostando o coto-

vêlo na mesa e a cabeça na palma da mão, M. Gloucester produzia em mim não sei que sensação desagradavel, mais facil de indicar que de explicar; era um d'esses individuos cujo porte é equivoco e em cuja presença um homem se não sente a seu commodo. Não sabeis de que modo tratal-os nem qual a opinião que d'elles deveis ter: cortez, temeis que vossa cortezia vá perdida; descortez, exprobrar-vos-hieis uma indecencia, talvez indesculpavel grosseria. Quanto mais M. Gloucester multiplicava as civilidades para commigo, menos conseguia destruir esta repugnancia instinctiva que me inspirára á primeira vista. Tomava modos levianos e graciosos que me desagradavam. Eu lia sobre sua figura, em suas maneiras e discursos: *Eu desejaria ser homem polido;* porêm negava-lhe interiormente este titulo de homem da moda, que elle mostrava ambicionar. Parecia-me que elle trazia a libré dos tafues sem para isso ter direitos: involuntaria incommodidade o trahia. Lembrava-me d'essa personagem de Ben-Johnson, *Fungoso*, que compra os vestidos dos fidalgos para se fazer fidalgo, e que apparece na côrte com este bello trajo.

Entretanto, M. Gloucester me informou que, havia algum tempo; se via atacado de uma irritação nervosa, e que esperava de mim alguns soccorros contra o mal cruel de que era victima.

— Ha varios dias, me disse elle, uma melancholia singular me opprime, meu espirito cede a terrores panicos; parece-me que todas as calamidades me ameçam a um tempo. Debalde busco o descanço. Até nas companhias, em meio de meus amigos, tremo, meus nervos se agitam; procuro em vão tranquillisar-me, achar alguma calma. Seguramente é esta uma triste posição. Minhas noites são privadas de somno, não tenho mais appetite, involuntario estremecimento se apodera de mim; finalmente, muitas vezes experimento tentações de suicidio.

Examinei-o com attenção, tomei-lhe o pulso. Acostumado, pelo exercicio de minha profissão, a não desprezar nenhuma observação, mesmo minuciosa, reparei (o leitor não poderá deixar de sorrir-se ao ler esta passagem) que as mãos do gentilhomem desmentiam seu trajo e sua linguagem. Não eram esses dedos claros e roliços, essas unhas compridas e aparadas com esmero, que uma tesoura habil mantêm sempre alvas e transparentes. As mãos de M. Gloucester eram calo-

sas, suas dimensões rusticas e sua fórma grosseira. Esta observação confirmou minhas duvidas. Perguntei ao doente si alguma pena moral não era a causa do desarranjo de seus nervos; si negocios de familia, um casamento mallogrado, uma inclinação infeliz, talvez perdas de fortuna ou as vicissitudes do jogo, o não haviam lançado n'este estado de abatimento profundo que exercia sobre sua situação physica influencia tão deploravel.

—Não, me respondeu elle.

—É impossivel que não tenhaes algum pezar secreto....

Elle córou, empallideceu, balbuciou.

—Considerae que nada me deveis occultar, e que a primeira condição de vossa cura, si todavia a medicina póde mitigar vossos males, é uma confissão ingenua, uma inteira franqueza.

Vi que elle hesitava e não sabia si me communicaria seus secretos pensamentos; não instei mais.

—Não, repetiu elle, é uma molestia hereditaria; todos os membros de minha familia a padecem mais ou menos. Doutor, desejei saber de vós que recursos me póde offerecer a vossa arte.

—Nenhum que possa curar as enfermidades da alma..... e, por mais que digaes, vejo muito bem que pezares que occultaes causam vossa molestia. Divertí-vos, frequentae as sociedades, tomae bastante distracção; si, como parece, possuis riqueza, buscae todos os divertimentos que a fortuna póde dar.... mudae de ares....

Elle suspirou e se agitou um pouco.

—Isso é impossivel! respondeu.

Eu não quiz inquirir os motivos d'esta impossibilidade. Levantei-me. Elle me introduziu na mão dous guinéos, e me pediu que tornasse no dia seguinte á tarde.

Eu não tinha vontade de entreter longas relações com este senhor. Procurando penetrar sua posição e classe, parecia-me que descobria em seu exterior e em sua linguagem todos os indicios characteristicos do gatuno, do jogador, do cavalleiro de industria, do homem que se lança no turbilhao do mundo para encontrar pataus. A vida d'esses heroes é, como se sabe, misturada de sombra e de luz, de triumphos e de desgraças. Attribuia a algum infortunio pouco digno de compaixão os soffrimentos nervosos de que se queixava M. Gloucester: fiz-

lhe comtudo segunda visita. Achei-o deitado na sua marqueza, com os braços encruzados no peito, a perna suspensa e se balanceando como si procurasse ao longe uma chinela perdida, e na postura mais affectada que se possa imaginar. Levantou-se, e com ar languido me disse:

—Estou muito doente. Sentae-vos, doutor.... folgo muito de ver-vos.... porque, em verdade, acho-me bastante incommodado; e si vos não tivesse visto, não sei o que teria feito para passar a noite.

Elle fallava baixo; as palavras se apressavam confusamente em seus labios. Tomei-lhe o pulso, cuja rapidez annunciava uma superexcitação nervosa muito pronunciada.

—Seguistes minha receita?

—Segui, porêm é o mesmo; nem por isso passo melhor.

—Cumpre esperar; cumpre sobretudo que acalmeis vosso espirito.

M. Gloucester se levantou, ou antes pulou de seu canapé, deu duas ou tres passadas de um para outro lado, bateu com a mão fechada no marmore da chaminé, alimpou o suor que lhe cobria a testa, e continuou seus discursos incoherentes.

—Diabo! não sei o que será de mim.... isto vae mal, isto vae mal. Dá-me vontade de me cortar a guéla.

—Entre os membros de vossa familia ha algum cujo cérebro se tenha desarranjado?

—Ora.... enganaes-vos, doutor; não atinastes com a cousa.... eu não estou doido....

—Pois explicae-me o que entendeis por essa molestia hereditaria de que hontem me fallaveis....

—Vamos, doutor.... eu vou dar-vos o unico remedio que me aproveita em taes casos. Quero ser enforcado, proseguiu elle com tom de familiaridade que me offendeu, quero ser enforcado si ha outra medicina e melhor bebida que o bom vinho.

Duas garrafas e cópos estavam em cima da mesa. Elle deitou, com mão tremula, o licor que me queria offerecer, e cujas tres quartas partes se derramaram no chão. Em menos de um minuto, sorveu dous cópos cheios; e seus gestos, suas maneiras continuavam a me persuadir que eu estava mettido com um freguez de tavernas, debalde disfarçado em homem da moda. Ter-me-hia retirado, si não fôsse retido por não sei que sentimento de curiosidade. Tirei as luvas, e, no momento em que ia pôl-as sobre a mesa, reparei que uma tira de papel muito

fino occupava o logar onde queria collocal-as. Essa tira de papel se assemelhava a uma obrigação ou lettra de cambio; eu ia estendendo a mão para entregal-a a M. Gloucester, quando elle saltou de novo do canapé onde se tinha tornado a deitar, arrancou-me o papel, amarrotou-o violentamente e o metteu na algibeira. Parecia muito agitado.

— Vistes a assignatura? lestel-a?

— Não.

— Pois, doutor.... é um joven estouvado meu amigo.... um doido.... aliás bom rapaz.... que ás vezes me toma dinheiro emprestado.... e nunca m'o restitue.... Eu sentiria muito que vissem seu nome. Vós me comprehendeis. Não me ficaria bem isso....

Julguei perceber que o meu honrado gentilhomem tinha costume de pescar em aguas turvas, e que emprestar com usura era seu recurso favorito. É sabido que, para não correrem nenhum risco, esses homens de honra têm cuidado de extorquir de suas victimas lettras de cambio que representamum valor muito mais consideravel que a somma emprestada. Eu me sentia em má companhia, e era extremo o meu embaraço. Continuei a dirigir-lhe perguntas medicaes, e esperava ver-me brevemente livre d'esta visita fastidiosa. M. Gloucester, tomando de novo seus modos indolentes, me fallava das dôres nervosas que, na vespera, tinham perturbado seu prazer no Opera, quando uma aldrabada abalou a porta da entrada. M. Gloucester estremeceu, fez-se pallido, e vi suas mãos, convulsivamente apertadas, se afferrarem, por assim dizer, no travesseiro da marqueza. Poucos instantes depois, ouvimos as vozes de uma altercação violenta que tinha logar embaixo. Imprudencias e infortunios me tinham coagido, na minha primeira mocidade *, a receber a triste visita dos individuos que a justiça expede ás suas victimas, e não tardei a reconhecer do que se tratava. Dous homens cuja physionomia ninguem esquece, armados de bastões, vestidos de sobrecasaca, e affectando fallar com doçura e em voz baixa, entraram no aposento.

Como não reconhecer por estes indicios, e sobretudo por sua polidez admiravel, os belleguins de Newgate **?

---

* Vêde o primeiro artigo d'estas lembranças, intitulado: *O Joven Doutor*, no numero 4 do 1.º Tomo.

** Prisão onde se encerram os inpiciados de furto e de falsificação.

—Em nome da lei, exclamou um d'elles, estaes preso como falsario !

M. Gloucester gaguejou, poz a mão sobre o coração, empallideceu de novo; sua respiração era sofreada, o suor lhe pingava do rosto.

—Senhores (elle tentou serenar-se), dizei-me, por favor, que.... pretendeis ?

—Perdão, meu gentilhomem, respondeu o Myrmidão *, vós vos chamaes Eduardo Werney, não é assim ?

—Eu.... eu.... chamo-me.... Gloucester....

Apenas se ouviam as palavras que lhe sahiam dos labios.

—Ah ! ah ! ah !... Gloucester ! exclamou o outro belleguim, que procurava menos curiosamente disfarçar, sob fórmas quasi polidas, o triste officio que preenchia. Gloucester ! que famoso conto ! Vamos, M. Gloucester, a caminho ! cumpre que nos sigaes.

—Custastes-nos terriveis diligencias, M. Gloucester-Werney !

—Sabeis ler ? eis-aqui vosso passaporte !...

Elle mostrava ao joven, que tinha recahido sem sentidos no sofá, um cartaz impresso e sellado: era o mandado de prisão.

—Bem vêdes que elle perdeu o uso dos sentidos ; concedei-lhe alguns instantes.

—Ah ! o senhor é medico, pelo que me disse o criado, que não queria deixar-nos subir.

Os dous homens, que tinham posto seus chapéos na cabeça, os tiraram ; minha qualidade de doutor attrahiu seu respeito.

—Senhor doutor, me disse o mais polido, é preciso pôl-o de pé, e o mais breve possivel ; cumpre que seja já : ficar-vos-hemos muito agradecidos.

Eu mesmo me achava n'um estado facil de conceber-se, e esta scena cruel me tinha agitado violentamente : entretanto, desatei a gravata d'esse infeliz, estirado diante de mim sem movimento ; dobrei-lhe a gola da camisa, e uma pouca de agua fria que lhe deitei na cara lhe restituiu o uso dos sentidos. Sahiu de seu desmaio, e, tremulo, gelado, arquejante, fitou em mim olhos em que se pintava um assombro es-

---

* Alcunha popular dada aos belleguins.

tupido. Procurei algumas palavras consoladoras, difficeis de achar em tal momento.

—Doutor! que horrivel sonho! já partiram? dizei-m'o.

Sua mão estava fria como a de um cadaver. Um dos belleguins se approximou.

—Vamos, vamos, basta de meninices; de pressa, aqui estão os manguitos.

O belleguim de palavras de doçura tinha na mão um par de algemas, o outro uma pistola de alcance. Quanto mais se adiantava este drama, mais minha alma se indignava de semelhante espectaculo.

—O' doutor! doutor! salvae-me!

Elle me apertava as mãos, agarrava-se a mim com energia convulsiva.

—Sêde homem, com os diabos! bradava o belleguim blasphemando. Que diabo! aviemo-nos: tirae-me esta plumagem, bella ave, e vesti uma casaca que vos convenha; levo-vos para a gaiola, meu gentilhomem.

O desgraçado, cahindo de joelhos diante d'elles, e com os olhos arrasados de lagrimas, exclamava:

—Compaixão! compaixão! tende compaixão de mim!

Apezar da baixeza do personagem, eu estava commovido de dó.

—Espero que não duplicareis sua desgraça, disse eu aos homens de justiça, tratando-o com inutil severidade.

—Oh! nada, nada. Proceda elle bem, que lhe não faremos mal.

Estes homens tiraram o chambre magnifico de que o môço estava vestido, enfiaram-lhe uma casaca nova da ultima moda e do melhor gosto, que lhes deu o criado estupefacto, e pozeram-lhe o chapéo na cabeça. Immovel durante esta operação, elle não parecia dar-lhe a menor attenção. A elegancia estudada de seu trajo contrastava singularmente com a decomposição de suas feições. Calçaram-lhe as luvas, cuja côr era brilhante e a camurça superfina. Elle não fez o menor movimento.

Chegou-se no emtanto para a janella e abriu-a; sua intenção, que seu gesto revelava de uma maneira evidente, era precipitar-se na rua. Um dos officiaes de justiça o percebeu e correu para elle.

—Si é esse o jogo que jogaes, não é isso o que queremos, meu rapaz; é preciso que vos acalmeis.

A mão do belleguim se tinha afferrado ao pescôço do padecente, e o comprimia como uma tenaz.

—Paciencia, meu filho, e resignae-vos a trazer, durante o trajecto, estas pulseirinhas. Porque vos não conservastes tranquillo? ter-se-vos-hia poupado este pequeno dissabor. Com os diabos! nós sabemos proceder!

Em vez de escutar estas advertencias e estas consolacões tão amigaveis, elle se debatia violentamente: era um espectaculo penoso e cruel vêl-o agitar-se de uma maneira convulsiva e tentar quebrar suas algemas. A escuma lhe cobria os labios.

—Pois bem! exclamou elle com tom sombrio e voz entrecortada, levae-me.... arrastrae-me.... para toda a parte onde quizerdes.... para o inferno!...

E cahiu exhauto sobre uma cadeira. Um dos officiaes começou a visita de seus papeis, encheu as algibeiras com tudo o que achou nas gavetas, abotoou depois a sobrecasaca, e disse ao infeliz que o acompanhasse.

— Já estaes arrazoado? viajaremos nós socegadamente?

O prisioneiro não respondeu nada; estava mais morto que vivo.

—Sem duvida tendes uma sege? perguntei eu; certamente não tendes tenção de arrastral-o a travéz das ruas, no estado em que elle se acha?

— Sim, isso é muito bom, respondeu o belleguim; mas quem *tapará o buraco?*

Eu não entendia este termo de giria; seu camarada, o homem polido, traduziu esta expressão para meu uso.

— *Quem pagará?* como diz Jacques.

Dei alguns shellings, e me apressei a deixar a casa, pouco curioso de me achar em publico, escoltado por dois officiaes de policia e um preso com algemas.

No dia seguinte, os jornaes me instruiram dos pormenores do crime, que tiveram cuidado de exagerar com sua emphase ordinaria. Gloucester, ou antes Werney, joven operario, tinha deixado sua profissão para entregar-se á fabricação de lettras de cambio falsas. Desde dezoito mezes que fazia este officio, tinha realisado sommas consideraveis, destinadas a alimentar aquelle luxo e esplendor de que eu o vira cercado. Tinha-se introduzido em alguns clubs frequentados por pessôas polidas, e, com o nome de Gloucester, tinha sustentado menos mal o seu papel. Mas a fortuna, que longo tempo o servira veio por fim a trahil-o. Um

bilhete de quarenta e cinco libras sterlinas, cujo acceite era falso, e cuja firma, imitada por Werney, parecia pertencer a um dos mais ricos banqueiros de Londres, foi causa d'esta prisão de que eu fôra testemunha involuntaria. Pouco tempo depois, instruiu-se seu processo, que não foi longo. Convencido e condemnado à morte, elle foi exceptuado do perdão geral que Sua Magestade, por petição do advogado geral, concedeu esse anno a todos os condemnados.

Este acontecimento tinha feito impressão em meu espirito: eu comparava a elegancia e escolha que reinavam n'essa casa tão brilhante de Regent-Street, com a obscuridade terrivel e hediondo aspecto d'essa masmorra de Newgate, onde se iam escoar nas lagrimas e no opprobrio as ultimas horas de uma vida culpada. Nem sempre é verdade que nossa compaixão se funda na estima; o mesmo crime não a exclue. Eu me compadecia d'esse môço, arrancado á existencia e ao gozo de todos os seus prazeres; lastimava até esse desvario culpavel que o impedira de prever o termo inevitavel e proximo de sua trapaça criminosa. Tal era a disposição de alma em que me achava, quando recebi a seguinte carta do capellão de Newgate:

« Senhor,

« Eduardo Werney, condemnado á morte por crime de falsificação, me encarrega de vos apresentar seus humildes cumprimentos. Elle ha-de soffrer o ultimo supplicio terça feira de manhãa. Deseja muito fallar-vos, e terá como uma mercê especial um momento de conferencia que lhe concedesseis no dia de segunda feira. Não lhe recuseis este obsequio, senhor; o infeliz condemnado tem, creio, um segredo que vos communicar: vossa visita será um acto de beneficencia. »

Eu tinha convidado varios amigos para jantarem em minha casa na segunda feira; escrevi-lhes, participando-lhes que ficava para outro dia. Mas o que podia elle ter que dizer-me? Que motivo podia inspirar-lhe esse passo? Que segredo me podia confiar? Recusar a esse desventurado o favor que me pedia teria sido um acto de barbaridade. Determinei-me a vencer minha repugnancia, triumphar d'esses sentimentos de pavor involuntario de que me penetravam as vinganças da justiça humana, e fazer visita ao infeliz Eduardo Werney. Confesso que não foi sem terror

que me encaminhei para Newgate. Uma facilidade e delicadeza de impressões quasi femininas são um dos signaes distinctivos de meu temperamento. Quanto mais me appoximava d'essa morada de angustias, mais se me apertava o coração. O governador de Old-Bayley, a quem me dirigi, encarregou um dos carcereiros de me abrir as portas, e eu entrei n'esse inferno.

Os homens, por certo, nada têm feito para lhe mitigar o horror. Julgarieis que elles se regosijaram em derramar, n'esses tristes logares, uma côr ainda mais lúgubre. Quem é que atravessou uma vez essas longas galerias negras, esses corredores tortuosos, esse labyrintho fúnebre, essas trevas apenas dissipadas pela fraca luz de alguma alampadas, sem ter d'elles conservado a terrivel, a medonha memoria? E esse profundo silencio, interrompido pelo ranger das grades de ferro que recahem atraz de vós; e essas patrulhas da prisão, que, de arma carregada, passêam lentamente ao longo das negras avenidas; e essa privação de ar, de luz, que vos diz: « Aqui expira a liberdade: » e a certeza de não terdes junto de vós sinão vicio e crueldade, algozes e victimas, a escoria da sociedade, as immundicies da humanidade; crimes, baixezas, violencias, furores; tudo o que uma grande capital encerra de odioso e vil, concentrado no mesmo recinto, fermentando na mesma cloaca! ... O écho de meus passos, seu sonido n'essas cavernas me fazia estremecer. Eu parava involuntariamente, quando a voz de meu guia proferiu:

— Eis-nos chegados, senhor.

Elle levantou os varões de ferro que seguravam a porta: entrei.

— Olá! rapaz, bradou o carcereiro, a qui está o doutor. Mexei-vos!

A masmorra era estreita e sombria. Um pequeno candieiro tisnado, posto sobre uma mesa velha, apenas allumiava os objectos. Ao pé da mesa se achavam sentados o condemnado e um homem idoso, de semblante veneravel, vestido de comprida sobrecasaca abotoada até a barba. Os olhos do ancião estavam fixos, e o entorpecimento parecia suspender-lhes o movimento. Era seu pae.

Elle não deu fé de minha chegada; porêm o condemnado se levantou. Murmurou fracamente algumas palavras de cortezia, de desculpas, de agradecimento, e recahiu sobre sua cadeira. Uma Biblia estava aberta diante d'elle; seus olhos se fitaram nas

paginas do livro : permanecêmos muito tempo em silencio. Que scena ! que contraste entre este infeliz , que apenas tinha vinte e quatro horas para viver , e o dandy de Regent-Street! Ridiculo e contrafeito , digno de desprezo no seu trajo de fatuo , a desgraçe que segue o crime , marcando-o com o ferrete da reprovação , o havia tornado digno de dó. A orbita de seus olhos encovados parecia nadar em sangue ; uma tintura verde lhe cobria o rosto emmagrecido , e a transpiração tinha pegado sobre sua fronte pallida os anneis de seus cabellos enlaçados e consolidados. Estava de casaca preta e gravata preta ; tinha ao pé de si um lenço ensopado de lagrimas : de quando em quando , levava a seus labios resequidos um cópo de agua que se achava sobre a mesa.

Mas o pae, sobretudo , attrahiu minha attenção ; sua vista me compungia de dôr. Alguns cabellos brancos estavam semeados sobre sua cabeça calva e abaixada. Com as mãos postas e descançadas nos joelhos, o olhar fito em seu filho, immovel e como inanimado, podia-se ler nos olhos embaciados do ancião , em suas feições que o pezar tinha consumido, a desesperação muda que o opprimia. Era um operario respeitavel, que habitava uma cidade de provincia, e tinha mandado para Londres seu filho mais velho, afim de continuar ahi seu tirocinio.

Eu contemplava esta triste scena. Os olhos do condemnado se enchiam de lagrimas.

—Não posso mais ler ! exclamou elle. Doutor, sois muito bom por terdes accedido á minha supplica . . . . eu vos agradeço . . . . tenho um particular que dizer-vos.

Carregava sobre estas palavras , na esperança de que o comprehendesse seu pae, cuja presença o embaraçava. Ah ! o coração do desventurado velho estava despedaçado. Elle já não via : seu olhar estava fito no vacuo, sua postura não tinha mudado.

—Cumpre absolutamente que estejamos sós, tornou Werney.

Depois, dirigiu-se para a porta e pediu ao carcereiro que affastasse docemente a seu pae. O carcereiro entrou. O rapaz pegou na mão de seu pae, que lh'a entregou sem fazer o menor movimento.

—Meu charo pae ! . . . eu vos peço. . . . deixae-nos sós alguns momentos. Tenho que fallar com o senhor.

Elle tentava levantar seu pae, que o não escutava. Esta acção o fez tornar a si.

—Oh! sim.... sim.... sem duvida.... Então!...

Levantou-se com ar desvairado, olhou em derredor de si; depois, por um impulso repentino e como si relampago inesperado o houvesse illuminado, enlaçou o rapaz com seus braços, estreitou-o sobre seu peito, e prolongou, soltando profundos soluços, este abraço convulsivo:

—Oh meu filho! meu pobre filho!

O carcereiro, cujo rosto impassivel revelava certa commoção, levou comsigō o velho. Werney, com quem fiquei só, passou algum tempo a socegar-se de sua perturbação.

— De novo vos agradeço, me disse elle suspirando, a vossa condescendencia para com um homem que vos não deve parecer digno d'ella. Permitti entretanto que este desgraçado, accrescentou tomando-me ambas as mãos e apertando-as nas suas, vos testemunhe sua gratidão antes de morrer. Tenho outra mercê que pedir-vos: é uma commissão triste, porêm que em breve será cumprida. Não me affligireis com uma recusa.

—Tudo o que eu poder fazer, tudo o que me permittem as leis e minha posição, hei-de fazer.

Eu esperava com anxiedade pela communicação que elle me queria fazer.

—Obrigado, doutor, mil vezes obrigado!... Serei breve.... e o que tenho que dizer-vos me custa demasiado para que me não apresse a terminar.... Sou um miseravel.... Seduzi um pobre rapariga.... pobre, mas cujo coração era virtuoso.

Todo o seu corpo estremeceu. Fiz por tranquillisal-o.... Elle se calou alguns momentos, fez um esforço sobre si mesmo, e proseguiu n'estes termos:

— Possa Deus me perdoar!... Ella está pejada.... e em vesperas de parir.... Ah! continuou elle soluçando, ella não me conhece pelo meu nome verdadeiro, ignora igualmente o nome pelo qual me dei a conhecer em Regent-Street; e quando ler nos jornaes que Eduardo Werney soffreu o ultimo supplicio, não ha de saber que esse infeliz é o seu Eduardo.... Minha horrivel situação é-lhe desconhecida. Sois vós, senhor, sois vos a quem supplico que lh'a communiqueis, quando tudo estiver.... acabado.... quando ella puder supportar golpe tão terrivel.... O' senhor, em nome de Deus, para dardes a paz aos derradeiros momentos de um desgraçado, não me refuseis.... fazei-me este favor.... promettei-me que a vereis.... Ella mora junto á praça Hyde, rua de Grosvenor.... seu nome

está escripto n'este papel. Por charidade, vós que pareceis tão bom.... senhor.... tratae d'ella durante sua prenhez.... familiarisae-a pouco a pouco com a idéa de meu infortunio.... dizei-lhe que meus ultimos suspiros foram para ella.... dizei-lhe que me perdôe e que rogue a Deus por mim.... por mim que destrui sua vida inteira.... e que me não perdoaria este crime, ainda mesmo que tivesse mais de um dia que viver.... Esta bolsa contêm trinta libras setrilinas.... é tudo quanto possuo n'este mundo.... Guardareis cinco em remuneração de vossas visitas.... o resto, dal-o-heis á infeliz que deitei a perder.... Maria! Maria!

Elle cahiu com a face no chão; de pois, levantando-se, abraçou meus joelbos com seus braços. Minhas lagrimas lho cahiram no rosto.

— Sêde abençoado, sêde abençoado! exclamou elle; sois o unico homem que possaes chorar sobre mim! O céo vos retribua este pranto charidoso!... Fareis o que vos peço, fal-o-heis?

— Sim.... mancebo.... sim.... ficae certo.... È uma incumbencia cruel, porêm hei-de desempenhal-a. Ás trinta libras sterlinas que me commetteis juntarei outras trinta; e si poder proteger aquella cuja ruina vos exprobraes tão amaguradamente....

Elle não me deixou concluir, e redobrou os agradecimentos e soluços. Eu estava incapaz de supportar mais tempo semelhante scena; dirigi ao condemnado algumas palavras de piedade e consolação: elle se apoderou novamente de minhas mãos, que banhou de lagrimas sem poder fallar. Poucos momentos depois, eu tinha outra vez atravessado esses lûgubres corredores, e metti-me na minha carruagem que me conduziu para minha casa.

Direi por que singularidade inaudita, depois de ter passado uma noite terrivel, perseguido pelo fantasma do misero Werney, não pude, na manhãa seguinte, resistir ao desejo de tornar a vêl-o? Ás sete horas da manhãa, achava-me no theatro da execução *. A ignobil forca se alevantou de fronte de mim. Estava chovendo; o comportamento do povo era indecente, ridiculo, abominavel. Este espectaculo nao tinha nada de solemne para

---

* A praça de Old-Bayley.

elle; sua barbara indifferença era um assumpto de reflexão profunda e triste: os ratoneiros se insinuavam na multidão; as mulheres da ribeira se descumpunhom umas as outras, lançando-se pragas e injurias de uma á outra extremidade da praça. O povo ria-se, blasphemava, comprimia-se. Oito horas! O sino do Santo Sepulchro tocou a hora fatal; o sino da cadêa, cujo badalo coberto com crepe produz um som tão lûgrube, não tardou a lhe responder. A bengala de castão de ouro dos sub-sherifs, postados ao pé do cadafalso, resplandeceu a um raio do sol. Werney appareceu emfim, subiu ao patibulo com passo firme.... Eu não vi mais nada.

A joven Maria morreu um mez depois de seu parto; e o ancião, atacado de paralysia tres dias depois da execução, expirou nos meus braços. Por que razão a lei, em sua uniformidade iniqua e barbara **, castiga com o mesmo supplicio o assassinato e o crime de falsificação? Sem duvida o homicida merece a morte; deve porêm a sociedade arrancar a vida áquelle que se tornou réo de uma culpa que não ataca a existencia de outrem?... Abandono aos philosophos e legisladores este grave assumpto de meditações.

(Blackwood's Magazine.)

MISCELLANEA.

SCIENCIAS NATURAES.

APPARECIMENTO E DESAPPARECIMENTO DE ILHAS NOVAS.

Alguns diarios têm fallado ultimamente do apparecimento repentino de um grupo de ilhas em Valparaiso e na ilha de João Fernandes, nos mares do Chile. O capitão de mar e guerra Cecile, que foi encarregado por M. de Villeneue, commandante do cruzeiro francez nos mares do Sul, de reconhe-

** A lei ingleza.

cer essas ilhas e designar sua situação, acaba de participar que foram baldadas as indagações que fez a tal respeito por espaço de 17 dias.

D'aqui se deduz que o facto annunciado era o resultado de uma d'essas illusões que ás vezes se experimentam no mar, e que são particularmente devidas ao refluxo especial ou aos vapores condensados que revestem a apparencia de terras, que se elevam na superficie da agua.

Comtudo, podia tambem ter sobrevindo outro phenomeno, de que nosso globo offerece mais de um exemplo, qual é a emersão repentina e real das ilhas creadas no fundo dos mares e hoje habitadas, e o desapparecimento não menos repentino de alguma d'essas ilhas antes que os navegantes enviados podessem reconhecêl-as. Citaremos alguns factos tirados de ambas as cathegorias d'esses phenomenos.

As irrupções volcanicas, os terremotos ou levantamentos de terras a que dão logar, foram mais de uma vez assignados pelo nascimento de novas montanhas nas regiões terrestres, e de novas ilhas nas regiões maritimas. D'este modo nasceram quatro ilhas no mar Egeu (Archipelago), as duas primeiras antes da era Christãa, a terceira em 726, e a quarta em 1707, appareceu outra depois, no golfo de Toscana, 125 annos antes da era Christãa; outra no grupo dos Açores, em 1720. Demais, é sabido que as ilhas Yschia, Procita e Naplos, appareceram de repente na superficie das aguas; que outra, o Valcancilho, appareceu no archipelago Lipari, 570 annos antes da fundação de Roma, e se reuniu ao volcão por effeito de nova irrupção em 1550.

No fim do século XIV, a ilha de Grislaud, recentemente descoberta nas proximidades da ilha de Zuan-Madyen, desappareceu sem que se conhecesse a causa nem a época exacta de tal desapparecimento. Em 1693, a ilha de Zorza, uma das mais povoadas das Molucas, se submergiu em consequencia de uma irrupção que a cobriu de lava e desappareceu totalmente debaixo das aguas. Em 1782, a ilha Formosa esteve a ponto de sumir-se depois de um terremoto em que pereceram perto de um milhão de pessôas, e metteu a pique os navios ancorados no porto.

Emfim, voltando a épochas inteiramente modernas, no dia 10 de julho de 1831, depois de uma irrupção volcanica, appareceu no Mediterraneo, perto da costa sudoeste da Sici-

lia, uma ilhota a que se deu o nome de Julia. No dia 25 de outubro, era tal o calor do solo, que a penas se podia pisar n'elle: tinha a ilha meia milha de circumferencia e 90 pés em sua maior elevação. Pouco depois tornou a submergir-se, e os navegantes enviados para reconhecêl-a não acharam vestigio algum d'ella.

Não poderão ter tido a mesma sorte as novas ilhas assignadas nas immediaçōes de João Fernandes?

(Moniteur Parisien.)

ESTATISTICA.

A JUSTIÇA NA PRUSSIA. — Dos documentos officiaes resulta que o numero dos processos e das instrucçōes foi mais consideravel o anno passado que o anno precedente. No decurso do anno de 1838, houveram (não comprehendidas as provincias do Rheno e a nova Pomerania) 695,548 processos e 295,196 instrucçōes. No anno de 1838, houveram 45,539 processos e 52,613 instrucçōes mais que em 1837. No numero das instrucçōes, houveram, só por furtos de madeira, 33,474 mais que no anno de 1837. Conta-se um processo sobre 16 habitantes, uma instrucção sobre 39, e sobre 296 uma instrucção criminal. Nas provincias rhenanas os prócessos augmentaram tambem, mas n'uma proporção menos forte. O que é digno de reparo é que o numero dos processos civeis diminuiu em toda a monarchia.

Na provincia do Rheno, houveram 332 processos civeis menos que em 1837, a saber: 8,093 (em 1837, 8,425); causas de assises 386 (4 mais que em 1837). Nas antigas provincias, os processos civeis ordinarios se elevaram a 8,856 (em 1837 tinham havido 93,855); por conseguinte, houveram 5,295 de menos. Processos summarios, 46,961 (em 1837 tinham havido 93,367). A simplicidade e rapidez da administração da justiça na provincia rhenana se manifestam sobretudo no numero das causas não julgadas.

Com effeito, 496 processos, 91 causas de assises, 310 instrucçōes criminaes, e de 10,449 causas de policia correccional, 750 sómente não tinham sido julgadas no fim do anno na provincia rhenana. Pelo contrario, nas antigas provincias, ha-

viam ainda 133,942 processos não julgados e 39,282 instrucções que não estavam terminadas. Este resultado deve ser attribuido aos tribunaes de policia, ás justiças de paz e aos debates oraes, entretanto que nas antigas provincias a causa mais insignificante exige escriptas volumosas.

CLERO CATHOLICO NAS COLONIAS INGLEZAS. — Ha presentemente nas colonias inglezas vinte e tres bispos catholicos ou superiores de missões: são, no Baixo Canadá, M. Joseph Signay, bispo de Quebec, e M. P. Turgeon, bispo de Sidney, seu coadjutor; M. J. J. Lartigue, bispo de Montreal, e M. Antonio Tabeau, seu coadjutor; no Alto Canadá, M. Alexandre Mac-Donald, bispo de Kingston, e M. Henrique Gaulin, seu coadjutor; no rio Vermelho, M. J. N. Provencher, bispo de Juliopolis e vigario apostolico; em Nova Brunswick, M. Enéas Mac-Eachern, bispo de Charlotte-Town, vigario apostolico para a Nova Brunswick e ilha S. João; em Terra Nova, M. Miguel Fleming, bispo de Carpathia e vigario apostolico para toda a ilha; na Nova Escossia, M. Guilherme Fraser, bispo de Tane, vigario apostolico para as Antilhas inglezas, e M. B. P. Smith, bispo de Agra, seu coadjutor; na Guiana ingleza, M. Guilherme Clancy, bispo de Oriense e vigario apostolico; em Malta, M. Francisco Xavier Carnana, arcebispo de Rhodes, cujo titulo é unido á séde de Malta; em Zante, M. Ignacio Lestaria, bispo de Zante e Cephalonia, e M. João Hynes, dominico, bispo de Leros, seu coadjutor; em Gibraltar, M. Henrique Hughes, ultimo provincial dos Francezes na Irlanda, que foi recentemente sagrado em Roma; no cabo de Bôa Esperança, M. Griffith, dominico, bispo de Paleopolis, vigario apostolico; na ilha Mauricia, M. Guilherme, bispo de Troya, vigario apostolico; na Australasia, M. João Bède Polding, bispo de Hiero-Cesaréa, vigario apostolico; em Madras, M. Daniel O'Connor, bispo de . . . . , vigario apostolico, empossado a 2 de setembro passado, e M. P. J. Carew, bispo de Philadelphia, seu coadjutor.

Dous outros superiores de missões não têm o character episcopal, e são simplesmente prefeitos apostolicos: são M. Roberto Saint-Léger, em Calcuta, e M. Bento Fernandes, na Jamaica. O primeiro não está mais n'este posto e regressou para a Europa.

O parlamento inglez votou, em 1838, uma somma de 110:426$700 rs para a mantença d'estas differentes missões ca-

tholicas. Esta somma está longe de se achar em proporção com as necessidades, e espera-se que será successivamente augmentada.

(Ami de la Religion.)

COMMERCIO DE QUADROS. — A predilecção dos Inglezes pelos quadros vae sempre em augmento. Em 1833, o numero de quadros importados dos paizes estrangeiros para os Tres Reinos era sómente de 3,760, emquanto que em 1838 foi de 8,691. O numero total de quadros que ahi chegaram durante os seis annos 1833-1838 se elevou a 46,381, 22,291 dos quaes vieram de França, 11,423 da Italia, 5,609 da Allemanha, 3,240 da Belgica, 1,119 da Hollanda, e 2,699 de diversos outros paizes. É inutil dizer que a mór parte d'estes quadros eram copias. Quanto ás obras originaes, o numero das que eram verdadeiramente notaveis não passou de 900.

Os direitos de entrada percebidos sobre o numero total dos quadros importados durante estes seis annos se elevaram a 12,119 libras sterlinas 12 shellings. Estes direitos estão actualmente fixados em um shelling por pé quadrado inglez, excepto para os quadros de dimensões muito grandes, taes como os panoramas, dioramas, etc., sobre cada um dos quaes o maximum dos direitos é de 10 libras sterlinas.

INSTRUÇÃO PRIMARIA EM FRANÇA. — De 35,280 communs, contam-se este anno 28,913 que estão providas ds escholas; são 4,771 de mais que em 1834. Si depois se compara este numero com o de 1830, acha-se que 8,868 communs, desde esta épocha, comprehenderam as vantagens que resultam do ensino popular, e se apressaram a aproveital-as. Os discipulos, meninos e meninas, admettidos ás escholas primarias dirigidas por instituidores e institutrizes, eram, em 1829, em numero de 969,340; em 1832; este numero se eleva a 1,200,715; em 1835, a 1,544,628; e em 1839, a 2,029,830. isto é, 1,600,000, pouco mais ou menos, mais que em 1829. Alèm d'isso, eis de que maneira estão divididas as escholas communaes: 26,370 são especialmente para os catholicos, 563 para os protestantes, 28 para os israelitas, e 2,352 recebem discipulos de cultos differentes.

SOCIEDADES BIBLICAS NA EUROPA. — As sociedades biblicas têm tomado, haverá uns quinze annos que existem, uma extensão extraordinaria; é immenso o numero de exemplares do Antigo e Novo Testamento que têm sido espalhados por seus cuidados; foi sobretudo na Allemanha e em Inglaterra

que esta distribuição chegou a uma quantidade quasi incrivel.

Um relatorio publicado pela sociedade biblica de Munich informa que 2,000 Biblicas completas 1,650 exemplares do Novo Testamento foram derramados por seus cuidados em quatorze annos. A associação biblica central de Nuremberg mandou distribuir 78,000 exemplares da Biblica, em quinze annos; a de Berlin, 783, 229 desde sua fundação. Mas estes algarismos estão longe de chegar ao da distribuição feita pela sociedade de Londres. Esta sociedade, cujas rendas se elevaram em 1837 a perto de 3 milhões, espalhou só n'esse anno 541,813 exemplares da Biblia em quasi todas as regiões do globo; e, desde sua existencia, esta distribuição chegou á enorme somma de 10,293,645 exemplares impressos nas diversas linguas da Europa, da Asia, Africa e America.

O mencionado relatorio cita no numero das sociedades francezas que mais successo tiveram, as de Pariz, Bordeos, Castres, Nîmes, Strasburgo e Colmar.

TRABALHOS EXECUTADOS PELO EXERCITO SUECO.

De 1818 a 1838, isto é, durante os vinte e quatro primeiros annos do reinado actual na Suecia, o exercito sueco fez, em trabalhos de utilidade publica, 5 milhões 36,700 dias de trabalho, que devem ser repartidos do modo seguinte a a saber :

Canaes e rios, 4 milhões 164,000; estradas e aterros, 130,000; construcções civis, 241,000; fortificações, 501,700: total, 5 milhões 36,700.

Foi por meio d'estes trabalhos que, em 1832, pôde ser concluido o canal de Gothia, que completou a juncção do mar do Norte com o Baltico, atravéz do continente sueco, em sua maior largura. Esta bella concepção tinha todavia ficado imperfeita. Tendo o canal de Trollhatta, que forma a secção occidental d'esta linha, sido começado nos reinados precedentes com dimensões inferiores ás do canal de Gothia, que constitue a secção oriental, não se effectuavam os transportes de um para outro mar sinão por meio de baldeação. Desde 1838, trabalha-se com actividade no alargamento do canal de Trollhatta e de suas numerosas represas. É gigantesca a empresa, porque as paredes e o fundo do canal são formados de rochas graniticas em todo o seu comprimento. Ella entretanto ha-de ser levada ao cabo em cinco annos.

Em 1842, os navios de 160 toneladas atravessarão, sem baldeação, o nosso continente de um para outro dos dois mares que o bordam; e esta bella concepção coroará o admiravel todo das numerosas obras de utilidade publica, emprehendidas e rematadas desde o começo do reinado. O engenheiro sueco, que ha pouco citavamos, observa que esta grandiosa communicação entre os dous mares foi principiada, ha tres séculos, pelo rei eleito que conquistára a independencia da Suecia, despedaçando o jugo dinamarquez, e que vae ser terminada hoje pelo rei eleito que assegurou e consolidou a existencia politica d'este paiz, reunindo debaixo do mesmo sceptro a Norwega e a Suecia.

LITTERATURA.

Do discurso do Sr. Martinez de la Rosa, lido no atheneu hespanhol, acerca da influencia da religião christãa sobre a litteratura.

O autor principia observando e characterisando a grande revolução social que produziu o christianismo, e sua influencia necessaria sobre o estudo da philosophia e da oratoria, a qual apresentou uma scena nova e extensa em *eloquencia sagrada*, filha primogenita do Evangelho, como a chama o Sr. Martinez de la Rosa.

Explica depois o grande beneficio que á litteratura fez a religião, conservando no meio do desmoronamento successivo do Imperio, e apezar das invasões dos barbaros, o deposito da lingua latina e os livros, monumentos e artes da civilisação antiga.

Uma só phrase do autor contém materia para grande volume. « Ao recordar, diz elle, o quadro que esboçaram os historiadores e chronistas mais immediatos áquelles tempos criticos, assombra-se a imaginação e o coração se aperta, considerando no que houvera sido da civilisação do mundo, si não tivesse existido no seio mesmo das sociedades um principio de vida tão fecundo como o que patenteou o christianismo. » E na verdade, cremos que, si então não existisse a doutrina evangelica, o occidente europeu, tratado como depois o foram a Russia, Polonia e Hungria pelos Mogoes, teria voltado á barbaria, quando menos, dos tempos primitivos da Grecia.

Descreve depois os effeitos, uteis á civilisação, que produziram as *Cruzadas*, « empresa, diz elle, pouco conforme

com suas sãas doutrinas » (do christianismo). Questão é esta que muitas vezes se tem agitado e outras tantas decidido em sentidos contrarios. Não duvidaremos expôr nossa opinião, ainda que não seja inteiramente conforme com a do illustre escriptor que analysamos.

Na épocha em que começaram as cruzadas, era a Europa uma republica confederada, semelhante ao imperio germanico que feneceu em nossos dias ; seu chefe era o Summo Pontifice, seu nome a *Christandade*, o titulo para pertencer a ella o baptismo e a fé christãa. Opposta a tão grande e poderosa nação havia outra que, posto dividida em diversos estados, tinha comtudo um vinculo commum, que era a doutrina do pseudo-propheta da Meca. Os Mahometanos se tinham feito grandes e possantes, invadindo paizes christãos. Desde o isthmo de Súez até o Atlantico, desde o mar Negro até o de Arabia, desde o estreito de Hercules até o Loire, e desde Malta até perto do Tibre, havia chegado victoriosa a Meia Lua ; e si a espada de Carlos Martel , si os esfor os dos christãos de Hespanha e a energia dos papas haviam libertado a christandade já quasi moribunda , o perigo podia entretanto renovar-se. No emtanto os Mahometanos possuiam grande parte de nossa peninsula, toda a Africa, o Egypto, a Syria, a Natolia, e podiam ser facilmente reforçados pelas tribus numerosas e fanaticas de Africa e Arabia, como effectivamente o foram em Hespanha, com grave detrimento do reino de Castella, pelos Almoravides, Almohades e Benimerinos.

Ássim pois, como se póde crer contraria ás doutrinas do Evangelho a defensa da christandade contra as invasões do mahometismo? Póde a religião que professamos vedar a defensa da liberdade, da independencia, dos focos, das familias e dos templos e mais objectos do culto publico ? Não : não cremos , como Rousseau , que uma sociedade de *verdadeiros christãos* se deixe subjugar como um rebanho de cordeiros. Os fiéis primitivos se deixavam degollar para darem testemunho de sua fé ; mas tambem vertiam seu sangue pela patria em guerras que não eram tão justas como a da christandade invadida pelo islamismo aggressor.

Entre os effeitos das cruzadas, não foi de menos importancia o haver-se chamado a attenção dos Musulmanos para o berço e centro do seu poder, e haver-se para sempre libertado a Italia de seu continuo susto. Si Constantinopla

se tivesse reunido com o centro da christandade, não teria cahido em poder dos Turcos.

Temos fallado do *espirito* da empresa, não de sua *direcção e maneira* de execução ; n'estas póde ter mais logar a critica que no primeiro. A guerra era justa : foi ella dirigida e feita como devia ? É esta uma questão de numerosos pormenores, que não é possivel ventilar aqui. Talvez os erros que n'esta parte se commetteram dessem logar á opinião do Sr. Martinez de la Rosa.

Esperamos que nossos leitores nos perdoarão esta digressão puramente historica, e se não persuadirão que com ella havemos faltado a nosso proposito. O exame philosophico de um ponto de historia pertence tambem á litteratura.

Chegando o autor aos tempos mais proximos da restauração das lettras, attribue o renascimento da poesia dramatica n a Europa aos *mysterios*, representaçoes religiosas que foram e deveram ser o primeiro typo n'uma sociedade singela, pouco instruida entretanto , e firmemente afferrada á sua crença.

Explica depois admiravelmente a differença entre o drama grego e o moderno : o primeiro , encerrado *como em um carril* , entre o dogma religioso do fatalismo e o dogma politico do odio á monarchia ; o segundo, solto e desembaraçado pelo principio christão do *livre alvedrio*, « penetra mais ávante nos reconditos do coração humano , surprehende até o menor impulso das paixões, e retrata logo á vista dos espectadores uma lutta mais interessante (e mais verdadeira) que a do debil mortal com o inexoravel destino : *a lutta do homem dentro do homem mesmo.* »

Applica este mesmo principio, com summa verdade, em nosso entender, ao mundo poetico dos Gregos, material, visivel, animado e cheio de entes sobrenaturaes , comparado com o dos christãos, que nada ou pouca cousa diz aos *sentidos*, mas que diz muito ao coração e á intelligencia. Seus quadros não são tão lisongeiros e risonhos como os da mythologia , porém são mais dignos do homem que sente e que medita.

O autor , a quem occupações de outro genero não permittiram consagrar-se com mais affinco ao exame d'esta materia, confia no emtanto, e com razão, que ha dado a conhecer o objecto com estes breves traços. . . . . *(Correo.)*

1840. — Rio de Janeiro, Typographia de J. E. S. Cabral.
Rua do Hospicio n 66.

ARCHEOLOGIA. — ARCHITECTURA.

DA INSTITUIÇÃO DA FRANC-MAÇONERIA.

Hail to the craft! at whose serene command,
The gentle arts in glad obedience stand;
Hail sacred masonry! of source divine,
Unerring sov'reign of th'unerring line;
Who rears vast structures from the womb of Earth,
And gives imperial cities glorious birth!

Anthem of the Craft.

Poucas pessôas ha que, tendo examinado attentamente as igrejas cathedraes d'Allemanha, de França e d'Inglaterra, esses esplendidos monumentos de ousado engenho e perseverante industria dos homens, deixem de perguntar a si mesmas, em que estado de civilisação estava a grande massa do povo, que grau de adiantamento tinham as sciencias e artes irmãas, quando estes estupendos edificios, demonstradores do mais delicado trabalho, do mais rico gosto, do mais apurado juizo e do mais profundo conhecimento mathematico, foram levantados. As leves encantadoras espiras, erguendo-se para o céo, e parecendo, tão bellamente figurativas de com elle unir a triste terra; as delgadas e formosas columnas sustentando como por brinco o entalhado tecto, tão descançado, tão confidente; o problema que requer o *maximum* de força com o *minimum* de materiaes, em tudo e por tudo resolvido tão admiravelmente; são cousas que todas indicam um progresso em civilisação, pelo menos igual áquelle de que mesmo hoje alardeamos. Quão subida será pois a admiração do inquiridor ao saber que, n'aquella mesmissima epocha, a Ignorancia, tenebrosa qual Erebo, com a Superstição sua irmãa mais velha, usurpavam toda a terra; que poucos

eram os que mesmo ler sabiam ; que o saber escrever dava direito ao titulo de douto , e que o conhecimento de alguns poucos principios elementares de physica muitas vezes vinha a ser sómente um passaporte para a fogueira ! (1)

Então por que homens , por que reunião de homens , tão differentes dos seus semelhantes , foram estas soberbas e indubitaveis evidencias de superioridade imaginadas e construidas ? E por que maravilhosa cadêa de circumstancias foi ganhada por elles, e só a elles limitada a sabedoria aqui exposta ? Alguma pesquisa mais nos mostra que foram estes edificios pela mór parte executados por um bando heterogeneo de homens , de Gregos , Italianos , Francezes , Flamengos e Allemães , que eram religiosamente ligados a certas observancias , tinham um systema peculiar de disciplina, e , possuindo varias bullas protectoras da Igreja de Roma , mantinham uma perfeita independencia dos estados em que assistiam. Era esta a confraria dos Livres e Mestres Maçons : aos seus talentos e industria desnecessario é pois dizer que muito deve a architectura ; porêm, como estamos accostumados a considera-los meramente como um corpo de homens associados para fins conviviaes e caritativos , muito ha que temos deixado de amalgamal-os de qualquer sorte com os resultados originaes de sua combinação; e o expôr ao amante de Archeologia um summario de alguns pontos inherentes á sua historia e progresso, não será talvez destituido de interesse.

Si eu adoptasse a opinião enunciada , e provavelmente da sincera convicção de alguns dos chronistas do *mysterio*, começaria esta historia com Ham, segundo filho de Noé, e me esforçaria em mostrar que a sua primeira empresa foi a edificação da Torre de Babel. Por elles está provado que os Israelitas eram um bando de Franc-Maçons , tendo por seu grão-mestre Moysés ; e as pyramides , com outras estupendas obras existentes ainda no Egypto, são triumphantemente apontadas como os resultados dos seus trabalhos.

Comtudo , outros mais modestos começam com a edificação do templo por Salomão, cousa de 1,012 annos antes de Christo, e sustentam que Hirão, o filho da viuva, da tribu de Nephta-

---

(1) Frederico Barba-roxa não sabia ler , nem João rei de Bohemia (meado do XVI seculo) nem tão pouco Filippe o Audaz rei de França.

li, foi mestre do mysterio mandado por Hirão ou Hurão, rei de Tyro, com outros de seus companheiros para ajudarem Salomão na sua tremenda empresa. Não apparece a evidencia pela qual se ha chegado a semelhante conclusão; porêm, vendo que esta opinião é constantemente repetida pelos mais antigos escriptores sobre esta matèria, nos vemos na necessidade de supôr, ou que todos elles têm cegamente seguido uma asserção feita á pressa, ou que a confraria mesma tem em seu poder tradições ou escriptos aos não iniciados inaccessiveis: todavia sou mais inclinado a crer o primeiro supposto.

Que no Egypto havia um corpo associado de homens, aos quaes todos os conhecimentos scientificos eram limitados, que guardavam inviolavel segredo sobre todas as materias relativas á suas ordenações, e usavam de symbolos conhecidos só a si mesmos, parece quasi tão certo como que entre os Gregos os iniciados nos mysterios eleusinos, pelo que dizia respeito ao seu governo e ás lições inculcadas, tambem tinham muita semelhança com os franc-maçons; porêm é isto tudo o que sabemos. N'estas celebres festas ultimamente mencionadas, a saber, as de Eleusis, cuja origem é attribuida a Ceres, o neophyto que ia ser admittido, soffria, como entre os maçons, provas de uma severidade pouco commum; os principios de probidade, charidade e humanidade eram imprimidos sobre o seu espirito, e juravam guardar sagrados os segredos dos mysterios. As doutrinas dos iniciados, segundo tambem vemos, não se limitaram a Eleusis, pois que 1,300 annos pouco mais ou menos, antes da nossa era (diz Laurie no seu livro-*Hist. of Free masonry*), chegaram a Athenas, e ultimamente a França, e provavelmente a Bretanha; porêm nos annaes d'esta associação não podemos encontrar evidencia alguma d'aquillo que parece ter sido o grande objecto da confraria dos maçons, a saber, o estudo e a pratica da geometria e da architectura, termos que, como dizem, eram para elles synonymos, e comprehendiam a base de todos os seus trabalhos. É pois impossivel o confundir com os iniciados de Eleusis os franc-maçons; porêm, caminhando para epochas mais chegadas, vemos que os discipulos dos mysterios dionysianos instituidos em honra de Baccho, à devida celebração de cuja festa devemos a invenção de theatros, eram homens intimamente unidos com a sciencia: eram appellidados os artifices dionysiacos, e, como um corpo, possuiam o privilegio exclusivo de erigir templos e theatros na Asia Menor. Estes ar-

tifices foram incorporados em Teos pelos reis de Pergamo, onde edificaram um templo magnifico a Baccho, do qual ainda agora existem bastantes vestigios para attestar a sua grandeza e justificar os termos em que do seu esplendor falla Vitruvio. Tambem por elles, segundo suppoem alguns, as ordens dorica e jonica foram inventadas. Usavam de symbolos só d'elles mesmos conhecidos; em certos tempos se ajuntavam para fins convivaes e, segundo algumas relações, estavam, na verdade, divididos em lojas, regidas por officiaes principaes, d'esta arte conformando-se a muitos respeitos com a confraria de que presentemente nos occupamos; tanto assim, na realidade, que mesmo Robison, o mais vigoroso inimigo moderno que tem tido a franc-maçoneria, e o qual, por conseguinte, nunca lhe cederia um grau maior de antiguidade do que elle se via obrigado a conceder-lhes, convêm em que n'esta associação tenha ella em todo o caso o seu prototypo.

Quer fôssem ou não membros da mesma corporação, o certo é que em Roma os artifices eram reciprocamente ligados de uma maneira pouco mais ou menos semelhante, tendo collegios, ou lojas, onde tinham suas assembléas e estudavam os principios e pratica da architectura. Cá por mim, todavia, não me acho bem esclarecido sobre si estes collegios ou lojas eram parte e parcella de uma corporação geral, reconhecendo uma cabeça suprema, ou si não passavam de associações independentes de homens organisados para o estudo da sua arte, ora pela authoridade do imperador reinante, ora pela de individuos particulares. Uma passagem em Plinio, em que este roga a Trajano que estabeleça um collegio de artifices (*collegium fabrorum*) afim de effeituar a reedificação de Nicomedia, pouco antes destruida pelo fogo, e na qual passagem nenhuma referencia é feita a associação alguma então existente da qual esta devêra formar parte, parece exprimir que tal proceder não era desusado, e parece outrosim de alguma maneira justificar a duvida.

Ha em Gibbon uma passagem que, segundo me parece, vem a tocar um pouco no objecto de artifices associados, e talvez merece ser mencionada. Elle diz: « Quando Probo commandava no Egypto, A. D. 280, executou muitas obras consideraveis para o esplendor e bem d'aquelle rico paiz. A navegação do Nilo, tão importante para Roma mesma, foi melhorada; e templos, pontes, porticos e palacios foram construidos pelas mãos dos soldados, os quaes ora trabalhavam

como architectos, ora como engenheiros, ora como lavradores.»

Roma cahiu! Dilacerada por facção interna, e enervada, tanto moral como physicamente, pelos seus mesmos triumphos, a mãe de muitas naçōes, vagarosamente succumbiu ás barbaras hordas, innumeras, que o Norte n'aquelle tempo arrojou sobre o mundo. Toda a arte foi estagnada, regelada pela sua mortifera influencia, e longo e triste foi o tenebroso inverno que então se seguiu. Quando Constantino, no principio do quarto seculo, removeu a séde do imperio para Bysancio ou Constantinopla, como foi ao depois chamada, ultimo golpe que separou de Roma a prosperidade, empregou toda a energia da nação em embellezar e adornar sua nova cidade. 2,500,000 lib. foram postas de parte por elle, para a construcção dos muros, porticos e aqueductos; e, diz Gibbon, uma multidão de trabalhadores e artifices urgiam a conclusão da obra com trabalho incessante. «Comtudo, a impaciencia de Constantino, continua elle, em breve descobriu que, na decadencia das artes, a pericia, bem como o numero de seus obreiros estavam em uma proporção mui desigual com a grandeza de seus designios; e as autoridades das provincias mais distantes receberam, em consequencia d'isso, ordem de instituir escholas, de nomear professores, e, pela esperança de recompensas e privilegios, influir no estudo e pratica da architectura um numero sufficiente de jovens engenhosos, que houvessem recebido uma educação liberal.» É datada esta lei **A. D. 334,** e foi dirigida ao prefeito de toda a Italia, cuja jurisdicção se estendia até a Africa, de modo que os seus resultados, podemos suppôr, deveram ter sido grandissimos. Aqui, pois, me persuado de que obtemos um ponto de partida, que apresenta menos difficuldades do que quaesquer outros que até aqui tenhamos visto; e, sem entrar na questão de saber si os professores nomeados para dirigir e organisar estes collegios não eram realmente restos das previamente mencionadas mais antigas associaçōes, e que iniciaram nos seus proprios mysterios os estudantes, dando d'esta arte a razão das coincidencias já apontadas, contento-me com crer que nos membros d'estas temos os antepassados d'aquella corporação de homens mais immediatamente debaixo da consideração, os **Franc-Maçons** da idade media. Em Constantinopla, como é sabido, vasta mudança se effectuou em ar-

chitectura. Os architectos christãos, livres das pêas que em Roma o paganismo e a falta de espaço lhes haviam lançado, determinaram-se a fazer uma mudança inteira de fórmas nos seus edificios religiosos, e a cruz de lados iguaes, coberta na juncção por uma magestosa cupula collocada sobre arcos, tornou-se o characteristico mais tocante do seu estylo. Em Constantinopla, como sabemos, floreceram por algum tempo as sciencias, em maior grau do que em outra qualquer parte; os seus homens de saber eram buscados, tanto pelas naçōes européas como pelas asiaticas, e a sua architectura em todas as partes foi copiada. Muitos dos seus signaes characteristicos passaram ainda alêm dos Alpes, e foram recebidos pelos Lombardos; tanto assim, na verdade, que *Hope* declara, que, quando, ao entrar em a antiga cidade de Colonia, elle viu o lado de leste da Igreja do Apostolo, quasi se julgou outra vez em Constantinopla. Os seus menores detalhes podem achar-se em quasi todos os varios estados da Italia.

Voltemos por um breve espaço a Inglaterra, onde, segundo dizem os chronistas, cêdo se poderam encontrar franc-maçons. Um escriptor ha aventurado a opinião que os Drusos tiveram uma associação algum tanto semelhante, fazendo uso de symbolos iguaes e praticando a architectura, na qual haviam sido iniciados por discipulos de Pythagoras; e *Preston* menciona um manuscripto velho, que dizia que S. Albano, que foi decapitado A. D. 303, gostava bem de maçons e os estimava muito, e que elle exerceu a sua influencia em obter do rei uma carta concedendo-lhes o fazerem uma assembléa. D'estas e outras muitas affirmaçōes, comtudo, taes como aquellas a respeito da fundação da cathedral velha em Cantuaria pelo mysterio em 600, da de Rochester em 602, e da de S. Pedro em Westminster, em 605, etc., não temos prova alguma; as memorias authenticas pela mór parte hão sido destruidas. O tempo do qual, segundo me parece, podemos com a maior segurança datar o apercebimento dos franc-maçons n'este paiz, é o nono seculo da era christãa, posto que membros dos mysterios dionysiacos e de outros, que vieram á Bretanha com os varios missionarios de Roma, houvessem estado, e provavelmente estiveram estabelecidos alli muito antes, e não obstante dizer o Dr. Hury *(Hist. of Great-Britain)* que a maçoneria foi restaurada, e algumas outras artes unidas a ella levadas para Inglaterra, pelo fim do se-

timo seculo, por dous ecclesiasticos que eram grandes viajantes e tinham visitado Roma muitas vezes, e alli adquirido algum gosto por estas artes. Eram estes o famoso Wilfred, bispo de York, e ao depois de Hexham, e Benedicto Biscop, fundador da abbadia de Weremouth. É certo que Biscop varias vezes viajou para Roma, afim de persuadir artifices a vir para Inglaterra; porêm eu nada acho que identifique estes obreiros com a confraria de que tracto.

Alfredo, tão verdadeiramente cognonimado o Grande, entre outros esforços admiraveis para melhorar a condição de seu povo (esforços que, si tivesse adiantamento bastante para cooperar com elle, houveram avançado de cem annos o progresso da Inglaterra para a civilisação), fez por aperfeiçoar a architectura domestica do paiz. N'aquelle tempo quasi que só de madeiras se fazia uso nas construcções: considerando-se uma casa de pedra como um objecto de pasmo: convidou Alfredo os mais notaveis architectos dos paizes estrangeiros para vir a Bretanha, com obreiros eminentes nas artes, e edificou os seus palacios com pedra e tijollo; exemplo que pouco a pouco foi seguido pela nobreza. No principio do mesmo seculo, Carlos Magno, no continente, congregou por igual modo homens de todas as naçōes para a edificação da sua celebre igreja em Aix-la-Chapelle (Aquisgran); eventos depois dos quaes a existencia da associação dos franc-maçons, com este titulo, não é mais duvidosa, e são patentes os resultados d'essa existencia em uma multidão de esplendidos edificios, erigidos com espantosa rapidez, e despregando a origem, o progresso e o aperfeiçoamento de um estylo de architectura, inteiramente novo e exquisito, a saber, o pontudo. Em razão do profundo segredo sob o qual todos os seus feitos eram dirigidos, mui provavelmente, é que tanta duvida existe a respeito da primeira introducção d'este estylo. Parece todavia fóra de duvida que, posto que o estylo pontudo apparecesse quasi simultaneamente em Allemanha, França e Inglaterra, é no primeiro d'estes tres paizes que deveremos buscar os primeiros exemplos d'elle. Porêm não é d'isto que ao presente se tracta.

Nos estados da Lombardia, como sabemos, o commercio, filho da industria, sacudiu o pêso sob o qual a prosperidade havia sido anniquilada pela anarchia e barbarismo depois da queda do imperio romano; e a architectura, com outras

artes e sciencias, foram de novo estudadas. Sendo a verdade esta, e tendo os Lombardos diante de si a experiencia, e entre elles alguns dos descendentes da moderna eschola grega ou de Constantinopla, a qual, como temos visto, havia, pela carinhosa protecção de Constantino e seus successores, chegado a um certo grau de perfeição, cêdo se tornaram, como natural consequencia, não só os mercadores do mundo como tambem os architectos d'elle; sendo com instancia procurados, quando, achando-se o seu proprio paiz cheio, pareciam dispostos a viajar em busca de emprego, por todos os potentados das nações adjacentes, que n'aquelle tempo estavam mais que muito universalmente occupados em levantar edificios religiosos.

Quando e a qualquer parte que um missionario fôsse enviado pelo Padre Santo para pregar a doutrina christãa (e todos os dias partiam d'estes), sem demora a esse logar iam ter um bando d'estes architectos errantes debaixo da direcção especial do operario mais habil d'entre elles, a quem davam o titulo de *Mestre*, para erigir um templo á Divindade. Seu numero achou-se comtudo insufficiente para os fins da religião, tao numerosas eram as requisições de seus serviços; e a Igreja de Roma, que mui bem devêra sentir quão importante parte de seu machinismo elles eram n'aquelle tempo, conheceu que eram mister algumas medidas afim de encher as fileiras d'elles, e protegêl-os no pacifico exercicio de seus deveres. Por conseguinte, publicaram-se bullas conferindo-lhes varios direitos e immunidades: concedeu-se-lhes isenção das leis de todas as autoridades locaes; e eram ameaçados alto e bom som, com excommunhão, todos aquelles que se oppozessem ao seu proposito ou com elle interviessem. Esta medida em breve produziu o desejado effeito: artistas gregos, flamengos, italianos e allemães se uniram ao corpo principal e foram iniciados nos seus mysterios; e suppõe-se que, em razão d'esta isenção de todas as leis locaes e do direito de viajar de um logar para outro, segundo se achassem dispostos ou o seu interesse os guiasse, se intitularam Franc-Maçons.

Que o papa lhes conferisse estes privilegios tem padecido duvida, e talvez com alguma apparencia de razão, pois que parece que, buscando-se no Vaticano para achar as bullas que diz-se haver sido publicadas, nem uma foi achada; sem embargo d'isso, as muitas e claramente concludentes razões

que teriam induzido o papa a obrar d'essa sorte, a constante reiteração da circumstancia pelos chronistas do mysterio, e o facto que elles tão quieta e independentemente proseguiram os seus trabalhos em varios paizes, e isto em tempos bem pouco socegados, me induzem fortemente a dar credito inteiro á primeira proposição. Alêm d'isso, tambem vemos no livro de Dodsworth, *Account of Salisbury*, que, mesmo em tempos mais chegados (1244), o arcebispo de Cantuaria concedeu uma indulgencia de 40 dias áquelles que ajudassem a nova e admiravel construcção da igreja de Sarum, a qual, diz mais a proclamação, não poderia ser completada sem ajuda dos fieis: facto este que, segundo me parece, offerece uma forte evidencia collateral a favor da historia geralmente recebida.

Outrosim poderá esta cotação de alguma maneira explicarnos os meios que se pozeram em practica, sendo já achados architectos, para obter quantias sufficientes para a construcção d'aquelles magnificos edificios, que, por falta de recursos, e, posso dizêl-o, por falta só d'estes, estão agora alêm da nossa imitação.

A Igreja de Roma sempre entendeu que o culto interno se augmenta, apura e vivifica pelo culto externo, e que a secca e atterradora arma da razão, empregada para demonstrar a verdade, não sendo ajudada por alguma cousa que tocando os sentidos dispozesse os homens a por ella se deixar vencer, os affugentaria, e tornaria difficultosos os progressos na conversão dos infieis ao gremio da Santa Igreja. O continuo uso de tocantes e mysticas ceremonias, do extasiante incenso e dos excitantes terrificos cantos, ora murmurando como o zephyro, ora roncando como o trovão e enlevando comsigo os sentidos dos ouvintes, é d'isto prova sufficiente. Uma sublime e magestosa estructura, parca, mas ricamente clareada por vidraças de muitas côres, pelas quaes uma claridade artificial se lançava sobre as magnificas pinturas; esculpidos monumentos e dourados ornatos que seu interior cobriam, não foram julgados mau meio de ajudar extremamente o recebimento da palavra da vida e o augmento da fé; e, como antes hei dito, todo o poder da Igreja foi empregado em erigir taes edificios e em excitar os espiritos a fazer o mesmo por todo o mundo. Bullas de indulgencias para aquelles que contribuissem á edificação de igrejas foram publicadas; e monges eloquentes foram enviados por todo

o mundo, para inflammar com suas predicas e exemplo de sua sancta vida, o ardor dos fieis, e persuadir aquelles que ainda se achassem indecisos.

Grandes foram, na verdade, os resultados; a terra parecia uma officina, e qualquer homem julgava ter vivido em vão, si não houvesse contribuido para a erecção ou adorno de uma casa religiosa. Na realidade, eram tão profusamente generosos os donativos feitos tanto pelo principe como pelo fidalgo e o trabalhador, que ha sido demonstrado, fallando sómente da Inglaterra, que, no tempo em que falleceu Eduardo o Confessor mais de uma terça parte de todo o territorio estava em poder do clero, isenta de todas as taxas, e, pela mór parte, até do serviço militar.

Foram, como acabamos de ver, os franc-maçons os instrumentos empregados para levar a effeito estes fins da Igreja; e nobremente fizeram elles seu dever. Deixando as suas primeiras obras na Lombardia e na Allemanha, nas quaes se descobrem o germen do estylo pontudo e seu primeiro desenvolvimento, recommendaria attenção ás cathedraes de Strasburgo, Friburgo, Colonia, Antuerpia, S. Ouen, em Normandia, e áquella *orbis miraculum* como a chama Leland, a capella de Henrique VII, em Inglaterra. Mencionar todas as obras dos franc-maçons, seria fallar de quasi todos os edificios construidos durante muitos seculos d'aquelle periodo, e encheria um volume; porêm as supracitadas poderão servir de exemplos de seu pasmoso genio no desenho, e de sua mathematica pericia, como constructores; causando-nos pasmo, quer pela grandeza do todo e tamanho das massas, quer emfim pela leveza das partes e elegancia da execução.

Não obstante não saber eu que privilegios addicionaes lhes fôssem dados por lei especial, em Inglaterra poucos edificios foram erigidos durante o duodecimo e tres seguintes seculos, sem a assistencia de membros do mysterio: na realidade, o saber necessario parece ter sido até o ultimo limitado a elles; e alguma idéa do seu numero póde ser formada quando vemos que, no XIII seculo não menos de dez cathedráes estavam simultaneamente em construcção.

Tendo assim fallado brevemente da origem e objecto da associação de franc-maçons, tendo de alguma sorte traçado seus progressos, mencionando os resultados de seus trabalhos, agora tratarei de reunir alguns poucos pontos de informação respecti-

vamente a seu governo interno. Como consequencia natural-mente resultante do mysterio com que encobriam todos os seus passos, os escriptos sobre este particular assumpto são mui poucos; todavia, ajuntando e coordenando todos os que se podem achar, parece que um systema regular de sciencia, que em remotos tempos lhes foi dada e augmentada por quasi todos os possuidores, nas suas lojas era ensinado; e que d'este systema a geometria (por elles considerada como a primeira e mais nobre das sciencias) era a base. Nas suas reuniões era ensinada a melhor moral, e as regras antigas por que eram go-vernados despregam uma rectidão de conducta mui digna de louvor. « Nem um mestre, diz uma d'ellas, tome sobre si obra nenhuma de senhor, ou de qualquer outro homem, sinão conhecendo-se capaz de fazer essa obra, de modo que se não maldiga do mysterio. » Regra esta que por nenhum modo te-mos visto contrariada, quando em Dugdale e em Rymer acha-mos o franc-maçon estipulando em seus contractos « entregar o seu corpo á prisão, á vontade do Senhor, » no caso de faltar. Outra regra manda não tirar o logar a um irmão maçon, ou trabalhar por menos do preço estabelecido; e uma terceira regra estabelece a necessidade da humildade de conducta e bondade geral para com todos os homens.

Quando partia algum bando para alguma empresa, um de-creto provia a que o operario mais habil fôsse nomeado *Mestre dos Trabalhos*; e ás ordens d'este, quando chegava ao seu des-tino, cada decimo homem do bando era nomeado inspector dos seus nove companheiros: um acampamento se fazia ao pé do logar, e edificavam uma loja para n'ella ter suas reuniões e re-gular seus preços; pois que, como já vimos, nem uma lei local tinha poder sobre elles: tambem para aqui vinham em certos tempos os aprendizes a ouvir discursos sobre as sciencias e orações sobre a moral; visto que n'esse tempo, já eu o deveria ter dito, suppõe-se que ninguem podia ser franc-maçon acceito, sem estudar e servir sob as ordens de um mestre, sete annos; sendo n'este tempo iniciado gradualmente nos mysterios, e por fim acceito como irmão.

Pelo que diz respeito aos auxilios mechanicos empregados pela confraria, o facto de serem todos os seus edificios cons-truidos de pedras pequenas tem feito suppôr que, não obstante elles possuirem e entenderem o uso de maquinas de força, nunca faziam uso d'ellas, sendo cada uma pedra levada pela escada ácima

por um homem. Todavia, ha algum tempo encontrei um desenho antigo, parece-me que do século XIV, na universidade de Bruxellas, no qual representa-se um corpo de franc-maçons, empregados em erigir uma igreja, e os quaes são atacados por Lucifer e seus irmãos, com o designio de impedir a consummação do seu projecto, e aqui vêem-se os homens occupados em suspender as pedras até o cimo do edificio por meio de cordas e roldanas, emquanto outros estão movendo as maiores com alavancas. Os instrumentos usados pelos trabalhadores que estão misturando o barro, e fazendo d'elle um monte, são precisamente semelhantes áquelles ao presente usados, bem como sã , semelhantes os instrumentos que vêem-se nas mãos dos que estão cortando as partes ornamentaes. De tudo o que se póde colligir, os franc-maçons parecem haver trabalhado com a industria a mais perseverante, applicando toda a sua energia e todo o seu saber á architectura; e *Wren*, que, ao depois, tambem foi elle mesmo mestre do mysterio, diz: « Aquelles que têm visto as contas das despesas de algumas de nossas antigas cathedraes, de quasi 400 annos, não poderão deixar de lhes ter grande estima por sua economia, e admirar a brevidade com que elles erigiram tão magestosas estructuras. » Varias circumstancias têm feito suppôr a muitos que o uso de desenhos detalhados para governo dos operarios é comparativamente de origem recente, ou que pelo menos não era commum entre os franc-maçons da idade media: o desenho geral era descripto por aquelle de quem dimanava a idéa; e o acabamento, a natureza dos ornatos, etc., eram deixados, segundo elles suppoem, á pericia, ao capricho dos varios artifices, na obra empregados, sendo esta, segundo elles dizem, a razão da infinita variedade que se acha em seus edificios. Não é isto comtudo verdade, como muitos documentos ainda existem que o contrario attestam. Mesmo em época tão remota, como a da edificação do Templo, achamos David dando a Salomão, seu filho, um modelo para o portico, e outros para as thesourarias, quartos superiores e salas interiores (Chron. c. 28). Carter no seu livro, *Architecture of England*, diz que na cathedral de Worcester ha um baixo relevo antiquissimo, no qual está representado um architecto apresentando o seu plano, marcado em uma taboa, ao superior de um mosteiro; e no testamento de Henrique VII lemos que o prior de S. Bartholomeu é expressamente denominado

« Mestre das Obras » em referencia á sua capella; e faz-se n'elle tambem menção dos modelos para imagens, no desenho entregue. Porém de tudo isto tenho eu visto ultimamente entre os archivos de Darmstadt, e vem a ser o desenho original d'aquella esplendida promessa, a cathedral de Colonia, no qual todos os ornamentos, ainda os mais minuciosos, estão escrupulosamente delineados ao compasso. Este desenho, que tem 12 ou 14 pés de comprido, foi descoberto de uma maneira algum tanto singular por Hof-Bau Director Mór, o qual, tendo primeiramente feito d'elle uma copia, depositou-o na livraria do seu protector, o duque de Darmstadt.

A razão de não serem achados muitos documentos iguaes não é porque nunca existiram, mas sim porque, por varias causas, hão sido destruidos. O espesso véo com que sempre os franc-maçons hão querido acobertar seus passos, os ha levado naturalmente, toda a vez que os ataques feitos sobre o poder do mysterio, pelas autoridades reinantes, os ha induzido a temer que lhes fôssem arrancados os seus segredos, a destruir todos os documentos de qualquer modo relativos á sua arte, entre os quaes, sem duvida, seriam incluidos os varios detalhes e calculos de construcção; principaes resultados de um saber tão superior ao da massa geral, e como tal necessariamente guardados por elles com zelo. Nem hão sido raras estas necessidades, pois que, sem embargo de, por algum tempo, emquanto era mais necessaria sua pericia, terem sido protegidos pelo papa, encontrarem animação em toda parte e poderem cantar

« High honor to masons the craft daily brings;
We're brothers of princes, and fellows of kings, »

a grande necessidade de seus serviços foi cada dia a menos; o papa retirou a sua protecção, e, como era uma corporação de homens unidos por certos e secretos votos, e por conseguinte obrando de concerto, em breve os despoticos governadores de então lançaram sobre elles olhos de suspeita, sendo elles muitas vezes perseguidos com rigor extremo, sob o pretexto de terem por fim os seus banquetes secretos o encobrir a traição. Mesmo no tempo dos Romanos, Trajano, em resposta á epistola supracitada de Plinio, em que lhe aconselha o estabelecimento de um collegio de artifices, consistindo

sómente em 150 homens, e lhe assegura que terá cuidado em que no mesmo não sejam admittidos sinão artifices, dá como motivo de o não fazer, que o segredo que encobre os seus passos, e a resultante facilidade de conspirar, sempre os tornaria perigosos.

Em Inglaterra, poucas vezes se têm as autoridades embaraçado com os franc-maçons, salvo por causa de falta de cumprimento d'aquellas ordenaçõeS que regulavam os ordenados dos operarios, julgando-se elles, como temos visto, perfeitamente independentes a este respeito, pela presuppostа autoridade da bulla do papa; porêm vemos que em consequencia d'isto, no reinado de Henrique VI, posto que este rei mesmo, quatro annos depois, se fizesse maçon, passou-se um decreto, estabelecendo que as pessôas que convocassem ou fizessem capitulos fôssem condemnadas á morte, e que todos os outros maçons que a elles assistissem *soient puniz par emprisonement de le corps, et facent fyn et raunceon à la volunté du roy.* Seria demasiado prolixo entrar agora n'esta parte da sua historia (que não é immediatamente relativa ao nosso proposito) e estenderia de mais este artigo que já, em comprimento, excede os limites que originalmente lhe tracei.

A maçoneria no XVI século, havia passado pelo seu auge, porêm continuou, sombra de si mesma, até o fim do XVII, época em que, tendo passado uma proposta para que os seus privilegios não fôssem mais limitados a maçons de profissão, mas sim se estendessem a homens de todas as profissões, immediatamente ella ficou mudada nos seus pontos essenciaes, e d'ella agora ninguem se lembra sinão como de uma associação convivente.

Aqui, pois, concluirei o presente artigo. Poucos pontos ha na historia da idade media, que, segundo me parece, sejam tão agradaveis ao observador como a existencia dos maçons associados; são elles a faisca brilhante na geral escuridão d'aquelle tempo, o verde valle onde todo o alto é esteril: vemos a necessidade de uma certa sciencia, creando immediatamente um abundante supprimento; e vigiamos a associação trabalhando com resolução e successo no aperfeiçoamento d'aquelle saber, tanto tempo quanto durou a necessidade d'elle: é este, na realidade, um facto tão recheado de materia de instructiva contemplação, tão cheio de lições importantes, que ninguem póde entrar na sua investigação, sem

d'ella colher vantagem. Estudando as obras dos franc-maçons, estas se tornam ainda mais interessantes, si temos conhecimento dos homens; e da mesma sorte se tornam os homens ainda mais interessantes, e são revestidos com maior importancia, quando reflectimos sobre suas maravilhosas producções.

Nem uma outra razão preciso dar para chamar a attenção do leitor sobre os franc-maçons.

(Architectural Magazine.)

ECONOMIA POLITICA.

Machinas.

FERRAMENTAS aperfeiçoadas, instrumentos de trabalho complicados que supprem a mão de obra e economisam as forças physicas do homem.

« Muitas vezes, disse M. Droz, os homens agitam questões decididas; ainda as discutem com calor quando já a força das cousas as tem para sempre resolvido. » È com effeito verdadeiramente fastidioso ter ainda que provar que as machinas são uteis, necessarias; que suas vantagens para a sociedade prevalecem immensamente sobre os inconvenientes incontestaveis com que podem accidentalmente ferir os individuos; que ellas não podem deixar de existir; que emfim é absurdo e loucnra querer despedaçal-as. Concebemos que as pessôas que têm previdencia e animo se occupem com paternal sollicitude de indagar os meios de attenuar o mal passageiro, que as machinas occasio-

nam aos pobres trabalhadores que ellas lançam no meio da rua, sem pão, sem emprego, forçados a se entregarem a novo tirocinio; mas remontar ás machinas mesmas e perguntar si é bom que ellas existam, ou si seria melhor que não existissem! Eis todavia o que se ouve todos os dias, o que até se póde ler em phrases muito philanthropicas, por pouco vagar que para isso se tenha. Estes desvios pueris das intelligencias que assim se afadigam inutilmente, em vez de associarem seus esforços para melhorarem o que ha e realisarem o que poderia haver, patenteam cruelmente a ignorancia que paira ainda sobre nós, e dão a medida de uma impotencia que se revela em cada crise social. O que é de instituição póde mudar e ser substituido por novas instituições mais em harmonia com o estado dos espiritos e misteres formaes; porêm *os factos* inherentes á humanidade, e que de algum modo são a condição de existencia social, devem ser acceitos com todas as suas consequencias.

É verdade que, quando se clama contra as machinas, quando se exageram os males que ellas causam, quando sua destruição é provocada, é verdade que não se pretende fallar sinão de *certas* machinas; o que releva estabelecer bem, para haver clareza na questão. Uma carretinha, um cesto, uma tenaz, são machinas; um moinho, um navio, são machinas, e bellas machinas: é por ventura d'essas machinas que se trata? Oh! não. Suas vantagens são palpaveis, e seus inconvenientes *actualmente* nullos. Já vêdes que se deve fazer distincção; agora, onde começa ella?

Sem duvida, os adversarios das machinas não querem atacar sinão aquellas que expellem das officinas grande quantidade de operarios, e se apoderam arrebatadamente da mão de obra. Mas, posto não seja o numero sinão um argumento secundario, pensam elles que a imprensa, por exemplo, não substituiu e arruinou milhares de copistas? O arado não tirou o trabalho aos operarios que cavavam a terra? Em verdade, a distincção não é admissivel. Resta a actualidade dos inconvenientes; e antes de decidirmos si ella é bastante para fazer que se repillam as machinas, devemos entregar-nos a alguns estudos preparatorios, tirados todos da historia e da observação.

Não se póde negar que as machinas têm uma acção poderosa sobre a abundancia e barateza dos productos; e si se admittem os beneficios da barateza e da abundancia dos objectos de consumo, força é admittir ao mesmo tempo que

tudo o que póde para isso concorrer directa ou indirectamente é vantajoso á sociedade. Por toda a parte onde se fez sentir o mister de um alimento mais abundante, se cultivou a terra para que produzisse cereaes; e si o territorio era demasiado ingrato, fabricaram-se mercadorias, ou colheram-se certas substancias, ou exploraram-se certos mineraes para serem trocados por trigo. Estes diversos trabalhos, não se operando sinão com lenteza e imperfeição, custavam muito, e seu resultado não obtinha, pela troca, sinão uma porção insufficiente de alimentos. É então que o genio do homem se manifesta por admiraveis primores! Elle inventa ferramentas, primeiramente grosseiras, pesadas, incommodas; pouco a pouco as proporções se vão tornando mais exactas; tira-se partido dos elementos; os ventos, as aguas são subjugadas; os homens não trabalham mais isoladamente, associam-se, dividem entre si as diversas operações; a sciencia se revela, seus calculos descobrem novas combinações, novas forças; um menino fraco alevanta, na extremidade de uma alavanca, enormes massas que vinte homens não teriam podido mover; a industria nasce emfim, as machinas se espalham, fazem do homem um ente intelligente governando a materia, de besta de carga que era. Não tendo mais que consagrar todo o seu ser á satisfacção de suas precisões physicas mais imperiosas, mais bem nutrido, mais bem alojado, mais bem vestido, elle volve os olhos para si mesmo, liberta-se pouco a pouco da servidão, cresce cada dia em força moral, aperfeiçôa suas leis, abre ás artes estradas novas, e se arroja n'uma civilisação sem limites. Cada um dos descobrimentos em industria deveu prejudicar a alguns, aproveitando á massa geral; cada um dos aperfeiçoamentos da sciencia deveu fazer victimas e esmagar mais de um desgraçado nas formidaveis rodas das machinas. Tudo o que se póde deplorar nas revoluções das officinas de nosso tempo póde ainda com mais razão applicar-se aos tempos que já foram; porquanto, então, deviam haver menos recursos para aquelle que era destituido de sua industria. Não ha um só descobrimento nas artes que não tenha sido fatal aos processos que substituia. Todas as glorias se pagam tão caro! O homem as sollicita entretanto, e, para alcançal-as, calca aos pés bastantes victimas! Para que tantos escravos em Roma? Não era sómente para saudarem César

no momento de cahirem mortos na arena dos circos; era tambem para moerem o trigo á força de braços, e polirem com paciencia os espelhos de metal. Só a invenção dos vidros e dos espelhos grandes mergulhou populações inteiras em horrorosa miseria, e o descobrimento dos relogios de parede e de algibeira derribou todas as officinas que fabricavam as ampolhetas e clepsydros. Comtudo, calcule-se, compare-se o numero de braços postos em actividade por todos estes trabalhos, e ver-se-ha que a cada invenção, a cada descoberta, a cada aperfeiçoamento, si por algum tempo dez obreiros se acharam sem trabalho, mil outros que vegetavam, e talvez viviam da charidade publica, foram occupados por este mesmo movimento da industria. A imprensa, de que já fallámos, não é outra cousa sinão uma machina sublime que dá trabalho e (para os que sabem ser economicos) abastança a um exercito innumeravel de operarios, em geral muito intelligentes. Faz tambem viver legiões de trabalhadores cuja enumeração encheria dez paginas. Todo aperfeiçoamento que dá mais poder á sublime machina fornece mais facilidades para a acquisição de seus productos; de sorte que, si vem momentaneamente a desarranjar cem operarios imprevidentes, dilata o circulo de mão de obra no qual se vão precipitar mil outros operarios, desde o caixeiro de livraria até o pobre menino que apanha e lava os trapos. Quem não teria vertido lagrimas de desesperação ao ver, no fim de 1830, prélos de vapor quebrados por impressores!!

Quando os antigos compravam a seda a peso de ouro, pondo uma peça de estofo n'uma das bacias da balança e ouro amoedado na outra, guardada toda proporção, havia por ventura tanta gente occupada na creação dos bichos, na colheita dos casulos, na cultura das amoreiras, na dobadura, na tintura, no ordume, na preparação, no transporte, na venda e no fabrico das sedas? Quem permittiu que um maior numero de cidadãos vestisse estes brilhantes estofos, e por conseguinte que tantos trabalhadores podessem viver, sinão a barateza operada pela simplificação dos processos de fabricação e pela baixa da mão de obra? Qual não seria a admiração de uma môça grega, diz em alguma parte M. Say, si, depois de um somno de dois mil annos, podesse acordar de repente e contemplar a vestidura

de uma de nossas operarias, trazendo camisa de panninho, avental de seda, touca de filó, vestido de chita e chale de cassa? A descoberta que fez Arkwright, em 1769, de uma machina de fiar algodão que permitte logo a um só operario fiar duzentos fios de uma só vez, deveu certamente lançar na miseria os oito mil operarios que então fiavam de roca e teciam grosseiramente esses fios em Inglaterra: entretanto, está provado que, em 1787, 350,000 operarios de toda idade e de todo sexo já eram empregados na fiação e ordume pelo novo systema; seu salario tinha dobrado, e nada se diz da quantidade immensa de trabalhadores de todos os generos que deveram concorrer para a factura das machinas, e do numero ainda maior d'aquelles que fabricavam mil objectos de consumo que esses trezentos mil operarios podiam requerer. A introducção em França dos teares aperfeiçoados para a fabricação dos pannos de algodão produziu exactamente os mesmos resultados: soffrimento momentaneo para os antigos industriaes, população de operarios decuplada em menos de cincoenta annos em algumas cidades; e o mesmo phenomeno tem sempre sido observado em cada uma das grandes mudanças effeituadas nos processos de trabalho. A força de expansão da agua reduzida a estado de vapor foi utilisada pelo genio de Watt; serve de motor a uma infinidade de machinas, todas mais engenhosas umas que outras, e que trabalham com muito poucos gastos. É fóra de duvida que a revolução industrial operada pelas machinas de vapor deveu mudar as condições do trabalho e arredar das fabricas um certo numero de operarios; o que porêm se deve repetir, porque a isso se reduz toda a questão, é que o numero d'esses operarios momentaneamente desapossados é infinitamente pequeno, emquanto que immenso é o exercito novo de trabalhadores, que não tardou a ser posto em actividade pela prodigiosa descoberta de Watt: é porque a barateza dos productos permittiu ao exercito ainda mais immenso dos consumidores consumir mais; é porque foram precisas enormes provisões de materias primas, de sorte que a prosperidade geral, ou, si quizerem, o augmento de bem-estar de uma maioria incalculavel, é um facto que nenhum homem razoavel refuzará admittir.

Resta pois, assim como dissemos, a *actualidade* dos in-

convenientes ligados ao emprego de toda machina nova, de todo aperfeiçoamento novo; e tambem, não se confunda, como acontece por um paralogismo de que as discussões ácerca d'esta espinhosa materia offerecem o exemplo continuo e cansativo, não se confunda, por favor, a penuria dos operarios, causada pelos transtornos politicos e pelos desastres alheios do facto industrial, com esse padecimento momentaneo a que havemos logicamente reduzido toda a questão! Oh! já nao é isso pequena desgraça, e nunca nosso coração ficou sem commoção ao aspecto dos padecimentos de nossos irmãos! Quem sabe mesmo si a só esperança de concorrermos mais utilmente para o allivio de sua miseria, de outro modo que com esteril compaixão, com uma esmola inutil, até mesmo perigosa (é nossa convicção), nos não levou ao estudo das verdades economicas e á sua propagação? Tal doutrina, n'este sentido, parece, ás pessôas hospedes na sciencia, dura, egoista, cruel; porêm, depois de maduro exame, é cem vezes mais humana que os dons imprudentes de uma charidade respeitavel e tocante, mas pouco esclarecida. Assim, parece-nos evidente que, si o individuo é sacrificado á sociedade geral, este sacrificio é necessario e de direito; que deve cada qual prover á satisfacção de seus proprios misteres, e resignar-se de antemão a todos os golpes que podem feril-o no movimento geral da civilisação, como o soldado que cahe, victima generosa e nobre, para assegurar o socego de seu paiz. Cada cidadão, em sua previdencia, deve portanto reservar nos seus ganhos quotidianos, para não cahir, em tempos aziagos, no aviltamento e a cargo da sociedade. Embalde se dirá que a cousa é impossivel; nós demonstraremos que ella é possivel. Economicamente fallando, o trabalhador momentaneamente perturbado em sua existencia pela acção invasora, mas tambem benefica, das machinas, não tem nenhuma reclamação que exercer contra seu chefe, nem tão pouco contra a sociedade. Porêm a questão philosophica e a questão politica permanecem intactas: tratal-as-hemos no artigo *Operarios*, complemento necessario d'este.

Nossa convicção profunda, e ao menos arrazoada, é que as machinas são uteis a todo o mundo, até mesmo aos operarios a quem parecem perseguir e vexar sem descanço; cumpre porêm confessar que ella não é partilhada por to-

dos os economistas: M. de Sismondi e sua eschola querem que as machinas sejam um beneficio, emquanto as exigencias para o consumo excedem os meios actuaes de producção; e que este beneficio cesse para se transformar em calamidade, quando a producção *basta* plenamente para o consumo. È sabido que as doutrinas do celebre escriptor genovez são apresentadas com talento de estylo, finura de bosquejos, ironia mordaz sempre á disposição de seu ardente amor da humanidade; mas, si estas vantagens fazem que elle seja lido com mais attractivo e exercem mais influencia sobre os espiritos pouco capazes de analyse e exame, têm fraca valia em materia de argumentação, e só servem para retardar a universal apreciação da verdade economica. Antes de entrarmos no estudo da opinião de M. de Sismondi, apontaremos n'elle e em muitos escriptores um erro analogo ao que foi examinado no artigo *Importações*, a proposito da classificação absoluta dos homens em productores e consumidores. Existe com effeito perpetua confusão de idéas em tudo o que se diz ou se imprime a respeito do trabalho e da industria; e nada é mais irracional do que dividir dogmaticamente o mundo em dous arraiaes, n'um dos quaes gemem e soffrem os *operarios*. Por toda parte elles são operarios! N'uma officina, cardando ou fiando a lãa; na estrada, levando uma carretinha; a bordo de um navio, na manobra; nas ruas, carregando fardos, ou varrendo e guardando nossas moradas; n'um escriptorio, copiando uma missiva; n'uma aula, instruindo a mocidade; n'um gabinete, escrevendo para a propagação das verdades uteis; todos, povo de trabalhadores, nós somos operarios, tirando um salario de nossas fadigas e destinando este salario á satisfacção de nossas necessidades actuaes ou futuras, concorrendo emfim para a producção geral: e que importa, na substancia das cousas, o grau de importancia que estabelece a vaidade ou a natureza mesma das ocupações, mais delicadas, mais intelligentes aqui, mais acanhadas, mais grosseiras em outra parte? E não é a condição de todos sermos arrastrados incessantemente pelo movimento social, ora levantados á superficie por nossos esforços e por nossa perfeição, precipitados depois por superioridades nascentes que surgem por seu turno armadas de descobertas inesperadas, de meios mais engenhosos, de intelligencias e talentos superiores ou mais possantes de mo-

cidade e de energia? Muitos problemas estão ainda por resolver em materia de educação; porêm ha um cuja importancia mereceria a mais seria attenção: descobrir os meios de formar o homem na sua mocidade a não confundir tudo, a não baralhar tudo, e de fazêl-o contrahir o habito dos raciocinios frios e methodicos. Encarando o que se passa, devemos crer que a educação publica, toda de sciencia especulativa e de acquisições brilhantes, pecca por sua base, não desenvolvendo, não regulando a acção da mais util de nossas faculdades.

Tornando a M. de Sismondi, onde collocar o ponto de parada entre uma producção *sufficiente* e uma producção que exceda nossos misteres? Quando muito, seria possivel lançar mão de alguns factos destacados e fugitivos; e por instincto, por interesse, por necessidade, as machinas materiaes ou viventes sabem parar quando seus productos cessam de ter extracção, para proseguirem em sua acção logo que fôr reclamada por novos pedidos. Por ventura são estas oscillações o effeito das machinas? Nossos alfaiates e nossas costureiras, que ainda não empregam machinas, têm o que chamam sua *estação morta*, que é occasionada pela cessação momentanea de nossas precisões, e que reage sobre as fabricas de pannos, de estofos de algodão, de sedas, de utensis de toda especie. Sem duvida os empresarios de industria se illudem muitas vezes, fabricam com excesso, e se acham entulhados, porque confiaram n'uma venda que se não realisa, ou em extracções que a ignorancia lhes mostrou mais lucrativas, mais extensas do que eram. Um successo politico, uma guerra, suspendem de subito as expedições e fazem refluir as mercadorias. Mas em que podem as machinas ser responsaveis d'estes phenomenos inevitaveis, e porque attribuir-lhes desordens que não deixariam de ser ordinarias, ainda mesmo que, por impossivel, ellas não existissem? Estes erros, que acabaremos de combater em nossos artigos *Producção* e *Trabalho*, provam quão necessario é subir ao conhecimento real das causas para com rectidão se ajuizar dos effeitos.

Em resumo, as machinas devem ser consideradas como um beneficio e acceitas como uma consequencia necesseria, inevitavel, das magnificas premissas da civilisação.

AUTO-BIOGRAPHIA.

MINHAS CAMPANHAS PARLAMENTARES. *

Eu sou um cavalheiro escossez cuja familia antiga, porêm pobre, estava sobrecarregada de primos, primas, sobrinhos em primeiro e segundo grau, e collateraes de todas as especies. Nossos quinhões eram necessariamente muito minguados ; e si na Escossia fôsse moda, como na Hespanha, pedir esmola de escopeta em punho e catana á cinta, alguns de entre nós teriam encontrado na miseria da familia uma desculpa valiosa para fazerem outro tanto. Meus parentes se desembaraçaram de mim logo que o poderam, e me mandaram para as Grandes Indias, receptaculo universal mui commodo, cumpre confessar, para as familias que querem estabelecer seus filhos e assegurar-lhes uma existencia honrosa á custa do governo. Voltei rico, com o rosto tostado e abronzeado pelo sol d'esse temivel paiz, porêm com a bolsa cheia de rupias, e bastante instruido das cousas da vida para não ser nunca logrado por ninguem, nem mesmo por meus proprios desejos. Eis-me pois em Edimburgo, um pouco enfastiado n'um paiz que eu tinha cessado de conhecer, e fazendo o possivel por vencer o tedio. Comprei uma pequena herdade nos confins da Inglaterra e da Escossia, e julguei que a cultura e melhoramento da minha terra me bastariam para passar agradavelmente o tempo que me pesava.

Ai de mim ! eu tinha contado sem meus primos. Apenas lhes constou que M. Archibald Jobbry, seu parente,

---

(*) Este artigo é um quadro mui picante da corrupção sem pejo que se tinha insinuado nos negocios publicos da Gran-Bretanha antes da reforma do Parlamento.

tinha voltado nababo (1), eil-os todos a correr e a zumbir em torno de mim como um enxame de zangões em torno das flôres que lhes vão servir de alimento. Não tardei a agastar-me d'este zumbido eterno e enfadonho, d'estas reclamações que não acabavam, d'estes queixumes e supplicas ácerca do nascimento de um filho, da molestia de uma filha, de uma má colheita, das devastações causadas pela saraiva, da dureza dos tempos: minha parentela era tão cruelmente desafortunada, que apenas me sobrava sensibilidade para acudir a todas as lagrimas que ella reclamava de mim.

Comecei por apertar o melhor que pude os cordões de minha bolsa, da qual ella extrahia sem ceremonia impostos tão consideraveis; depois consultei commigo mesmo si não haveria meio, economisando habilmente meus interesses, de lançar algumas mostras de consolação a toda esta primalhada faminta e pedinchona, mas sem me gravar a mim mesmo, e sem renunciar a esta abastança que me haviam grangeado minhas campanhas em Bengala.

Pensei n'isso algum tempo, e por fim de contas, quando meus honrados parentes se tornaram insupportaveis e choramigadores em demasia, vi-me obrigado a me occupar um pouco de negocios municipaes e de politica interna, afim de alcançar dous ou tres empregos na camara para os membros mais môços d'este exercito de parentes. Mas isso não bastava; lá vinha todo o corpo de reserva que me puxava pelas abas da casaca e me gritava com toda a força: *Um emprego! um emprego!* Apouquentado por seus clamores, comecei a reflectir que eu podia ser um membro do Parlamento tão distincto como muitos outros; que tinha lido bastantes jornaes, quando tomava meu chá com meus bolinhos, para formar uma idéa exacta da politica européa; que, alêm d'isso, como bom cidadão, devia meu tempo e meus cuidados á sociedade; e que muitos oradores célebres, que tinham estabelecido optimamente seus parentes, não possuiam na realidade nem mais bom senso, nem mais conhecimento dos interesses dos povos, que Archibald Jobbry. Não disse nada a ninguem do meu

---

(1) Os nababos eram os grandes vassallos do Gran-Mogol; no principio, era uma dignidade vitalicia, que os possessores conseguiram fazer hereditaria. Este appellido era dado aos Inglezes que tinham enriquecido na India.

projecto ; todos os meus visinhos se teriam levantado em massa contra minhas pretensões, e não teriam desprézado meio algum para se opporem á minha elevação futura. Eu já sabia que minha fortuna era vista na visinhança com olhos de inveja, o que me confirmou em minha resolução e me fez pensar seriamente no meio de partir para Londres, sem que ninguem suspeitasse a empresa que me levava. Talvez me achem um pouco manhoso, um pouco refolhado ; porêm eu fiz o que fazem todos aquelles que são bem succedidos, sobretudo em materias pol ticas.

Minha herdade necessitava de alguns reparos: puz-me a examinal-a de alto a baixo, a ordenar orçamentos, a conversar com architectos ; o telhado principalmente estava damnificado, era preciso retelhal-a. Assim que os obreiros estabelecidos em minha casa tornaram minha residencia absolutamente inhabitavel, aproveitei-me do momento ; e, na grande crise dos reparos, tomei o caminho de Londres sem que ninguem se estranhasse. Ahi comecei por correr a coxia, levei meu bilhetinho á casa dos directores da Companhia das Indias, visitei antigos amigos influentes, fui preparando sorrateiramente meus meios de acção, e me puz bem ao facto da situação das cousas.

Foi com um M. Cury, meu compatriota, que, como eu, tinha enriquecido no serviço da Companhia, que me abri primeiramente ; ou antes, quando elle me viu em Londres assiduo aos debates do Parlamento e visitando todos os membros meus conhecidos, sua velha finura escosseza logo penetrou a verdade, e um dia elle me disse :

—Ora, M. Jobbry, vós sois ainda môço, tendes muito tempo de sobra ; si me quizesseis crer, entrarieis para o Parlamento : o logar não vos custaria extremamente charo, e a occupação não é desagradavel.

—Em verdade, lhe respondi, um assento no Parlamento seria assaz do meu gosto, mas entrar por via da Escossia é cousa quasi impossivel ; vós sabeis que, entre nós, os antepassados decidem de tudo, e milord é ordinariamente senhor de tres ou quatro burgos ao mesmo tempo : si podesseis, meu charo senhor Cury, indicar-me um meio de eu ageitar um logarzinho lá no Parlamento, ficar-vos-hia muito obrigado. Eu não tenho os conhecimentos necessarios para me dirigir só n'esta estrada, e vós serieis bem bom si me servisseis de guia.

—De todo o meu coração. Vós tendes sem duvida, como eu quando cheguei de Bengala, uma chusma de parentes que vos atropellam, e vossa situação é precisamente igual á minha.

—E como fazer?

—Oh! eu vol-o direi: começae por deixar entrever aos que vos frequentam que não desgostarieis si viesseis a ser membro do Parlamento, no caso de querer algum burgo escolher-vos. Dae-lhes a entender que dareis a somma conveniente, que uma eleição popular e todas as suas lidas vos convêm pouco, e que, si podesseis concluir vosso arranjo com algum homem tratavel, não hesitarieis em fazer negocio com elle. Ficae certo que, apenas forem conhecidas vossas intenções, não tardareis a achar algum lord que, tendo precisão de pecunia, vos offereça seus serviços.

—Vosso parecer é bom, e eu o seguirei.

—E de que partido sereis?

—Hei-de sustentar o governo.

—Não é mal pensado: os torys (nós obedeciamos ao ministerio do duque de Wellington, e a reforma não estava operada), os torys estão senhores do campo de batalha; d'aqui a alguns annos ganham a partida.

—A meu ver, entre os torys e os whigs não sei que differença se póde fazer. Que é um tory? um whig membro do governo; e um whig? um tory sem emprego. Já vêdes, meu charo senhor Cury, que com taes idéas póde muito bem qualquer servir a administração sem offender sua consciencia.

—Admiravel! respondeu elle, e de véras, si com idéas tão justas renunciasseis a servir o estado, seria grande desgraça; porêm, proseguiu chegando-se para mim e fallando mais baixo, nossa conversação é inteiramente confidencial, não é verdade? Eu conheço um procurador encarregado por um de seus clientes de dispôr da venda de um burgo. A côr politica do membro que se procura é bastante delicada, sem duvida, e parece-me que este logar vos faria arranjo. Si o visseis? ou antes, si incumbisseis um de vossos amigos de ir entender-se com elle?

—Fazei-me esse obsequio.

—Não posso; sou membro do Parlamento, e não devo apparecer n'este negocio.

—Optimamente! mas eu, que de ordinario arranjo todos os

negocios que me tocam, incumbir-me-hei d'este, tendo o cuidado de me dar por amigo d'aquelle que quer tratar.

—Excellente estratagema! disse M. Cury, sorrindo-se malignamente; amanhãa vos mandarei M. Probo o procurador, e lá vos entendereis ambos.

Assim concordes, separámo-nos mui contentes um do outro. No dia seguinte, com effeito, M. Probo veio á minha casa. Era um homemzinho de dentes pretos, pés tortos, espesso de corpo, carão rubicundo, olhos vivos, sobrancelhas grossas, face ao mesmo tempo roxa e enrugada. Convidei-o para almoçar: na sobremesa, achámo-nos ambos em face de uma garrafa de bom vinho, prestes a encetar nossa negociação.

—Senhor Jobbry, me disse elle, abrindo a brecha, o meu cliente e nosso amigo commum me disse que nós poderiamos tratar juntos de um negocio que nos diz respeito a ambos.

Estas palavras: *meu cliente*, me fizeram impressão. Ah! ah! disse commigo, o senhor procurador Probo é encarregado dos negocios do meu amigo M. Cury: dar-se-ha caso que seja elle mesmo que quer dispôr de seu logar? Silencio, e vejamos o que elle diz.

—Sim, senhor Probo, respondi, um de meus amigos tem a fantasia bastante singular de querer ter assento no Parlamento, e dirigiu-se a mim. Eu fallei do seu desejo ao nosso amigo M. Cury, e este me disse que vós podieis ajudar-me n'esta circumstancia.

—Ah! eu não tenho precisamente no Parlamento um logar de que possa dispôr; sómente um de meus conhecidos longes me fallou de cousa semelhante, e agora me lembra ter dito a M. Cury uma palavra a respeito.

—Muito bem! muito bem! senhor Probo, e a prudencia é cousa que eu prezo com particularidade, sobretudo hoje que não ha a menor circumspecção em todas estas transacções, e que a venda dos burgos parlamentares se faz ás escancaras como a dos carneiros no mercado. A proposito, qual será, em vosso entender, o preço razoavel?...

—Não fallemos n'isso, são pormenores em que não podemos entrar. O meu amigo possue uma bellissima herdade, com caça, pesca e pastagem; e si achasse a quem alugal-a convenientemente, penso que se lhe faria grande obsequio.

O meu indez, por um movimento irreflectido, foi pôr-se na ponta do meu nariz, assim como costumamos fazer, nós ou-

tros Escossezes, quando cremos ter penetrado um mysterio e adivinhado um segredo.

—Oh! oh! senhor Probo, tenho toda razão de applaudir-me de vos haver conhecido: sois entendido em negocios, e eu vos comprehendo perfeitamente; porêm dizei-me um pouco: é um assento á direita ou á esquerda que se offerece ao meu amigo? Será elle ovelha preta ou carneiro branco? Juro-vos que elle não tem o menor desejo de travar combate com os homens poderosos.

—Estou satisfeitissimo de vossa franqueza em negocios. Torno á minha pergunta: quanto poderieis dar, ou antes, qual a somma que vosso amigo julgaria conveniente offerecer?

—Umas quatrocentas ou quinhentas libras sterlinas, creio.

—Impossivel! exclamou o procurador, reclinando-se na cadeira; impossivel!

—Oh! isto me maravilhou como a vós. De certo, um logar n'esse Parlamento prestes a morrer não vale quatrocentas ou quinhentas libras sterlinas. Elle quiz sem duvida fallar de um Parlamento em toda a sua duração.

—Perdoae-me, senhor Jobbry, quatrocentas ou quinhentas libras sterlinas por um Parlamento inteiro! seria de véras muito barato.

—Ora dizei-me, tornei eu: o membro por quem trataes tem assento no Parlamento?

—Tem.

—E porque quer vender?

—Porque está enfastiado: negocios domesticos o chamam a seus lares.

—São bem vagas essas razões.

—Parece-me que elle não tem que dar satisfacção alguma.

—Entretanto, vosso cliente é homem razoavel.

—Não digaes meu cliente, seria inexacto.

—Oh! tendes razão!... Para acabarmos com isto, senhor Probo, cliente ou não, em quanto avalia elle a herdade e beneficios de que fallastes?

—Duas mil libras sterlinas, pouco mais ou menos.

—Que! por dous annos?

—Não: duas mil libras pela primeira sessão, e duas mil pela segunda; por tudo, quatro mil libras sterlinas.

—Poderieis dizer-me o nome da herdade?...

M. Probo ficou algum tempo calado com ar matreiro; depois soltou uma risada.

— Zombador malicioso ! exclamou.

— Sem zombaria, meu charo Probo; nunca ha-de o meu amigo querer dar o preço que pedis. È um homem economico, e que tem bastante cuidado de não comprar as cousas sinão pelo que valem. Elle tem sua fantasia, como muita gente honrada tem a sua: quer ser membro do Parlamento como outros querem ter amantes, cães, cavallos; mas, segundo o adagio de nossa velha Escossia, olha duas vezes para um shelling antes de o largar, e eu posso assegurar-vos de antemão que vossas condiçoes não lhe hão de convir.

— Fará mál: um assento no Parlamento vale alguma cousa.

— Um milheiro de libras sterlinas é tudo quanto estou autorisado para offerecer-vos em seu nome; nada mais posso, na verdade.

Com isto, separámo-nos; e confesso que, para um novato, não fiquei descontente de mim mesmo. Estava claro a meus olhos que M. Cury tinha obrado com manha, e que era elle mesmo que me vendia seu logar. Si é assim que se tratam os negocios do Parlamento, disse commigo, não são difficeis, e todo aquelle que em sua vida tiver negociado no mercado de cavallos de Edimburgo póde safar-se ás mil maravilhas.

No outro dia tive a visita de M. Cury em pessôa. Elle era Escossez e não menos sagaz que eu.

— Acabo de encontrar-me com M. Probo, me disse elle, e soube qual a proposição que lhe fizestes.

— Oh ! não creio que seja possivel que nos arranjemos.

— E porque ?

— Eu não quero dar o preço que se me pede.

— Porêm mil libras sterlinas por sessão, meu charo senhor Jobbry, não é bastante, em consciencia !

— Escutae, minha fantasia começa a passar-me: era uma d'essas idéas loucas que ás vezes vos atravessam o espirito; porêm, quanto mais penso n'isso, tanto mais desarrazoado me parece este capricho. Taes são os fructos do ocio, meu charo senhor Cury: quando um homem anda occupado, não tem todos esses caprichos. Que diabo lucrarei eu com isso? Sentar-me junto de uma mesa coberta com um panno verde, e prestar attenção a palradores eternos, todos mais fastidiosos uns que outros? È verdade que terei a honra insigne de juntar á minha assignatura as duas iniciaes M. P. (membro do Parlamento), de passar, na tempestade das discussões politicas, essas noites

que vejo escoarem-se tão placidamente no meio de meus amigos, e emfim de receber minhas cartas sem pagar porte. Mas pagar tudo isso mil libras sterlinas! Si alguem se deve queixar do contracto, sou eu por certo, e decididamente renuncio a elle.

— Pois não haveis offerecido mil libras sterlinas a M. Probo?

— Offerecido? não; fallei sómente d'esta somma como de um preço que se poderia offerecer.

— Sois homem de honra, senhor Jobbry, e, em negocios parlamentares, sentis como eu a necessidade de completa fidelidade á palavra dada.

— De certo; mas, meu charo Cury, ninguem póde obrigar-se em nome de outrem, e era para outrem que eu era reputado tratar.

— Na realidade, é para vós mesmo que obraes.

— Entre nós, não desconvenho; porêm, aos olhos de M. Probo, não sou mais que um medianeiro. Reflectindo bem no caso, como um logar no Parlamento póde ser comprado por cinco mil libras sterlinas pouco mais ou menos por sua duração total, e como esta duração se compõe de sete sessões, estaes vendo que o preço de que primeiramente fallei era muito consideravel de mais. Quinhentas a setecentas libras bastam, na verdade.

— E vosso offerecimento de mil libras sterlinas?

— Offerecimento preliminar e sem a menor consequencia.

— M. Probo póde insistir e intimar-vos que cumpraes vossa promessa.

— Ora, meu charo senhor Cury, não tomemos a cousa em grosso, porque, si acaso me desse na cabeça fazer uma petição á honrada camara, accusar M. Probo de haver traficado com os logares no Parlamento e chamar-vos como testemunha dos factos, creio que está nas minhas mãos obrar assim.

Vi este pobre M. Cury fazer-se pallido, seu labio inferior tremer. Tive dó de sua situação, e continuei:

— Para que regatear tanto tempo? Vou até quinhentos guinéos, e nada mais: vós confessareis que é este um offerecimento ainda bastante bello para um homem de honra, que, no caso de algum motivo de descontentamento, póde muito bem vingar-se, como vos disse.

— M. Probo não ha-de por certo acceitar vosso offerecimento.

— Como quizer; eu tambem sei o que hei-de fazer.

— Que quereis dizer?

— Não vos fallei já de queixar-me á camara ?

— Senhor Jobbry, seria esse um proceder inteiramente anti-parlamentar.

— Não, meu charo amigo. Está claro que a venda dos logares no Parlamento é contraria á lei e por ella reprovada ; si é uso, ou antes abuso, necessario é destruil-o. Comtudo, por contemplação comvosco, calar-me-hei, dando meus quinhentos guinéos, como vos disse.

— Nunca sereis membro do Parlamento por tal preço.

— Póde ser : mas a honrada camara, como os juizes de Sparta, não perdôa sinão aos criminosos bastante destros para se esconderem ; é terrivel para as culpas reconhecidas. Acreditae-me, meu charo senhor Cury, si tomaes parte n'este negocio, aconselhae a M. Probo que acceite minha proposta.

M. Cury, muito habil para convir que esta transacção lhe tocava pessoalmente, me escutava com angustia, e me deixou, mui dolorosamente affectado. Parecia-me que, para um principiante, eu me tinha sahido menos mal, e ria-me commigo mesmo ao pensar nos ruins sonhos que essa noite poderiam perturbar o somno do meu vendedor. Teria apostado que logo no outro dia receberia a visita de M. Probo : assim succedeu. Depois de conversar de cousas diversas, com tom inteiramente indifferente, M. Probo mesmo foi quem encetou a grande questão.

— Ora pois, me disse elle, vi o meu cliente, fallei-lhe

— Oh! meu charo senhor Probo, o meu amigo reflectiu ácerca de sua proposição, ou antes loucura, pois é loucura dar semelhante somma por tão pouca cousa.

— E na verdade! passar um homem seu tempo a escutar rapazes que apenas sahem do collegio e que peroram á tôa, confesso que não é empregar muito utilmente suas horas; mas não é d'isso que se trata entre nós. Eu sou mero mensageiro : meu cliente, a quem communiquei vosso offerecimento....

— Offerecimento? permitti que vos faça a observação que não era um offerecimento, e que eu não me podia obrigar em nome de outrem; era uma proposição preliminar, e nada mais. Eu disse que era bem possivel que o logar valesse mil libras sterlinas; mas nunca disse que houvesse intenção de dal-as. Bem vêdes que são duas cousas muito differentes.

— Eu julgava ter tratado um negocio serio comvosco, se-

nhor Jobbry: vós me fizestes um offerecimento, eu o communiquei, e venho trazer-vos a resposta.

— Muito bem! muito bem! Eu sei que sois um homem de negocios muito entendido, senhor Probo, e folgo de tratar com gente que, como vós, tem lisura; porêm, si vos persuadistes que meu offerecimento era definitivo e serio, enganastes-vos grandemente. Olhae, eu não sou mais que um novato muito pouco versado na diplomacia das compras e vendas parlamentares; e como diabo quereis que me obrigasse em nome de um terceiro, e isso sem si-quer conhecer o burgo que devo representar, nem as intenções de meus constituintes?

— Causaes-me admiração!... Seja como fôr, devo dizer-vos que vosso offerecimento pareceu não desagradar ao meu cliente.

— Não desagradar? attentae bem n'esta palavra, senhor Probo. Estou certo que, si tivesseis considerado como definitivo o meu offerecimento, me darieis hoje uma resposta definitiva.

— Acaso não ligaes ás palavras alguma importancia?

— O meu amigo é homem prudente.

— Bem o vejo; mas emfim, que somma julgaes poder sacrificar?

— Já o disse a M. Cury, quinhentos guinéos; é o ultimo.

— Farei presente, porêm é muito pouco.

— Pois então, fique tudo acabado; melhor para mim: estou convencido que, em certas circumstancias, se póde vir a ser membro do Parlamento por menos custo.

— Vamos, setecentos guinéos, e assignemos um tratadozinho.

— Nada, quinhentos.

— Sois muito teimoso! Digamos seiscentos, e acabemos com isto.

— Oh! não consinto. Si me atanazaes, reduzirei os guinéos em libras sterlinas, e não lucrareis absolutamente nada.

Em summa, chegámos a assignar uma linda convençãozinha bem clara e bem expressa. Eu tinha ganhado a victoria e encetado como homem de talento a carreira politica. Quando M. Probo foi obrigado a convir que M. Cury o havia encarregado d'esta negociação e que era elle quem me cedia seu logar, não podêmos deixar de rir-nos ambos.

Um dia estando a sessão em meio, fiz minha entrada, prestei juramento e sentei-me, como dizem as antigas cartas, « entre os senhores e burguezes reunidos em côrte de Parlamento. » Foi bem escolhido o momento de tomar posse de meu logar, porque, si me tivesse apresentado em outra occosião, a matilha dos jornaes se teria soltado contra mim; mas não se fez reparo em minha pessôa, e eu me insinuei inapercebido na legislatura. Tive cuidado de me não envolver nos primeiros debates, e sobretudo de testemunhar minha independencia e fazêl-a sobresahir, mudando de banco todos os dias, e não dizendo a ninguem qual podia ser minha opinião definitiva a respeito de cada questão. Quando um orador se levantava; ia pôr-me ao lado d'elle como para ouvil-o melhor, e escutava attento seus argumentos. Vinham interrogar-me, e eu respondia :

— Por minha honra, ha muito que dizer de ambos os lados; porêm é-me preciso um argumento convincente para arrastrar o meu voto.

O *argumento convincente* passou de bôcca em bôcca; e um sabbado de manhãa, depois de uma noite de debates bastante tempestuosos, o mais môço dos ministros, rapaz talentoso, segundo dizem, mas cuja cabeça não me parece bem forte, tomou-me pelo braço no corredor, e, sorrindo-se para mim :

— Já achastes, me disse, esse argumento convincente?

— Ainda não, lhe respondi, pagando-lhe seu sorriso com uma olhada significativa ; porêm espero ter a honra de me apresentar uma d'estas manhãas em vossa casa, e sahirei convencido.

— Com muito gosto : espero que nos conheceremos melhor, e ficaremos satisfeitos um do outro.

Elle me apertou cordialmente a mão, e me deixou, bem persuadido de ter feito por sua condescendencia uma conquista de primeira ordem. Era um d'esses aprendizes primeiros ministros, cuja occupação consiste toda em lançar um engodo aos membros do Parlamento e recrutar a tropa : progenie imberbe das grandes familias, que trabalha debaixo das ordens de quatro ou cinco ministros antigos, encarregados do meneio dos negocios. É sabido que, entrando para o Parlamento, meu fito era ganhar poder e servir minha familia. Eu não ignorava que, para conseguir este fim, devia pôr-me ás bôas com os ministros secundarios, que de ordinario dispoem dos empregos. Meu se-

gundo primo James Gled me escreveu que uma recebedoria de papel sellado lhe seria vantajosa e agradavel. Este era o ponto sobre o qual eu estava resolvido a fazer versar minha conversação com o joven ministro. No dia seguinte, fui á casa d'elle; achei-o um pouco mais emproado, um pouco menos jovial do que tinha estado na Camara dos Communs.

—Milord, lhe disse eu sem me perturbar, aqui vêdes um homem que só pede ser convencido, e que hoje não necessita de argumento bem poderoso; mas emfim sempre quer um. O ministerio, sem duvida, não deixa de todo de ter razão; porêm sou igualmente levado a crer que a opposição poderia ter justiça.

Depois, insinuei docemente que o emprego reclamado por meu primo Gled, por insignificante que fôsse, lhe seria agradavel, e que eu não desgostaria de ver o governo confiar-lh'o. Tendo o ministro respondido que, si o emprego não estivesse promettido, faria que meu primo fôsse nomeado, continuei:

—Fico-vos muito obrigado, milord; este testemunho de vossa bôa vontade me lisongêa, e si eu tivesse sabido que estaveis tão bem disposto para commigo, ter-vos-ia pedido um argumento mais convincente.

Elle poz-se a rir, e separámo-nos. Dous dias depois, encontrámo-nos nos corredores, e elle me apertou a mão.

—Oh! disse-me elle com ar maligno, sois um homem muito difficil de contentar, e precisaes de argumento especioso.

—Milord, eu não pensava que, dirigindo-me a Vossa Senhoria para obter um emprego de tão pouca importancia, merecesse vossos sarcasmos.

—Mas o emprego é bello! trata-se de mil libras sterlinas por anno.

—Que importa? milord, meu primo o merece como qualquer outro; e si julgaes que tão tenues favores devem ser contados como grandes serviços, minha estrada parlamentar está traçada.

Então Sua Senhoria se tornou humilde e timido: em verdade, sua brandura me maravilhou. Eu tinha tomado sobre o ministro uma vantagem de que fiz proposito de tirar partido; e, tornando ás maneiras polidas e ás attenções, deixei-o com perfeita amizade.

Entretanto eu me reprochava a mim mesmo minha ignorancia e a facilidade com que tinha lançado mil libras sterlinas nas mãos de James Gled, que se teria dado por muito

feliz de receber a decima parte d'esta somma. Depois de ter reflectido no caso, escrevi a meu primo que o emprego do sello lhe pertencia, mas que, d'esta somma de mil libras sterlinas, elle sómente receberia duzentas e cincoenta do governo e cincoenta devidas á minha liberalidade. Com estas trezentas libras, meu primo James devia ser o mais feliz dos homens. Como verdadeiro parente e como administrador economico, distribui o resto da somma entre um filho de minha mocidade que a natureza me mandára sem o consentimento das leis, e que se achava no serviço, e uma velha tia, mistriss Mayning, que vivia muito pobre em Edimburgo. O capitão Jobbry recebeu duzentas libras sterlinas, minha tia duzentas libras por sua parte, e com as trezentas que restavam comprei fundos publicos. Os juros d'estas trezentas libras me serviram para pôr meu nome na lista dos subscriptores, todas as vezes que se tratava de um acto de beneficencia. Por isso, em quanto meu primo viveu e gozou de seu emprego, eu fui um dos mais activos philanthropos de toda a Inglaterra. Os orphãos, as viuvas, os invalidos, me deveram parte de seu bem-estar. Ouso propôr por modelo ás almas bemfazejas e aos membros do Parlamento, que quizerem ganhar nomeada, esta repartição de minhas rendas, que, confesso, me deu extrema satisfacção.

O burgo que eu era reputado representar se chamava Frailtown: eu ignorava absolutamente em que cantão se achava o verdadeiro asylo de meus constituintes. Um dia, certo M. Spicer, domiciliado em Frailtown, veio visitar-me; sollicitava para seu genro um emprego no correio da aldêa de Physick-Spring, sita a duas milhas de Frailtown. Pedi-lhe alguns dias para reflectir, demora que foi pouco do seu agrado. N'este comenos, soube que a nova aldêa de Physick-Spring, frequentada pela bôa companhia, ia ficando da moda e ameaçava eclipsar o antigo burgo de Frailtown, ; que M. Spicer tinha a intenção secreta de monopolisar, não só os lucros do correio, sinão o consumo das modas e a venda das merciarias e fitas, na aldêa de Physick-Spring. Soube tambem que M. Eduardo Dawner, burguez bastante influente de Frailtown e encarregado do correio n'esta ultima aldêa, bem como as moças Stiches, que faziam o commercio de meias e merciaria, soffreriam grande prejuizo si se realisasse o plano de M. Spicer. Eram importantes estas considerações: por isso, de-

pois de ter cuidadosamente pesado o pró e o contra, decidi-me a repartir a contenda; e, sem repulsar o pedido de M. Spicer, dei ordem a satisfazer seus inimigos, meus constituintes, de quem podia precisar algum dia. Tudo se arranjou mediante uma indemnidade que este ultimo pagou, com grande pezar, a M. Dawner e ás môças Stiches. Mais tarde se ha-de ver que toda a minha prudencia não me preservou dos perigos de minha posição: são d'essas desgraças inherentes á fortuna e ao poder, e era dever meu aprender a resguardar-me d'ellas com destreza.

Era o bom tempo então: nós estavamos, como diz a Biblia, sentados debaixo da vinha e da figueira do ministerio. Os pretendidos melhoramentos e as dolorosas economias que nos foram forçadamente impostas nem si quer eram sonhadas pela opposição. Os membros do Parlamento gozavam de seus direitos naturaes, e distribuiam os empregos por seus amigos e pelos membros de suas familias, sem que ninguem os viesse perturbar no exercicio d'esta funcção annexa a seu officio. Depois da época feliz de que fallo, mudaram todas as idéas, a doutrina da utilidade nos invadiu e a sinecura se tornou objecto de horror e de desprezo; não sei, em verdade, porque. Deve certamente um governo angariar as differentes classes de homens: a uns os titulos, a outros a direcção dos negocios, a alguns dinheiro; nada é mais innocente. Todas as vezes que a opposição se forma, parece que seu desejo é varrer todos os empregos e alliviar os impostos em igual proporção. Uma vez que chega ao ministerio, que acontece? põe esses mesmos empregos á disposição de suas creaturas; muitas vezes, em logar de diminuir o numero dos sinecuristas, augmenta-o, porque, para não crear demasiados inimigos, é obrigada a indemnisar os empregados que demitte. É assim que a massa dos sinecuristas tem consideravelmente crescido, e a ninguem deve isso causar admiração.

Já se vê que eu ia pouco e pouco examinando e estudando com mais attenção as mólas do governo. Não basta ter engenho, sagacidade, para se fazer com successo o papel de membro independente; tambem a experiencia é necessaria. O Parlamento é uma especie de republica especial, circumscripta em certos limites, marcada com um signal characteristico e distincto. O membro do Parlamento falla muito, e falla com solemnidade; relata fatos, quer verdadeiros, quer falsos; es-

cuta-se a si mesmo, e, seja qual fôr sua incapacidade no mundo, não tarda a fazer-se homem de importancia e de peso. Os mais silenciosos de todos os membros, aquelles que se contentam com dar seu voto, si os encontraes em outra párte que não na Camara dos Communs, vos maravilham pela fluidez de seus discursos e pela pomposa formalidade de suas sentenças: são pequenos Demosthenes longe da tribuna. Todas as suas maneiras são parlamentares e todas as suas phrases cheiram a estadista. Este ridiculo nos outros me fez impressão, e tencionei evital-o. Computei a capacidade de meus talentos oratorios, e quando estive bem convencido que eu não passava de um bom gentilhomem de Escossia, assaz atilado, meio rustico e meio mercador, soube o que devia fazer; resolvi não ser nunca, na Camara dos Communs, sinão um membro bastante importante em si, mas pouco brilhante .... não um orador, mas um voto.

Graças a Deus, estas reflexões me conduziram a bom porto, e acabei por conquistar, á força de prudencia e de sabedoria, uma posição muito respeitavel. Todas as vezes que a questão debatida era importante, votava com o governo; muitas vezes tambem, quando os oradores agitavam questões episodicas e escaramuçavam para fazer brilhar seu talento, retirava-me antes do fim da discussão, poupando assim meu credito e conservando minha independencia, com uma habilidade que muito me aproveitou. Quando os ministros vinham me perguntar porque obrava assim, respondia-lhes que minha lealdade e dedicação para com elles me não permittiam esperar que as replicas da opposição abalassem minha convicção precedente, e que preferia partir antes de vir-me a tentação de dar um voto contrario a seus desejos. Isto é que era procedimento humilde e sabio: nunca soffria que me olhassem como um escravo enfeudado; por isso, o medo que tinham de perder-me obrigava estes senhores a amimar-me e contar commigo.

Talento, genio, facilidade de elocução, imaginação brilhante, mesmo destreza e conhecimento do mundo, que sois vós em comparação d'este tacto e d'esta sagacidade nos negocios, que transformam um pobre em homem rico, duplicam os capitaes, augmentam o credito, dão realce á esterilidade do espirito, forçam os homens a ter-vos em consideração, a fortuna a vos sorrir e as mulheres a vos amar?

Eu o sabia tão bem que nunca perdi, durante o curso de minha vida, uma só polegada de minhas vantagens: assiduo ás commissões, o primeiro á sessão, bem com todo o mundo, exacto em minhas respostas, sorrindo aos ministros, tendo palavras suaves para os membros da opposição, andava meu caminho muito docemente, e a consideração geral me rodeava. Os portes francos que me assegurava meu titulo de membro do Parlamento eram regularmente explorados por mim, e eu teria antes mandado uma carta em branco a um ente imaginario, do que deixado perder-se uma fracção de minha prerogativa. Demais, isso me proporcionava a occasião de ver de perto os outros membros que visitavam a sala onde se fazia esta operação. Entre elles, notei um certo M. Gabblon, muito môço, que escrevia uma quantidade consideravel de cartas; e, como seus *portes francos* não lhe bastavam, pedia á direita e á esquerda (1): reparei que nunca elle se dirigia a mim, o que me deu que pensar. Um dia que eu me achava só na sala, entrou elle com uma carta na mão, sem duvida para pedir um sobrescripto a algum dos membros que suppunha presentes; deu commigo e se retirou sem me dirigir sua petição. Diabo! disse eu logo commigo, aqui ha cousa. Dar-se-ha caso que M. Gabblon se divirta a disputar-me o burgo de Frailtown?... N'este presupposto, não perdi tempo; e depois de ter interrogado varios de meus collegas, reconheci que todo o mundo, excepto eu, sabia os designios de meu antagonista. E de facto, M. Spicer, descontente de não ter podido prevalecer contra seus adversarios, se tinha entendido com M. Gabblon, e ambos, do fundo de suas solapas, trabalhavam para derribar-me.

— Muito bem! muito bem! exclamei: guerra contra guerra, astucia contra astucia!

Dez minutos depois, eu estava no gabinete de M. Probo o procurador: ainda atarantado da noticia que acabava de receber, fiz pouca reflexão na singularidade do passo que dava e no effeito que podia elle produzir sobre o procurador.

— Que significa isto, senhor Probo, dizei-me?

— Nada sei, respondeu o homemzinho rubicundo; ignoro o que quereis dizer.

---

(1) Os membros do Parlamento podem segurar suas cartas sem retribuição; mas é limitado o numero d'estes seguros.

— Vamos, vamos, uma pouca de bôa fé: como é que esse magro orador do Parlamento, M. Gabblon, entretem uma correspondencia . . . . uma correspondencia verdadeiramente infame, com esse outro tratante de Spicer?

— Vós crêdes? replicou muito socegadamente M. Probo.

— Como, si eu creio! estou certo, e venho pedir-vos aqui individuações mais amplas.

— Eu espero que me não suspeitaes de ter a menor parte n'essa correspondencia.

— Sessenta cartas por semana dirigidas ao burgo de Frailtown por esse M. Gabblon! isto é indigno!

— Que quereis que lhe faça?

— Creio que eu paguei; esse burgo me pertence, e não heide soffrer . . . .

— Sois membro do Parlamento, não tendes de que vos queixar.

— Mas comprei ao mesmo tempo o privilegio de tomar assento no proximo Parlamento.

— Não se tratou absolutamente d'isso, si vos quereis lembrar. A corporação de Frailtown é senhora de suas acções e de suas escolhas.

— Devieis avisar-me que esse Gabblon me queria supplantar. Roubastes-me o meu dinheiro!

O meu homemzinho fez-se vermelho como a escarlata, e, saltando na sua poltrona:

— Que quereis dizer, senhor?

Vós o sabeis; porêm, para acabarmos, é M. Gabblon que é o novo candidato?

O procurador não se desconcertou e me respondeu:

— É! e como estou encarregado de seus interesses, permitir-me-heis que vos não responda mais.

Foi extrema minha colera. Parti arrebatadamente, e não parei sinão quando me achei no gabinete de outro procurador, M. Tough. Eu o tinha visto n'uma junta luttar com admiravel perseverança de obstinação e de chicana. Era esse o meu homem: elle me recebeu bem, e depois que lhe expliquei todo o negocio, a velhacada praticada por M. Probo, a vingança de Spicer, a intriga de Gabblon, reflectiu algum tempo, com o indez sobre uma de suas proeminencias frontaes, e me disse por fim:

— Tendes razão de pensar n'isso, pois já é mais que tempo;

e devemos partir juntos esta noite, si não queremos perder todas as probabilidades. Preparae-vos: havemos apresentar á manhãa nossos cumprimentos á honrada corporação de Frailtown, com excepção de M. Spicer, que nenhum titulo tem ás vossas civilidades.

Reconheci a justeza d'estas observações e a excellencia d'este conselho. Na mesma tarde ás cinco horas, minha sege de posta estava prompta, e ningem absolutamente suspeitava que eu ia partir para Frailtown. Eu tinha observado o meu adversario, guapo, risonho, paroleando muito e satisfeito anticipadamente do prazer que esperava e da felicidade de me haver logrado. Rivalisei com elle em alegria e sangue frio. Meus amigos me perguntaram que feliz acontecimento me tinha dado tão bom humor: respondi-lhes, com ar de negligencia, que eu via approximar-se o fim da sessão, e que o ocio de que em breve ia gozar me encantava de antemão. Ás oito horas, safei-me sem dizer palavra, emquanto os negocios da commissão occupavam todos os espiritos, e mettime na minha sege de posta, acompanhado de M. Tough. Iamos a sahir de Londres, quando uma bomba de incendio, puxada por alguns homens que traziam archotes, rodou ruidosamente pela calçada, e forçou minha sege a parar. Deitei a cabeça pela portinhola, e a pirmeira pessôa que avistei foi precisamente esse maldito M. Probo, cujos olhos satanicos se fitaram em mim, e que parecia rir-se interiormente de nossa partida e de nossas tramoias.

— Postilhão! para Clapham! exclamei eu, de maneira a poder ser ouvido por M. Probo.

Clapham está n'uma direcção absolutamente opposta á de Frailtown, e eu me felicitei com meu procurador d'este excellente estratagema. Uma vez na estrada de Clapham, forcei o postilhão a tornar atraz; e o ponto de Black-Friars, que atravessámos, nos poz na estrada do norte.

Eu tinha bôa esperança. Os meios que me propunha M. Tough me pareciam certos; e como estava cançado, demorei-me algum tempo em Beverington, pequena aldêa situada a tres leguas de Frailtown. Não teria posto duvida em apear-me em Physick-Spring, cuja hospedaria é excellente; mas a rivalidade d'estes dous burgos e o odio mutuo que se elles consagravam um ao outro eram razões sufficientes para que o representante de Frailtown não derramasse seu dinheiro na algibeira do estalajadeiro de Physick-Spring.

No outro dia de manhãa, fizemos nossa entrada solemne em Frailtown. Ai de mim! que recepção nos aguardava! Do seio mesmo da cidade, se elevavam gritos verdadeiramente freneticos: «Viva Gabblon! Gabblon para sempre!» Chapéos, barretes e carapuças traziam o tope côr de laranja e de purpura, symbolo de meu adversario. As gargalhadas de M. Tough só serviam para me irritar, e confesso que toda esta algazarra não tinha nada de agradavel para mim. Chegando á grande praça, vimos um exercito de garotos e de camponezes que levavam em triumpho M. Gabblon em pessôa e esse scelerado de Probo. O patifão tinha adivinhado minha intenção e minha viagem; passou diante de mim, e emquanto, semelhantes ás virgens loucas do Evangelho, nós descançavamos em Beverington, nossos inimigos aproveitavam o tempo e sopravam no pacifico burgo de Frailtown estes transportes furiosos.

Mas não era tudo. Apenas Probo nos reconheceu, apontou para nós com o dedo, rindo-se e nomeando-nos. Não foi mais que uma matinada universal da canalha, um diluvio de lama, um chuveiro de pedras. Nossa sege foi vilipendiada, lacerada, despedaçada. Foi-nos preciso fechar as portinholas e conservar-nos quedos no fundo da sege, emquanto este povo berrava, emquanto nosso inimigo triumphava. Humilhados, com as orelhas baixas, refugiámo-nos na estalagem do *Carvalho real*, e devorámos em silencio nossa affronta, isto é deixando Gabblon e Probo senhores do campo de batalha.

Era preciso achar um meio de obviar os inconvenientes crueis de nossa situação. Tough, que nunca perdia o tino, fez perguntas ao estalajadeiro, homem neutro e de todos os partidos, como lh'o ordena a carta eterna de seu officio, e quiz saber d'elle si M. Spicer, encarniçado em perseguir-nos, não tinha algum antagonista pessoal no burgo. O estalajadeiro, depois de muitas instancias, nos communicou que um M. Isaac Gleaning, parente das môças Stiches a quem eu havia servido, era muito opposto ao partido de Spicer. Trouxeram-nol-o: era um velhinho taciturno, que, no pequeno numero de palavras que proferia, occultava a astucia, a audacia e o espirito de Figaro.

— Diabo! exclamou elle quando soube nossa posição, essa demora em Beverington vos foi prejudicial. Vossos adversarios se apoderaram do espirito do povo, e eu não vos aconselharia, agora, que sahisseis de vosso escondrijo.

—Mas que nos aconselhaes?

—Um momento: logo vol-o direi. Uma companhia de actores e de charlatães se acha a esta hora acampada em Physik-Spring: o palhaço é admiravel, o doutor que commanda a tropa não é falto de merecimento. Si os pagasseis bem e os encarregasseis de vir dar esta noite uma representação aqui, recommendando-lhes que não poupem chascos e apodos contra M. Gabblon, creio que seria isso um golpe de mestre.

M. Tough esfregou as mãos alegremente, e sem mesmo responder ao nosso conselheiro, mandou chamar o pregoeiro publico. Apenas decorreram cinco ou seis minutos, e em todas as ruas de Frailtown resoou o seguinte pregão:

«O célebre doutor Merry Andrew, muito tempo domiciliado na Athenas do Norte, e afamado em toda a Europa por suas curas miraculosas, deve chegar esta noite a Frailtown, acompanhado de seu collega Bigbottom, professor igualmente famoso. A companhia de actores que, ha algumas semanas, causa a admiração da provincia, reunida a estes gloriosos Esculapios, e associando-se a seus designios generosos, dará uma grande representação gratis, na praça publica d'esta cidade.»

Apenas foi feita esta proclamação, M. Gabblon e M. Probo se viram abandonados pela multidão que os escoltava. Envergonhados de seu novo isolamento, recolheram-se tristes e confundidos para a estalagem onde se tinham apeado. Então, acodem aos brados de alegria da plebe os actores e as actrizes, o doutor e seu collega, Hamlet rei de Dinamarca e Macbeth rei de Escossia: levanta-se no meio da praça, defronte do chafariz, um theatro provisorio, e cada qual se apressa a reservar o logar mais visinho do tablado. O pobre Gabblon é esquecido; e eu, contente de haver substituido um charlatão fastidioso por um charlatão que diverte o povo, mando preparar um grande banquete, para o qual convido todos os principaes cidadãos. Minha generosidade faz estrondo; eu corôo a obra alugando bastante caro a loja dos pedreiros livres do burgo, onde meus actores vão representar algumas de suas farças mais novas, com grande contentamento dos habitantes. Em menos de meio dia, o vento muda, e meu baixel que ia naufragar voga placidamente, como dizem os poetas, sobre o oceano do favor popular.

Ainda me restava mais de um obstaculo que vencer. O leitor, para se pôr ao facto, precisa saber algumas das par-

ticularidades relativas á corporação dos burguezes de Frailtown. Este burgo está situado no meio das propriedades de lord Dilldam, patrono do burgo, mas que se não intromette na eleição, nem com ella se importa muito, comtanto que os representantes de Frailtown votem com o governo. Pouco se embaraçava que fôsse eleito M. Gabblon ou eu. Gabblon, com toda a sua eloquencia, não passava de um whig de côr mui fraca, e que, para tornar ao gremio governamental, só esperava pela nomeação de seus amigos para o ministerio e por seu proprio adiantamento.

Um costume singular fazia parte da pragmatica do burgo. A corporação a que lord Dilldam abandonava o cuidado da eleição se compunha de seis burguezes com patente, e do *maire* que lhes servia de presidente. Si vinha a faltar um dos burguezes, e por conseguinte o numero dos votantes se reduzia a seis, o maire era obrigado a ir á praça publica, junto do chafariz, convocar cinco novos burguezes que nomeava, e que vinham tomar assento com os outros cinco membros da corporação. Estes onze eleitores effeituavam a eleição do membro. Graças a este costume barbaro, uma astucia singular tinha sido praticada em Frailtown, nos dous ou tres ultimos annos. O maire, para fazer triumphar o candidato a quem favorecia, se entendia com um dos burguezes eleitores, o qual consentia em occultar-se, de modo a reduzir a cinco o numero de seus collegas, no emtanto que já na praça se achavam de antemão reunidas cinco outras creaturas do maire. Graças á ausencia de um dos eleitores, o maire ia buscar seus amigos, e tudo sahia á vontade de seus desejos.

Tudo induzia a crer que M. Spicer, que de longo tempo tecia sua trama, seria essa tarde nomeado maire, e não deixaria de nos pregar a má peça de que tinham tirado partido os maires precedentes.

—Si, para baldarmos esta astucia, me disse Tough, cuidassemos em imital-o de nosso lado! Si, emquanto o partido de Gabblon estiver escondendo o seu burguez, subornassemos outro, e conseguissemos persuadir-lhe que não appareça, os seis eleitores seriam reduzidos a quatro, e nós poderiamos muito bem angariar os tres votos necessarios!

Consultámos a respeito o nosso velho Isaac Gleaning, que não approvava de todo o nosso plano, e que no emtanto nos disse

que, mediante trezentas libras sterlinas á vista, um de seus primos, parente das moças Stiches, poderia seduzir o barbeiro da aldêa, homem influente, como é de crer, e um dos seis burguezes da corporação. Quem adivinharia! esta tentativa foi vãa; o barbeiro era patriota e incorruptivel. Repelliu as trezentas libras sterlinas, e nossa vergonha ficou comnosco. Não tinhamos mais sinão um recurso: era procurar saber qual podia ser o eleitor que se devia occultar, descobrir seu retiro e trazêl-o á força para a casa da camara. Nossas suspeitas recahiram sobre Aaron Worsted, barreteiro, que tinha ultimamente sido mal succedido em seus negocios, e que era tão pobre quanto avido. Estando nós a praticar a este respeito, com os cotovelos sobre a janella da estalagem, vimos sahir da loja de Aaron dous mariolas carregados de uma caixa de rabecão; pouco tempo depois, o que muito nos maravilhou, um homem sahiu da mesma loja com um rabecão ás costas, e se encaminhou para o lado da casa da camara.

—Ah! ah! exclamou Tough, a caixa vae para uma parte e o instrumento para outra: é singular!

—Singular? disse Gleaning; oh! eu já os adivinhei: o barreteiro é de mui pequena estatura, por isso o terão mettido na caixa do rabecão; e entretanto que o instrumento vae fazer parte da orchestra da casa da camara, o nosso homemzinho ficará escondido na do maire, para onde vêdes que o transportam.

A sagacidade de Isaac não o illudia. Mas como fazer para reduzir a seu dever o fugitivo preso em sua caixa? Conseguimol-o, graças á destreza do velho Isaac. Um criado grave de lord Dilldam e um homem do campo nos serviram mediante alguns guinéos. Ambos, emquanto o conselho estava reunido na casa da camara, sob a presidencia do seu maire, se apresentaram em casa de M.me Spicer, e lhe disseram que vinham buscar o instrumento que, desde manhãa, devia achar-se ahi. A bôa mulher, reconhecendo a libré de milord, entregou a caixa, que foi levada em triumpho e depositada no meio da sala das deliberações. Deveu ser uma scena comica, e eu sinto não ter estado presente. O burguez eleitor abafava na especie de caixão que o sepultava vivo; e como tinham tido a malicia de pôr virada para o chão a unica abertura pela qual lhe fôsse possivel respirar, elle sentiu que estava proximo á morte si não chamasse soccorro. Ouviu-se então sahirem d'essa caixa, na

qual se não tinha feito o menor reparo, gritos lamentosos. Abriram-a, e o amigo Worsted, obrigado a dar seu voto, dispensou M. Spicer de ir preencher seu officio de maire e de avisar os cinco burguezes que já se achavam reunidos na praça de Frailtown. Todos os meus planos sortiram bom effeito, e eu fiquei victorioso de meus inimigos.

È uso usado que todos os membros novamente eleitos agradeçam por um arenga áquelles que os acabam de nomear. M. Gabblon, feliz de desabafar seu descontentamento, poz-se á janella da estalagem e perorou por espaço de mais de meia hora. « O governo era execravel, dizia elle, a revolução estava ás nossas portas; este estado não podia durar, a reforma parlamentar se tornava cada dia de mais urgente necessidade. » Tudo isto não adiantava um jota os seus negocios. Escutavam-o sem o applaudirem; mas emfim escutavam-o, o que me desagradava um pouco. O bello discurso do meu adversario me punha na necessidade de fazer tambem o meu; necessidade mui dura, pois minha eleição me tinha custado não pouco dinheiro para e deviam permittir-me o economisar ao menos minhas palavras. Demais, que dizer a essa bôa gente apinhada debaixo de minha janella, e que tinha tomado tanta parte na minha eleição como o papa ou o antichristo? M. Tough viu que eu não estava com muita vontade de fazer de orador, e me empurrou pelo cotovelo, dizendo-me que não havia outro remedio. Resignei-me e cheguei-me para a janella. N'essa multidão de cabeças humanas que levantavam para mim suas caras idiotas e seus olhos embasbacados, os tres quartos não pertenciam á cidade de Frailtown: eram vagabundos do condado, pobres diabos esfrangalhados que tinham gritado *viva Gabblon!* e *viva Jobbry!* um cento de vezes desde dous dias.

« Senhores, disse eu a esses dignos gentishomens, saudando-os e debruçando o corpo para sua banda, estou-vos muito obrigado pela honra que me fizestes nomeando-me vosso representante por esta honrada cidade de Frailtown. Haveis gloriosamente assegurado vossos antigos privilegios. Cada um de vós, senhores, pondo a mão sobre seu peito, póde dizer em alta voz que seu voto foi conforme ao grito de sua consciencia! Recebei pois minhas felicitações de haverdes tão nobremente protegido a independencia de vosso representante e defendido a velha liberdade das eleições! Mas, senhores, eu não sou homem de muitas palavras; sou um de vós, homem simples ecu-

jo orgulho consiste todo em assemelhar-se a vós: contento-me, portanto com agradecer individualmente a cada um de vós do fundo de meu coração, e testemunhar-vos a eterna gratidão que vos consagrarei emquanto viver! »

Uma tempestade de applausos, uma trovoada de vivas, um tumulto de enthusiasmo, succederam a este bello discurso. Ouvi um velhinho, collocado por baixo da sacada, que dizia a seu visinho:

—Nunca vi discurso nem mais justo nem mais claro.

Acabei de cobrir-me de gloria convidando para almoçar, no dia seguinte, M. Gabblon e seus amigos. Estendi-lhe a mão mui nobremente, na mesma sala onde eu acabava de ser eleito, no meio dos burguezes penetrados de admiração por este acto heroico. Eu era um César a seus olhos; gozava modestamente da consciencia de minha grandeza. Lord Dilldam chegou, felicitou-me cordialmente de meu triumpho, e me rogou que fôsse no outro dia jantar com elle. Já eu tinha respondido affirmativamente e com todo o respeito devido a este fidalgo, quando M. Tough, meu fiel conselheiro, me disse devagarzinho: « Recusae polidamente. » Era difficil retractar-me; além d'isso, eu estava de muito bom humor e não via a importancia que podia ter minha acceitação ou minha repulsa: acceitei. Quando voltámos para casa, M. Tough me reprehendeu.

—Que diabo! me disse elle, não vêdes que lord Dilldam, que sustenta o ministerio, vae olhar-vos como creatura sua, e que o governo, em vez de ver em vós um membro independente, vos tratará como escravo? Devieis refusar.

Tinha razão este bom M. Tough, mais versado que eu nos usos e costumes parlamentares. Uma circular emanada do Thesouro, e a qual me pediam com imperativa polidez que não deixasse de achar-me na abertura das Camaras, me fez ver que me achava com effeito contado no rebanho em que confiavam. Eu, que nao queria perder minha independencia, parti para Londres. Apeei-me no Thesouro, e, fallando mui levianamente ao ministro da circular que tinham julgado dever mandar-me, suppliquei-lhe que acreditasse que, de um lado, eu não alimentava a menor hostilidade secreta contra o governo, e que, de outro lado, não dependia de maneira nenhuma de lord Dilldam, para com quem não tinha contrahido a mais leve obrigação. Fui mais longe: na primeira questão que se apresentou, arripiei carreira e votei contra o ministerio. Raios de

colera e de espanto luziram a um tempo nos olhos do secretario de estado do interior, do chanceller do erario e de dous jovens thesoureiros. Eis-me pois classificado nas fileiras patrioticas de uma minoria valorosa, assim se expressam os jornaes. Dous dias depois d'esta façanha, Tom Bray, mancebo que me tinha servido bem na minha eleição da Frailtown, me escreveu que lord Dilldam lhe negava um emprego que elle muito desejava, e reclamou meus bons officios para lh'o alcançar. Encaminhei-me para o Thesouro, e, sem mais rodeios, penetrei no gabinete do ministro, a quem pedi o emprego.

—Com summo gosto, me respondeu o ministro; permitti-me porêm que vos diga que vossa ultima votação muito me maravilhou, e que os membros affeiçoados a lord Dilldam sempre foram tidos como os mais firmes sustentaculos do governo.

—Não desconvenho; mas eu trabalho para mim mesmo e não sou creatura de ninguem. Nunca prometti a lord Dilldam de me alistar sob sua bandeira, e, por mais bem disposto que esteja a favor do ministerio, a liberdade de minha consciencia me resta. Si consentis em dar a Tom Bray o pequeno emprego de que se trata, então veremos.

O ministro lançou um olhar obliquo sobre mim, com não sei que expressão de mofa e de alegria: foi a unica resposta que obtive.

—Então, esse emprego! tornei eu.

—É-me preciso pensar n'isso, e vós me permittireis...

—É bem pouca cousa, e eu não esperava encontrar tantas difficuldades.

—Francamente, senhor Jobbry, só se apresenta uma: pensaes que lord Dilldam ficará muito satisfeito de saber que vos foi dado o emprego?

—Não, certamente: eu sou homem de bem e não direi que eu e lord Dilldam somos da mesma opinião; porêm, milord, obriguei-me a alcançar este emprego para o meu amigo Tom Bray, prometti-lh'o, e parece-me justo e natural que um membro do Parlamento espere de um ministro algumas civilidades e algumas attenções.

—Muito me pezaria de a ellas ter faltado; mas vós bem sabeis que um systema de conciliação e de firmeza é o unico que convêm ao ministerio.

—Assim dizia lord Sidmouth, no momento em que ia fazer

a guerra á França. Eu não sei si vossa conciliação e vossa firmeza me querem fazer guerra, mas sei que de quando em quando se apresentam questões soffrivelmente molestosas para o ministerio.... e que....

—Em verdade, sois um homem pasmoso, senhor Jobbry.

—Sou um membro honrado do Parlamento.

—Assim me parece.

—Pois bem, senhor secretario de estado, si assim vos parece, deveis dar-me o emprego.

Foi d'este modo que vinguei minha independencia offendida, e forcei o estadista a respeital-a para o futuro. Graças a Deus, ninguem mais se lembrou de pôr em duvida esta independencia. Oito dias eram apenas decorridos, quando um grande successo veio mudar a face das cousas. O ministerio cahiu. Vi todos os meus orgulhosos descer de seu posto e entrar no numero dos simplices membros parlamentares. Por mim, fiel a meus habitos, conservei-me no meu posto. O mais môço dos ex-secretarios de estado se chegou a mim com ar chocarreiro e me disse:

—Não pareceis disposto a abandonar o logar que occupaes ha tanto tempo.... elle vos parece commodo....

—Senhor ex-secretario, respondi com ar secco e digno, vós sabeis que eu sou surdo de um ouvido, e que tenho cuidado de me voltar para os ministros afim de apanhar bem o que d'esse lado se diz, e votar em consequencia. O passado devia ter-vos ensinado que eu sou um antigo membro independente, e que nunca me contarão no numero d'aquelles que todas as doutrinas oppostas, todas as opiniões contrarias fazem voltar á direita e á esquerda: o plano que adoptei têm-me aproveitado; a elle me attenho.

—Sois um homem singular! disse o antigo ministro.

—Não: estou no meu logar, e si por acaso um acto de accusação fôsse lançado contra o ex-ministerio, ainda ahi me veriam firme e immovel como uma rocha.

Oh! com esta, o ex-secretario foi incapaz de responder palavra. Ha extraordinaria differença entre a coragem e arrogancia de um ministro senhor da pasta e um ministro defunto. Tive dó d'elle, bem como d'essas pobres miseraveis creaturas, que outr'ora soberbas de sua posição, e agora dispersas pelos bancos dos proscriptos, tentavam mostrar bôa contenença no meio do abandono que os feria. Entretanto os novos ministros eram de

amenidade incomparavel. No dizer d'elles, as mercês iam cahir com profusão sobre seus novos partidistas; os discursos pronunciados por esses acquiridores recentes do poder, discursos lisongeiros e meigos para todos os partidos, exhalavam dôce perfume que penetrava em todas as fileiras da assembléa. Mas, ah! tinhamos apenas saboreado estes deliciosos odores, quando veio pesar sobre nós a dissolução do Parlamento. Eis-me pois obrigado a correr á casa de M. Tough, e partir com elle pela posta para o burgo de Frailtown, onde eu sabia que lord Dilldam, furioso contra mim por me não ter eu enfeudado em seu serviço, devia pôr tudo em pratica para se oppôr á minha nova eleição.

D'esta vez não perdemos tempo; vamos direito á unica estalagem da cidade e a alugamos inteira por oito dias. Era forçar nosso adversario a ir buscar asylo em Physick-Spring, e expôr-se assim a esse pequeno odio dos habitantes ciosos, odio tanto mais perigoso quanto mais nescio. Nosso antagonista era um senhor Gates, parente de lord Dilldam, dandy de profissão, trajando com summo apuro, e que, por cousa nenhuma se teria decidido a ir morar n'uma das casas grosseiras e toscas que compunham a antiga cidade de Frailtown. Este passo politico não era despido de habilidade; porêm, quando chegámos, nossos negocios não estavam muito bem parados: meu velho inimigo Spicer era maire pela segunda vez, Isaac Gleaning andava meio incommodado, e lord Dilldam tinha tomado partido contra mim. Julguei comtudo dever fazer-lhe uma visita de civilidade, e, depois de feitas de parte a parte as primeiras cortezias, disse-lhe:

—Posto M. Gates e eu devamos, com toda a probabilidade, disputar-nos a proxima eleição, não vejo n'isso, milord, nenhum motivo valioso para que eu cesse de ter comvosco relações de civilidade!

—De veras, senhor Jobbry, respondeu elle com ar serio e quasi consternado, depois de vos haver facilitado os meios de triumpho na ultima eleição, eu não esperava que tão depressa vos esquecesseis dos serviços que vos pude prestar!

—Ah! milord, repliquei (bem convencido com estas palavras que, de todos os sentimentos de Sua Senhoria, o mais desenvolvido era o orgulho), eu estava longe então de comprehender a alta e soberana importancia de Vossa Senhoria sobre o burgo de Frailtown. No seio do Parlamento, occupo-me sobretudo do interesse das localidades; não sou homem poli-

tico, menos ainda homem de partido. Nunca me viram mudar de posição nem seguir os movimentos da politica quotidiana; meu unico desejo e meu unico fim têm sido cumprir fielmente com minhas obrigações para com meus constituintes.

O amor proprio do lord estava lisongeado com esta attenção, e no resto da conversação sua voz se foi pouco a pouco amaciando, seu tom se tornou mais complacente e mais amavel, sua polidez foi mais amena; conheci facilmente que eu tinha ganhado terreno.

— Confesso-vos, meu charo senhor Jobbry, disse elle por fim, que minha intenção é de nada desprezar para fazer que seja eleito o meu parente, M. Gates: sinto muito; sem as circumstancias que conheceis, eu não teria obrado assim. Gates é um môço de talento, que fez excellentes estudos; mas talvez que uma pessôa mais versada nos negocios me conviesse ainda melhor, como depositaria de minha influencia e poder.

No dia seguinte, recebi por meu turno a visita de lord Dilldam, mais pomposo, mais importante que nunca, e disposto, por isso mesmo, a cahir no anzol de minhas lisonjarias, de minha doçura e humildade.

Emquanto eu acariciava milord, meu procurador M. Tough, que se tinha apalavrado com Tom Bray, meu antigo protegido, derramava dinheiro ás mãos cheias por entre a canalha da aldéa. Convidado a jantar por Sua Senhoria, acceitei, mas com a condição expressa que M. Gates, meu competidor, e seus amigos estariam presentes. Esta proposição o lisongeou; elle me apertou a mão com muita cordialidade, e eu o acompanhei até sua carruagem. Toda a tropa dos farrapos, cujos serviços haviam sido comprados por M. Tough, estava já reunida á minha porta; e Tom Bray, meu fiel e dedicado servidor, se achava misturado nas fileiras d'esta turbamulta. Apenas se fechou a portinhola da carruagem, um signal de Tom Bray despertou o enthusiasmo de sua tropa. *Viva para sempre lord Dilldam!* exclamaram em chôro. O poderoso fidaldo ergueu a cabeça e se affastou soberbo como um pavão. Tres minutos depois passou o joven candidato, e tudo mudou de face. O exercito de Tom Bray fez chover sobre sua carruagem pedras e lama; mas como era de mister conservar aos olhos de Sua Senhoria o character de generosidade altiva e de lealdade cavalleirosa de que nos tinhamos revestido, eu e M. Tough, expedimos a Sua Senhoria um embaixador encarregado de lhe testemunhar quão

pezarosos estavamos do que acabava de succeder, e quanto era desgraçadamente impossivel conter, em seus desvios, a effervescencia popular.

E quem julgaes que escolhêmos para nosso mensageiro? o mesmo brejeiro de Tom Bray, que, disfarçado com trajos de pobre, tinha commandado todos os movimentos do nosso exercito. Milord o recebeu no poial, como um monarcha recebe um embaixador das potencias visinhas, e o despediu cheio de cumprimentos e bôas palavras. Ás cinco horas, estava eu na estrada do castello: a pequena distancia da grade, por traz de um bosquezinho, avistei uns quarenta homens com a libré de meu adversario, e cujo aspecto me pareceu de mau agoiro. No emtanto elles nos deixaram passar sem nos oppor-rem obstaculo. Atraz de nós se adiantava, ou antes voava, o ligeiro phaetonte de M. Gates: a tropa que trazia sua libré se approximou a elle, rodeou-o dando grandes vozes de alegria, tirou os cavallos, pegou na caixa da sege, ordenou aos criados que fôssem ao castello annunciar a proxima chegada de M. Gates, e se poz a carregar em triumpho o meu antagonista. Eu estava ainda na grade d'onde contemplava toda esta balborda: com grande pasmo meu, os confederados tomaram um atalho, e, correndo quanto podiam para um pequeno tanque limoso que se achava a uma milha do castello, assentaram no meio dos juncos a caixa do phaetonte e o triumphador escarnecido, que, tentando fugir de seus mistificadores, cahiu na agua de cabeça para baixo. Tom Bray, homem de expediente, verdadeiro Figaro de minha eleição, appareceu ahi precisamente a tempo para salval-o e reconduzil-o, molhado, enlameado, confuso e furioso, á taverna d'onde partira.

Entretanto lord Dilldam, pontualissimo como todos os homens de espirito acanhado, e que sempre exigiu que seus convivas o não fizessem jámais esperar, não dissimulava sua mortificação e seu mau humor.

—Admira, disse eu a milord com tom grave e triste, que M. Gates, que conhecia nossos projectos de reconciliação, se não ache aqui presente.

Sua Senhoria não me respondeu, mas seu descontentamento era visivel: o jantar foi silencioso. Na segunda coberta, entrou M. Gates; seu protector o recebeu mal, e, posto tivesse o meu concurrente bastante engenho para metter

a bulha seu desaguisado, aconteceu-lhe, como a muitos outros, excitar pouco interesse a favor de uma desdita que tinha seu lado jocoso.

—Está em vós, lhe disse milord com ar muito frio, acautelar-vos contra todas as ardilezas de guerra que se costumam usar nas eleições. Pensaes por ventura que lord Wellington teria ganhado a batalha de Waterloo, si tivesse tomado por soldados inglezes todas as fardas encarnadas que se podiam achar no campo de batalha?

—Não vejo, respondeu Gates, que relação póde haver entre o meu negocio e o de lord Wellington.

—Tanto peior para vós: vosso jogo era muito mais facil de jogar que o do general. Demais, meu charo Gates, eu não estou muito contente de vós; a tranquillidade politica do condado foi perturbada.

Eu lancei como por acaso algumas palavras de reconciliação que acabaram de exasperal-os. Gates conhecia que elle fazia um papel bastante triste n'este drama eleitoral; milord sentia que sua dignidade tinha sido compromettida pelo desaguisado de seu candidato; eu só estava satisfeito. Ao recolher-me para casa, achei a grande porta da estalagem illuminada com vidros de côr, e por cima do frontispicio resplandecia em lettras de fogo a seguinte inscripção:

« Reconciliação! Viva Dilldam e Jobbry! »

Este dia tinha tido excellentes resultados: eu e M. Tough, ao passo que contemplavamos a chamma brilhante de um ponche que mandámos vir, nos felicitámos do progresso que haviamos feito. O pobre Gates, no momento de sua immersão, tinha deixado escapar algumas palavras menos respeitosas que meu primeiro ministro tivera o cuidado de recolher e espalhar: *Diabo leve o burgo e todos os seus eleitores!* No outro dia, todo o burgo as sabia, o que produziu muito effeito e nos fez um bem immenso. A massa do povo tinha já virado e se declarava a meu favor; M. Spicer, em seu orgulho e descontentamento, estava indisposto e não sahia de casa. Os mesmos partidarios de M. Gates accusavam lord Dilldam de ter ferido os antigos costumes e de se ter arredado dos bons principios, convidando para jantar o adversario de seu candidato.

Foi pouco duradouro o abatimento de Spicer; elle se reani-

mou logo, foi, veio, tomou mil incommodos, e se remexeu de tal sorte que eu, que na segunda feira acreditava em nossa victoria, na terça de tarde aguardava uma derrota. Faz-se a reunião na casa da camara; em desesperança de causa, para lá me dirigi. O aspecto das cousas, a despeito de todos os nossos esforços, nos era o mais desfavoravel possivel; já eu, segundo o meu costume, me resignava ante a necessidade, quando o porteiro annunciou que um proprio, encarregado de uma mensagem de lord Dilldam para M. Spicer, estava esperando á porta. Foi impossivel entretanto saber onde estava esse proprio, a multidão que enchia a sala não permittia que elle se introduzisse por suas fileiras cerradas; e a carta, enorme despacho ministerial, passando de mão em mão por cima das cabeças, chegou finalmente a seu destino.

M. Spicer abriu o maço com mão tremula: continha umas garatujas illisiveis sem assignatura, na terceira pessôa, começando pelos cumprimentos de lord Dilldam; depois rabiscas impossiveis de decifrar; em seguida, se entrevia pouco mais ou menos a palavra *esperança;* mais um espaço illisivel, e logo a palavra *interesse;* e emfim as unicas palavras bem traçadas que continha a missiva eram estas: « *Sem duvida a eleição de M. Jobbry terá tido logar.* »

O pobre M. Spicer mudou de côres: era um homem excessivamente colerico; quasi lhe deu um desmaio, e a carta lhe cahiu das mãos. Foi preciso que a multidão lhe abrisse caminho; elle necessitava de ar, e sua indisposição parecia de gravidade.

— Nada deve impedir, disse então o procurador Tough com voz commovida, que a eleição siga seu curso.

O membro de mais idade que devia substituir o maire era do nosso partido; os nossos cinco votantes se achavam de antemão reunidos na grande praça, e o negocio foi brevemente concluido. Reparei que M. Tough, com uma mão e sem que ninguem o visse, tinha apanhado o bilhete de lord Dilldam, e que, com ar negligente, o cortava em mil pedacinhos, que depois mettia como por distracção na algibeira da casaca; soube tambem que lord Dilldam, a quem se fallou d'este acontecimento, ficou muito admirado e pretendeu não haver escripto nada que se parecesse com esta carta. Como quer que seja, isso é lá com M. Tough; e eu posso jurar, com a mão sobre a Biblia, que, si houve fraude, eu não fui sabedor d'ella e me

contentei com suspeital–a. Os meus cinco burguezes, como si se tivessem apalavrado, votaram unanimemente em meu favor, e eu fui de novo membro do Parlamento pelo respeitavel burgo de Frailtown.

Ah! de que me serviram todas estas bellas campanhas eleitoraes? Apenas me preparava a colher-lhes o fructo; apenas, com os olhos fitados em meus primos, sobrinhos e afins, escogitava qual seria o melhor meio de tirar proveito de minha posição, eis que a foice da reforma veio destruir até os alicerces o edificio inteiro de nossa esperança. Eu nada mais tinha que fazer n'um Parlamento reformado: foi bastante para mim obter de lord Wellington e de seus amigos, antes de sua retirada, duas ou tres pequenas sinecuras que me elles concederam. Não pude portanto aplacar sinão o primeiro ardor e, por assim dizer, a grossa fome da minha parentalha; depois fui viver tranquillamente na minha terra, onde, para edificação da posteridade, tracei sobre as ruinas do Parlamento inglez, do unico Parlamento verdadeiro; o retrato fiel de uma instituição cuja agonia presenciei, e nos derradeiros actos da qual tomei, creio, uma parte bastante gloriosa.

(New London Journal.)

POESIA.

ODE.

A NAPOLEÃO BONAPARTE.

(Imitado de C. Delavigne)

De luz, de escuridão, de gloria e nada
Ajuntamento raro!
Astro fatal aos reis, e á liberdade,
Aos ares elevado
Por tempestade horrivel, e desfeita;
Tu que só conheceste
Igual ao teu poder teu infortunio!

Ephemera deidade,
Aos teus pés as montanhas se curvaram (1),
Larga estrada aplainando
A' marcha triumphal da gloria tua;
A' tua voz submissos
Os elementos promptos obedecem (2),
De noite tenebrosa
Raiou sereno dia ao teu aceno;
O festival triumpho
Ao mundo annunciou brilhante Phebo,

(1) Passagem de S. Bernardo.
(2) Batalha de Marengo.

A Europa horrorisada
Teu immenso poder absorta admira,
Com portentoso abalo,
Ao som da tua voz, a um volver d'olhos,
Se atemorisa o mundo!

Desfazes com teu sopro o escuro cahos (1)
Que a Themis involvêra;
Os despojos dos reis calcando, insulta
A tua bronzea imagem,
Sobre os raios da guerra alevantada,
Aos céos annunciava
Os brilhantes triumphos que alcançaste;
Os cultos renascentes (2)
De serem como irmãos hoje espantados
Sobre rivaes altares
Por ti mandam aos céos acordes preces:
« Conservae, exclamando,
« Do Tibre o vencedor, o heróe do Nilo. »
Felizes si dissessem:
« Oh Deus, conserva o rei d'um povo livre! »

Reinavas, si quizesses;
Da liberdade filho, a mãe desthronas;
Armado debilmente
Com teu poder julgaste acabrunhal-a;
Assim o projectavas,
No sepulchro que, ingrato, á mãe abrias,
Cahes, despota soberbo;
Ella é immortal, e tu pereces.

Respeitar não podeste
O direito, a justiça, os juramentos!
Dos mais antigos laços

(1) A revolução.
(2) Renascimento dos cultos.

Quizeste que a memoria se acabasse!
Irmãa, a Iberia nossa,
Nos perigos igual, igual na gloria,
Escrava pretendeste:
O diadema rejeitas triplicado,
E sobre o augusto solio
De ti um simulacro collocaste.

Mas, ah! que em vão esperas!
Rejeitam-o, incitados pela gloria,
Guerreiros, sacerdotes:
Da antiga crença a voz o povo incita,
Os signaes precursores
Se alevantam de proximos desastres!
Ó bronze os annuncia,
Por invisivel mão tocado trôa;
E dos heróes hispanos
As marmoreas estatuas se menêam;
De lagrimas se viram
Banhar a dura face' em molle pranto;
Do Salvador da terra
As imagens verter divino sangue:
Os mortos apparecem,
Vaguêam entre as sombras ululando:
De « guerra!... guerra!... » vozes
Dos profundos sepulchros retumbaram.

Era chegada a noite,
A hora em que do tumulo os segredos,
Em que as liçōes profundas
Em sonhos aos mortaes se patentêam;
Em que o segundo Bruto
Viu seu genio com roupas enlutadas
Levantar-se diante,
E sahir carrancudo d'entre as sombras.
Ricardo á mesma hora
Em somno immerso, que lhe ancia o peito,
Os manes vingadores
Vê da sua familia, que immolára

Do pavilhão em torno,
Maldizendo exclamar « ultima noite !... »

Napoleão vigia :
A soberba cabeça se inclinava,
Immovel sobre a carta,
Silencioso fixava os olhos n'ella :
De repente na tenda
Tres irmãas, tres guerreiras lhe apparecem.

Vem d'ellas a primeira
Sem ornatos, é pobre, inda que illustre
Por magnanimos feitos,
Parecendo gentil virgem romana (1),
A quem o sol crestára ;
Com ramos de carvalho a frente cinge :
Sobre o estandarte branco,
Outr'ora tricolor, encosta o braço,
A' lembrança trazendo
De immortal gloria um dia assignalado,
Inda brilham tres côres
Nos restos da bandeira pulvorenta
E rota, ennegrecida,
Mas só pela victoria espedaçada.

« Conheci-te soldado,
« Hoje invicto monarcha te saudo !
« A terrivel Marengo
« Depois de mim, lhe diz, logar obteve
« Em teus brilhantes fastos :
« Outra vez te sauda a irmãa mais velha !

« Da grandeza na estrada
« Teus discursos dictei, guiei teus passos,

(1) A França.

« Animei teus soldados,
« E fiz que a dura morte respeitasse
« Em Arcole os teus dias.

« Em tyrannico sceptro, ingrato, mudas
« Meu feliz estandarte:
« Teu astro rutilante já se eclipsa,
« No céo amarellece:
« Poder que solta o freio a força perde.
« Adeus!... N'este momento
« Tua gloria acabou, teu reino expira. »

As palmas do deserto
De Alexandre aos trophéos une a segunda (1),
Nos olhos lhe fulguram
Os raios de que o sol inunda a patria,
D'Omar com rubro sangue
Pela victoria armada a mão roxêa:
Ufana sustentava
De Julio e Ptolomeu compasso e espada.

« Conheci-te banido,
« Hoje invicto monarcha te saudo!
« Do Thabor a victoria
« Depois de mim, lhe diz, logar obteve
« Em teus brilhantes fastos:
« Outra vez te sauda a irmãa mais velha!
« D'immortal brilhantismo
« A's Pyramides junto me adornaste,
« Teus corceis esmagaram
« Do Nilo sobre as margens arenosas
« D'Ismael os turbantes:
« Os alumnos das artes protegeste:
« De tua egide á sombra,
« De Memphis e de Thebas as ruinas

(1) A Batalha de Alexandria.

« Entre o pó consultaram . .
« Assim como aguia nova os céos vaguêa
« Pura luz procurando,
« No teu sublime arrojo te perdeste.

~◈~

« Tu quizeste apagal-a ;
« Com tyrannico sceptro, injusto, a extingues ;
« Os céos observa... e treme !...
« Teu astro rutilante já se eclipsa,
« Desmaia, amarellece,
« Poder que solta o freio a força perde.
« Adeus !... N'este momento
« Tua gloria acabou, teu reino expira. »

~◈~

De ferros carregada
Que os pàssos mal seguros lhe embargavam,
Fitos no chão os olhos,
Chega a ultima... Oh dôr !... oh piedade !
Imprimem suas plantas
Ensanguentado rasto sobre a terra,
Vacilla caminhando
E repete com voz debilitada :
« Morre, mas não se rende ! »
Longe d'ella os thesouros das conquistas,
Bandeiras prisioneiras,
Cypreste ainda mais bello do que os louros,
A fronte lhe coroava.

~◈~

« Só me has de conhecer quando do throno
« Cahires. Ouve e treme !
« Sou unica, não tive irmãa mais velha,
« Lhe diz, nem terei outra (1).

~◈~

« De gloria e dor, memoria desastrosa !

---

(1) Waterloo.

« Aos reis que tens captivos,
« Soltarei as cadêas que os magôam:
« Aos povos que por elles
« Em pouco vencerão, corro a lançal-as.
« Os séculos futuros
« Duvidarão ainda, a historia lendo,
« Si ganharam mais lustre
« Da tua gloria os bravos companheiros,
« Reliquias magestosas
« De proezas magnanimas que espantam,
« N'um dia desastrado,
« Ou em mais de trinta annos de victorias.
« Do ethereo firmamento
« Expulsarei teu astro rutilante
« Já pallido e eclipsado;
« Por minhas mãos verás despedaçados
« Tua espada, teu sceptro;
« Poder que solta o freio a força perde.
« Adeus!... N'este momento
« Tua gloria acabou, teu reino expira. »

Absorto ainda escuta
O guerreiro as irmãas, que se afastavam
Ligeiras pelos ares:
Pesava-lhe a visão no peito anciado;
Eis rufando os tambores,
As imagens na mente lhe apagaram,
Como de noite escura
As sombras afugenta o sol raiando.

Julgaste de Pelagio
Os filhos generosos ter domado,
No carro vagabundo
Que leva a escravidão, a guerra, o estrago,
De novo te sentaste;
Teu vasto Imperio subito transpões,
E teus corceis sem folgo,
Que ha pouco ardente sol tinha abrazado,
Da Beresina escrava
Já bebem as correntes congeladas.

Tranquillo repousava,
Na sua infida estrella confiado,
Que vae abandonal-o.
Enganado por vis aduladores,
Que mal o aconselhavam,
Do mundo o vasto imperio ainda sonhava,
Já do throno cahindo,
Do raio ao fulgor os olhos abre,
Acordando... mas onde?

N'uma rocha escarpada e solitaria,
Os reis importunando
Co'a misera existencia que os assusta;
Do profundo desterro
Parece em toda a parte ainda presente:
Nos infortunios grande,
Como elles grande, em pé, mas desthronado,
Restos calcando ainda
Da soberba fortuna que o deixava.

Vazia a Europa fica,
Enlutada a victoria, caminhando
Por entre nevoeiros,
De procella em procella, d'erro em erro,
Aqui lançado chegas,
E n'este horrendo, inhospito rochedo,
Com teu poder naufrago
Do teu sepulchro em torno o mar murmura;
Descanças n'um penedo,
Tu que em teu vasto Imperio não cabias:
Debaixo d'essa pedra
O teu regio futuro se esvaece,
E desce á teu sepulchro
Toda comtigo a dynastia inteira.
Sobre a funerea campa
De tarde o pescador lasso descança;
Prosegue o seu caminho;
A rede inda molhada aos hombros toma,
Movendo lentos passos,
Da lapida se afasta, e vae pensando...
Em seus pobres trabalhos.

VARIEDADE.

Os ultimos momentos do principe de Talleyrand por uma testemunha occular.

Estavam para dar seis horas da manhãa do dia 17 de maio de 1838, quando eu me ia dirigindo para o antigo palacio da rua de S. Florentino; começavam apenas a raiar as primeiras claridades da aurora por cima das arvores das Tulherias e a travéz das cinzentas nuvens da madrugada. A campainha que agitei com mão tremula resoou no vasto pateo da casa com um sonido que quasi nada tinha de terrestre.... Não me demorei no quarto do porteiro para lhe perguntar como passára a noite; avistei então a carruagem do medico assistente, e precipitei-me apressado para a grande escada, que eu tantas vezes havia subido com a alma cheia de sentimentos bem differentes dos que n'esta occasião me opprimiam.

A antecamara estava deserta; os criados não sahiam de um aposento immediato ao que occupava seu amo, com o intuito de se poderem informar com mais promptidão dos progressos da molestia. De todos os homens, nenhum como o principe de Talleyrand soube talvez tão bem grangear, sem o menor esforço em apparencia, a affeição de seus subordinados. Os que o rodeavam nos seus ultimos momentos tinham envelhecido em seu serviço; dos que lhe haviam prodigado seus cuidados durante sua juventude, já nenhum existia. M. de Talleyrand outorgava a seus principaes criados uma confiança extraordinaria: muitas vezes questões importantes, de que se tratava com o maior sigillo no ministerio dos negocios estrangeiros, se discutiam e resolviam sem a menor discrição em presença de seu guarda roupa. Alguns

annos antes de sua morte, tinha elle contrahido o habito de consagrar aos assumptos mais graves as horas em que se vestia, e nunca em semelhantes circumstancias o seu guarda-roupa se separava d'elle um só instante. Talvez por isso o accusassem de imprudencia; porêm o tempo o ha justificado, porque nunca sua confiança foi trahida.

Entre os numerosos criados da casa do principe, deve por certo ser citado em primeira linha Courtiade, a quem seus longos serviços e reconhecida fidelidade concediam a maior liberdade, e cujas observaçōes singelas ou picantes ácerca dos acontecimentos politicos divertiam simplesmente a seu amo. Tinha este homem entrado para o serviço de M. de Talleyrand muito tempo antes da revolução de 1789, e morreu «n'aquelles laços voluntarios» ha quatro annos, mais ou menos, durante a embaixada de Londres. O sentimento que lhe causou o sahir de Pariz, por causa de sua avançada idade e de seus achaques sempre em augmento, contribuiu, segundo dizem, para apressar o momento de sua morte. Sua fidelidade era antes a de um cão que a de um homem. Durante sua mocidade, tinha participado da bôa e má fortuna de seu amo. O principe gostava de contar aos estranhos a historia de sua fugida para a America, quando, avisado secretamente por um amigo, se determinou a deixar sem demora a França. Courtiade estava a seu lado no momento que elle recebeu a carta que o decidiu a partir. Confiando-lhe logo seu projecto:

— Courtiade, lhe disse, eu não sei o que poderá acontecer, nem quando poderei voltar. Antes de emprehenderdes uma viagem tão longa e tão perigosa, quererеis sem duvida despedir-vos de vossa mulher e familia. Deixae-me partir só, e depois, pelo primeiro paquete que sahir, ireis ter commigo.

— Não, não, respondeu Courtiade na maior agitação, não partireis só; eu vos acompanharei..... Esperae por mim sómente até á manhãa de tarde.

— Isso é impossivel, replicou o principe; semelhante dilação póde perder-me, e talvez não pareça sufficiente á vossa mulher.

— Oh! exclamou o fiel servidor, vertendo um mar de lagrimas, não é de minha mulher que se trata, é da maldita lavadeira que levou todas as vossas camisas finas e vossas gravatas de cassa; e sem ellas, meu querido amo, como vos haveis de apresentar em paiz estrangeiro?...

Nunca me esquecerei de minha primeira entrevista com M. de Talleyrand, nem da impressão singular que me causou Courtiade. Como se tratava de assumptos formaes e secretos, o principe, segundo seu costume, me havia concedido audiencia para a hora em que se vestia. Era pouco tempo depois da revolução de julho. Achei o illustre diplomata sentado diante da mesa que lhe servia ao mesmo tempo para escrever suas notas e pôr seus perfumes. N'esse mesmo dia devia elle despedir-se de Luiz Philippe antes de partir para a sua embaixada de Londres, e apresentar-se por conseguinte na côrte em trajo de cortezão. Um criado estava occupado em empoar cuidadosamente os espessos anneis de seus compridos cabellos brancos; outro, ajoelhado diante d'elle, lhe atava as fitas dos sapatos. Seu secretario abria as cartas recebidas de manhãa, e, correndo-as rapidamente, deitava umas em um enorme cesto, e punha as outras sobre a mesa do principe. Admirei o extraordinario sangue frio com que M. de Talleyrand, escutando o que eu lhe dizia, que era para elle da maior importancia, se deixava vestir com seu uniforme official. Quando acabou de pentear-se, abriu-se a porta da sala, e o velho Courtiade se adiantou com passo vacillante, carregado com differentes caixas de diversas fórmas e feitios. Estas caixas continham as insignias e fitas das numerosas ordens que condecoravam o principe. A profunda indifferença d'este fazia grande contraste com a solemne assiduidade do pobre Courtiade, qué desde muitos annos não tinha outro emprego que o de conservador das condecorações de seu amo. Exercer estas graves funcções com dignidade conveniente, tal era o unico objecto, o unico pensamento do antigo servidor.

Perdôe-me o leitor esta digressão involuntaria. As emoções que eu experimentava ao atravessar aquella sala, então silenciosa e deserta, me fizeram lembrar de minha primeira entrevista.... tão pouco parecida, ai de mim!... com a que agora se me ia conceder.

Quando entrei no quarto onde descançava o veterano da diplomacia, este dormia profundamente, o que dava alguma esperança aos medicos: todavia, seu somno era considerado como uma consequencia necessaria do cançaço que alguns momentos antes produzira a ultima scena do drama tão variado de sua vida; quero fallar de sua retractação, acto que, depois

de haver causado admiração a uns e desprezo a outros, ficou envolto até hoje no mais impenetravel mysterio. Semelhante retractação deveu ser-lhe mui penosa. Os que n'esse momento estavam a seu lado sabem sómente o que lhe custou, porque o principe não ignorava que todos os partidos tinham os olhos fitos n'elle, e que cada um d'elles attribuiria sua resolução a motivos differentes, segundo suas opiniões ou interesses. Ser elogiado por certos homens lhe parecia cousa tão cruel como ser censurado por outros ; sabia mui bem que ninguem consideraria seu proceder debaixo de seu verdadeiro ponto de vista, como um sacrificio mui insignificante em si, e que não tinha importancia sinão por ser o ultimo.

Pretendeu-se que o haviam atormentado e perseguido até em seu leito de morte, para que se decidisse a fazêl-a. Engano é este que cumpre rectificar : o principe nutria este pensamento desde muito tempo, d'isso existem numerosas provas em seus papeis, e sobretudo n'uma correspondencia que a tal respeito elle teve com o papa. O que ha de certo é que, n'esta circumstancia, como em muitas outras, o motivo principal de sua determinação foi o desejo de poupar pezares e dissabores á sua familia : elle sabia que, si em seu leito de morte se recusasse a executar certas formalidades religiosas, que para elle eram muito indifferentes, exporia seus parentes a mil incommodos; pois, ainda que possam seus inimigos accusal-o com sobrada razão de haver sempre calculado como egoista as consequencias de suas acções, não poderão tambem deixar de conhecer que trabalhou constantemente para a felicidade e engrandecimento de sua familia. Nunca perdeu de vista este fito, para o qual ainda se encaminhava na ultima acção de sua vida, que consummou sómente segundo suas proprias inspirações.

O somno, ou antes o lethargo em que tinha cahido o principe, durou ainda uma hora depois de minha chegada. A' medida que decorria o tempo, nanifestavam os que com elle estavam unidos pelos vinculos da amizade ou do parentesco a mais viva inquietação de que aquelle repouso, por muito bem que lhe podesse fazer, se não prolongasse até alêm da hora que o rei fixára para sua visita. Quando o doente acordou, foi bastante difficultoso fazer-lhe comprehender a importancia d'este acontecimento que tão proximo estava. Acabava-

mos de sental-o na borda de sua cama, quando entrou S. M. acompanhado de M.me Adelaide. Teria sido um estudo curioso para o moralista e para o pintor o contraste que formavam aquelles homens, sentado um ao lado do outro debaixo d'essas velhas cortinhas verdes, e que pareciam collocadas de proposito para formarem um quadro de historia.

—Muito sinto, principe, ver-vos tão abatido, disse o rei com voz debil e tremula, tão commovido que apenas foi ouvido.

— Senhor, viestes assistir aos ultimos momentos de um moribundo.... Todos os que o amam não têm mais que um desejo, o de verem de prompto o fim de seus padecimentos.

Pronunciou estas palavras com aquella voz forte e profunda que só a elle pertencia, que a idade não tinha podido alterar, que mesmo a proximidade da morte não tinha sido capaz de debilitar.

A visita real, como todas as visitas reaes de natureza desagradavel, durou o menos tempo possivel. Depois de ter Luiz Philippe pronunciado em voz baixa algumas palavras consoladoras, levantou-se para se retirar.

Entretanto o principe, com seu tacto ordinario, dissipou um momento a perturbação de seu illustre visitador, levantando-se ligeiramente e apresentando-lhe os que o rodeavam, seu medico, seu secretario e até seu criado grave; depois, e como si n'elle renascesse o antigo cortezão, não pôde deixar de terminar seus adeuses ao rei com um cumprimento:

— Senhor, disse, nossa casa recebeu hoje uma honra digna de ser inscripta em seus annaes, e de que d'ella se recordem meus successores com orgulho e gratidão.

Pouco tempo depois da partida do rei, observaram os medicos os primeiros symptomas de proxima dissolução. Todos os individuos da familia foram avisados, e em breve se acharam reunidos em redor do leito. Entre elles estava o duque de Po.....; e ao vêl-o, não pude deixar de sorrir-me, lembrando-me da observação feita a respeito d'elle pelo principe alguns dias antes de sua enfermidade. «Todas as vezes que vem visitar-me me deixa triste, porque seu semblante melancholico e seu trajo lûgubre fariam pensar em verdade que elle só veio para tratar das exequias e pompas fûnebres, que se deverão verificar quando eu estiver morto. »

Pelo meio do dia cresceram a agitação e febre do doente. Eu não pude resistir mais tempo à necessidade de respirar ar mais puro que o d'aquella alcova hermeticamente fechada, e passei para o salão. O espectaculo de que fui então testemunha me causou uma surpresa penosa. Do quarto e do leito do moribundo me achei de repente transportado, sem transição alguma, para aposentos cheios do primor da sociedade de Pariz. Nunca esquecerei a impressão que senti.

Alli, junto á uma grande chaminé, haviam varios grupos de homens politicos, todos com a fita encarnada ao peito, uns calvos, outros empoados: sua conversação animada, posto que sustentada sempre em tom mui baixo pelo tacto fino do que a dirigia, produzia um sussurro continuo. Reparei tambem em alguns dos mais antigos amigos do diplomata, a quem seu affecto real e sincero havia trazido áquelle sitio, e que não tomavam parte alguma nas discussões apaixonadas dos campeões da politica.

O conde de. M....., esse rei meu rival de todas as reuniões alegres, esse homem cujos gracejos picantes e sarcasmos mordazes o hão feito tão temivel, o unico homem emfim com quem o mesmo principe não se atrevia a medir armas nos combates de engenho, sentado agora, triste e silencioso, n'uma banqueta apartada, parecia absorto em suas profundas meditações, não attentando para o quadro que tinha ante os olhos, e ao qual em outra qualquer occasião não teria deixado de assacar algumas observações satyricas. A um canto estava um circulo de mulheres que fallavam entre si de cousas alheias inteiramente as circumstancias. Algumas vezes mesmo resoavam leves gargalhadas no meio d'aquelle circulo, a despeito dos chitons que então partiam da outra extremidade do salão. Junto de uma janella, a joven e encantadora duqueza de V..... estava negligentemente recostada em um sofá, e um enxame de pisa-flôres, que mais pareciam roubadores que nobres, estavam ajoelhados diante d'ella, ou sentados a seus pés sobre os ricos coxins do estrado.

Era uma scena de tempos passados. Eu julgava que tinhamos volvido de repente ao século de Luiz XIV, junto ao leito mortuario de Mazarin. Um observador attento teria certamente notado o mesmo tedio, a mesma impaciencia nos qne esperavam. De todos estes homens reunidos no salão,

uns tinham vindo por decóro, outros por consideração pelo resto da familia, estes por curiosidade, aquelles, em menor numero, por affeição verdadeira; nenhum porêm de todos elles parecia lembrar-se que um genio eminente ia abandonar este mundo, e que elles se tinham ajuntado para assistirem á morte de um grande homem.

N'este momento entretanto cessaram todas as conversaçōes, acalmou-se o ruido; houve uma pausa solemne, e todos os olhos se voltaram para a porta da alcova, que se abriu lentamente. Entrou um criado com a cabeça baixa e os olhos arrasados de lagrimas, e, adiantando-se para o doutor L.... que tinha vindo, como eu, procurar um instante de descanço no salão, lhe disse ao ouvido algumas palavras. O doutor levantou-se apressadamente e entrou na alcova: todo o mundo o seguiu. M. de Talleyrand estava então sentado na borda da cama e sustentado por seu secretario. Já a morte tinha assaz evidentemente marcado com seu sello aquella fronte de marmore, e comtudo a apparencia de vigor que elle ainda conservava n'esse momento supremo me commoveu vivamente. Ter-se-hia dito que toda a vida, que tinha até então sido necessaria para sustentar sua existencia, se achava agora concentrada em sua cabeça. Levantava-a de quando em quando, e atirava para traz com movimento subito os largos anneis de seus cabellos, que o incommodavam e lhe impediam de ver bem: corria os olhos em redor de si, e, como satisfeito de ver as pessôas que o cercavam, deixava escapar um leve sorriso de triumpho, que animava suas feiçōes lividas e desfiguradas; depois tornava a deixar cahir a cabeça sobre o peito.

Minha profissão e as circumstancias em que me tenho achado me têm obrigado muitas vezes a assistir a scenas semelhantes á que eu presenciava agora; porêm nunca vi homem mais consequente comsigo mesmo que o principe de Talleyrand, nenhum que melhor sustentasse até n'aquella hora terrivel o character de toda a sua vida. Semelhante homem teria enganado a morte, si esta lhe houvesse enviado seu embaixador. Quando a sentiu approximar-se, não só não pareceu temêl-a, não só fingiu desprezal-a e desafial-a, sinão que a esperou com valor frio e resoluto, como inimigo honroso seu igual, e com quem havia muito tempo combatido valerosamente, rendendo-se-lhe depois com nobreza, e não se envergonhando de lhe entregar suas armas. Expirou o principe com a mesma grandeza e rodeado do mesmo respeito que um rei.

Apenas se fecharam para sempre aquelles olhos, cujas vistas haviam sido sempre procuradas com o mais vivo interesse, todos os assistentes se precipitaram de tropel fóra do palacio, esperando cada qual ser o primeiro a dar a noticia d'esta morte á pandilha de que era oraculo. Antes de anoitecer, a mesma alcova que durante o dia tinha estado atulhada de gente, ficou confiada aos servidores do defunto. Quando pela noite tornei a entrar n'ella, achei a poltrona, em que tantas vezes eu tinha visto sentado o principe lançando epigrammas, occupada por um sacerdote que rezava as preces do costume pela alma do que era cadaver.

Depois do ultimo suspiro do principe foi que se manifestou claramente a adhesão e respeito que elle soubera inspirar a seus criados. Nenhum d'elles interrompeu suas funcções debaixo de nenhum pretexto, e todos continuaram a preenchêl-as, um depois do outro, nas horas que lhes eram fixadas durante a vida de seu amo. Eu vi com meus proprios olhos seu mordomo, seguido de uma porção de marmitões vestidos de branco e com suas facas á cinta, chegar com passo solemne até ao pé do leito á mesma hora em que tantas vezes tinham ido para receber suas ordens, e, pondo-se de joelhos, com seu barrete de algodão na mão, recitarem em voz baixa uma curta oração; depois todos deitaram agua benta sobre o cadaver, e sahiu a singular procissão na mesma ordem e com o mesmo silencio em que entrára. Semelhante conjuncto de sublime e de grotesco me commoveu profundamente, e me trouxe á memoria algumas d'essas scenas originaes que contêm as antigas legendas da Allemanha.

Contra o costume recebido em França, não se verificou o enterro nas 48 horas immediatas ao fallecimento do principe. A embalsamadura do corpo demorou alguns dias tão triste ceremonia. O cadaver esteve algum tempo depositado na igreja da Assumpção, não podendo effeituar-se sua translação para Valenzay antes do mez de setembro, porque o sepulchro destinado a encerrar seus restos tinha sido começado havia pouco e não poderia achar-se concluido até então.

Alêm do interesse que me inspirava a ceremonia, o desejo de tributar esta ultima homenagem a um homem que sempre se tinha mostrado tão affavel e benevolo para commigo me decidiu a ir a Valenzay, afim de assistir ás exequias do principe de Talleyrand e do duque seu irmão, ferido pela morte quasi ao

mesmo tempo que elle. O corpo da menina Yolanda, exhumado da tumba em que jazia havia dous annos, acompanhou o do principe n'aquella longa e triste viagem. O coche que os transportava, construido de proposito para levar á Suissa o corpo da ex-rainha de Hollanda, parecia uma caixa de artilheria.

A exhumação do corpo da menina no cemiterio solitario do monte Parnaso, a união de seu feretro com o feretro do principe ao clarão das tochas, o ruido particular das rodas ao atravessar as ruas silenciosas áquella hora solemne, os pallidos raios da lua « que mais sonbrio fazem o que é sombrio », o contraste admiravel d'aquelles dous entes tão differentes. . . . tudo fazia viva impressão em meu espirito. Emfim, partindo o cortejo funebre, occorreu um incidente que merece ser referido. Ao sahir do adro da igreja, perguntou o primeiro postilhão, segundo o costume: *Por que barreira (1)?*. . .E uma voz lugubre que sahia do coche respondeu: *Pela do Inferno (2).*

E com effeito, é esta barreira que conduz de Pariz a Valenzay. Chegámos a esta cidade tres dias depois de nossa sahida da capital. Immediatamente entrou o cortejo funebre pela larga avenida de castanheiros que conduz á quinta. Todas as honras que se haviam prodigado ao principe durante sua vida foram tributadas com escrupulosa exactidão a seu cadaver: não foi omittida nem a mais insignificante ceremonia. O coche entrou no pateo pela porta principal. Todos os criados, com o herdeiro do defunto á sua frente, se achavam reunidos no portico. O sobrinho de M. de Talleyrand se poz então á testa da procissão, e os criados da quinta, os guarda-bosques e os picadores o seguiram a pé, com tochas accesas na mão, até a igreja, onde o feretro ficou depositado toda a noite, porque a ultima ceremonia não devia ter logar sinão na manhãa seguinte.

Effectivamente, no outro dia e logo ao amanhecer, tudo foi movimento na pequena cidade. De todos os logares circumvisinhos chegavam os camponezes vestidos com seus melhores trajos. As janellas de todas as casas se guarneciam

---

(1) Em Pariz chamam-se *barreiras* as portas que conduzem para fóra do povoado.

(2) Assim se chama uma das principaes de Pariz.

pouco a pouco de curiosos. A guarda nacional estava debaixo de armas. Um viajante que tivesse então atravessado o paiz não teria podido deixar de crer que se celebrava o anniversario de alguma grande festa publica. Que differença entre os funeraes dos dous irmãos! Para o duque não tinha havido pompa nem sumptuosidade: uma simples sege de posta, puxada por dous cavallos, e um caixão de madeira ordinaria, em tudo semelhante ao do homem do povo, tinha sido seu unico fausto. Agora o mesmo panno mortuario cobria os dous ataûdes, o de velludo bordado e o de tela grosseira. As mesmas preces subiam ao céo pelas almas dos que descançavam sobre aquella magnifica eça, tanto por aquelle que morrêra rico e honrado, e cujo vasto e poderoso genio se conservára até o derradeiro instante, como pelo outro que terminára seus dias na solidão e abandono, e cuja intelligencia se desvairára quasi até a loucura.

Ambos foram transportados para a capella das freiras de S. André, fundada pelo principe mesmo, e onde elle tinha mandado construir o pantheon de sua familia. Collocaram primeiramente o corpo d'elle, depois o do duque, e por ultimo o de Yolanda. O precioso feretro da menina, cercado de prata artisticamente esculpidá e com fitas de velludo branco como a neve, parecia antes destinado a enfeitar o gabinete de uma bella que a conter um cadaver fetido.

Fechou-se a sepultura; tudo estava termidado. Voltámos para a quinta, onde estava arranjado um banquete para as pessôas que tinham assistido á ceremonia funebre. Então olhámos em roda de nós para vermos quem eram os homens que haviam tributado a ultima homenagem ao illustre diplomata. Não eramos muitos, e só vimos os que o tinham servido, seus criados agradecidos. De todos esses grandes da terra a quem elle havia *servido*, de todos aquelles a quem tinha dado poder, honras e riqueza, não havia nem si-quer *um*.

(*Revue Britannique.*)

MISCELLANEA.

LEGISLAÇÃO.

REPRESSAÕ DO DUELLO.

As camaras belgas estão occupadas com uma lei nova sobre o duello. A este respeito, uma folha de Bruxellas, o *Independant*, publica o quadro seguinte, que indica as penas contra os duellistas impostas pela legislação dos diversos estados da Allemanha e do reino de Napoles. Este quadro é formado segundo as informaçõeS apresentadas á primeira camara de Wurtemberg, na sessão de 2 de abril de 1838, pelo conselheiro do supremo tribunal, Von Waechter. Os artigos citados 191 a 194 são os do projecto do codigo penal wurtemberguense, que vieram a ser os artigos 201 a 205 do mesmo codigo, promulgado em outubro de 1838:

1.º *Por homicidio resultante de um duello de morte, assim regulado por convenção formal entre as partes* (artigo 190): — WURTEMBERG. (Codigo penal de 1838.) 5 a 6 annos de prisão n'uma fortaleza. — AUSTRIA. (Codigo de 1803, 1815.) 10 a 20 annos de *carcere duro (1)*. — PRUSSIA. (Direito nacional, *Landreeht.*) Pena de morte, etc. (Ultimo projecto.) Pena de morte, degradação da nobreza e de todas as dignidades. — SAXONIA. (Projecto emendado em 1838.) 5 a 20 annos de prisão. — BAVIERA. (Ultimo projecto, 1838.) 12 a 20 annos de prisão n'uma cadêa. — HANOVER. (Pro-

(1) Demais, o corpo do que succumbe não póde ser sepultado em logar sagrado.

jecto de 1838.) Pena de morte, ou, em caso de circumstancias attenuantes, galés perpetuas. — NAPOLES. (Decreto de 1838.) Pena capital, ainda que se não siga a morte sinão nos 40 dias.

2.° *Por homicidio resultante de um duello não de morte*: — WURTEMBERG. 2 a 6 annos de fortaleza. — AUSTRIA e PRUSSIA. (Direito nacional.) Mesma pena que para o duello de morte. — HANOVER. Seis annos de prisão n'uma cadêa. — SAXONIA. 3 a 6 annos de prisão de estado. — BAVIERA. 4 a 6 annos n'uma casa de trabalho. — PRUSSIA. (Ultimo projecto.) 8 a 15 annos de prisão n'uma praça forte. — NAPOLES. Pena de morte.

3.° *Por feridas que possam causar a morte* (lebensgefœrlich) *ou um incommodo permanente á saude* (bleibendem Nachtheil fur die Gesundheit): — WURTEMBERG. 1 a 3 annos de fortaleza. — AUSTRIA. Si uma das partes morre, 5 a 10 annos de *carcere duro*. — PRUSSIA. (Codigo nacional.) Si ninguem perece, perda da nobreza e de todas as honras, e pena que póde variar de 10 annos de prisão até prisão perpetua. (Ultimo projecto.) De 2 a 6 annos de fortaleza, e perda de funcções publicas e dignidades. — SAXONIA. 1 a 3 annos de prisão. — BAVIERA. 4 a 6 annos n'uma casa de trabalho. — HANOVER. 4 a 6 annos n'uma casa de trabalho.

4.° *Por feridas leves, ou nenhuma ferida:* — WURTEMBERG. 2 mezes a um anno de prisão n'uma fortaleza. — AUSTRIA. Quando não ha ferida, 1 a 5 annos de *carcere duro*. — SAXONIA. 2 mezes a um anno de prisão. — BAVIERA. 3 mezes a 2 annos de prisão. — HANOVER. Até 3 mezes de prisão. — PRUSSIA. (Ultimo projecto.) 1 a 2 annos de prisão n'uma fortaleza, e perda de funcções publicas e dignidades.

Art. 191. Em todos os casos acima, o provocador é sempre punido com mais rigor que seu adversario.

Art. 192. Por haver aconselhado o duello ou sua continuação, nos casos dos n.os 1, 2, 3 do art. 190: — WURTEMBERG. Mesma pena que por se ter batido. (A legislação dos outros estados não está indicada.)

Art. 193. Para as testemunhas ou padrinhos, nos casos n. 1, art. 190: — WURTEMBERG. Tres mezes de fortaleza. — A Prussia, segundo o conselheiro Von Waechter, tem uma legislação muito mais severa contra as testemunhas: mais nenhuma explicação.

Art. 194. *Por chascos ou insultos contra aquelle que desprezou ou recusou um duello:* — WURTEMBERG. Até 6 mezes de fortaleza. — AUSTRIA. 1 a 5 annos de prisão (*carcere*). — PRUSSIA. (Direito nacional.) 1 a 5 annos de fortaleza, perda de honras, etc. (Ultimo projecto.) 6 mezes de prisão, e, no caso mais grave, de 6 mezes a 2 annos *idem*. — BAVIERA. 3 mezes de prisão pelo mais.

Ao quadro que precede, juntaremos uma exposição summaria das penas comminadas pelo projecto de lei approvada no governo precedente.

PAIZES-BAIXOS. (Projecto de 1827.) Pelo mais, 8 annos de prisão ou relegação, com ou sem banimento, para o offendido que provocou e matou seu adversario, ou para o offensor que acceitou o desafio e matou seu adversario; 4 annos de prisão ou banimento para o offendido que acceitou o desafio de seu adversario e o matou. Aquelle que, ao mesmo tempo, offendeu, provocou e matou seu adversario, não é mais considerado como duellista, e é punido como homicida, segundo o direito commum. (Titulos III e VI, Livro I.)

Pelo mais, 4 annos de prisão ou banimento, ou uma mulcta de 1,000 florins, para o offendido que desafiou e feriu a parte adversa, ou para o offensor que acceitou o desafio e feriu seu adversario.

Mulcta de 600 florins pelo mais para o offendido que acceitou o desafio e fez uma ferida em seu adversario.

Em caso de duvida a respeito do autor da offensa, cada qual será punido como provocador.

Nenhuma pena para as testemunhas em caso algum.

Nenhuma pena igualmente para as duas partes, quando não houve ferida.

VIAGENS.

M. Carlos Texier, correspondente do Instituto, escreve de Ispahan, com data de 25 de dezembro.

« Estabelecidos no suburbio armenio de Djoulfa, ahi estamos

tão tranquillos como no centro de Pariz, posto não goze Ispahan de completa segurança. Depois da morte de Feth-Ali-Shah em 1832, a guerra civil tem sido permanente n'este paiz, o que provêm da situação da familia reinante em presença das populações, e sobretudo do clero.

« Os antigos Shahs da Persia, atê a exaltação de Feth-Aliphah, eram Saids, isto é, descendentes do propheta Ali, primo e genro de Mahomet. A familia de Feth-Ali-Shah, pelo contrario, é da tribu Kadjars, turcomanos que habitam a provincia de Ghilan, perto do mar Caspio. Ora, como ha tanta animosidade entre os habitantes das differentes provincias da Persia como entre os habitantes dos paizes mais inimigos, as populações do Fars, do Irak e do Mazanderam supportam com repugnancia uma familia que lhes é estranha. O shah não encontra o menor apoio no clero e vive encerrado em sua cidade de Teheran, sem exercer autoridade real no seu imperio: não lhe seria possivel ir ao Jrak ou ao Fars sem expôr sua vida. No mez passado, seu irmão, que era governador de Shiraz, foi sitiado em seu castello, expulso d'elle, e se viu obrigado a retirar-se para Theheran, junto do Shah. Na mesma época, tendo-se espalhado no Irak o boato da morte d'este soberano, os Persas pegaram em armas para se opporem á conservação da familia dos Kadjars; e si os prsdecessores de Mehemet-Shah não tivessem tomado a precaução de exterminar tudo o que restava das reliquias da familia dos Sophis, ha muito que os Kadjars estariam desthronados.

« Isto quanto ao estado geral da Persia; quanto porêm a Ispanhan, sua situação é mais particularmente deploravel. Esta capital é governada por tres poderes inimigos que se fazem guerra encarniçada. O khan ou governador da cidade, é um eunucho, georgiano renegado que, posto creatura de Mehemet-Shah, não faz o menor caso das ordens que lhe vêm de Teheran; não está occupado sinão em combater por todos os meios possiveis a influencia dos dous imans, que entre si se fazem uma guerra não menos activa. — O grande iman (iman Djouma) é um mancebo de vinte e quatro a vinte e cinco annos, de constituição debil, e que, depois da morte de seu irmão mais velho, goza d'esta dignidade hereditaria em sua familia, como descendente do ramo mais nobre dos Saids —. Seu inimigo particular é o

gran-musteid, cujo nome já foi até Pariz. Eis-aqui d'onde procede a popularidade que lhe dá notavel importancia no estado:

« Os Musulmanos, não contentes dos mil e mil commentarios do Korão que têm sido successivamente compostos depois de Mahomet, consagram ainda toda sua veneração ao homem vivente que melhor commenta este livro sagrado, e cuja doutrina exegetica tem mais voga. O credito de um tal casuista é uma alavanca que resolve as massas á vontade, sem tomar seu ponto de apoio no governo. Por isso o gran-musteid, em quem é reconhecido este merecimento, póde com uma palavra mandar estrangular quem bem lhe parecer, tendo á sua inteira devoção uma multidão de gente do povo fanatisado e que se denomina os *Loutyes*. Elle não obra directamente sobre elles, e sim fazendo intervir alguma revelação divina, cuja noticia vão seus emissarios levar aos bazares. Ahi se diz mysteriosamente: « O gran-musteid teve esta noite uma visão, foi transportado ao céo e recebeu a missão de tirar d'este mundo tal pessôa. » Então é a quem, entre os *Loutyes*, executará a sentença do céo, e não se passa o dia sem que seja cumprida a vontade do gran-musteid.

« O eunucho governador, bem guardado contra as tentativas dos *Loutyes*, é implacavel a seu respeito. Todas as vezes que é um homicidio commettido, manda prender os assassinos e os conserva n'uma adega do palacio, até que tenha reunido numero sufficiente para ferir com grande exemplo. Difficilmente advinharieis que seu projecto é fazer com elles.... uma torre! Já existem uns cem prisioneiros; quando chegarem a duzentos ou trezentos, se edificará a torre gemente. Para isso, colloca-se alternativamente uma camada de pedras e uma camada de homens vivos. Á porta de Shiraz se vê uma torre que foi construida assim. É provavel que esta seja breve edificada; já hontem vimos chegar os camelos que traziam a cal destinada a esta interessante construcção.

« Desgraçadamente para a cidade de Ispahan, estes poderes inimigos se contrabalançam, e neuhum outro na Persia tem bastante força para os derribar. O Shah, que conhece os males de sua capital, ahi manda todos os dias annunciar sua chegada, mas não se atreve a tental-o. »

VIAGEM ARCHEOLOGICA NA GRECIA.

Noticias de Athenas annunciam que M. Didron acaba de precorrer a Grecia continental e o Peloponeso, para estudar e desenhar os monumentos christãos d'estas bellas regiões, ajudado por MM. Anatole de Sainte Aldegonde, Emmnuel Durand e Hipolyto Parfait, que o acompanham. M. Didron assistiu no nonvento de S. Lucas na Livadia, no de Megaspilœon na Achaia, em Sparta, Corintho, Salamina.

A grande igreja de S. Lucas é coberta de marmore desde a calçada até a nascença das abobadas, bordada de mosaicos nas encruzilhadas e no sanctuario, historiada com outros mosaicos sobre fundo de ouro, nas abobadas e arcades: é a igreja de S. Marcos de Veneza em montanhas desoladas e á borda dos precipicios. Megaspilœon é ainda mais rico, porêm menos bello. Mistra, que está a uma legua de Lacedemonia, possue as maiores, as mais originaes e as mais bellas igrejas da Grecia; esses edificios são meio gothicos e meio byzantinos. Dir-se-hia que o Francez Guilherme de Champlitte, que construiu a fortaleza de Mistra nos primeiros annos do decimo terceiro século, foi o fundador de taes igrejas, e quiz temperar o estylo das metropolis orientaes com o das cathedraes em arcos da França. Em Corintho, a igreja onde prégou S. Paulo é talhada na rocha e não é orientada, prova de remota antiguidade. Em Salamina, a grande igreja do convento da virgem Phaneromeni é pintada a fresco desde a calçada até a abobada. As personagens em corpo, os bustos dos medalhões, as figuras dos quadros se elevam a 3,500. Todas estas personagens, que estão perfeitamente conservadas, lembram, por sua disposicão, as estatuas e figuras da cathedral de Chartres: é o pantheon da Grecia christãa.

M. de Sainte Aldegonde estampou as inscripções de marmore que deixam entrever a épocha da fundação e o nome dos fundadores das igrejas e mosteiros, assim como as inscripções christãas gravadas sobre as columnas antigas que sustentam os arcos da cathedral de Mistra, e que lhes servem de registro em marmore. Estampou as portas de cobre lavrado e historiado que fecham a igreja de Megaspilœon, o nicho de prata lavrada e historiada que abriga a imagem milagrosa esculpida pelo evangelista S. Lucas. M. Durand desenhou os mosaicos, uma legenda pintada no refeitorio de Megaspilœon, o *Dia de Juizo* que cobre a parede occidental da igreja de Salamina. Em fim, M. Parfait levantou varias plantas em S. Lucas e em Mistra.